TRUMAN CAPOTE

A Sangue Frio

A história dos quatro membros da família Clutter, brutalmente assassinados, e dos dois criminosos, executados cinco anos depois

Jornalismo Literário
Companhia Das Letras

TRUMAN CAPOTE

A SANGUE FRIO

ParaJACK DUNPHY e HARPER LEE com toda a minha amizade e gratidão

Declaração

O *material contido neste livro não é produto da minha observação direta. Foi colhido em relatos oficiais ou é fruto de entrevistas com as pessoas envolvidas no caso, entrevistas essas na sua maioria bastante demoradas. Visto estes "colaboradores" serem identificados no texto, inútil se tornaria nomeá-los; no entanto, quero exprimir-lhes a minha gratidão sincera porque, sem a sua paciente colaboração, era impossível ter levado a cabo a tarefa. Também não vou estampar aqui a lista de to*

dos os cidadãos de Finney County que, embora não sejam citados nestas páginas, ofereceram ao autor deste livro uma hospitalidade e uma amizade que ele só poderá retribuir mas nunca pagar. Quero, no entanto, agradecer especialmente a certas pessoas cujo contributo para a minha obra foi de natureza muito especial. São elas: o doutor James AicCain, presidente da Universidade do Estado do Kansas; Mr. Logan Sanford, bem como todo o pessoal do Kansas Bureau of Investigation; Mr. Charles McAtee, director do Instituto Penal do Estado de Kansas; Mr, Clifford R. Hope, Jr., cuja assistência em matéria legal considero muitíssimo valiosa; finalmente e acima de todos a Mr. William Shawn, do jornal The New Yorker, *que me animou a empreender este trabalho e cuja opinião me acompanhou sempre do princípio ao fim.*

As últimas pessoas a vê-los

A aldeiade Holcomb fica situada no meio dos planaltos de trigo, no Oeste do Kansas, numa área isolada que os demais habitantes do estado chamam "lá para diante". Perto de setenta milhas a leste da fronteira do Colorado, com um céu azul intenso e um ar transparente, de deserto, possui uma atmosfera que lembra mais o Extremo Oeste do que o Médio Oeste. A pronúncia local tem um sotaque da planície, um nasalado próprio dos rancheiros, e os homens, na sua maioria, vestem calças justas de fronteiriços, chapéus de feltro de aba larga, botas de tacão alto com biqueiras aguçadas. A terra é plana e os horizontes são incrivelmente vastos; os cavalos, as manadas de gado e o branco aglomerado dos silos a erguerem-se graciosamente no céu como outros tantos templos gregos se

avistam muito antes de o viajante chegar perto deles.

Também a aldeiade Holcomb se divisa a grande distância. Não que ela tenha muito que ver. É

constituída apenas por um simples e despretensioso agrupamento de edifícios, cortado ao meio pela linha do caminho-de-ferro de Santa Fé, uma terreola limitada ao sul pelo curso negro do rio Arkansas (que se diz como se escreve), a norte pela auto-estrada n. 50, e a leste e a oeste por terras planas e campos de trigo. Depois das chuvas ou quando se derrete a neve, as suas ruas de terra batida, sem nome, sem árvores a ensombrá-las, mal pavimentadas, transformam-se em nojentos canais de lama. Num dos extremos da povoação ergue-se um edifício de estuque que ostenta no telhado um reclame luminoso com a palavra - DANÇA -, porém há muito tempo que o *danang* fecnou e o anúncio se não acende. Perto deste fica um outro edifício que apresenta uma tabuleta não menos insólita, pintada a oiro manchado sobre uma janela suja - BANCO DE HOLCOMB.

Este fechou em 1933 *e* as suas salas foram transformadas em apartamentos. É um dos dois prédios de apartamentos que a terra possui, sendo o segundo um casarão desmantelado a que chamam o

”Professorado”, visto que grande parte do corpo docente da escola secundária da cidade ali vive.

As restantes habitações de Holcomb são na sua maioria casas de um só andar, com um telheiro na frente.

Perto da estação do caminho-de ferro, uma mulher magra, vestida com um casaco de pele de búfalo, calças de cotim e botas de rancheiro, desempenha as funções de empregada dos correios num edifício a cair aos bocados. A estação oferece um aspecto igualmente melancólico, com a pintura amarela toda lascada; o Chefe, o ”Superchele” e ”El Capitan” passam lá todos os dias, mas nenhum desses célebres expressos ali pára. Nem tão-pouco qualquer comboio de passageiros, apenas um ou outro de mercadorias. Na auto-estrada há dois postos de gasolina, um que acumula as funções de mercearia, aliás modestamente abastecido, ao passo que o outro também serve de café, o Café Hartman, no qual a senhora Hartman, a proprietária, vende sanduíches, café, bebidas não

alcoólicas e garrafas de cerveja (em Holcomb, como em todo o estado de Kansas, vigora a

”lei seca”).

Isto é tudo. Mas resta-nos falar, o que é justo, da Escola de Holcomb; um belo estabelecimento cuja existência prova um facto que o aspecto da terra disfarça muito bem: que os pais das crianças que frequentam este moderno estabelecimento de ensino dotado de um óptimo corpo docente - no qual se ministra instrução desde a classe infantil até ao curso secundário e possui uma série de autocarros para o transporte dos alunos, em número de trezentos e sessenta, alguns dos quais chegam a viver a mais de dezassseis milhas de distância -, que esses pais, como ia dizendo, são de um modo geral pessoas economicamente prósperas. Rancheiros quase todos eles, trata-se sobretudo de gente que veio de fora; alemães, irlandeses, noruegueses, mexicanos, japoneses. Criam vacas e ovelhas, cultivam milho, trigo, pasto e beterraba. A agricultura é sempre um negócio contingente, mas no Kansas ocidental os lavradores consideram-se a si próprios uns autênticos ”aventureiros”, pois lutam com uma tremenda falta de chuvas (a média anual de pluviosidade é de dezoito polegadas, e angustiantes problemas de irrigação. No entanto, nos últimos sete anos não houve falta de água. Os lavradores de Fmney County, de que Holcomb faz parte, governaram-se bem; fez-se dinheiro não só na agricultura, mas também na exploração de várias reservas de gás natural, e esta prosperidade reflecte-se na nova escola, no interior confortável das herdades, nos altos e bem recheados silos.

Até àquela manhã de Novembro de 1959 poucos americanos

- na realidade até poucos habitantes do estado de Kansas - tinham jamais ouvido falar de Holcomb. Tal como as

águas do rio,

ou os motoristas da auto-estrada, ou os comboios amarelos que correm nas linhas de Santa Fé, o drama, sob a forma de acontecimentos extraordinários, nunca ali tinha parado. Os habitantes da aldeia, cujo número não passava de duzentos e setenta, sentiam-se satisfeitos com isso, contentavam-se em levar uma vida pacata; trabalhavam, caçavam, viam televisão, frequentavam a escola, iam à igreja, tinham as suas reuniões no Clube dos

4 HH. Mas de súbito, às primeiras horas dessa manhã de Novembro, uns sons estranhos vieram sobrepor-se aos usuais ruídos nocturnos de Holcomb: os ganidos histéricos dos coiotes, o seco rumorejar das ervas altas, o apito agudo das locomotivas que se afastavam, correndo, na noite. Nessa hora ninguém os ouviu - aqueles quatro tiros de espingarda que, ao todo, acabaram por destruir seis vidas humanas. Depois disso, porém, os habitantes da cidade, até então suficientemente confiantes para nunca se darem ao trabalho de trancar as portas, passaram a ter sempre os tiros presentes na imaginação, essas tremendas explosões que iriam acender o fogo da desconfiança a cuja luz os antigos vizinhos começaram a entreolhar-se com temor, como se fossem estranhos.

O dono da Quinta de River Valley, Herbert William Clutter, de quarenta e oito anos de idade, considerava-se um indivíduo de perfeita saúde, como bem o provava um exame médico recente, feito por motivo da assinatura de um seguro de vida. Muito embora usasse óculos sem aros e fosse de estatura mediana (não chegava a atingir o metro e oitenta), Mr. Clutter era uma figura máscula. Tinha ombros largos, os cabelos conservavam a cor escura, o queixo era quadrado, a sua expressão confiante traduzia uma juventude saudável, e os dentes impecáveis ainda conseguiam partir nozes. Pesava à roda de sessenta e sete quilos, tal como nos tempos em que se formara em agricultura na Universidade do Estado de Kansas. Não se podia considerar tão rico como o homem mais rico de Holcomb, Mr. Taylor Jones, um lavrador seu vizinho. Era, no entanto, o cidadão mais conhecido e importante, tanto na sua terra, como em Garden City, a sede do condado vizinho onde fora chefe da Comissão Construtora da Primeira Igreja Metodista, edifício que custara oitocentos mil dólares. Ocupava quase sempre a presidência da Conferência das Organizações Agrícolas do Kansas e o seu nome era conhecido e respeitado entre todos os agricultores do Médio Oeste, bem como em certas repartições de Washington, onde desempenhara o cargo de membro da Caixa Federal de Crédito Agrícola durante a administração de Eisenhower.

Mr. Clutter sabia sempre o que queria e de um modo geral acabava por o conseguir. Na mão esquerda, naquilo que restava de um dedo outrora decepado por uma máquina agrícola, usava, havia um quarto de século, uma simples aliança de ouro, símbolo do seu casamento com a pessoa que escolhera - irmã de um colega de curso, uma rapariga tímida, piedosa, delicada, chamada Bonnie Fox, mais nova do que ele três anos. Dera-lhe quatro filhos - três raparigas e um rapaz. A mais velha, Eveanna, casada e mãe de um garoto de dez meses, vivia ao norte de llinóis, mas vinha frequentes vezes a Holcomb. De facto, ela e a família

eram esperadas ali dentro de duas semanas, pois no Dia da Acção de Graças estava projectada uma grande festa em casa da família Clutter (que tinha a sua origem na Alemanha; o primeiro emigrante chamado Clutter - ou Klotter, como então ele escrevia chegara à América em 1880 estavam convidadas cinquenta pessoas de várias partes, algumas até de longe, como Palatka, na Florida. Beverly, a irmã a seguir a Eveanna, também já não residia na quinta de River Valley, mas sim em Kansas City, onde estudava numa escola de enfermagem. Beverly estava noiva de um jovem estudante de biologia, de quem o pai muito gostava; os convites para o casamento, a realizar nas férias do Natal, encontravam-se já impressos. Viviam portanto com os pais unicamente Kenyon, que aos quinze anos estava mais alto de que o pai, e a outra irmã, um ano mais velha, e que era a menina querida da terra: Nartcy.

Pelo que respeitava à família, Mr. Clutter só tinha uma preocupação - a saúde da mulher. Era ”nervosa”, sofria de pequenas ”crises”, segundo as expressões discretas usadas pelos seus amigos. Não que fosse segredo o mal que afligia a ”pobre Bonnie”: todos sabiam que, durante a última meia dúzia de anos, ela andara sempre nas mãos dos psiquiatras. Mas até esta sombra ultimamente se dissipara um pouco. Na quarta-feira anterior, ao voltar de um internamento de duas semanas no Centro Médico Wesley, de Winchita, onde costumava ir repousar, Mrs. Clutter dera ao marido uma extraordinária notícia: informara-o, toda satisfeita, de que já sabia a causa dos seus padecimentos. Segundo o médico acabara de declarar, estes não provinham do cérebro, mas sim da espinha - tinham uma causa física, uma simples vértebra deslocada. Depois de operada, claro, voltaria a ser o que era dantes. Talvez a tensão nervosa, a mania de se isolar, as crises de choro abafadas na almofada, dentro do quarto, tudo aquilo fosse devido a um simples osso fora do sítio. Se isso era verdade, então o marido teria razões para se mostrar reconhecido a Deus no Dia de Acção de Graças.

O dia, para Mr. Clutter, começava habitualmente às seis e meia: 13

acordava-o o chocalhar das latas do leite e o tagarelar dos dois rapazes que o vinham trazer, ambos filhos de um trabalhador da quinta, chamado Vic Irsik. Hoje, porém, os rapazes podiam chegar e ir-se embora porque ficaria ainda um bocado na cama, A noite anterior, sexta-feira, dia treze, fora bastante fatigante, muito embora ele se sentisse satisfeitíssimo, Bonnie mostrara-se ”tal qual era dantes”; como que para dar uma amostra deste regresso à normalidade, pintara os lábios, arranjara o cabelo e, envergando um vestido novo, acompanhara-o à Escola de Holcomb, onde haviam aplaudido a peça *Tom Sawyer.* representada

pelos alunos, na qual Nancy fazia o papel de Becky Thatcher. Agradara-lhe imenso ver de novo a mulher em público, nervosa é certo, mas contudo sorridente, a falar às pessoas, ambos se haviam sentido orgulhosos de Nancy. Esta representara bem, sem se esquecer do papel. Tal como o pai afirmara ao ir felicitá-la ao camarim, ”representara maravilhosamente, parecia mesmo uma autêntica dama do Sul”. Nesta altura Nancy, fingindo que o era, de facto, fez uma vénia com a sua saia de balão e pediu-lhe que a deixasse ir até Garden City.

No Teatro do Município corria um filme ”bestial”, de terror; era sexta-feira, dia 13. Iam todos os seus amigos. Noutras circunstâncias, Mr. Clutter teria recusado. Quem fazia as leis lá em casa era ele e uma delas mandava que Nancy e também Kenyon voltassem para casa às dez horas nos dias de semana e à meia-noite aos sábados. Mas transigiu porque se encontrava ainda impressionado pelo espectáculo teatral a que acabava de assistir. Nancy só regressou a casa às duas horas. O pai ouviu-a chegar e chamou-a, porque, muito embora não fosse pessoa para levantar muito a voz, tinha meia dúzia de coisas a dizer-lhe, não tanto acerca da hora tardia a que chegava, como a respeito do rapaz que a trouxera de automóvel um campeão escolar de basquetebol, chamado Bobby Rupp.

Mr. Clutter gostava de Bobby e, para um rapaz da sua idade, dezassete anos, considerava-o bem educado e digno de confiança. No entanto, durante aqueles três anos em que já tinha licença para sair com rapazes, e apesar de ser bonita e simpática, Nancy nunca acompanhara com mais ninguém. E, muito embora Mr. Clutter soubesse que era agora costume os adolescentes formarem pares, terem ”companheiro certo” e usarem ”anéis de compromisso”, não achava graça à

brincadeira, sobretudo desde que, ainda há pouco, surpreendera por acaso a filha e o jovem Rupp a beijarem-se. Alvitrara então que Nancy espaçasse mais ”esses passeios com Bobby”, visto que um afastamento gradual custaria menos agora do que mais tarde um rompimento súbito pois a separação teria que dar-se, mais cedo ou mais tarde. A família de Rupp era católica e os Clutters metodistas, facto este que bastaria para tirar aos dois jovens quaisquer ilusões quanto a um futuro casamento. Nancy mostrara-se razoável - pelo menos não discutira - e depois, antes de dar as boas-noites, Mr. Clutter arrancara-lhe a promessa de se ir afastando pouco a pouco de Bobby.

O incidente, porém, retardara-lhe a hora de recolher, que era habitualmente às onze. por isso, no dia seguinte, sábado, 14 de Novembro de 1959, acordou depois das sete. A mulher levantava-se sempre o mais tarde possível. No entanto,

enquanto se barbeava, tomava chuveiro e envergava as calças de veludo canelado, o casaco de cabedal fino de vaqueiro e as botas guarnecidas de esporas sem roseta; não receava acordá-la porque dormiam separados. Há muitos anos que ele ocupava o quarto principal da casa uma casa de dois andares, com catorze divisões, construída de madeira e tijolo. Muito embora a senhora Clutter guardasse os fatos nos armários daquele quarto e arrumasse os seus cosméticos e os seus numerosos remédios na casa de banho de azulejo azul e tijolos de vidro que lhe ficava contígua, acabara por adoptar definitivamente o antigo quarto de Eveanna, que, tal como o de Nancy e de Kenyon, ficava no andar superior.

A casa - quase toda ela desenhada por Mr. Clutter, que desta forma se revelou um arquitecto sensato, equilibrado e com notáveis qualidades de decorador - fora construída em 1948 e custara quarenta mil dólares.

(Se a quisessem vender valeria agora sessenta mil.) Situada na extremidade de uma alameda ensombrada por filas de álamos chineses, isolada no meio de um amplo relvado, aquela casa branca causava sensação na cidade de Holcomb; toda a gente a apontava como modelo. Quanto ao interior, viam-se por toda a parte tapetes de tons verdes a esconder o brilho dos encerados e a abafar o ruído dos passos: na sala de estar havia um enorme sofá forrado de um tecido grosseiro com fios metálicos à mistura; uma *marquise* para os pequenos-almoços com estofos de plástico azul e branco. Esta espécie de mobiliário era o preferido por Mr. e Mrs.

Clutter, bem como por quase todas as pessoas das suas relações que, na sua maioria, tinham as casas mobiladas de maneira semelhante.

Além da mulher a dias que vinha durante a semana, os Clutter não empregavam mais pessoal doméstico: desde que a mulher adoecera e as filhas mais velhas haviam saído de casa, Mr. Clutter aprendera a cozinhar; era ele ou Nancy, mas sobretudo esta, quem habitualmente preparava as refeições. Mr. Clutter gostava de cozinhar e era um excelente cozinheiro - não havia nenhuma mulher no Kansas que fabricasse melhor o pão, e os seus célebres

<

bolinhos de coco eram os primeiros a esgotar-se nas vendas de caridade - no entanto, não se podia considerar um comilão: ao contrário dos outros rancheiros

seus colegas preferia mesmo os almoços frugais. Naquela manhã havia ingerido apenas uma maçã e um copo de leite; uma vez que nunca bebia café nem chá, a sua refeição da manhã era sempre fria. A verdade é que reprovava todos os estimulantes, mesmo fracos. Não fumava e, claro, também não bebia; nunca provara sequer uma bebida alcoólica e afastava-se por hábito dos que assim não pensavam - circunstância esta que não limitava as suas relações sociais, como se poderia imaginar, uma vez que o centro do seu círculo era formado por membros da Primeira Igreja Metodista de Garden City, congregação esta que abrangia mil e setecentos filiados, na sua maioria tão abstémios como o próprio Mr. Clutter. Muito embora ele tivesse o cuidado de não se tornar maçador pregando aos outros os seus pontos de vista, exigia que estes fossem rigorosamente cumpridos pelos seus familiares e trabalhadores que empregava na quinta de River Valley.

- Gosta de beber? - era a primeira pergunta que fazia aos que lhe pediam trabalho. E ainda que a resposta fosse negativa, a pessoa tinha de assinar um contrato de trabalho onde se incluía uma cláusula que declarava este imediatamente anulado no dia em que se provasse que o signatário ”ingerira álcool. Um amigo de Mr. Clutter, antigo lavrador, Mr. Lynn Russel, dissera-lhe certo dia:

- Tu és implacável, Herb! Estou certo de que se um dia encontrasses um dos teus trabalhadores a beber punhalo imediatamente no olho da rua sem te importares que a família ficasse a morrer de fome!

Foi talvez esta a única crítica que alguém jamais fizera a Mr. Clutter como patrão. De resto era conhecido pelo seu bom génio e pela sua caridade para com todos, pagando bons salários e distribuindo frequentes gorjetas; os seus trabalhadores, muitas vezes em número de dezoito, não tinham a menor razão de queixa.

Depois de beber o copo de leite e de cobrir a cabeça com um boné forrado de pelúcia, Mr. Clutter pegou na maçã e foi trincá-la lá para fora enquanto ia observando a manhã. Fazia gosto comer maçãs com um tempo daqueles: a claridade branca do sol descia de um céu puríssimo e o vento de leste fazia estremecer, sem as arrancar, as folhas dos álamos chineses. O Outono recompensa o Kansas ocidental das agruras que as restantes estações lhe impõe: os ventos fortes do Colorado e a neve que sobe até à altura da cinta e mata o gado; os lamaçais e os estranhos nevoeiros da Primavera, o Verão ardente, em que até os corvos procuram a sombra escassa e os milhares de caules tisnados

de trigo estalaram de secos. Finalmente, decorrido o mês de Setembro, o tempo muda e surge um Verão de São Martinho que por vezes se prolonga até ao Natal. Enquanto Mr. Clutter admirava esta amostra da estação outonal, veio ter com ele um cachorro atravessado de raça escocesa, e ambos se dirigiram vagarosamente para os currais do gado que ficavam anexos a um dos três barracões que constituíam as dependências da quinta.

Um destes barracões era enorme e tinha a forma de metade de um cilindro; estava cheio a abarrotar de sorgo; o outro continha uma pilha imensa de milho que cheirava a distância e valia um dinheirão, coisa de cem mil dólares. Só este número representava um aumento de quatro mil por cento em relação ao rendimento que Mr.

Clutter possuía em 1934, ano em que se casara com Bonme Fox e viera com ela de Rozel, no Kansas, para Garden City, onde se empregara como assistente do agente agrícola de Finney Countv. Como era de esperar, dali a sete meses era promovido, isto é, passava ele a assumir a direcção dos trabalhos. Os anos que o seu mandato abrangeu - de 1935 a 1939 - foram os mais secos que aquela região conhecera desde que os brancos ali se haviam instalado. O jovem Herb Clutter, bem a par dos processos dinâmicos da agricultura, estava mais do que ninguém indicado para servir de intermediário entre o Governo e os lavradores desesperados, para quem se tornava muito útil o optimismo e a cultura de um jovem simpático que parecia saber do seu ofício.

Mas mesmo assim ele não se dava por satisfeito com o lugar. Filho de lavradores, sempre ambicionara possuir terras próprias. Resolvido a consegui-lo, pediu a sua demissão de agente agrícola ao fim de quatro anos e, com dinheiro emprestado, alugou aquilo que viria a ser o embrião da quinta de River Valley (nome que se justificava sem dúvida pela proximidade sinuosa do rio Arkansas, pois não havia por ali vestígios de qualquer vale). Este empreendimento foi seguido com interesse por alguns habitantes de Finney County dotados de espírito rotineiro, que esperavam, divertidos, o falhanço do jovem agente, do qual troçavam por causa das suas teorias.

- Isso pode estar tudo muito certo, Herb. Tu sabes bem o que se deve fazer nas terras dos outros: plantem isto, semeiem aquilo. Mas, se as terras fossem tuas, outro galo cantaria!

Enganavam-se; as primeiras experiências foram bem sucedidas, talvez porque, a princípio, ele trabalhava dezoito horas por dia. Sofreu vários reveses - por duas vezes a sementeira do trigo falhou e, certo Inverno, uma tempestade de neve matou-lhe algumas centenas de cabeças de gado; mas ao cabo de dez anos o domínio de Mr. Clutter abrangia oitocentos hectares de terras inteiramente 17

suas e

mais três mil de aluguer, o que, confessavam os seus colegas, se podia considerar ”uma bela fazenda”. Trigo, sorgo, semente de pasto constituíam as colheitas principais de que dependia a prosperidade da quinta. Os animais também tinham grande importância - ovelhas e, sobretudo, gado bovino. Havia uma manada de algumas centenas de cabeças marcadas com o ferro de Clutter, muito embora ninguém suspeitasse disso ao ver o gado que se encontrava nos currais. Estes eram reservados para os bois doentes, algumas vacas leiteiras, os gatos de Nancy, e *Babe*, a mascote da família, uma velha e gorda égua de tiro, que nunca se aborrecia de andar com as quatro crianças da casa escarranchadas no seu vasto lombo.

Mr. Clutter atirou a *Babe* o caroço da maçã, enquanto dava os bons-dias a um homem que nesse momento limpava o curral. Chamava-se Alfred Stocklein e era o único trabalhador que ali habitava. Os Stocklein com os seus três filhos viviam numa casa a menos de cem jardas da casa dos patrões; a não serem estes, os Clutter não tinham outros vizinhos num raio de meia milha. Stocklein, com a sua cara comprida e uns dentes longos, muito escuros, inquiriu:

- Há hoje algum trabalho especial para eu fazer? É que temos um cachopo doente. O mais novo. Eu e a patroa andámos levantados toda a noite por causa dele. E tinha ideias de o levar ao médico.

Mr. Clutter mostrou-se condoído e respondeu logo que ficasse com a manhã por sua conta. Além de que, caso precisassem alguma coisa dele ou da mulher, era só dizerem. Depois, com o cão a correr à sua frente, encaminhou-se para os campos do lado sul, os quais neste momento apresentavam uma cor fulva, dourada e luminosa, cobertos pelo restolho que ficara após as colheitas.

O rio

situava-se naquela direcção. Junto dele crescia um pomar de árvores de fruto - pessegueiros, pereiras, cerejeiras e macieiras. Cinquenta anos antes, segundo

afirmavam os mais antigos, um pardal levaria apenas dez minutos a percorrer todas as árvores existentes - no Kansas do Oeste. Ainda hoje o que mais se plantava na região eram árvores do algodão e álamos chineses, de folha permanente e com uma resistência à sede semelhante à do cacto. No entanto, segundo Mr. Clutter afirmava muitas vezes, ”bastaria mais uma polegada de chuva para aquela região se transformar num éden - o paraíso na terra”. Aquela pequena plantação de árvores de fruto junto ao rio representava uma tentativa, com chuva ou sem ela, de, abrir caminho para o paraíso, esse éden verde e a cheirar a maçãs que ele imaginava. A mulher afirmara um dia: 18

- O meu marido preocupa-se mais com as suas árvores do que com os filhos.

A verdade é que toda a gente em Holcomb se recordava de certa ocasião em que uma avioneta avariada se despenhara em cima dos pessegueiros.

- O Herb ficou como louco! Ainda mal a hélice deixara de girar, já ele apresentara queixa do piloto!

Depois de atravessar o pomar, Mr. Clutter continuou ao longo do rio, neste momento quase seco e semeado de ilhas, cobertas de praias de areia fina, para onde, noutros tempos, nos domingos de sol e calor, quando Bonnie

”ainda era para essas coisas”, costumavam trazer os cestos com a merenda, passando depois o resto da tarde a espera de um puxão na linha de pesca. Mr. Clutter poucas vezes encontrava alguém a invadir-lhe a propriedade. Situada a milha e meia da estrada principal, servida por atalhos pouco conhecidos, não era lugar onde os estranhos viessem desembocar por acaso. Mas neste momento surgiu um grupo deles e *Teddy, o* cachorro, correu ao seu encontro a ladrar. Mas este procedimento era estranho em *Teddy.* Muito embora fosse um bom guarda, sempre alerta e pronto a dar o alarme, a sua valentia tinha uma falha: mal avistava uma espingarda, tal como sucedia nesse momento, pois os desconhecidos vinham armados, curvava a cabeça e metia o rabo entre as pernas. Ninguém sabia porquê, pois toda a gente ignorava a sua história, à parte saber-se que era um vagabundo adoptado por Kenyon havia muitos anos. Os visitantes, afinal, eram caçadores de faisões vindos de Oklahoma. A estação dos faisões no Kansas, grande acontecimento do mês de Novembro, atraía avalanchas de caçadores dos estados vizinhos e, durante a semana anterior, regimentos de homens de boné escocês percorriam os campos outonais assustando e espantando com os seus tiros revoadas de pássaros gordos com os papos cheios

de grão. Habitualmente, os caçadores, no caso de não serem hóspedes ou convidados, pagavam ao dono das terras uma quantia para poderem caçar na sua propriedade. porém, quando estes homens de Oklahoma propuseram a Mr. Clutter comprar-lhe os seus direitos de caça, este respondeu, sorrindo:

- Não sou tão pobre como pareço. Andem lá, apanhem os faisões que puderem!

Em seguida, levando a mão ao boné, voltou para casa, a encetar o seu dia de trabalho, sem que lhe passasse pela cabeça que seria o último.

19

Tal como Mr.

Clutter, o rapaz que estava tomando o pequeno -almoço num restaurante chamado Little Jewel nunca bebia café. Preferia cerveja. Três aspirinas, uma cerveja gelada e uma enfiada de cigarros *Pall M ali* - era a isto que ele chamava un ”mata-bicho” como deve ser. Enquanto ia beberricando e fumando, estudava um mapa estendido no balcão à sua frente - um mapa Phillips 66 do México.

Mas tornava-se-lhe difícil concentrar-se, pois esperava um amigo que já estava atrasado. Olhou através da janela para a rua da pequena cidade, uma rua que ele nunca vira até ao dia anterior. De Dick nem sinais. Mas ele não ia faltar com certeza; afinal de contas a finalidade daquele encontro fora ideia dele, era ”um dos seus trabalhos”. E, depois de tudo terminado, iriam para o México. O

mapa estava todo roto e, de tão manuseado, o papel tornara-se fino como a camurça. Ao virar da esquina, no quarto que alugara no hotel, tinha centenas de outros como aquele - mapas usados de todos os estados da União, de todas as províncias do Canadá, de todos os países da América do Sul

- pois este jovem era um constante idealizador de viagens, tendo já realizado algumas, de facto: ao Alaska, a Hawai, ao Japão e a Hong-Kong. Agora, graças a uma carta, um convite para ”um trabalhinho”, ali estava ele com todos os seus preciosos haveres; uma mala de cartão, uma guitarra e dois enormes caixotes de livros, mapas e canções, poemas e velhas cartas que pesavam cerca de uma tonelada. (A cara de Dick quando vira aqueles caixotes! ”Santo Deus, Perry. Tu levas esta sucata para toda a parte?” E Perry retorquira: ”Sucata? Um destes livros custou-me nada mais nada menos de trinta paus!” Ali estava ele, pois, na pequena cidade de Olathe, no Kansas. Se se punha a pensar nisso, tinha a sua

piada! Imaginem, voltara para o Kansas, onde menos de quatro meses antes jurara, primeiro no tribunal, depois a si próprio, não voltar a pôr os pés. pois bem, o juramento fora de pouca dura.

O mapa encontrava-se coberto de nomes rodeados por um círculo de tinta. COZUMEL, por exemplo, uma ilha na costa do Yucatan, onde, segundo lera numa revista masculina, se podia

”despir a farpela, arvorar um sorriso descontraído, viver como um rajá e ter todas as mulheres que se quisesse, apenas por 50 dólares mensais!” Do mesmo artigo recordava outras afirmações interessantes: ”Cozumel é um refúgio contra as pressões sociais, políticas e económicas. Nenhum funcionário da polícia incomoda as pessoas nesta ilha.” E ainda: ”Todos os anos bandos de papagaios vêm de terra firme pôr ali os seus ovos.” ACAPULCO estava relacionado com pesca submarina, casinos e mulheres ricas e nevróticas; SiERRA MADRE significava ouro, O *Tesouro da*

Sierra Madre, um filme que já vira oito vezes. (Era a melhor película de Bogart, mas aquele tipo que fazia de velho pesquisador lembrava o pai de Perry era também estupendo. Walter Huston. Sim, o que afirmara a Dick era verdade: ele sabia bem tudo o que se relacionava com a pesquisa do ouro, visto que o pai, um profissional, lho ensinara. E porque não haviam eles dois de comprar uma parelha de cavalos de carga e ir tentar a sorte na Sierra Madre? porém Dick, sempre prático, dissera: ”Ora, meu querido! Eu também vi essa fita. No fim fica tudo maluco. por causa das febres e das sanguessugas e das más condições de vida que encontravam por toda a parte. E depois, quando conseguiram arranjar ouro, lembras-te?, vem um vendaval terrível que leva tudo pelos ares?”) Perry dobrou o mapa. Pagou a cerveja e levantou-se. Sentado, parecia um homem de estatura acima do normal, forte, dotado de uns ombros, de uns braços, de um tronco maciço e desenvolvido de campeão de pesos e alteres - este desporto era, na verdade, a sua paixão. Mas certas zonas do seu corpo não correspondiam às outras. Os pés minúsculos, encerrados numas botas pretas com fivelas de metal, ficavam bem numa bailarina.

Quando se levantava não era mais alto do que uma criança de doze anos e, de repente, ao caminhar sobre as pernas cambadas, grotescamente impróprias para o alentado tronco que sustentavam, não parecia um condutor de cavalos bem

constituído, mas sim um jóquei reformado, demasiado gordo e musculoso.

Lá fora, Perry deixou-se ficar ao sol. Faltava um quarto para as nove e Dick estava atrasado meia hora. No entanto, se o amigo não lhe tivesse metido na cabeça com tanta insistência a importância de cada minuto das vinte e quatro horas futuras, ele nem sequer teria dado pela demora. O tempo raramente contava para ele, pois sabia inúmeras maneiras de o fazer passar, uma das quais era examinar-se ao espelho. Dick dissera-lhe certa vez:

Parece que cais em transe todas as vezes que te vês a um espelho. É como se estivesses a observar umas boas nádegas. Caramba, isso não te cansa?

De maneira nenhuma, o próprio rosto fascinava-o. Conforme o ângulo de que se via, tinha uma impressão diferente. Era uma cara sempre nova e aquelas experiências haviam-lhe ensinado a assumir um ar ameaçador, ou descarado, ou pensativo; uma inclinação de cabeça, uma torcidela de boca, e o cigano corrupto transformava-se num romântico gentil. A mãe era índia cherokee de raça pura: herdara dela aquele colorido da pele, aquele tom iodado, aqueles olhos húmidos, aqueles cabelos negros que usava untados de brilhantina e tão compridos que formavam patilhas e uma franja. A herança da mãe via-se a sete léguas. A do pai, um irlandês sardento, de cabelos avermelhados, era menos aparente. Dava a impressão de que o sangue índio afogara todos os vestígios da costela céltica. No entanto, a sua presença era confirmada por uns lábios vermelhos e um nariz encurvado, assim como pela vivacidade casmurra, pelo egoísmo arrogante que muitas vezes animavam aquela máscara de cherokee e tomavam completamente posse dele quando estava a tocar guitarra e a cantar. Cantar e imaginar fazê-lo em público era outra maneira ociosa de passar as horas. Evocava sempre o mesmo cenário - um clube nocturmo em Las Vegas, que por sinal era a sua terra natal. Tratava-se de um salão elegante, repleto de celebridades que contemplavam, cheias de excitação, a nova e sensacional estrela que executava a sua famosa composição, acompanhada por violinos e que era um arranjo da melodia *be seemg You,* acrescida da sua última balada original:

Cada mês de Abril, papagaios em bando, Vermelhos e verdes, cruzam o ar; Vermelhos e verdes, eles passam voando, Cada mês de Abril eles passam cantando, Vermelho e verdes, eu vejo-os passar...

(Dick, ao ouvir esta canção pela primeira vez, comentou-a: Os papagaios não cantam. Falam, talvez. Berram.

Mas de certeza não cantam. Claro, o Dick tomava tudo muito à letra, muito, não tinha a menor compreensão para a música nem para a poesia

- e, no entanto, pensando bem, fora precisamente essa a razão principal que fizera com que Perry se sentisse atraído por ele: a sua falta de compreensão literária, a maneira directa como tratava todos os assuntos faziam-no parecer, comparado consigo, muito duro, invulnerável, ”totalmente masculino”.) No entanto, por muito agradável que fosse, este sonho de Las Vegas empalidecia ao lado de outras visões.

Desde criança, durante mais de metade da sua vida que já somava trinta e um anos, sempre tivera o hábito de mandar vir livros pelo correio: (”FAÇA FORTUNA MERGULHANDO! Treine-se em casa nos momentos livres. Ganhe dinheiro com facilidade mergulhando sem nada ou com botija de oxigénio. FOLHETO GRÁTIS

COM TODAS AS INFORMAÇÕES...”) e de responder a anúncios: (TESOURO SUBMERSO! Cinquenta mapas autênticos! Oferta Sensacional!), o que representava um desejo de aventuras que a sua imaginação lhe proporcionava constantemente: o sonho de deslizar através das águas profundas, de mergulhar na penumbra submarina, de passar lado a lado junto de peixes escamados, de 22

olhos selvagens, guardiões da carcaça de um navio que se divisava mais adiante, um galeão espanhol naufragado com a sua carga de diamantes e pérolas e arcas cheias de ouro.

Soou a buzina de um carro. Era Dick, finalmente.

- Santo Deus! Kenyon, já ouvi!

Como habitualmente, Kenyon parecia que tinha o diabo no corpo. Os seus gritos subiam escada acima:

- Nancy! Vem ao telefone!

Descalça e em pijama, Nancy desceu precipitadamente. Na casa havia dois telefones um no quarto que o pai utilizava como escritório e outro na cozinha. A rapariga pegou neste.

- Está? Oh, sou, bom dia, Mrs. Katz.

E a senhora Clarcnce Katz, mulher de um lavrador que vivia na estrada principal, disse:

- Eu tinha dito ao teu pai que te não fosse acordar. Disse-lhe que devias estar muito cansada depois do papel maravilhoso que interpretaste a noite passada. Estavas linda, minha querida, com aquelas fitas brancas no cabelo! E quando julgavas que o Tom Sawyer tinha morrido vieram-te mesmo as lágrimas aos olhos! Foi melhor do que um teatro da TV. Mas o teu pai afirmou que eram horas de te levantares... Bem, são quase nove. Sabes o que eu queria? É que a minha pequena, a Jolene, morre com vontade de aprender a fazer a torta de cerejas e, visto tu seres incomparável nesse doce, andas sempre a ganhar prémios, pensei que talvez a pudesses ensinar esta manhã.

Noutro dia qualquer Nancy teria de boa vontade ensinado Jolene a fazer um jantar completo de peru; achava seu dever tornar-se prestável sempre que outras raparigas mais novas do que ela solicitavam o seu auxílio para aprender a cozinhar, a coser, ou música - ou então, como acontecia tantas vezes, lhe vinham fazer confidências. Como é que ela arranjava tempo para tanta coisa e ainda para ”governar praticamente aquela enorme casa”; era uma aluna distinta, chefe da sua turma, dirigente do programa dos 4-HH e da Liga Metodista dos Jovens, uma cavaleira distinta, tocava maravilhosamente piano e clarinete, ganhava sempre prémios na feira anual do condado (em pastelaria, conservas, trabalhos de agulha e decorações florais) - como é que uma rapariga que ainda não completara dezasseis anos podia acumular tamanha vastidão de conhecimentos, e isto sem bazófias, antes com uma alegria radiante, era um enigma que todos resolviam com estas palavras:

Ela tem muito carácter. Herdou-o do pai.

por certo que a sua mais vincada característica, aquela capacidade de ajudar os outros, lhe vinha do pai, que possuía um refinado sentido de organização. Todos os seus momentos estavam programados. Ela sabia perfeitamente a qualquer hora o que ia fazer em seguida e quanto tempo isso lhe levaria. E era esse precisamente o problema que se lhe apresentava agora: tinha o tempo todo tomado. Comprometera-se a ir ajudar outra pequena da vizinhança, Roxie Smith, a qual andava a estudar um solo de trompete que tencionava apresentar num concerto; prometera à mãe ir fazer-lhe três recados complicados; e combinara

assistir com o pai a uma reunião dos 4-HH em Garden City. Além de que tinha de fazer o almoço, depois trabalhar no vestido de noiva da Beverly que ela própria desenhara e estava executando. Desta forma não haveria tempo para encaixar a lição de torta de cereja que Jolene pretendia. A não ser que conseguisse faltar a alguma coisa...

- Mrs. Katz, não desligue por favor, um momento!... Atravessou o compartimento e foi ao escritório do pai.

Este,

que possuía uma comunicação de serviço para o exterior, ficava separado da sala de estar por uma porta corrediça. Muito embora Mr. Clutter o partilhasse por vezes com Gerald Van Vleet, um rapaz que costumava ajudá-lo na direcção da quinta, o escritório constituía normalmente o seu retiro um santuário bem arrumado, forrado de nogueira, onde, rodeado de barómetros, mapas pluviométricos, um binóculo, ele costumava sentar-se como um capitão de navio na ponte de comando, pilotando a quinta de River Valley na sua viagem, por vezes arriscada, através das estações.

- Não tem importância - respondeu ele à pergunta de Nancy.

- Podes faltar à reunião dos 4-HH. Levo o Kenyon em teu lugar.

Assim, pegando de novo no auscultador, Nancy disse a Mrs. Katz que sim senhora, estava tudo bem, podia trazer a Jolene imediatamente. Mas ao desligar franziu o sobrolho.

- É estranho declarou olhando em redor. Via o pai ajudando Kenyon a somar uma coluna de algarismos e, sentado à secretária, perto da janela, Mr. Van Vleet, que possuía uma espécie de beleza preocupada e cheiade rugas que a levava a tratá-lo na ausência por Heathchff. - Cheira-me aqui a cigarros!

- És tu que cheiras? - inquiriu Kenyon.

- Não, meu palerma. És tu.

A resposta deixou-o calmo, porque Kenyon sabia que a irmã não ignorava o tacto de ele, de quando em quando, puxar a sua fumaça - ela, de resto, fazia outro tanto.

Mr. Clutter bateu as palmas:

- Calem-se lá. Isto aqui é um escritório.

Voltando lá acima, enfiou umas calças de ganga desbotadas e uma camisola verde, colocando depois no pulso uma das coisas que mais estimava no mundo, um relógio de ouro; acima dele estava o gato. E, num plano ainda superior, o anel de sinete que pertencia a Bobby, incómodo penhor do seu ”compromisso”, que ela usava no polegar (quando usava, porque, à mais ligeira zanga, desaparecia) porque mesmo preso com adesivo ele era de um tamanho próprio para homem e não lhe servia no dedo mais indicado. Nancy era uma bonita rapariga, magra e ágil como um rapaz. Um dos seus maiores atractivos era o cabelo castanho, encaracolado e brilhante, cortado curto (que ela escovava cem vezes de manhã e à noite), e a pele brilhante, lavada com água e sabonete, um pouco sardenta ainda e conservando um certo tom dourado do sol do último Verão.

Eram, porém, os olhos, escuros e transparentes, como a cerveja preta vista contra a luz, que a tornavam simpática logo ao primeiro olhar e imediatamente denotavam a sua inteira franqueza, a sua amabilidade consciente que, aliás, não oferecia à toa.

- Nancy! A Susan está ao telefone!

Era Susan Kidwell, a sua confidente. Foi mais uma vez atender à cozinha.

- Diz coisas! - começou Susan, que habitualmente encetava as suas longas conversas ao telefone com esta fórmula. - Para começar diz lá porque estiveste a noite passada a dar trela ao Jerry Roth.

Tal como Bobby, Jerry Roth era também campeão escolar de basquetebol.

- A noite passada? Santo Deus, não lhe dei trela nenhuma? por termos estado os dois de mão dada?

Ele foi aos bastidores durante a representação e eu estava tão nervosa que ele me segurou na mão para me dar coragem.

- Que enternecedor! E depois?

Depois fui com o Bobby ao cinema. E então é que estivemos de mãos dadas.

- E tiveste medo? Não digo do Bobby, refiro-me ao filme.

- Ele não, até se fartou de rir. Mas já sabes como eu sou. Se me assoprassem caía da cadeira abaixo.

- Que estás a roer? -Eu? Nada.

- Sei muito bem, estás a roer as unhas. - Susan não se enganava. por mais que Nancy se esforçasse não perdia o costume de roer as unhas e, sempre que estava atrapalhada, roía-as até ao sabugo. -

Diz lá. Tens alguma coisa que te aborreça?

Não.

- Nancy, e *'est mói*... - Susan andava a aprender francês.

- Bem... é o meu pai. Há três semanas que anda levado da breca. Um horror. Pelo menos comigo. E ontem à

noite, quando cheguei a casa, voltou à carga.

O termo "à carga" não necessitava de explicação. Tratava-se de um assunto que as duas amigas haviam discutido largamente, tendo ambas chegado a uma conclusão. Susan, resumindo o problema do ponto de vista de Nancy, declarara:

- Tu gostas do Bobby agora e achas que não podes passar sem ele. Mas lá no fundo até ele reconhece que isto não tem futuro. Mais tarde, quando formos todos para Manhattan, tudo se modificará.

A Universidade do Estado do Kansas fica em Manhattan e as duas raparigas projectavam matricular-se ali para estudarem arte, ficando ambas a partilhar o mesmo quarto.

- Tudo será diferente, quer queiras quer não. Contudo agora não podes modificar

nada, enquanto viveres em Holcomb, vires o Bobby todos os dias e te sentares com ele na mesma aula. Nem podia ser doutro modo. Tu e o Bobby agora são muito felizes. E mais tarde isto constituirá uma boa recordação - se alguém a não estragar.

O teu pai não será capaz de compreender isto?

Não, não era capaz.

- porque - explicava ela a Susan - sempre que eu tento explicar-lhe ele olha para mim como se eu não fosse amiga dele. Ou como se tivesse passado a estimá-lo menos. E eu fico paralisada. Só queria poder obedecer-lhe.

Susan não tinha nada que responder a isto; tratava-se de uma espécie de emoções, de relações que estavam fora do alcance da sua experiência. Vivia sozinha com a mãe, que era professora de música no Colégio de Holcomb, e mal se recordava do pai, o qual havia muitos anos, lá na Califórnia, onde então viviam, deixara um dia a casa para nunca mais voltar.

- E de qualquer forma não tenho a certeza de que a causa do seu mal-estar seja *só eu.* Anda realmente preocupado com mais qualquer coisa.

-A tua mãe?

A nenhuma outra amiga Nancy permitiria semelhante sugestão. Susan, no entanto, gozava de certos privilégios. Quando aparecera em Holcomb, uma rapariguinha melancólica, cheiade imaginação, magra, débil e sensível, com oito anos, um a menos do que Nancy, os Clutters haviam-na adoptado tão carinhosamente que a criancinha sem pai que viera da Califórnia não tardara a ser considerada como um membro da família.

Durante

sete anos, as duas amigas haviam sido inseparáveis, tornando-se, em virtude de uma sensibilidade idêntica e rara, verdadeiramente insubstituíveis uma em relação a outra. No passado mês de Setembro, no entanto, Susan mudara-se do colégio local para o outro mais vasto, que se considerava superior, o de Garden City. Era o que costumavam fazer os alunos que tencionavam seguir para a

Universidade. porém Mr. Clutter, afincadamente bairrista, considerava este procedimento como uma afronta ao espírito da comunidade; *o* colégio de Holcomb era suficientemente bom para os seus filhos e ali é que deviam continuar os estudos até ao fim. por isso as duas raparigas se haviam separado e Nancy sofria com a ausência da amiga, a única pessoa junto da qual não precisava de se mostrar corajosa nem discreta.

- Bem, a verdade é que estamos todos muito contentes com o estado da mãe - tu já sabes a boa notícia. -

Depois, Nancy prosseguiu: - Escuta - seguiu-se uma pausa como que a ganhar coragem para fazer uma estranha observação: - porque será que me cheira constantemente a cigarro? Palavra que as vezes penso que estou a ficar maluca, quando me meto no carro, quando entro na sala, é como se acabasse de sair dali alguém que tivesse estado a fumar. Não é a mãe, não pode ser o Kenyon - ele não se atreveria...

Nem, por certo, nenhum outro visitante da casa dos Clutters, propositadamente desprovida de cinzeiros. Pouco a pouco, Susan começou a compreender a estranha insinuação da amiga. Ignorando quais poderiam ser as suas secretas ansiedades, ela não se capacitava de que Mr. Clutter procurasse, às escondidas, consolação no tabaco.

Mas antes de ter tempo de indagar se era isso realmente o que Nancy queria dizer, esta cortou:

- Desculpa, Susan. Tenho de me ir embora. Chegou Mrs. Katz.

Dick vinha ao volante de um Chevrolet preto, modelo 1949. No momento de entrar, Perry olhou para o banco de trás, a certificar-se de que a guitarra se encontrava de facto ali em segurança; na noite anterior, depois de haver tocado para um grupo de amigos de Dick, esquecera-se dela dentro do carro. Era uma velha guitarra Gibson, bem lixada e encerada até ficar de um amarelo cor de mel. Junto desta encontrava-se outro instrumento uma carabina de pressão de ar de doze milímetros, nova em folha, de canos azulados e com alguns faisões a voar gravados ao longo da coronha: uma lanterna eléctrica, uma faca de pescador, um par de luvas de cabedal e um cinto de caça bem guarnecido de balas completavam esta natureza morta.

Dick bateu com os nós dos dedos no pára-brisas (truz, truz, truz).

- Peço desculpa, mas nós andávamos à caça e perdemo-nos. Dá licença que fale ao seu telefone?

- *Si, senor. Yo comprendo.*

Vai ser limpinho respondeu Dick. Garanto-te, pá, que havemos de fazer o trabalho bem feito *mté* ao fim.

- Até - corrigiu Perry. Grande leitor de dicionários, apreciador de palavras estranhas, fizera sempre questão de melhorar a gramática e corrigir o vocabulário do amigo desde que haviam sido companheiros de cela na penitenciária do estado de Kansas. Longe de se ofender com as lições, e para agradar ao professor, o aluno escrevera um dia uma mão-cheiade poemas; muito embora os versos fossem obscenos, Perry achara-os muito cómicos e mandara encadernar o manuscrito na oficina da prisão com o título a letras douradas: *Piadas Sujas.*

Dick trazia vestido um fato-macaco azul; as letras cosidas nas costas diziam BOB SAND. Ele e Perry seguiram pela rua principal de Olathe até chegarem ao estabelecimento de Bob Sand, uma garagem de reparação de automóveis, onde Dick trabalhava desde que saíra da penitenciária, em meados de Agosto. Era um mecânico competente e ganhava sessenta dólares por semana. Pelo trabalho que tencionava executar naquela manhã não merecia salário algum, porém Mr. Sand, que o deixava a tomar conta da oficina aos sábados, não fazia a menor ideia de que naquele dia pagava ao seu empregado para este fazer uma revisão ao seu próprio carro. Auxiliado por Perry, meteu mãos à obra. Mudaram o óleo, afinaram a embraiagem, carregaram a bateria, substituíram um rolamento e colocaram pneus novos nas rodas traseiras - reparações indispensáveis, visto que, entre aquele dia e o outro, o velho *Chevrolet* teria que executar um grande esforço.

Perry quis saber por que motivo Dick chegara tão atrasado ao Café Little Jewel, ao que este respondeu:

- porque o meu velhote andava por ali e eu não queria que me visse trazer a carabina. Nesse caso desconfiava logo que não lhe tinha dito a *herdade.*

Verdade. E que lhe disseste tu, afinal?

Aquilo que tínhamos combinado. Que ia passar a noite fora porque te levava a visitar a tua irmã em Fort Scott, para ela te entregar um dinheiro que lhe deste a guardar. Mil e quinhentos dólares.

Perry tinha de facto uma irmã e já tivera duas, mas a que ainda existia não habitava em Fort Scott, uma cidade do Kansas que

distava oitenta e cinco milhas de Olathe. Na verdade, nem sequer sabia onde a rapariga parava.

- E ele ficou aborrecido?

- porque havia de ficar aborrecido?

- porque não me grama - respondeu Perry, cuja voz era ao mesmo tempo suave e presumida, uma voz que, muito embora meiga, emitia cada palavra com precisão, soltando-a como se fosse um anel de fumo a sair da boca de um padre. - E a tua mãe é a mesma coisa. Percebo perfeitamente, só pela maneira esquisita como me olham.

Dick encolheu os ombros.

- Isso não tem nada a ver contigo. Ou melhor: o que eles não querem é ver-me acompanhar com alguém que tenha estado na choça. - Casado duas vezes e duas vezes divorciado, com vinte e oito anos, e pai de três rapazes, Dick fora solto condicionalmente sob a promessa de ir viver com os pais; a família, que incluía um irmão mais novo, habitava numa pequena quinta perto de Olathe. - Qualquer pessoa que ostente o alfinete da fraternidade

- acrescentou, tocando num ponto azul tatuado por baixo do olho esquerdo, o qual constituía uma insígnia, uma palavra de passe visível, pela qual os antigos cadastrados o poderiam reconhecer.

- Compreendo - respondeu Perry. - Lá têm as suas razões. Parecem boa gente. A tua mãe é até muito simpática.

Dick acenou com a cabeça. Também ele era dessa opinião. Ao meio-dia largaram as ferramentas e Dick, ligando o motor, escutou o ruído regular e ficou satisfeito

com o trabalho.

Nancy e a sua protegida, Jolene Katz, achavam-se também satisfeitas com o seu trabalho daquela manhã; esta última, de facto uma garota esgalgada, de treze anos, impava de orgulho. Olhou muito tempo para a detentora da fita azul, contemplou depois as cerejas com entusiasmo, abraçou Nancy, inquirindo:

- Diz lá, fui eu na verdade que fiz a torta?

Nancy riu-se, retribuindo-lhe o abraço, e afirmou que sim, fora ela quem fizera a torta... com uma ligeira ajuda.

Jolene exigia que a provassem imediatamente. Era uma estupidez deixarem-na arrefecer.

- Anda, deixa ver um bocado para cada uma. Para si também

- acrescentou, dirigindo-se à senhora Clutter, que acabava de chegar à cozinha. A senhora Clutter sorriu, pelo menos tentou sorrir. Doía-lhe a cabeça. Agradeceu, mas protestou que não sentia vontade de comer. Quanto a Nancy, não tinha tempo. Roxie

29

Lee Smith e o solo de trompete estavam à sua espera e depois tinha ainda que fazer os recados da mãe. Um destes dizia respeito a uma exposição dos presentes de noiva que um grupo de raparigas estava organizando para Beverly. O outro relacionava-se com a festa que iam dar no Dia da Acção de Graças.

- Vai-te embora, querida. Eu faço companhia à Jolene enquanto a mãe não a vem buscar - declarou Mrs.

Clutter. Depois dirigiu-se à pequena com a sua invencível timidez e acrescentou:

- No caso de ela não se importar de ficar a fazer-me companhia.

- Em nova tinha ganho um prémio de locução; mas, com a idade, a sua voz ficara reduzida a um único tom, o de quem pede desculpa, e toda a sua personalidade se resumia numa série de gestos confusos de quem recera ofender alguém ou de qualquer modo cair no desagrado dos outros. - Espero que compreendas e não

julgues a Nancy mal -educada.

- Meu Deus, que ideia! Eu gosto tanto dela! De resto toda a gente gosta. Não há ninguém como a Nancy. Sabe o que disse a Mrs. Stringer? - perguntou Jolene, referindo-se a professora de economia doméstica: - Um dia ela declarou diante de toda a aula: ”A Nancy Clutter está sempre com pressa, mas o tempo chega-lhe para tudo. E isto é a definição de uma verdadeira senhora.”

- Sim - replicou Mrs. Clutter. - Todos os meus filhos são muito eficientes. Não precisam de mim para nada.

Jolene nunca estivera sozinha com a mãe de Nancy, que tinha fama de ser uma pessoa ”esquisita”, mas, apesar de tudo quanto ouvira dizer a seu respeito, a pequena sentia-se muito à vontade, porque Mrs. Clutter, embora nunca estivesse descontraída, possuía o dom de descontrair os outros, como geralmente acontece com as criaturas indefesas que não constituem ameaça para ninguém; até mesmo para Jolene, uma rapariguinha tão infantil, o rosto ascético e triangular de Mrs. Clutter, o seu ar a um tempo caseiro e angelical, despertavam um instinto de compaixão protectora. Quem diria que ela era a mãe de Nancy! Uma tia... podia admitir-se, uma tia solteirona, que ali estivesse de visita...

- Não, eles não precisam de mim para nada - repetiu ela enquanto se servia de uma chávena de café.

Muito embora o resto da família respeitasse a aversão que o marido votava àquela bebida, ela tomava duas chávenas todas as manhãs e não comia praticamente mais nada durante o resto do dia; pesava quarenta e quatro quilos e os seus anéis - a aliança de casamento e outro com um diamante, tão pequeno que mal se via

- dançavam-lhe nos dedos ossudos.

Jolene cortou uma fatia de torta:

- Que rica coisa! - exclamou ela, metendo-a pela boca abaixo

vorazmente. - Daqui em diante vou fazer uma torta destas todos os dias!

- Bem, tu tens muitos irmãos, e os rapazinhos comem muito. O meu marido e o Kenyon nunca se fartam dela. Nancy, que é quem a faz, já não a pode ver. Vai acontecer-te a mesma coisa... Não...

para que disse eu uma coisa dessas? - A senhora Clutter, que usava óculos sem aros, tirou-os e comprimiu os olhos com as mãos. - Desculpa, minha querida. Tenho a certeza de que nunca te aborrecerás de comer a tua torta. Vai saber-te sempre muito bem...

Jolene ficou calada. O tom de alarme na voz da senhora Clutter assustara-a; sentia-se confusa e desejava que a mãe, que prometera vir buscá-la às onze horas, chegasse depressa.

Já mais calma, a senhora Clutter inquiriu:

- Gostas de miniaturas? De coisas pequeninas? - e convidou Jolene a entrar na sala de jantar, para ver as prateleiras de um armário onde estavam expostas algumas bugigangas minúsculas: tesouras, dedais, cestinhos de cristal para pôr flores, garfos e facas. - Tenho algumas destas coisas desde rapariga. O meu pai e a minha mãe, toda a minha família, passávamos grande parte do ano na Califórnia. Perto do mar. Havia lá uma loja que vendia estes lindos objectos. Olha estas chaveninhas! - Um serviço de chá para bonecas tremia-lhe na palma da mão, sobre um tabuleiro minúsculo. - Foi o meu pai quem mas deu. Eu tive uma infância muito feliz.

Ela era filha de um lavrador abastado chamado Fox, tinha três irmãos que a adoravam e não fora estragada com mimos, mas sim poupada a todas as contrariedades e educada na convicção de que a vida não era mais do que uma sucessão de acontecimentos agradáveis: Outonos no Kansas, Verões na Califórnia, uma série interminável de presentes, tal como aquelas chaveninhas de chá. Aos dezoito anos, influenciada pela leitura de uma biografia de Florence Nightingale, inscreveu-se como aluna de enfermagem no Hospital de Santa Rosa, em Great Bend, no Kansas. Mas não era aquela a sua vocação e, ao cabo de dois anos, acabou por o confessar: as realidades da vida do hospital - as cenas que presenciava, os cheiros - enojavam-na. No entanto, ainda hoje lamentava não ter concluído o curso e recebido o diploma ”quanto mais não fosse para provar” - segundo declarou a uma amiga - ”que fora algum dia capaz de conseguir levar a cabo alguma coisa”.

Em vez disso, encontrara Herb e casara-se com ele. Era colega do irmão mais velho, Glenn; na verdade, visto as duas famílias viverem apenas a vinte milhas de distância, há muito que o conhecia

de vista, porém os Clutter, gente simples da aldeia, não eram das relações dos Foxes, que se podiam considerar mais ricos e cultos. No entanto, Herb tinha boa figura, era um rapaz piedoso, sabia o que queria, desejava-a, e ela apaixonou-se por ele.

- O meu marido viaja muito - disse ela a Jolene. - Está sempre com ideias de ir aqui ou ali: Washington, Chicago, Oklahoma, Kansas City. Às vezes até me parece que ele não pára em casa. Mas seja onde for que ele vá lembra-se sempre de que eu aprecio estas coisas pequeninas. - Abriu um leque de papel: Este trouxe-me ele de S. Francisco. Só custou *umpence.* Mas não é tão lindo?

No segundo ano de casada nascera-lhe Eveanna e dali a três anos Beverly; depois de cada parto a jovem mãe sofria uma inexplicável crise de desânimo acessos de desalento que a faziam vaguear de sala em sala, a torcer as mãos de desespero. Decorreram mais três anos entre o nascimento de Beverly e de Nancy, e foi durante esse período que tiveram lugar os piqueniques e as excursões ao Colorado; três anos durante os quais ela Governou a sua casa e foi feliz. porém, com o nascimento de Nancy, e depois com o de Kenyon, as crises de depressão repetiram-se e, da segunda vez, para não mais desaparecerem por completo. Era como que uma nuvem que pairava e podia ou não trazer chuva. Tinha ”períodos bons”, que por vezes se prolongavam durante semanas e meses, mas mesmo durante estes nunca mais voltou a ser ”o que era dantes”, aquela encantadora e afectuosa Bonnie

que os amigos tanto estimavam. Não conseguia mostrar a vitalidade social necessária para corresponder às inúmeras actividades do marido. Ele era um ”companheirão”, um ”chefe nato”; ela não era nada disso e acabara por nem sequer tentar acompanhá-lo. Desta forma, seguindo cada qual o seu caminho, que era norteado por atenções ternas e uma total fidelidade, começaram cada um a fazer uma vida semi-à-parte: a dele, uma carreira pública, coroada por uma série de triunfos compensadores; a dela, toda interior, conduzindo-a por vezes aos corredores dos hospitais. Mas nunca perdia totalmente a esperança. Amparava-a a fé em Deus e, de tempos a tempos, era socorrida pelas ajudas

temporais que lhe proporcionava a Sua misericórdia infinita: lia o reclame de um remédio milagroso, ouvia falar num novo tratamento ou então, como sucedera mais recentemente, resolvera acreditar que a causa do seu mal era ”um nervo repuxado”.

- As coisas pequenas pertencem-nos de verdade - declarou ela fechando o leque.
- Escusamos de as deixar, podemos levá-las numa caixa de sapatos.

Levá-las para onde?

Ora, para onde quer que se vá. Podemos ausentar-nos durante muito tempo.

Alguns anos atrás, a senhora Clutter fora até Wichita, na intenção de fazer um tratamento de quinze dias, e demorara-se dois meses. A conselho de um médico, o qual achava esta experiência capaz de a fazer recuperar

”a noção de que podia ser útil e necessária”, alugara um apartamento e arranjara um lugar de empregada de ficheiro do Y. W. C. A.1 O marido, sempre pronto a colaborar, animara-a nesta aventura, mas ela sentira-se então bem de mais e considerara essa atitude pouco cristã, a tal ponto que o sentimento de culpa que daí lhe adveio anulou totalmente o valor da experiência.

- Pode-se até nunca mais voltar a casa e então convém ter connosco alguma coisa que nos pertença, que seja realmente nossa.

A campainha da porta tocou. Era a mãe de Jolene.

- Adeus, minha querida - e meteu-lhe na mão o leque de papel. Custou só *umpence,* mas é realmente bonito.

Em seguida, a senhora Clutter ficou só em casa. Kenyon e o pai tinham ido para Garden City; Gerald Van Vleet despedira-se até ao dia seguinte; e a mulher a dias, aquela boa Mrs. Helm, a quem se podia contar tudo, não vinha aos sábados. O melhor que tinha a fazer era voltar para a cama - aquela cama que abandonava tão raramente que a pobre Mrs. Helm via-se grega para mudar os lençóis duas vezes na semana.

No segundo andar havia quatro quartos de cama e o dela ficava no fundo de um

espaçoso átrio despido de qualquer mobília, com excepção de um berço que havia sido comprado para o neto. Se trouxessem colchões para o átrio e fizessem dele camarata, a casa poderia albergar bem vinte pessoas por ocasião da festa que tencionavam dar no Dia da Acção de Graças; os restantes convidados teriam de se hospedar nos motéis ou nas casas dos amigos. Entre os membros da família Clutter, esta reunião por alturas do Dia da Acção de Graças era habitual e cada um recebia em sua casa quando lhe cabia a vez. Este ano calhara a sorte a Mr. Clutter e nada havia a fazer senão cumprir, mas, dado o facto de coincidir a reunião com os preparativos do casamento de Beverly, a senhora Clutter sentia-se incapaz de levar a cabo fosse o que fosse. Qualquer dos acontecimentos exigia que ela tomasse decisões, coisa que sempre detestara e temia, pois, quando o marido estava ausente e lhe vinham pedir o seu alvitre à queima-roupa

Nota: Young Women Christian Association - Associação Cristã das Raparigas. *(N da T.)* 33

nos assuntos da quinta, isto constituía para ela o maior dos tormentos. E se cometesse um erro? O Herb ficaria zangado? O melhor era fechar a porta do quarto à chave e fingir que não ouvia chamar, ou então responder como tantas vezes fazia:

- Não posso. Não sei. Deixem-me, por favor.

O quarto que ela tão raras vezes abandonava era austero; se acaso a cama estivesse feita, um estranho que ali chegasse julgálo-ia permanentemente desocupado. Uma cama de castanho, uma secretária de nogueira, uma mesinha-de-cabeceira e um quadro representando Jesus a caminhar sobre as águas. Era como se ela pretendesse com o facto de não trazer para ali as suas coisas, deixando assim que o compartimento permanecesse impessoal, diminuir a ofensa que fazia ao marido ao abandonar o quarto dele. A única gaveta utilizada da secretária continha um boião de *Vic Vapoiub,* um pacote de *Klenex*, uma almofada eléctrica, umas poucas de camisas de noite brancas e meias de algodão também brancas. A senhora Clutter usava sempre um par destas meias para dormir, porque tinha permanentemente os pés frios. Pela mesma razão conservava as janelas habitualmente fechadas. No penúltimo Verão, num domingo abafado de Agosto, em que ela ficara ali encerrada, dera-se um penoso incidente. Havia visitas naquele dia, um grupo de amigos que tinha sido convidado para colher amoras, entre estes Wilma Kidwell, a mãe de Susan. Tal como os outros amigos dos Clutter, a senhora Kidwell aceitava a ausência da

dona da casa, pensando, como de costume, que ela se encontrava ”indisposta” ou então ”ausente em Wichita”. Fosse como fosse, quando chegou a hora de irem todos para o pomar, a senhora Kidwell recusou-se a sair; estava habituada a viver na cidade, fatigava-se facilmente e preferiu ficar dentro de casa. Mais tarde, enquanto esperava pelo regresso dos outros que tinham ido colher amoras, ouviu chorar, um choro desesperado, que cortava o coração.

- Bonnie! - chamou ela, correndo pelas escadas acima e atravessando o átrio até ao quarto da amiga. Quando abriu a porta, o calor concentrado no quarto foi como que uma mão a abafar-lhe a boca. Apressou-se a abrir uma janela.

- Não faças isso! - gritou-lhe Bonnie. - Eu não tenho calor nenhum. Estou cheiade frio. Estou gelada! Meu Deus! Meu Deus! - e agitava os braços. - por piedade, meu Deus! Que ninguém me veja neste estado!

A senhora Kidwell sentou-se na borda da cama. Quis abraçar Bonnie e esta acabou por consentir.

- Wilka - disse ela. - Estive a escutar. Estive a ouvir-vos falar a todos. A falar e a rir, muito divertidos. Eu fico sempre de fora,

tenho falhado tudo. Os melhores anos da minha vida, os filhos... tudo. Pouco falta para que até o Kenyon seja um homem. E que recordação terá ele de mim? A de um fantasma, Wilka.

Neste dia, que seria o último da sua vida, Mrs. Clutter foi pendurar no armário a bata de chita que vestira, envergando uma das longas camisas de noite e um par de meias brancas lavadas. Depois, antes de se deitar, tirou os óculos que trazia e substituiu-os por outros. Muito embora assinasse uma porção de jornais *(The Ladies Home Journal, Reader’s Digcst e o Together: Mídmonth Magazine for Mctbodist Families),* nenhum destes se encontrava neste momento sobre a mesinha-de-cabeceira apenas a Bíblia. Entre as páginas desta havia uma marca, uma fita de seda encerada sobre a qual haviam bordado este aviso: ”Prestai atenção, vigiai e orai; porque vós não sabeis quando soará a hora.”

Os dois rapazes pouco tinham em comum, mas não se apercebiam disso, visto que possuíam um certo número de afinidades superficiais. por exemplo, ambos eram requintados e exigentes Depois daquela manhã de lubrificação, passaram cerca de uma hora no *toilette* da garagem. Dick em roupas interiores era muito diferente do Dick completamente vestido. Assim, parecia um rapazola magro, de

altura média, descarnado e talvez com o peito metido para dentro; despido, via-se que não era nada disso, mas sim um atleta treinado em peso e alteres. O focinho de um gato tatuado em azul, com uma expressão de riso, cobria-lhe a mão direita; sobre um dos ombros floria uma rosa. Outros sinais, desenhados e tatuados por ele, ornamentavam-lhe os braços e o tronco: a cabeça de um dragão com uma caveira entre as mandíbulas; mulheres nuas de seios opulentos; um diabrete brandindo uma forquilha; a palavra PAZ acompanhada com uma cruz rodeada de riscos a imitar raios de luz; e duas composições sentimentais - uma delas um ramo de flores dedicado à MÃE E Ao PAI, o outro um coração que celebrava o romance de Dick E CAROL, a rapariga com quem se casara aos dezanove anos e da qual se separara seis anos mais tarde, a fim de ”reparar a sua falta para com outra jovem, mãe do seu filho mais novo. (”Tenho três filhos dos quais tomarei definitivamente conta” - declarara ele ao ser liberto condicionalmente. ”A minha mulher casou outra vez. Fui casado duas vezes, mas com a segunda não quero nada”).

Mas nem o físico de Dick nem as pinturas que o adornavam tinham o condão de impressionar tanto como o seu rosto, que

parecia formado por bocados que não correspondiam bem uns com os outros. Era como se lhe tivessem partido a cabeça ao meio da mesma forma que se corta uma maçã, colando-a de novo, um pouco descentrada.

Sucedera-lhe de facto uma coisa parecida; as suas feições mal alinhadas eram consequência de um desastre de automóvel ocorrido em 1950 e que lhe deixara o rosto mais comprido, com a face esquerda ligeiramente abaixo da direita, os olhos não só desnivelados mas de tamanho diferente, tendo o esquerdo um olhar malévolo como o das serpentes, uma fixidez da pupila demasiado azul que, embora involuntariamente, parecia no entanto querer avisar as pessoas da maldade que lhe ia lá por dentro. porém, Perry afirmara-lhe:

- Não te preocupes com os teus olhos, pois tens um sorriso extraordinário. Um daqueles sorrisos a que ninguém resiste.

A verdade é que a contracção do sorriso fazia-lhe regressar as feições ao seu lugar normal e tornava possível distinguir nele uma personalidade menos assustadora, uma espécie de ”bom rapaz” tipo americano, com o cabelo cortado

à escovinha, mas já um pouco crescido, revelando certo equilíbrio, sem ser demasiado inteligente. (Na realidade ele era muito inteligente. Um teste feito na prisão classificava-o entre 90 e 110

pontos.)

Perry também tinha sido sinistrado, e os seus ferimentos, produzidos por um desastre de motocicleta, haviam sido mais graves do que os de Dick; passara meio ano num hospital do estado de Washington e outros seis meses de muletas; muito embora o acidente tivesse ocorrido em 1952, as suas pernas cambadas, de anão, partidas em vários sítios e mal cicatrizadas, ainda lhe doíam a ponto de ele se haver transformado num viciado da aspirina. Embora tivesse menos tatuagens do que o companheiro, as suas eram mais complicadas - não trabalho feito pelo próprio, de amador, mas sim verdadeiras obras de arte, realizadas por mestres de Honolulu e de Yokohama. No bíceps direito tinha tatuado o nome Cookie, que era o de uma enfermeira com quem havia tido relações de amizade durante a sua estadia no hospital. No braço esquerdo ostentava um tigre de pêlo azul, olhos cor de laranja e dentes amarelos arreganhados; uma cobra cuspideira enrolada à volta de um punhal deslizava-lhe ao longo do braço; e por toda a parte do corpo luziam caveiras, avultavam sepulturas, desabrochavam crisântemos.

- Pronto, meu menino. Acaba lá com a penteadela - declarou Dick, já de ponto em branco.

Depois de haver despido o fato de trabalho, envergava agora umas calças de caqui cinzentas, camisa a condizer e, tal como Perry, botas pretas de canos até ao artelho. Perry, que nunca conseguia 36

encontrar calças que servissem nas suas pernas deformadas, trazia-as enroladas em baixo e usava uma jaleca de cabedal. Bem lavados, penteados, tão compostos como dois janotas que fossem encontrar-se com as namoradas, meteram-se no carro.

A distância entre Olathe, um subúrbio de Kansas City, e Holcomb, que também se podia chamar um subúrbio de Garden City, era aproximadamente de quatrocentas milhas.

Uma cidade de onze mil habitantes, Garden City começara a albergar os seus fundadores logo a seguir à Guerra Civil. Mr. C. J. (Búfalo) Jones, caçador itinerante de búfalos, fora em parte o responsável pela transformação da aldeia,

até ali constituída por um aglomerado de tendas e barrotes onde se prendiam os cavalos, num opulento centro de rancheiros, cheio de *saloons* barulhentos, com um teatro de ópera e o hotel mais bem mobilado e confortável que existia entre Kansas City e Denver - numa palavra, uma espécie de estância fronteiriça que rivalizava com outro centro que ficava cinquenta milhas a leste, Dodge City. Juntamente com Búfalo Jones, que perdera o seu dinheiro e depois o juízo (os últimos anos da vida passou-os a pregar pelas ruas contra o extermínio dos animais que ele com tanto lucro ajudara a matar), as glórias do passado estão mortas e enterradas. Existem ainda algumas recordações; uma fila de edifícios de cunho relativamente antigo, a que chamam o Quarteirão Búfalo, e o Hotel Windsor, outrora luxuoso, com os seus salões de tectos altos e trabalhados e o seu ambiente de escarradores e palmeiras em vasos, que mantêm, no meio das diversas lojas e supermercados, como que um cunho de Rua Principal; supremacia esta muito discutível, visto que os quartos escuros e vastos do Hotel Windsor, os seus átrios sonoros, por muito evocativos do passado que sejam, não podem competir com a comodidade do ar condicionado que oferece o pequeno e esmerado Hotel Warren, ou o Wheat Lands Motel, com os seus aposentos dotados de televisão e a sua ”Piscina de Água Aquecida”.

Quem quer que haja feito a travessia da América, de uma costa a outra, seja de comboio, seja de automóvel, passou, decerto, por Garden City, mas provavelmente pouca gente terá reparado nela.

Não passa de mais uma cidade situada no centro precisamente 110 centro - do continente dos Estados Unidos. Os habitantes, provavelmente, e com razão, protestariam contra tal indiferença.

Muito embora eles exagerem: (por mais que se procure, em nenhuma outra parte do mundo se encontra gente mais simpática, ar mais puro, água mais fresca”, ou então: ”Eu podia ter 37

ido para Denver ganhar três vezes mais, mas tenho cinco filhos e acho que não existe melhor terra para os educar. Escolas admiráveis, onde se praticam todos os desportos. Temos até os primeiros anos da Universidade”. E ainda: ”Vim para cá para estagiar na advocacia. Temporariamente. Nunca pensei em ficar.

Tive oportunidade de me ir embora, mas para quê? Para que diabo me havia de ir embora? Talvez isto não seja Nova Iorque... Mas quem pode desejar viver em Nova Iorque? Aqui temos bons vizinhos, pessoas que se interessam umas pelas

outras, e isso é que conta. De resto, aqui há tudo quanto um homem decente possa desejar. E belas igrejas. E um campo de golfe"). O recém-chegado a Garden City, uma vez que se habitue ao silêncio que se estabelece logo depois das oito da noite, descobrirá muitas coisas que desculparam este bairrismo exagerado: uma biblioteca pública muito bem organizada, um jornal diário eficiente, largos de relva bem cuidados, ruas calmas ladeadas de vivendas onde as crianças e os animais podem correr, sem receio, um enorme parque de recreio dotado até de um pequeno jardim zoológico ("Vejam os ursos Polares!", "Vejam o Elefante Pequenino!") e a piscina que ocupa uns poucos de hectares ("A maior piscina do mundo com entrada GRÁTIS!). Semelhantes atributos, além da poeira dos ventos e dos apitos constantes dos comboios, constituem uma "cidade de província" que provavelmente é recordada com saudade por aqueles que partem e que para aqueles que ficam oferece uma sensação de enraizamento e de alegria.

Todos, sem excepção, garantem que entre os seus habitantes não existem distinções sociais ("Nada disso. Aqui não se usam essas coisas. São todos iguais, sem se olhar a questões de riqueza, cor ou credo. Passa-se tudo como deve ser numa verdadeira democracia. Nós cá somos assim"). Mas claro, as diferenças sociais são observadas, tão rigorosamente como em qualquer outra colmera humana. Cem milhas a oeste estava-se fora da

"Zona da Bíblia", aquela faixa da América que se regulava rigorosamente pelo Evangelho e dentro da qual um homem era obrigado, quanto mais não fosse por motivos de interesse, a cumprir rigorosamente os preceitos da religião. Em Finney County, porém, estava-se ainda dentro da "Zona da Bíblia" e portanto a filiação religiosa de cada um constituía o factor de influência mais importante no seu nível social. Oitenta por cento dos fiéis eram baptistas, metodistas e católicos romanos; no entanto, entre a *elite* - composta por comerciantes, banqueiros, advogados, médicos e rancheiros influentes - predominavam os presbiterianos e os episcopalistas.

Acontece por vezes um metodista ser bem aceite; um ou outro democrata consegue infiltrar-se, mas, na sua 38

maioria, a classe dominante compõe-se de republicanos das direitas e de filiados na seita presbiteriana e episcopalista.

Na sua qualidade de homem instruído e eficiente na sua procissão, como destacado republicano e dirigente religioso - muito embora pertencesse à seita

metodista -, Mr. Clutter poderia aspirar a fazer parte da *elite* local. Uma vez, porém, que sempre se recusara a ser membro do Country Club de Garden City, nunca convivera com a alta sociedade que ali dava cartas. Pelo contrário, afastava-se dela, visto que os divertimentos desta não coincidiam com os seus. Não apreciava jogos de cartas, nem golfe, nem *cocktails*, nem ceatas às dez da noite - numa palavra, era contra todo e qualquer divertimento que não tivesse, segundo dizia, ”a sua utilidade”. E era esse o motivo por que, naquele sábado, em lugar de estar jogando uma partida de golfe, ele se encontrava a presidir a uma reunião no Club dos 4-HH de Finney Country. (4-HH significava ”Head, Heart, Hands, Healthe” e o seu lema era ”Aprendamos a praticar”. Tratava-se de uma organização nacional com ramificações no estrangeiro, cujo objectivo é auxiliar os que vivem nas áreas rurais -

particularmente as crianças - a desenvolver as capacidades e a moral. Nancy e Kenyon eram membros deste clube desde a idade de seis anos.) No fim da reunião, Mr. Clutter disse:

- Há uma coisa que tenho a declarar, a qual diz respeito a um dos nossos sócios adultos. - E os seus olhos procuraram uma japonesa gorducha rodeada por quatro filhos também rechonchudos. - Todos vocês conhecem a Mrs. Hideo Ashida. Sabem que os Ashidas vieram para aqui depois de habitarem o Colorado e que há dois anos se entregam à agricultura em Holcomb. Trata-se de uma família exemplar, daquelas que nos orgulhamos de ter entre nós. Todos partilham a minha opinião.

Pelo menos todos aqueles que estiveram doentes e a quem Mrs. Ashida fez aqueles seus deliciosos caldos, muito embora para isso se tivesse de deslocar sabe-se lá a que distância. Todos viram também as flores que ela cultiva em lugares onde ninguém poderia esperar que elas se dessem.

Devem também estar lembrados da maneira como ela contribuiu, na feira do condado do ano findo, para o êxito da exposição do nosso Club. por isso venho sugerir que lhe seja oferecido um prémio no nosso banquete da próxima terça-feira.

Os filhos de Mrs. Ashida, apinhados em volta dela, davam-lhe cotoveladas e o rapaz mais velho gritou:

- Olha, mãe! Aquilo é contigo!

porém, Mrs. Ashida ficara toda envergonhada; limpava os

Nota: Cabeça, Coração, Mãos, Saúde. *(N. da T.)*

39

olhos com as suas mãos papudas de criança e ria. Era casada com um lavrador que cultivava terras de renda; a quinta onde viviam, muito batida do vento e isolada, ficava a meio caminho entre Garden City e Holcomb. No fim das reuniões do Clube dos

4-HH, Mr. Clutter costumava levar os Ashidas a casa no seu automóvel e naquele dia assim fez também.

- Isto é que foi uma surpresa! - exclamou Mrs. Ashida quando seguiam já pela estrada, na carrinha de Mr.

Clutter. - Passo a vida a agradecer-lhe, Herb, mas obrigada mais uma vez.

Ela havia-o conhecido no dia seguinte à sua chegada a Finney County, na véspera do Dia da Acção de Graças.

Mr. Clutter e Kenyon tinham ido visitar os Ashidas, levando-lhe um carregamento de abóboras e cabaços.

Durante aquele primeiro ano não faltaram os presentes de produtos que os Ashidas ainda não haviam colhido, tais como espargos e alfaces. E Nancy levava-lhes muitas vezes a sua égua *Babe* para as crianças passearem.

- Sabe, a muitos respeitos é esta a melhor terra em que temos vivido. O meu marido diz o mesmo. Nem queremos pensar em ir embora daqui e começar a vida outra vez noutro sítio.

- Sair daqui? -protestou Herb, afrouxando.

- Bem, Herb. É por causa da quinta e dos senhorios... O Hideo pensa que poderíamos tirar melhor rendimento noutra parte. Talvez no Nebrasca. Mas ainda não está nada resolvido. por enquanto são só projectos.

O tom corajoso da voz dela, sempre risonha, tornava aquelas melancólicas

notícias de certo modo menos desanimadoras, mas, ao ver que Mr. Clutter entristecera, ela mudou de assunto:

- Herb, preciso que me dê a sua opinião - disse. - Eu e os miúdos queremos dar ao Hideo um presente pelo Natal, mas qualquer coisa de importante . O que ele mais precisa é dos dentes. Diga-me uma coisa, se a sua mulher se lembrasse de lhe oferecer três dentes de ouro o senhor achava um disparate? Isto é, achava que era como se lhe pedisse para passar o Natal na cadeira do dentista?

- Você é formidável! Nunca se lembre de ir embora daqui senão atamo-la de pés e mãos! - declarou Mr.

Clutter. - Sim senhor, dentes de ouro, acho muito bem. Se mos dessem a mim ficava encantado da vida!

A resposta satisfez Mrs. Ashida, pois esta bem sabia que ele não falaria assim se não aprovasse a sua ideia; era um cavalheiro. Nunca o vira responder com galanteios, fazer-se atrevido, ou faltar à sua palavra. E ela arriscou-se a formular um pedido:

- Escute, Herb. No banquete, nada de discursos. Combinado? Não gosto de palavreados. Consigo, é outra coisa. Você é capaz

de se pôr de pé e falar diante de centenas de pessoas. Ou milhares. Sente-se à vontade e consegue convencer os outros. Nada lhe mete confusão. - Invocava assim uma qualidade que toda a gente reconhecia em Mr. Clutter: a calma segurança que fazia dele um ser à parte e que ao mesmo tempo que o impunha ao respeito dos outros, também os mantinha um pouco à distância.

- Não o consigo imaginar com medo seja do que for. Aconteça o que acontecer, o senhor consegue sempre sair-se bem.

Pelo meio da tarde, o *Chevrolet* negro chegava a Emporia, no Kansas. Era uma grande povoação, quase uma cidade, e não oferecia qualquer perigo, por isso os ocupantes do carro resolveram fazer ali algumas compras.

Arrumaram o automóvel numa rua lateral e procuraram até encontrarem uma loja que vendia de tudo.

A primeira compra foi um par de luvas de borracha; destinavam-se a Perry, que, ao contrário de Dick, se esquecera de *trazer* umas velhas de casa.

Dirigiram-se a um mostrador onde se via exposta roupa feminina. Após uma rápida discussão, Perry disse:

- por mim não desisto delas. Dick era de opinião contrária:

- E os meus olhos? São demasiado claros para se poderem disfarçar.

- Menina - disse Perry chamando a atenção de uma das caixeiras. - Tem meias pretas?

Depois de obter uma resposta negativa, propôs que fossem procurar a outra loja:

- As pretas é que servem para o efeito.

porém, Dick mostrou-se inabalável: meias, fosse qual fosse a sua cor, não eram precisas para nada, seria uma despesa inútil.

-Já gastei dinheiro de mais com esta história!

Afinal de contas ninguém ficaria vivo para contar fosse o que fosse.

- Não haverá testemunhas - lembrava ele a Perry, pela milésima vez, segundo parecia a este.

Irritava-o a maneira como Dick pronunciava aquelas palavras, como se elas contivessem a solução de todos os problemas; era estúpido não admitir que pudesse haver uma testemunha que lhes tivesse passado despercebida.

- Às vezes acontece o imprevisto, as coisas levam uma volta diferente do que nós imaginamos.

porém, Dick sorria, fanfarrão:

- Não sejas medricas! Isto não pode falhar.

Claro, não podia falhar porque o plano era de Dick e desde o primeiro passo até

ao silêncio final estava impecavelmente delineado.

A seguir precisavam de corda. Perry examinou a mercadoria e experimentou-lhe a resistência. Como servira na Marinha Mercante, percebia do assunto e era perito em toda a espécie de nós complicados. Escolheu uma de *nylon* branco, sólida e fina como um arame. Discutiram um com o outro a porção que seria necessária. Esse pormenor irritava Dick, pois fazia parte de uma incógnita à qual, a despeito de todos os seus cálculos, não estava habilitado *à* responder. por fim, declarou:

- Santo Deus! Como poderei eu saber isso?

- Tens de saber mesmo. Dick fez um esforço:

- É o homem, a mulher, o rapaz e a pequena. Talvez haja mais dois. E sábado, podem ter convidados. Digamos oito, ou talvez doze. A única coisa certa é que todos eles têm de marchar desta para melhor.

- Isso parece-me muita gente. Nunca se pode ter a certeza.

-

- Não foi isso o que te prometi, pá? Que até as paredes haviam de ficar cheias de cabelos?

Perry encolheu os ombros:

- Nesse caso o melhor será levarmos o rolo inteiro.

Este media coisa de cem jardas, quanto bastava para atar doze pessoas.

Fora o próprio Kenyon quem fizera a arca: uma arca de mogno, forrada de cedro, que ele tencionava oferecer a Beverly como presente de noivado. Neste momento estava a dar-lhe os últimos retoques, mais uma camada de verniz, e trabalhava naquilo a que chamavam o antro, nas caves. O mobiliário do antro, uma sala cimentada que ocupava todo o comprimento da casa, era constituído quase inteiramente de peças da sua autoria (prateleiras, mesas, bancos, uma mesa de pingue-pongue) e os ornamentos haviam sido confeccionados por Nancy (a cobertura de chita que rejuvenescia o sofá decrépito, as cortinas, as almofadas, nalgumas das quais se liam legendas como esta: ÉS FELIZ? ou então: NÃO É

PRECISO SER-SE MALUCO PARA AQUI VIVER, MAS É PREFERÍVEL). Kenyon e Nancy haviam tentado juntos dar uma pintadela nas paredes para lhes tirar o inevitável aspecto grosseiro, mas ambos consideravam a sua obra um êxito. Na verdade tanto um como outro achavam que aquele antro

constituía a sua obra-prima e o seu paraíso: Nancy porque ali podia receber ”a malta” sem incomodar a mãe e Kenyou porque conseguia lá dentro isolar-se e martelar, serrar e distrair-se à

vontade com as suas ”invenções”, a mais recente das quais era uma caçarola eléctrica. Junto do antro ficava a casa das caldeiras, que continha uma mesa coberta de ferramentas e de outras obras que ele trazia entre mãos: uma aparelhagem sonora e uma antiga grafonola de manivela que pretendia consertar.

Fisicamente, Kenyon não se parecia nem com o pai nem com a mãe: o seu cabelo cortado rente tinha a cor do cânhamo, media um metro e oitenta de altura, era magro, embora fosse suficientemente forte para ter salvo um dia um casal de ovelhas adultas durante uma tempestade de neve, trazendo-as as costas - forte e bem constituído, mas dotado infelizmente daquela falta de coordenação muscular que é própria dos rapazes que crescem demasiado depressa. Este defeito, agravado pela sua incapacidade para fazer qualquer coisa sem óculos, impedia-no de tomar parte activa nos desportos de grupo (basquetebol e beisebol), que constituíam o principal passatempo dos rapazes que poderiam ser seus amigos íntimos. portanto, só tinha um - Bob Jones, filho de Taylor Jones, cujo rancho ficava apenas a uma milha a oeste da casa dos Clutter. Nas zonas rurais do Kansas, os rapazes começam a conduzir carros muito cedo; Kenyon tinha doze anos quando o pai o autorizou a comprar, com o dinheiro que juntara a criar ovelhas, uma velha carrinha com motor modelo A, a que ele e Bob chamaram o ”carro dos Coiotes”. Perto da quinta de River Valley existia uma misteriosa extensão de terreno conhecida pelo nome de Sandy Hills; assemelhava-se a uma praia sem mar e, à noite, os coiotes costumavam juntar-se ali em alcateias, no meio das dunas, a uivar. Quando havia luar, os rapazes gostavam de lhes dar caça, perseguindo-os e tentando ultrapassá-los com o automóvel; poucas vezes o conseguiam, pois o mais vagaroso dos coiotes é

capaz de correr a cinquenta milhas por hora, ao passo que a velocidade máxima do carro deles era de trinta e cinco milhas; porém a corrida era fascinante e

divertida, com o carro a deslizar na areiae as silhuetas dos coiotes recortadas no céu no dizer de Bob, aquilo era um espectáculo de cortar a respiração.

Igualmente fascinante e mais útil era a caça ao coelho praticada pelos dois rapazes: Kenyon atirava bem e o amigo melhor ainda e entre os dois conseguiam por vezes entregar meio cento de coelhos à

”fábrica”, uma organização de Garden City que os pagava a dez cêntimos por cabeça e que depois congelava a carne e aproveitava as peles para entregar aos fabricantes de visons. porém, 43

aquilo que tanto Bob como Kenyon mais apreciavam eram as suas excursões venatórias ao longo das margens do rio, onde passavam a noite acampados, envoltos em cobertores; escutavam ao romper do dia um roçagar de asas, e dirigiam-se para o local donde vinha o som, com todas as cautelas. Mas o melhor de tudo era o regresso a casa com uma dúzia de patos pendentes dos cintos. Ultimamente, contudo, as coisas haviam-se modificado um pouco entre Kenyon e o amigo. Não houvera discussão nem sequer um abandono ostensivo, nada, a não ser o facto de Bob, que contava agora dezasseis anos, ter passado a andar com uma rapariga. Isto significava que Kenyon, um ano mais novo e ainda na fase do adolescente solitário, já não podia contar com a sua companhia. Bob afirmara-lhe:

- Quando tiveres a minha idade verás como é diferente. Eu costumava pensar como tu: Mulheres? Que interesse podem elas ter para nós? Mas a certa altura começamos a conversar com uma determinada rapariga e descobre-se que é bestial. Vais ver!

Mas Kenyon não acreditava; não podia admitir que algum dia viesse a desejar perder uma hora a falar com uma rapariga qualquer em lugar de andar a caça, ou a entreter-se com os cavalos, com as suas ferramentas e maquinetas, ou até com um livro. Uma vez que Bob não estava disponível, preferia distrair-se sozinho, visto que, por temperamento, saía muito mais à mãe do que ao pai. Era uma criança sensível e tímida. Os seus colegas consideravam-no um bocado ”peneirento”, mas perdoavam-lhe, dizendo: ”Oh, o Kenyon anda sempre na lua!”

Enquanto dava tempo ao verniz para secar, foi fazer outro trabalho que o obrigava a sair lá para fora. Desejava limpar o jardim da mãe, um matagal de verdura emaranhada que ficava por baixo da janela do quarto desta.

Ao chegar ali, encontrou um dos trabalhadores que remexia a terra com uma enxada. Tratava-se de Paul Helm, o marido da mulher a dias.

- Viu o carro? - inquiriu o homem.

Sim, Kenyon tinha visto o automóvel parado na alameda um *Buick* cinzento, diante da porta do escritório do pai. -Julguei que soubesse a quem pertencia.

- Não sei, a não ser que seja de Mr. Johnson. O pai tinha dito que estava à espera dele hoje.

Mr. Helm, o falecido Mr. Helm, pois veio a morrer de um ataque no mês de Março seguinte, era um homem taciturno, de cinquenta e muitos anos, cujas maneiras retraídas escondiam uma natureza curiosa *e* observadora; gostava de saber o que se passava à sua volta.

- Quem é esse Johnson?

- *É* um tipo da companhia de seguros. Mr. Helm resmungou:

- O seu pai já deve estar farto de o aturar. Vejo ali o carro há mais de três horas, segundo me parece.

Um arrepio de frio a anunciar o crepúsculo atravessou o ar e, muito embora o céu se conservasse de um azul inalterável, as sombras dos crisântemos alongavam-se já pelo chão; no meio destes brincava o gato de Nancy embaraçando as patas na ráfia com que Kenyon e Mr. Helm atavam as plantas naquele momento. De súbito a própria Nancy surgiu atravessando o prado a cavalo na gorda *Babe,* a qual regressava do seu passeio habitual ao sábado: um banho no rio. Acompanhava-os *Teddy,* o cão, e todos três escorriam água.

- Vai apanhar uma constipação - avisou Mr. Helm.

Nancy riu-se. Nunca estivera doente, nem uma vez só. Depois de saltar do cavalo, estendeu-se no chão, no meio da erva à beira dos canteiros, e agarrou no gato que ergueu acima da cabeça, beijando-o no focinho.

Kenyon mostrou-se enojado:

- Essa de dar beijos no focinho dos animais!

Tu costumavas beijar o *Skeeter* - recordou ela.

- O *Skeeter* era um cavalo.

Um belo cavalo, por sinal, de pêlo avermelhado que ele criara desde poldro. Que bem ele saltava uma barreira!

Tu rebentas com esse cavalo avisava-o o pai. - Um dia dás cabo dele!

E assim foi. Certo dia que *Skeeter* galopava por uma estrada fora, com o dono em cima, o seu coração teve uma falha, tropeçou e caiu morto. Decorrido um ano, Kenyon ainda se recordava dele com desgosto, muito embora o pai, com pena do rapaz, lhe tivesse prometido deixá-lo escolher um poldro da criação da próxima Primavera.

- Kenyon - disse Nancy. - Achas que o Tracy já falará? Na altura em que cá vier?

Tracy ainda não tinha um ano e era filho da irmã Eveanna, a sua preferida. (Beverly era a favorita de Kenyon.)

- Acho que vou ficar maluca quando o ouvir chamar-me ”tia Nancy”. Ou a ti ”tio Kenyon”. Achas que vais gostar de o ouvir dizer isso? Isto é, gostas de ser tio? Kenyon! Santo Deus, porque não respondes ao menos uma palavra?

- porque tu és maluca - retorquiu ele, atirando-lhe com uma flor decepada, uma dália de duas cores que a rapariga espetou nos cabelos.

Mr. Helm pegou na enxada. Os corvos começaram a crucitar,

o crepúsculo aproximava-se e a casa dele ficava longe; a alameda dos álamos chineses transformara-se num túnel escuro e ele vivia lá no fim, à distância de meia milha.

- Boa noite - disse o homem ao partir. Olhou ainda uma vez para trás.

- E foi essa - iria ele declarar no dia seguinte - a última vez que os vi. Nancy

conduzia a velha *Babe* para a estrebaria, tal como já disse, tudo na forma do costume.

O *Chevrolet* preto estava parado mais uma vez, agora em frente do hospital católico, nos subúrbios de Emporia. À força de tanto ser massacrado (”O teu mal é esse, achas que só tu é que sabes, o que tu dizes é que está certo!”), Dick rendera-se. Enquanto Perry o esperava dentro do carro, ele entrara no hospital, resolvido a comprar a uma das freiras um par de meias pretas. Este processo muito pouco ortodoxo de as obter fora ideia de Perry: as freiras, dizia ele, devem estar bem fornecidas. Este processo, claro, apresentava um inconveniente: as freiras e tudo quanto lhes dissesse respeito traziam azar e Perry respeitava muito as superstições. (Tinha outras que eram o número 13, os cabelos ruivos, as flores brancas, os padres que atravessam a rua e sonhar com cobras.) No entanto não havia outro remédio. Aqueles que acreditem piamente em superstições são, a maioria das vezes, fatalistas, e era este o caso de Perry. Encontrava-se ali, envolvido naquele negócio, não porque o tivesse desejado, mas sim porque a sorte o decidira; podia prová-lo, muito embora não tivesse intenção de o fazer, pelo menos com o conhecimento de Dick, porque essa prova consistiria na confissão do verdadeiro e secreto motivo do seu regresso ao Kansas. Isto representava uma quebra do juramento a que se sujeitara, por uma razão totalmente estranha ao ”trabalhinho” de Dick ou à carta que este lhe enviara a chamá-lo. Essa razão era o facto de que, algumas semanas antes, ele viera a ter conhecimento de que, na terça-feira, 12 de Novembro, um dos seus antigos companheiros na penitenciária de Lansmg, no estado de Kansas, ia ser liberto e Perry desejava, acima de tudo no mundo, encontrar-se com este homem que era o seu ”verdadeiro e único amigo”, o ”inteligente” Willie-Jay.

Durante o primeiro dos três anos que passara na prisão, Perry observara Willie-Jay à distância, com interesse e, ao mesmo tempo, um certo receio; se algum dos presidiários queria parecer um ”duro”, as mtimidades com Wilhe-Jay só o poderiam prejudicar. Este rapaz era o sacristão da cadeia; tratava-se de um irlandês magro, de cabelos prematuramente grisalhos e olhos

cinzentos, melancólicos. A sua voz de tenor constituía a glória do coro dos detidos. Até mesmo Perry, que desprezava todas as manifestações de piedade exagerada, se sentia ”impressionado”

quando ouvia Willie-Jay cantar ”A Oração do Senhor”; a letra grave do hino, cantada com um espírito tão crédulo, comovia-o e fazia-o reconsiderar se acaso o seu desprezo seria justo.

A certa altura, instigado por uma certa curiosidade religiosa, aproximou-se de Willie-Jay, e este, interessando-se por ele imediatamente, julgou adivinhar naquele aleijado de olhos sonhadores e voz enfatuada, um tanto rouca, ”um poeta, uma natureza rara e destinada a ser salva”; logo se sentiu dominado pela ambição de ”levar aquele rapaz para Deus”. As suas esperanças fortaleceram-se quando certo dia Perry lhe mostrou um desenho a pastel feito por ele - um enorme e ingénuo retrato de Jesus realizado sem nenhuma técnica. O capelão protestante de Lansing, o reverendo James Post, apreciou-o a tal ponto que o pendurou no seu gabinete, onde ainda hoje se encontra.

Representava um Salvador muito magro e belo, com os lábios grossos e os olhos magoados de Willie-Jay. Este retrato materializava o ponto culminante do problema espiritual de Perry, o qual nunca foi muito agudo, é preciso que se note, *e,* por *ironia* do destino, o seu fim também: considerava aquele retrato de Jesus uma ”hipocrisia”, uma tentativa de ”iludir e trair Willie-Jay”, pois descria tanto em Deus como até ali. Mas como poderia confessar isto arriscando-se a perder o único amigo que até à data fora capaz de o ”compreender verdadeiramente?” (Hod, Joe, Jesse, tudo viajantes que encontrara pelo caminho, só estes haviam sido os seus ”camaradas”, nunca tivera nenhum como Willie-Jay, que, na opinião de Perry, ”se podia considerar acima de qualquer inteligência vulgar, compreensivo como qualquer psicólogo experimentado”. Como era possível que um homem daqueles tivesse ido parar a Lansing? Era isso o que intrigava Perry. A resposta, que ele conhecia, mas se recusava a admitir como sendo ”uma evasão à verdadeira pergunta humana”, no entanto satisfatória para os espíritos simples, era que o sacristão da cadeia, que então contava trinta e oito anos, era um ladrão, um gatunozito que naqueles últimos vinte anos vinha cumprindo penas em diversas penitenciárias de cinco estados diferentes.) Perry resolveu-se a confessar: tinha muita pena, mas o Céu, o Inferno, os Santos, a Divina Providência, nada disso o interessava - e se a amizade de Willie-Jay era baseada na esperança de que Perry algum dia viesse ajoelhar com ele aos pés da cruz, estava redondamente enganado e então a sua amizade seria falsa, seria uma fraude, tal como o retrato de Cristo que pintara.

Como sempre sucedia, Willie-Jay compreendeu: desconsolado mas não desiludido, teimou em fazer namoro à

alma de Perry, até ao dia em que a este foi concedida liberdade condicional. Na véspera escreveu-lhe uma carta de despedida, cujo último parágrafo rezava assim:

”Tu és um homem de paixões violentas, um homem faminto que não sabe ao certo sobre que recai o seu apetite, um homem profundamente frustrado que luta no intuito de projectar a sua individualidade no espaldar da rígida conformidade. Existes num submundo suspenso entre duas superstruturas, uma de auto-expressão, outra de autodestruição. Tu és forte, mas existe uma falha na tua fortaleza e, a não ser que aprendas a dominar-te, a falha revelar-se-á mais forte do que a fortaleza e destruir-te-á. Qual é essa falha? *Uma reacção emocional explosiva desproporcionada ao motivo. E* isto porquê ? Qual a razão desta ira irracional em face dos outros que vês felizes e contentes? porquê este desprezo crescente pelos outros *e* este contínuo desejo de os ferir?

pois bem: tu julga-los estúpidos, despreza-los em virtude da sua moral, a felicidade de que gozam *é* a causa da *tua* frustração e ressentimento. Isto porém são inimigos perigosíssimos que trazes no teu seio e que mais tarde virão a revelar-se tão mortíferos como balas. Felizmente para ela, no entanto, a bala mata a sua vítima. No entanto estes vírus, que persistem através do tempo, não matam um homem mas deixam no seu rasto a carcaça de uma criatura desfeita e aniquilada; no seu íntimo o fogo contínua a arder, mas é alimentado por cavacos de desprezo e de ódio. Pode conseguir recolher qualquer coisa, mas nunca triunfos porque é inimigo de si próprio e está-lhe vedado gozar o fruto das suas realizações.

Lisonjeado por ser o alvo deste sermão, Perry deixou que Dick o lesse, e este, que não nutria grande consideração por Willie-Jay, considerara a carta ”uma série de patacoadas” e comentara:

- Cavacos de desprezo! Ele é que me saiu um bom cavaco!

Claro, Perry já esperava esta reacção e no seu íntimo sentiu-se satisfeito porque a amizade entre ele e Dick, com o qual pouco convivera até quase ao fim da sua estadia em Lansing, representava uma consequência e um contrapeso ao excesso de estima que nutria pelo sacristão. Talvez Dick fosse realmente ” um balofo”,

ou mesmo, segundo Willie-Jay, ” um fanfarrão mal-intencionado”. De qualquer modo, tinha muita piada, era esperto, realista, ”pão-pão, queijo-queijo”, e não tinha papas na língua nem macaquinhos na cabeça. Além de que, ao contrário de Willie-Jay, não contrariava as ideias exóticas de Perry; estava sempre pronto 48

a dar-lhe ouvidos, a partilhar com ele as fantasias relativas a ”tesouros escondidos” nos mares do México ou no meio das florestas do Amazonas.

Depois da libertação de Perry, decorreram quatro meses de passeatas num *Ford* em quinta mão que custara cem dólares, entre Reno e Las Vegas, de Belligham, no estado de Washington, para Buhl, no Idaho. E foi nesta última cidade, onde encontrara trabalho temporariamente como motorista de camião, que recebeu a carta de Dick:

Caro amigo P:

Saí em Agosto e depois de saíres conheci uma pessoa que tu não conheces, mas essa pessoa falou-me de uma coisa que está mesmo a calhar para nós. Aquilo é canja, um trabalhinho perfeito...

Até àquele dia Perry nunca imaginara voltar a encontrar Dick. Ou mesmo Willie-Jay. Mas pensara muito neles, especialmente no último, que, na sua recordação, via como um homem grisalho e cheio de sabedoria, muito alto, que se encontrava sempre presente no seu espírito.

”Tu queres estar permanentemente na oposição”, declarara-Ihe Willie-Jay num dos seus sermões. ”Queres viver sem responsabilidades, sem fé, nem amigos, nem calor humano.”

Durante as suas recentes e solitárias deambulações, sentindo-se sem conforto e sozinho, Perry rememorara muitas vezes esta acusação e concluíra que era injusta. Interessava-se pelos outros, sim senhor, mas quem é

que quisera saber dele para alguma coisa? O pai? Sim, até certo ponto. Uma ou duas raparigas, mas isso era uma longa história. De resto mais ninguém, a não ser Willie-Jay. E só este lhe reconhecera o valor, as possibilidades, só ele compreendera que Perry não era apenas um mestiço atarracado e supermusculoso.

Apesar de todos os sermões que lhe pregava, vira-o tal e qual ele se via a si

próprio - um ser ”excepcional, raro, um artista”. A sua vaidade encontrara eco em Willie-Jay, a sua sensibilidade achara acolhimento favorável e aqueles quatro meses de afastamento de quem tinha dele uma tão alta opinião transformara esse amigo numa personagem mais atraente do que todo e qualquer tesouro escondido. por isso, quando recebeu o convite de Dick, lembrou-se imediatamente de que a data proposta por Dick para a sua vinda ao Kansas coincidia precisamente

com a altura da libertação de Willie-Jay. E logo decidiu que iria. Dirigiu-se a Las Vegas, vendeu o calhambeque, reuniu a sua colecção de mapas, cartas antigas, manuscritos, livros, e comprou um bilhete de autocarro. O resultado da viagem, entregava-o ele ao destino. Se as coisas ”não corressem bem” com Willie-Jay, ”aproveitar-se-ia então da proposta de Dick”. Ao cabo e ao resto, só Dick lhe restava, porque quando o autocarro chegou a Kansas City, no dia 12 de Novembro à noite, Willie-Jay, que ele não tivera tempo de avisar, deixara já a cidade na realidade apenas com cinco horas de avanço, - partindo da mesma estação término onde Perry desembarcava. Isto ficou ele sabendo depois de telefonar ao reverendo Mr. Post, que logo em seguida lhe tirou todas as esperanças recusando-se a revelar-lhe o destino do sacristão.

- Seguiu para leste - limitou-se ele a informar. - Tem boas oportunidades. Arranjou um belo lugar e uma casa de gente que está pronta a ajudá-lo.

E Perry, ao desligar o telefone, sentia-se ”tonto de fúria e desilusão”.

Mas, afinal, perguntava a si próprio, depois de acalmar o desgosto, o que esperava ele de um encontro com Willie-Jay? A liberdade separara-os; como homens livres, nada tinham em comum, eram a antítese um do outro, nunca poderiam formar ”uma parelha”, pelo menos uma parelha capaz de empreender uma das aventuras submarinas lá para as bandas do sul que ele e Dick haviam projectado. No entanto, se não fosse aquele desencontro com Willie-Jay? Se se tivessem reunido só durante uma hora que fosse, Perry não se encontraria agora ali, em frente daquele hospital, à espera que Dick saísse trazendo um par de meias pretas.

Disso estava ele convencido, ”sabia”, mesmo, que era assim.

O companheiro voltou com as mãos a abanar.

- Nada feito! - declarou com uma despreocupação que fez Perry desconfiar.

Tens a certeza? Chegaste mesmo a pedir? -pois claro!

- Não acredito! Penso que entraste, deste uma volta e saíste outra vez.

- Está bem, meu querido. Seja como tu dizes - e Dick pôs o carro a trabalhar. Depois de seguirem um bocado em silêncio, Dick bateu de leve no joelho do companheiro:

- Ora vamos! A ideia era disparatada. Que haviam elas de pensar, ao ver-me chegar ali para comprar umas meias como se estivesse numa loja de miudezas...

Perry anuiu:

- Talvez fosse melhor assim. As freiras são azarentas como o raio...

O representante, em Garden City, da Companhia de Seguros de Vida de Nova Iorque sorriu ao ver M r. Clutter destapar uma permanente *Parker e* abrir um livro de cheques. Recordou-se de um dito que corria e disse:

- Sabe o que dizem de si, Herb? Desde que os cortes de cabelo subiram para dólar e meio, você paga ao barbeiro com um cheque.

- E é exacto - replicou ele. Tal como os membros da realeza, nunca trazia dinheiro consigo. - É esse o meu processo de fazer transacções. Quando esses tipos das finanças aqui vêm meter o nariz, os cheques ao portador são os nossos melhores amigos.

Com o cheque já preenchido, mas ainda não assinado, o agente de seguros, um tipo forte já careca, de maneiras muito simples, que se chamava Bob Johnson, desejou que o cliente não estivesse a ser assaltado pelas dúvidas da última hora. Herb era muito teimoso e lento nos negócios; havia um ano que Johnson andava à roda dele para conseguir este seguro. porém não se tratava disso; o cliente estava apenas a experimentar aquilo que Johnson chamava o ”momento solene”, um fenómeno bem conhecido dos agentes de seguros. O

estado de espírito de um homem que faz um seguro de vida assemelha-se de certo modo ao de quem assina o seu testamento; é costume nesse instante surgirem pensamentos fúnebres.

- Sim, sim - prosseguiu Mr. Clutter, como se falasse consigo mesmo. - Tenho muitos motivos para dar graças a Deus. Há coisas maravilhosas na minha vida. - Sobre as paredes forradas de castanho do escritório viam-se emoldurados alguns documentos que eram outros tantos marcos comemorativos da sua carreira: um diploma universitário, um mapa da quinta de River Valley, prémios agrícolas, um certificado com iluminuras onde se viam as assinaturas de Dwight D. Eisenhower e de John Foster Dulles, onde eram louvados os serviços prestados por ele ao Banco de Crédito Agrícola. - Tenho os filhos. Nesse capítulo também fui feliz, Não devia dizê-lo, mas sinto orgulho neles, é verdade. Vejam o Kenyon. Neste momento diz que sente inclinação para ser engenheiro ou cientista, mas não me digam que não nasceu para lavrador. Se Deus quiser ainda há-de vir um dia a dirigir tudo isto. Você conhece o marido da Eveanna, o Don Jarchow? É veterinário. Não calcula como gosto daquele rapaz! Do Vere também gosto. O Vere English, o noivo que a minha filha Beverly 51

teve o bom-senso de escolher. Se me acontecer qualquer fatalidade tenho a certeza de que esses dois rapazes são muito competentes para tomarem a responsabilidade de tudo; a Bonie, coitada, sozinha, seria incapaz de governar este barco...

Johnson, que tinha muita experiência de conversas deste tipo, achou que era altura de intervir:

- Então, Herb! Você está ainda um rapaz. O que são quarenta e oito anos? E a julgar pelo seu aspecto e pelo relatório do médico, devemos gozar a sua companhia durante um bom par de anos!

Mr. Clutter endireitou o busto e pegou na caneta.

- Para lhe falar com franqueza sinto-me lindamente. E encaro o futuro com bastante optimismo. Estou convencido de que, por aqui, se pode fazer bom dinheiro nestes anos mais chegados.

E, enquanto falava dos seus projectos financeiros, foi assinando o cheque, que em seguida empurrou na direcção do seu interlocutor.

Passavam *dez minutos* das seis e o agente de seguros estava morto por se ir embora; ia fazer esperar a mulher para jantar.

- Tive muito prazer em estar consigo, Herb.

- Igualmente, meu velho.

Apertaram as mãos. Em seguida, com uma justificada sensação de triunfo, Johnson pegou no cheque de Mr.

Clutter e meteu-o na carteira. Era a primeira prestação de uma apólice no valor de quarenta mil dólares, a qual, em caso de morte por acidente, pagava a indemnização a dobrar.

E Ele caminha a par comigo e Ele fala comigo, E diz-me que eu Lhe pertenço, E a alegria que sentimos em permanecer juntos, Nunca ninguém a experimentou...

Ajudado pela guitarra, Perry conseguira melhorar bastante a disposição. Sabia de cor os versos de uns duzentos cânticos e baladas e o seu repertório ia desde o ”Old Rugged Cross” até Cole Porter. Além da guitarra, tocava harmónica, acordeão, banjo e xilofone. Numa das suas imaginárias fantasias teatrais, o nome dele era Perry OTarsons, e intitulava-se ”Sinfonia num só homem”.

Dick alvitrou:

- E se bebêssemos qualquer coisa?

Perry não era grande apreciador de bebidas e qualquer coisa lhe servia. Dick, no entanto, fazia grande questão na escolha

e quando

ia aos bares pedia habitualmente uma ”Flor de laranjeira”. Do porta-luvas tirou uma garrafa de quarto de litro que continha uma mistura já feita de *vodka* e essência de laranja. Passaram a garrafa um ao outro por várias vezes. Embora o crepúsculo tivesse chegado havia muito e Dick seguisse a uma velocidade de sessenta milhas, continuava a guiar sem acender os faróis. Também a estrada era toda recta, o terreno plano como um lago e raramente se cruzavam com outros carros. Encontravam-se na zona a que todos chamavam ” lá adiante”, ou perto dela, pelo menos,

- Raios! - exclamou Perry, contemplando a paisagem, plana e sem limites sob um céu vazio e esverdeado, frio e solitário, vendo-se apenas ao longe a tremeluzir as

luzes de algumas herdades. Odiava tudo aquilo, assim como as planícies do Texas e os desertos do Nevada; os espaços horizontais e pouco habitados causavam-lhe sempre um estado depressivo acompanhado de uma sensação de largofobia. Os seus encantos eram os portos de mar: apinhados de gente, ruidosos, coalhados de navios, cidades que cheirassem a detritos, tais como Yokohama, onde passara um Verão quando era cabo no Exército dos Estados Unidos, durante a guerra da Coreia. - Raios! E eles que me disseram para me conservar longe do Kansas! Que não voltasse a pôr aqui os meus pezinhos! E recomendavam isto como se me estivessem a expulsar do paraíso! Olha só para esta coisa.

Anda, regala a vista!

Dick passou-lhe a garrafa, cujo conteúdo ficara reduzido a metade, recomendando: Guarda o resto. Podemos ainda precisar dele.

- Lembras-te, Dick, da nossa conversa a respeito de arranjarmos um barco? Estava cá a pensar que poderíamos comprar um no México. Uma coisa barata mas sólida. E podíamos ir até ao Japão, atravessando o Pacífico. Já

se tem feito. Conseguiram-no dezenas de pessoas. Não estou a aldrabar, Dick. Tenho a certeza de que ficavas maluco com o Japão. É uma maravilha, tudo gente muito simpática, com uns modos que parecem flores.

Verdadeiramente simpáticos e nada toleirões. E então as mulheres! Tu nem sabes o que é uma mulher a valer...

Ah, isso é que sei! afirmou Dick que teimava em se considerar ainda apaixonado pela primeira mulher com quem casara, de cabelos cor de mel, embora soubesse que ela se consorciara já com outro.

- Há lá uns balneários, a que chamam a Piscina dos Sonhos, Um fulano deita-se ao comprido e vêm de lá umas gajas que até cortam a respiração a um tipo e esfregam-nos todos da cabeça aos pés.

-Já me contaste isso. O tom de Dick era seco.

-Já? E se me apetecer repetir?

- Mais tarde. Havemos de falar nisso depois. Que diabo, homem! Julgas que não tenho agora mais em que pensar?

Dick abriu o rádio; Perry fechou-o imediatamente. Sem se importar com os protestos de Dick, começou a dedilhar a guitarra:

Cheguei sozinho, ao jardim, quando o orvalho cobria ainda

as pétalas das rosas,

A voz que oiço murmurar-me ao ouvido

É *a do Filho de Deus...*

A Lua Cheiasurgia na orla do horizonte.

Na segunda-feira seguinte, ao prestar declarações antes de ser sujeito à prova do detector de mentiras, o jovem Bobby Rupp descreveu a sua última visita a casa dos Clutter da maneira seguinte:

- Fazia Lua Cheiae eu pensei que talvez a Nancy quisesse sair comigo... para irmos os dois de carro até

McKinney Lake. Ou então ao cinema a Garden City. Mas quando lhe telefonei

- deviam ser dez para as sete - ela disse-me que tinha de pedir ao pai. Depois voltou para dizer que ele não dava licença... por termos ficado até tão tarde na noite anterior. E pediu-me então para eu ir a casa dela ver a televisão. Eu costumava ir muitas vezes a casa dos Clutter ver a televisão. Note bem que a Nancy era a única rapariga com quem tenho acompanhado até hoje. Andámos juntos na escola desde a instrução primária.

Sempre a achei linda e era estimada por todos. Já em pequena tinha personalidade. Quero dizer que se fazia estimar por todos os que a conheciam. A primeira vez que a convidei a sair comigo andava ela na quarta classe. A maior parte dos rapazes lá da escola desejavam convidá-la para o baile do fim do ano e eu fiquei surpreendido - e também muito lisonjeado - quando ela aceitou ir comigo. Tínhamos ambos doze anos. O meu pai emprestou-me o carro e levei-a nele. Quanto mais convivia com ela mais a estimava; a ela e à família toda.

Não havia ninguém como eles aqui nas redondezas, pelo menos que eu conheça. O senhor Clutter pode ter sido muito severo a respeito de certas coisas - religião, etc. - mas nunca fazia sentir aos outros que estavam errados e que ele é que estava na razão.

”Nós vivemos a três milhas de distância da casa dos Clutter. Eu costumava ir lá e vir a pé. Mas tenho-me empregado durante

as férias de modo que, no ano passado, consegui comprar um carro, um *Ford 5.* por *isso* fui nele e cheguei lá

pouco depois das sete. Não vi ninguém na estrada, nem na vereda que conduz à casa, nem estava ninguém cá

fora. Só o velho *Teddy* que se pôs a ladrar. Havia luz acesa cá em baixo - na sala de estar e no escritório de Mr. Clutter. O primeiro andar estava às escuras e eu calculei que a senhora Clutter estivesse a dormir - caso não tivesse saído. Nunca sabíamos quando ela estava ou não ausente e eu nunca perguntava por ela. Mas soube que não me enganara, porque mais tarde o Kenyon quis ir estudar trombone - ele tocava barítono na banda do colégio - e a Nancy disse-lhe que não podia ser porque acordava a mãe. A verdade é que, quando eu lá

cheguei, já haviam acabado de jantar, a Nancy levantara a mesa, pusera os pratos na máquina de lavar e todos três - Mr. Clutter e os dois filhos, estavam na sala. Instalámo-nos, pois, como em qualquer outra noite. Eu e a Nancy no sofá e Mr. Clutter na sua cadeira, a cadeira de baloiço estofada. Prestava mais atenção ao livro que estava a ler, um *Rover Boy* que era do Kenyon, do que à televisão. A certa altura foi à cozinha e trouxe de lá

duas maçãs; ofereceu-me uma mas eu não aceitei e ele comeu-as ambas. Ele tinha uns dentes muito brancos e afirmava que era por comer tanta maçã. A Nancy... A Nancy estava de peúgas e chinelos, calças de ganga e camisola verde, se me não engano. Usava no pulso um relógio de ouro e uma pulseira de identificação que eu lhe dera no passado mês de Janeiro, com o nome dela gravado na placa de um lado e o meu do outro, e um anel, um anel de prata vulgaríssimo que ela comprara havia um ano, quando esteve no Colorado com os Kidwells. Não era o meu anel - o nosso anel. Escute: aqui há uma semana ela zangou-se comigo e disse que ia tirar o nosso anel durante uns tempos. Quando

uma namorada nos faz isto é para nos castigar. Isto é, nós às vezes questionávamos, como é costume quando se tem um namoro há muito tempo. O caso é que eu tinha ido ao casamento de um amigo e durante o lanche bebi uma garrafa de cerveja. A Nancy veio a saber. Uma linguareira qualquer foi dizer-lhe que eu ficara perdido de bêbedo. Ela ficou furiosa e não me falou durante uma semana. Mas ultimamente andávamos amigos como dantes e estou certo de que ela estava resolvida a usar de novo o nosso anel.

”pois bem. O primeiro filme da televisão chamava-se *Desafio ao Homem* e mostrava uns tipos lá no Árctico, Canal 2. Depois vimos um filme do Oeste e depois disso uma aventura de espionagem, *Os Cinco Dedos.* Às nove e trinta foi o *Mike Hamer* e a seguir as notícias. porém o Kenyon não gostou de nada, sobretudo por não o termos deixado escolher os programas. Passou o tempo a criticar 55

tudo e a Nancy a mandá-lo calar. Estavam sempre a caturrar os dois mas no fundo eram muito amigos, mais do que é vulgar entre irmãos. Penso que isso talvez se devesse ao facto de estarem tanto tempo sozinhos um com o outro, durante as ausências da mãe ou quando o pai ia para Washington ou para outro sítio qualquer. Eu sei que a Nancy estimava particularmente o Kenyon, mas creio que nem ela nem ninguém o compreendiam perfeitamente. Ele parecia estar sempre alheio. Nunca se sabia o que pensava nem sequer se estava a olhar para nós, porque era ligeiramente estrábico. Havia quem o considerasse um génio e talvez fosse verdade. É

certo que lia muito. Mas, como já disse, naquela noite mostrava-se impaciente, não queria ver a televisão, desejava estudar o trombone e quando a Nancy lhe disse que era melhor não o fazer, lembro-me que Mr.

Clutter alvitrou que ele podia ir para a cave, para o quarto das brincadeiras, onde não incomodava ninguém.

Mas também não quis.

”O telefone tocou. Uma vez ou duas? Que diabo, já não sei dizer. Só me lembro de que, de uma delas, Mr.

Clutter foi atender a chamada do escritório. A porta ficou aberta - aquela porta de correr que há entre o escritório e a sala de estar - e eu ouvi-o perguntar: ”E o Van?”, por isso fiquei sabendo que ele estava a falar com o sócio, o senhor Van

Vleet. E ouvi-o dizer que estava com dores de cabeça mas que iam passar. E

prometeu procurá-lo na segunda-feira seguinte. Voltou à sala... sim, quando estava a acabar o *Mike Hamer.* As notícias demoraram cinco minutos. Depois seguiu-se o boletim meteorológico. Mr. Clutter arrebitava logo a orelha quando davam as informações do tempo. Era disso que ele estava a espera, tal como sucede comigo a respeito da informação desportiva, que vinha logo a seguir. Quando esta acabou eram dez e meia e eu levantei-me. A Nancy veio acompanhar-me cá fora. Conversámos um bocado e combinámos ir juntos ao cinema no sábado seguinte, à noite, ver um filme que as raparigas estavam ansiosas por ver, o *Bine Denim.* Em seguida voltou para casa a correr e eu meti-me no carro. Fazia claro como de dia - a Lua brilhava, e levantara-se uma espécie de aragem fria; andavam algumas palhas a voar por todos os lados. Mas não vi mais nada. Só agora é

que penso que podia estar alguém por ali escondido. Talvez no meio das árvores, à espera que eu me fosse embora.

Os viajantes pararam para jantar num restaurante de Great Bend. Perry, que trocara os seus últimos quinze dólares, inclinava-se para tomarem uma cerveja e comerem uma sanduíche, mas 56

Dick não concordou, precisavam de um ”conchego” sólido, não interessava a despesa, quem pagava era ele.

Mandou vir dois bifes de espessura média, batatas assadas, frituras, cebola frita, *succotash,* acompanhamentos de *macarrom* e ”carolos”, salada temperada à moda das ilhas, bolos de canela, torta de maçã, creme gelado e café. Para terminar entraram numa tabacaria e escolheram dois charutos; foi no mesmo estabelecimento que adquiriram também duas bobinas de adesivo.

Enquanto o *Chevrolet* preto se dirigia velozmente pela auto-estrada que subia imperceptivelmente até à região seca dos planaltos cobertos de campos de trigo, Perry cerrou os olhos e ficou-se a dormitar numa modorra provocada pela digestão, da qual despertou ao som de uma voz que lia as notícias das onze horas. Fez descer o vidro e ofereceu o rosto à brisa fresca. Dick informou-o de que se encontravam no condado de Finney.

- Atravessámos a fronteira dez milhas atrás - declarou ele. O carro seguia em grande velocidade. Os reclames da estrada que a luz dos faróis iluminavam

fugazmente anunciavam: ”Visitem os Ursos Polares”, ”Pista de Automóveis Burtis”, ”A maior piscina GRATUITA do mundo”, ”Motel dos trigais” e, finalmente, um pouco antes de começar a iluminação da rua: ”Viva, estrangeiro! Seja bem-vindo a Garden City. Está em terra de Amigos!”.

Rodearam a parte norte da cidade. Não andava ninguém na rua àquela hora tardia, perto da meia-noite, e não se via nenhum estabelecimento aberto a não ser uma enfiada de estações de serviço brilhantemente iluminadas e com aspecto desoladamente solitário. Dick dirigiu-se a uma, à Hurd’s Phillips 66. Veio atender um rapaz que perguntou:

- Deseja que encha o depósito?

Dick acenou que sim, Perry saiu do carro e fechou-se nos *toiLettes* dos homens. As pernas doíam-lhe, como era frequente suceder-lhe; doíam-lhe tanto como se o desastre tivesse sucedido cinco minutos antes. Tirou três aspirinas de um frasco e chupou-as lentamente (gostava do sabor), bebendo em seguida água da torneira do lavatório. Sentou-se depois sobre a retrete e pôs-se a massajar as pernas estendidas e a esfregar os joelhos que mal podia dobrar. Dick afirmara que estavam quase a chegar, ”faltavam apenas sete milhas”. Abriu o *éclair* do bolso do casaco e tirou de lá um saco de papel; este continha as luvas de borracha que adquirira havia pouco.

Eram acastanhadas, finas e pegajosas, e quando quis experimentá-las uma rasgou-se, não muito, apenas uma fenda entre os dedos, mas isto pareceu-lhe um mau presságio.

Nota: Prato americano composto de milho e feijões (N da *T)* 57

A maçaneta da porta girou e rangeu, e a voz de Dick inquiriu:

- Queres rebuçados? Há aqui uma máquina distribuidora. -Não.

- Estás bem?

- Estou fixe.

- Vê lá se aí ficas toda a noite!

Dick enfiou uma moeda na fenda da máquina, accionou a alavanca e recebeu um

saco de rebuçados de fruta; enquanto os ia trincando, voltou para o carro e ficou a observar os esforços do jovem empregado para limpar o pára-brisas sujo pela poeira do Kansas e pelos insectos esmagados. O rapaz, que se chamava James Spor, sentiu-se inquieto. Os olhos de Dick e a sua expressão carrancuda, juntamente com a prolongada demora de Perry no *toilette*, perturbaram-no. (No dia seguinte contou ao patrão: ”Estiveram aqui esta noite uns fregueses muito esquisitos.” Mas só muito mais tarde veio a relacioná-los com a tragédia de Holcomb.) Dick observou:

- Isto por aqui parece tudo morto.

- Tem razão - respondeu James Spor. - Vocês são os únicos seres vivos que por aqui passam nas últimas duas horas. Donde

vêm?

- De Kansas City.

- Vieram caçar?

- Estamos de passagem, a caminho do Arizona. Arranjámos lá emprego na construção. Sabes dizer-me a que distância fica isto de Tucumcari, no Novo México?

- Não estou certo. São três dólares e seis cêntimos. - Recebeu o dinheiro da mão de Dick, entregou-lhe o troco e acrescentou: Desculpe, mas estou ali a fazer um serviço, a colocar um pára-choques numa camioneta.

Dick ficou à espera, comeu mais alguns rebuçados, ligou o motor com gestos impacientes e tocou o *klaxon.*

Seria possível que se tivesse enganado quanto ao carácter de Perry? Seria que este estava, ao cabo e ao resto, a sofrer um ataque de ”cólicas” à última hora? Havia um ano, quando conhecera Perry, considerara-o um ”tipo fixe”, muito embora um pouco ”fechado”, ”sentimental e demasiado ”sonhador”. Simpatizara com ele mas não achara que merecesse a pena cultivar-lhe a amizade, até que Perry lhe descreveu um assassínio por ele cometido, contando-lhe que um dia, ”só por piada”, matara um negro em Las Vegas, batendo-lhe até acabar com ele com uma corrente de bicicleta. Esta história fizera subir o pequeno Perry uns poucos de furos na consideração de Dick; começou a prestar-lhe mais atenção e,

tal como Willie-Jay, muito embora por motivos diversos, acabou por se convencer de que Perry possuía certas qualidades raras e valiosas. Encontravam-se em Lansing vários assassinos, outros que se gabavam de ter morto gente ou afirmavam que eram muito capazes de o fazer; Dick, porém, convencera-se de que Perry era aquela espécie rara de ”assassino nato”, absolutamente lúcido mas totalmente destituído de consciência, capaz de executar a sangue frio, com ou sem motivo, os golpes mais cruéis e mortíferos. A teoria de Dick era que tal qualidade, orientada por ele, poderia vir a ser explorada com proveito. Tendo chegado a esta conclusão, começou a andar de volta de Perry, a lisonjeá-lo - fingindo, por exemplo, que partilhava o seu entusiasmo pelas explorações marítimas e pelo seu desejo de aventura, o que não era verdade, pois Dick apenas desejava

”uma vida pacata”, com um negócio só dele, uma casinha, um cavalo para passear e ”muitos garotos louros”.

Interessava, no entanto, que Perry não desconfiasse de nada disto, pelo menos até que aquele seu dom tivesse servido num futuro próximo as ambições de Dick. Mas talvez este se tivesse enganado, estivesse iludido; se tal sucedesse, se ao cabo e ao resto ele verificasse que Perry não passava de um ”vulgar canastrão”, nesse caso o projecto ia por água abaixo, todos aqueles meses de preparação tinham sido perdidos, nada havia a fazer senão voltar para trás. Podia muito bem acontecer; Dick voltou a entrar na estação de serviço.

A porta do *toilette* dos homens continuava trancada. Dick bateu:

- Pelo amor de Deus, Perry?! É só um minuto.

- Então que é isso? Estás doente?

Perry agarrou-se à borda do lavatório e conseguiu pôr-se de pé. Tremiam-lhe as pernas, a dor nos joelhos fazia-o transpirar. Limpou a cara com um guardanapo de papel. Depois abriu a porta e disse:

- Pronto, vamos embora!

O quarto de Nancy era o mais pequeno de todos e também o mais pessoal da casa verdadeiramente juvenil e tão vaporoso como a saia de folhos de uma

bailarina. Paredes, tecto, tudo, com excepção de uma secretária e de uma mesinha, tudo estava pintado de cor-de-rosa, azul e branco. A cama cor-de-rosa e branca, coberta de almofadas azuis, tinha em cima um enorme urso de pelúcia cor-de-rosa e branco também; este urso fora ganho por Bobby numa barraca de tiros durante uma feira do condado. Um 59

quadro em corticite de moldura cor-de-rosa pendia por cima da mesinha de *toilette* que ostentava um folho branco em toda a volta; gardénias secas, que ela um dia usara ao peito, viam-se espetadas nele, bem como um postal de boas-festas, receitas recortadas de jornais, fotografias do sobrinhito, de Susana Kidwell e de Bobby Rupp, este em várias posições: brandindo um bastão de *cricket,* atirando a bola ao cesto, a guiar um tractor, de calções de banho, no meio da água; nas margens do Lago de McKinney (não passava dali porque nunca conseguira aprender a nadar.) Havia ainda fotografias de ambos, Nancy e Bobby. Destas, a preferida da pequena era aquela em que se viam juntos à meia luz coada pela folhagem, entre os restos de uma merenda, olhando um para o outro com uma expressão que, embora não fosse de riso, era alegre e feliz. Atravancavam ainda a secretária muitas outras fotografias de cavalos, gatos, etc., mortos mas não esquecidos, tal como o pobre *Boobs,* ”coitadinho”, que morrera havia pouco e se desconfiava tivesse sido envenenado.

Nancy era sempre a última da família a ir para a cama. Segundo afirmara um dia à sua amiga, a professora de economia doméstica, Mrs. Polly Stringer, reservava para ser ”vaidosa e egoísta” as altas horas da noite. Era então que se entregava aos seus cuidados de beleza e higiene, aplicava o creme na cara e, nas noites de sábado, lavava a cabeça. Nessa noite lavara e secara os cabelos, escovara-os e atara-os por fim com uma *bandelette* de gaze. Escolhera o trajo que havia de levar à igreja no dia seguinte: meias de *nylon,* sapatos de salto alto pretos e um vestido de veludo vermelho, o mais bonito que tinha, todo feito por ela. Foi com esse que foi a enterrar.

Antes de fazer as orações da noite costumava sempre escrever num diário os factos principais do dia: (”Hoje está um dia de Verão. Esperemos que isto dure. Eu e a Sue levámos a *Babe* até ao rio. Sue tocou flauta. Havia lá muitas borboletas.”) Em certos momentos de expansão, confessava: (”Gosto muito dele, de verdade!”).

Aquele diário dava para cinco anos. Durante os quatro que haviam decorrido desde que o começara nunca deixara passar um dia sem escrever qualquer coisa,

muito embora a importância de certos acontecimentos (tais como o casamento da Eveanna, o nascimento do sobrinho) e o desgosto causado por outros (a primeira

”zanga a sério” com Bobby - uma página manchada de lágrimas de alto a baixo) tivessem já roubado espaço que pertencia ao futuro. Cada ano estava preenchido com tinta diferente: 1956 era verde e um risco encarnado separava-o da letra cor de alfazema clara de 1957. Neste ano de 1959, a rapariga escolhera um azul sério. Mas durante aqueles anos todos, ela

continuava sempre a fazer variações com a letra, tombando-a ora para a direita, ora para a esquerda, hoje redonda, amanhã bicuda, larga ou apertada, como se perguntasse: ”Mas afinal qual destas é a verdadeira Nancy? Esta ou aquela? Quem sou eu?” (Certo dia Mrs. Riggs, a professora de inglês, entregara-lhe um exercício com o seguinte comentário rabiscado na margem: ”Bom. Mas porque escreveu com três estilos de letra?” Ao que Nancy replicara: ”porque ainda não sou uma pessoa verdadeiramente adulta para ter uma letra definida e uma assinatura certa.”) No entanto, conseguira progredir alguma coisa nestes últimos meses e foi numa letra que já denotava uma certa maturidade que naquele dia escreveu: ”Jolene veio aqui e eu ensinei-lhe a fazer uma torta de cerejas. Fui estudar com a Roxie. Eu e o Bobby estivemos a ver televisão. Ele foi-se embora às onze.”

- E aqui, é aqui, não pode deixar de ser! Cá está a escola, cá É esta a garagem e agora voltamos para o sul.

Parecia a Perry que Dick ia a remoer uma cantilena, todo satisfeito. Deixaram a auto-estrada, atravessaram a cidade deserta de Holcomb, o caminho-de-ferro de Santa Fé.

- Lá esta o banco. Aquilo deve ser o banco. Agora voltamos para oeste. Estás a ver as árvores? É ali. Não pode deixar de ser ali.

A luz dos faróis revelou uma fila de álamos chineses: praganas varridas pelo vento corriam pelo chão fora.

Dick baixou as luzes, abrandou a marcha até habituar os olhos à luz do luar. Depois pôs-se de novo em marcha.

Holcomb fica a doze milhas a leste da fronteira montanhosa da zona horária, circunstância esta que dá motivo a muitas reclamações, pois em vista disso, às sete da manhã, no Verão, e no Inverno às oito ou até depois disso, o céu ainda está escuro e brilham algumas estrelas - tal como sucedia quando os dois filhos de Vick Irsik chegaram, naquela manhã de domingo, para executarem as suas obrigações. Às nove horas, porém, quando os dois rapazes terminaram o trabalho durante o qual não haviam notado nada de estranho -, o sol erguera-se, dando lugar a outro dia maravilhoso para a caça aos faisões. No momento em que deixavam a quinta e se metiam, correndo, pela alameda abaixo, passou um automóvel a que eles disseram adeus.

Correspondeu-lhes uma rapariga. Era colega de Nancy e tinha o mesmo nome que esta: Nancy, Nancy Ewalt.

Era a única filha do homem que ia ao volante, Mr. Clarcnce Ewalt, um sujeito de meia-idade, cultivador 61

de cana-de-açúcar. Mr. Ewalt não frequentava a igreja, nem tão-pouco a esposa, porém todos os domingos ia deixar a filha na quinta de River Valley para que esta acompanhasse a família Clutter às cerimónias metodistas na igreja de Garden City. Esta combinação evitava-lhe ”duas viagens de ida e volta à cidade”. Costumava ficar à espera até ver a filha entrar para dentro da casa. Nancy, uma pequena que cuidava muito da sua maneira de vestir, possuía uma silhueta de actriz de cinema, usava óculos e caminhava com um jeito tímido, quase em bicos de pés. Atravessou o relvado e foi tocar à campainha da entrada. A casa tinha quatro portas e ela, ao ver que, após repetidas pancadas, não obtinha resposta, dirigiu-se a outra, que era a do escritório de Mr. Clutter.

Esta encontrava-se parcialmente aberta; a rapariga abriu-a mais um pouco, o bastante para se certificar de que o escritório estava às escuras e vazio; no entanto pensou que os Clutters não deviam gostar que ela ”se metesse por ali dentro”. Voltou a bater, a tocar à campainha, até que se dirigiu à porta das traseiras. Era aí a garagem e ela reparou que estavam lá dentro os dois carros: dois *Chevrolet.* portanto a família devia encontrar-se toda em casa. Contudo, depois de haver tocado a uma terceira porta que dava para um ”quarto de arrumações”, e à

quarta que era a da cozinha, a pequena voltou para junto do pai, que lhe disse:

- Talvez estejam a dormir.

- Mas isso não é possível! Posso lá crer que Mr. Clutter deixe de ir à igreja, para ficar a dormir.

- Vem daí então, vamos até à residência dos professores. A Susan deve saber o que se passa.

Esta residência, que fica mesmo em frente do colégio moderno, é um edifício vetusto, desmantelado e com mau aspecto. Os seus vinte quartos estão divididos ao acaso em apartamentos destinados aos professores que não tenham conseguido encontrar ou não estejam em condições de alugar casa própria. No entanto Susana Kidwell e a mãe haviam conseguido dourar a pílula e conferir uma atmosfera confortável ao seu apartamento, que constava de três compartimentos no rés-do-chão. A sala minúscula continha, não se sabe como, além dos lugares para as pessoas se sentarem, um órgão, um piano, uma colecção de vasos com plantas e as mais das vezes um cachorrito minúsculo, irrequieto, e um gato enorme e sonolento. Nessa manhã Susan encontrava-se à

janela a observar a rua. Era uma jovem alta e lânguida, de rosto pálido e oval e uns olhos muito bonitos, azul-acinzentados; tinha umas mãos extraordinárias, de dedos compridos, flexíveis, nervosos e elegantes. Estava já

vestida para ir à igreja e esperava a

todo o momento ver surgir o *Chevrolet* dos Clutter. Em lugar deles apareceram os Ewalt a contar aquela história estranha.

No entanto Susan não sabia de nada, nem tão-pouco a mãe, que alvitrou:

- Se tivessem mudado de ideias estou certa de que não deixariam de telefonar. Susan, porque não telefonas lá

para casa? Podem estar a dormir, não é verdade?

- Foi o que eu fiz - afirmou mais tarde Susan nas suas declarações. - Liguei para lá e deixei o telefone tocar durante um minuto ou mais, pelo menos segundo me pareceu. Ninguém veio atender, por isso Mr. Ewalt lembrou que fôssemos lá

para ver ”se conseguíamos acordá-los”. Mas, quando lá chegámos, eu não quis fazer isso. Não quis entrar. Sentia-me assustada, não sei porquê , pois nunca pensei... bem, uma pessoa não consegue imaginar estas coisas. Mas estava um sol lindo e tudo parecia alegre e tranquilo. Depois vi que estavam lá os dois carros, até o velho calhambeque do Kenyon ir aos coiotes. Mr. Ewalt vinha vestido com a roupa do trabalho; trazia lama nas botas e achava que não estava decente para entrar na casa dos Clutters.

Sobretudo porque era a primeira vez que entrava lá dentro, quero eu dizer. por fim a Nancy acabou por dizer que ia comigo. Demos a volta até à porta da cozinha, que não estava fechada à chave, claro; a única pessoa que ali costumava fechar as portas era Mrs. Helm. As pessoas da casa nunca o faziam. Entrámos e a primeira coisa que vi foi que os Clutters não tinham tomado o pequeno-almoço; não se viam pratos nem. nada sobre a banca. Depois notei uma coisa estranha, a carteira da Nancy estava no chão, entreaberta. Atravessámos a sala de jantar e parámos ao fundo das escadas. O quarto da Nancy ficava mesmo ao cimo destas. Chamei por ela e comecei a subir, com a Nancy Ewalt atrás de mim. O som dos nossos passos assustava-me mais do que tudo, por causa do barulho que faziam no meio de todo aquele silêncio. A porta da Nancy estava aberta. As cortinas não haviam sido corridas e o sol iluminava o quarto todo. Não me lembro de ter gritado. A Nancy Ewalt diz que sim, que eu me fartei de gritar. Só me lembro de ter visto o urso da Nancy a olhar para mim. E ela também... Lembro-me de que corri...

Nesta altura Mr. Ewalt pensou que talvez não tivesse feito bem em deixar as duas raparigas irem sozinhas. Ia a sair do carro para entrar também quando ouviu os gritos, mas antes de o conseguir, estas chegaram junto dele a correr. A filha clamava:

- Ela está morta! - atirou-se-lhe aos braços. - É verdade, papá! A Nancy está morta!

Susan protestou:

- Não está nada! Não digas uma coisa dessas? Isso não é verdade!

Está só a deitar sangue do nariz! Acontece-lhe muitas vezes, tem hemorragias terríveis, não é mais nada!

- Mas havia tanto sangue! Até nas paredes! Tu é que não viste bem!

- Eu não percebia nada daquilo - afirmou mais tarde Mr. Ewalt. - Lembrei-me de que a menina podia estar ferida e a primeira coisa que me passou pela cabeça foi chamar uma ambulância. Miss Kidwell, a Susan, disse-me que havia um telefone na cozinha. Encontrei-o onde ela me tinha dito. Mas o auscultador estava fora dos ganchos e quando lhe peguei vi que a linha fora cortada.

Larry Hendricks, o professor de inglês, que tinha vinte e sete anos, morava no ultimo andar da Residência.

Desejava escrever, mas o seu apartamento não se podia considerar o lugar ideal para isso. Era mais pequeno do que o apartamento das Kidwell e além disto vivia nele também a mulher, três crianças endiabradas e um aparelho de televisão sempre a funcionar. (”É a única maneira de manter as crianças quietas”.) Muito embora ainda não tivesse nada publicado, o jovem Hendricks, másculo, ex-marinheiro, natural de Oklahoma, que fuma cachimbo e possui um bigode e uma cabeleira emaranhada e negra, pelo menos tem um ar de escritor - na realidade parece-se extraordinariamente com os retratos em novo, do autor que ele mais admira: ernest Hemingway. A fim de aumentar os seus reduzidos proventos é também ele o motorista da camioneta do colégio.

- Tenho dias de fazer sessenta milhas - declarou a um amigo.

- Isto não me deixa muito tempo livre para escrever, exceptuando os domingos. Ora *naquele* domingo, quinze de Novembro, estava eu sentado no meu apartamento às voltas com a papelada. Sabe que vou colher a maior parte das ideias para os meus contos aos jornais? pois bem, tínhamos a televisão ligada e as crianças estavam a fazer barulho. Mas mesmo assim eu ouvi vozes. Vinham lá debaixo, da casa das Kidwell. Nunca julguei no entanto que se tratasse de qualquer coisa relacionada comigo. Estava ali há pouco, viera para Elolcomb só na abertura das aulas. porém a certa altura a Shirley, que estava lá fora a pendurar umas roupas a enxugar - a Shirley é a minha mulher -, entrou por ali dentro dizendo:

- Querido, acho melhor ires lá abaixo. Parece que estão com um ataque de nervos!

Eram as duas raparigas e, na verdade, encontravam-se num estado de grande nervosismo. A Susan nunca mais se recompôs

por completo. Nem será possível que se recomponha mais, sou eu que lho digo. E a pobre Mrs. Kidwell, essa então que nunca teve saúde, é uma pilha de nervos, repetia sem parar: (só mais tarde é que eu vim a perceber o que ela dizia): ”Oh, Bonnie, Bonnie, que te aconteceu? Tu estavas tão satisfeita, tinhas-me dito que tudo passara e que nunca mais voltarias a estar doente!” E outras coisas no género. Até o próprio Mr. Ewalt ficara tão abalado quanto é possível a um homem da sua têmpera. Ligara o telefone para o gabinete do xerife - o xerife de Garden City - e dizia-lhe que acontecera ”qualquer coisa de muito grave na casa dos Clutter”. O

xerife prometeu vir imediatamente. Mr. Ewalt respondeu que estava bem e que ia esperá-lo na estrada. A Shirley desceu para fazer companhia às senhoras e tentar acalmá-las, como se isso fosse possível. Eu saí com Mr. Ewalt e levei-o de carro até à estrada, ao encontro do xerife Robinson. Pelo caminho ele contou-me o que sucedera. Quando me falou nos fios cortados, pensei, logo: ”Muito bem!” E tratei de ter os olhos bem abertos e de reparar em todos os pormenores, para o caso de me chamarem a prestar declarações mais tarde no tribunal.

”O xerife chegou eram nove e trinta e cinco. Mr. Ewalt fez-lhe sinal para seguir o nosso carro e dirigimo-nos para casa dos Clutters. Eu nunca lá tinha ido, vira-a apenas de longe. Conhecia a família, está claro. O Kenyon era meu aluno do segundo ano de inglês e eu dirigira a Nancy na peça *Tom Sawyer.* Contudo eles eram umas crianças tão simples que ninguém diria a fortuna que tinham nem que viviam numa casa tão bonita, com jardim, árvores e um relvado tão bem cuidado. Depois de chegarmos e de Mr. Ewalt ter contado a história ao xerife, este falou para o seu gabinete a pedir que lhe mandassem auxiliares e uma ambulância. E declarou:

”Deve ter acontecido qualquer acidente.” Depois entrámos dentro de casa todos três. Dirigimo-nos à cozinha e vimos uma carteira de senhora no chão e o telefone com os fios cortados. O xerife trazia uma pistola à cinta e, quando começámos a subir as escadas para nos dirigirmos ao quarto da Nancy, reparei que ele levava a mão em cima da arma, pronto a servir-se dela.

”pois bem, aquilo era um espectáculo horrível. Aquela rapariga adorável... ninguém poderia reconhecê-la.

Tinha levado um tiro na parte de trás da cabeça, com uma carabina que devia encontrar-se à distância de apenas duas polegadas. Achava-se deitada de lado, voltada para a parede. A parede estava toda coberta de sangue. As cobertas encontravam-se puxadas até acima a tapar-lhe os ombros. O xerife Robinson afastou-as e viu que a pequena estava de roupão de banho, pijama, peúgas e chinelos, 65

é como se não se tivesse deitado ainda. Tinha as mãos atadas atrás das costas e os tornozelos ligados com uma corda daquelas que servem para puxar as persianas. O xerife perguntou: ”É esta a Nancy Clutter?” Ele nunca a tinha visto antes. E eu respondi: ”Sim, é ela, é a Nancy”.

”Voltámos para o átrio e olhámos em redor. As portasencontravam-se todas fechadas. Abrimos uma e vimos que dava para um quarto de banho. Achámos lá qualquer coisa de insólito. Vi depois que era a cadeira, uma cadeira como as que se usam nas salas de jantar e que me parecia ali deslocada. Ao abrirmos a porta seguinte, verificámos logo que se tratava do quarto do Kenyon.

Viam-se por todos os lados objectos próprios de um rapaz. Reconheci imediatamente os óculos dele - pousados numa prateleira junto à cama. Mas esta encontrava-se vazia, muito embora se visse que já tinha servido para alguém se deitar nela. Encaminhámo-nos em seguida para o fundo do átrio, onde ficava a última porta e ali fomos dar com Mrs. Clutter. Também ela tinha sido amarrada. Mas de uma forma diferente, com as mãos para a frente, como se estivesse a rezar; numa delas tinha um lenço apertado. Ou seria um *kleenex}* A corda que lhe amarrava os pulsos descia até

aos tornozelos, ligando-os um ao outro, e depois seguia até aos pés da cama onde dava um nó

muito difícil e complicado. Imagine-se o tempo que aquilo devia ter levado a fazer! E a pobre senhora ali deitada, a morrer de susto! Ora bem, ela trazia algumas jóias, isto é, dois anéis, o que me levou a crer sempre que o motivo não fora o roubo. Vestia também um roupão, uma camisa de noite branca e meias brancas. Haviam-lhe tapado a boca com adesivo, mas levara depois um tiro no lado da cabeça e este descolara o adesivo. Tinha os olhos abertos, arregalados. Como se estivesse ainda a contemplar o assassino. porque decerto viu tudo isto e, ele apontar a carabina. Nenhum de nós disse palavra. Sentíamo-nos aturdidos. Recordo-me de ver o xerife olhar em volta, à procura da cápsula vazia. Mas

quem quer que fizera aquele trabalho era demasiado esperto para ter deixado qualquer indício desse género.

”Naturalmente, todos perguntávamos a nós mesmos onde estaria Mr. Clutter e o Kenyon. O xerife disse então: ”Vamos lá para baixo.” O primeiro compartimento que revistámos foi o quarto do dono da casa, aquele onde dormia Mr. Clutter. As roupas da cama estavam puxadas para baixo e, mesmo aos pés, achava-se caída uma carteira com um monte de cartões a sair, como se alguém tivesse estado a procurar a toda a pressa qualquer coisa: uma nota ou uma carta de crédito, quem sabe? A verdade é que não continha nenhum dinheiro e esse facto nada significava. Tratava-se 66

da carteira de Mr. Clutter e este nunca trazia dinheiro consigo. Até eu sabia isto, muito embora vivesse em Holcomb havia pouco mais de dois meses.

Outra coisa que eu também sabia era que tanto Mr. Cluter como o Kenyon não viam absolutamente nada sem óculos. E os de Mr. Clutter achavam-se em cima da secretária. por isso calculei logo que, onde quer que eles estivessem, não tinham ido para lá de sua livre vontade. Revistámos o quarto e encontrámos tudo nos seus lugares, nenhum sinal de luta, nada desarrumado. A não ser no escritório, onde o telefone pendia fora do descanso e com os fios cortados, tal como na cozinha. O

xerife Robinson descobriu algumas espingardas caçadeiras dentro de um armário e cheirou-as a ver se teriam sido disparadas há pouco. Afirmou que não *e* eu nunca vi um homem tão espantado ao inquirir: ”Onde diabo estará o Herb?” Nesta altura ouvimos passos que vinham da cave. ”Quem vem lá?” gritou o xerife, pronto *A* disparar. Nisto uma voz respondeu: ”Sou eu, o Wendle.” Vimos tratar-se de Wendle Meier, o xerife-adjunto. Pelos vistos entrara em casa e, como não nos encontrasse, dirigira-se para a cave à nossa procura. O xerife participou-lhe o que se passava, com um ar bastante lamentável: ”Olha, Wendle, não percebo nada disto. Há dois cadáveres lá em cima!”

”Os outros dois”, retorquiu o tal Wendle, ”estão lá em baixo”. Fomos então atrás dele até à cave.

Ou à sala dos jogos, acho que era assim que lhe chamavam. Não fazia escuro, havia várias janelas que deixavam entrar a luz. O kenyon jazia num canto, deitado no sofá. Estava amordaçado com adesivo e amarrado de pés e mãos, tal

como a mãe, pelo mesmo processo complicado: a corda ia das mãos até aos pés e vinha depois prender-se ao braço do sofá. Foi este o que mais impressão me fez, o Kenyon. Talvez por estar menos irreconhecível do que os outros, por ser o que se parecia mais com o que fora em vida, muito embora tivesse levado o tiro de frente, mesmo na cabeça.

Vestia uma camisa aberta, calças de ganga e estava descalço, como se se tivesse vestido a toda a pressa e enfiasse a primeira coisa que lhe viera à mão. A cabeça achava-se recostada sobre duas almofadas, e parecia que alguém as colocara ali para tornar o alvo mais fácil.

”Então o xerife declarou: ”Onde vai ter isto?” E, indicava outra porta da cave. E dirigiu-se para lá à

nossa frente. Mas lá dentro não se viu nada enquanto Mr. Ewalt não descobriu o interruptor da luz.

Era o quarto da fornalha do aquecimento *e* fazia ali muito calor. por aqui é costume as pessoas instalarem uma fornalha de gás na cave e depois canalizarem o ar quente pela casa toda. Fica barato e é por isso que todas as casas estão superaquecidas.

67

Eu então olhei para Mr.

Clutter e garanto que era preciso coragem para se fazer isso segunda vez! Pensei que um tiro só não podia causar uma sangria daquelas e não me enganei. Levara um tiro, é certo, tal como o Kenyon, mesmo junto à

cara. Mas provavelmente já estava morto antes disso. Ou pelo menos moribundo. porque além do mais haviam-lhe cortado a garganta. Vestia um pijama às riscas e nada mais. Tinha a boca fechada com adesivo, que dava também a volta à cabeça. Os pés estavam amarrados, mas as mãos não, ou pelo menos, ele conseguira, Deus sabe como, talvez com a força da raiva ou do susto, partir as cordas. Encontrava-se estendido, diante da fornalha, dentro de uma caixa de papelão que parecia ter sido colocada ali de propósito.

Era uma caixa de embalagem de um colchão. O xerife exclamou: ”Veja isto, Wendle!” Referia-se a uma pegada feita com sangue, sobre a caixa do colchão.

Representava metade da sola de um pé, com dois círculos -

dois buracos no meio, como se fossem dois olhos. Depois um de nós - seria Mr. Ewalt? Não me recordo -

apontou para outra coisa. Uma coisa que nunca mais poderei esquecer. por cima havia um cano; e, atada a ele, pendurada, via-se um bocado de corda, a mesma corda que o assassino usara. Não havia dúvida de que a certa altura Mr. Clutter estivera ali amarrado, suspenso pelas mãos, e que depois haviam cortado a corda. Mas para quê? A fim de o torturarem? Creio bem que nunca o saberemos. Nunca se descobrirá quem o fez, nem porquê

, nem nada do que se passou naquela casa nessa noite.

”Dali a pouco começou a chegar gente. Vieram as ambulâncias, o *coroner,* o padre metodista, um fotógrafo da polícia, funcionários da polícia do Estado, tipos da rádio e dos jornais. Uma cambada de pessoas. Muitas vinham da igreja e procediam como se ainda ali se encontrassem. Muito silenciosos, falando em voz baixa.

Era como se ninguém pudesse acreditar no que via. Um polícia do estado perguntou-me se eu tinha ali alguma missão oficial. Quando lhe respondi que não, retorquiu que era melhor ir-me embora. Lá fora, no relvado, vi o xerife-adjunto a falar com um homem, Alfred Stocklem, o jornaleiro. Parece que esse tal Stocklein habitava a menos de cem jardas da casa dos Clutters, separado apenas por um estábulo. Mas afirmara que não ouvira o menor som e dizia: ”Eu não sabia nada disto até há cinco minutos, quando um dos meus filhos veio a correr ter comigo dizendo que estava aqui o xerife. Eu e a minha patroa não chegámos a dormir duas horas esta noite, andámos sempre levantados, porque tínhamos o menino doente. Mas a única coisa que se ouviu, lá pelas dez e meia, onze menos um quarto, foi um carro a ir-se embora, e eu então disse para a patroa: ”Lá se vai o Bob Rupp.”

”Comecei a dirigir-me para casa e no caminho, a meio do relvado, deparei com o velho cachorro do Kenyon, com um ar absolutamente assustado. Tinha o rabo entre as pernas e não se mexia nem ladrava. E, ao ver o cão, senti-me de novo arrepiado. Até ali estivera demasiado aturdido, demasiado dormente para sentir toda a malvadez do que sucedera. Tanto horror! Tanto sofrimento! Uma família

inteira! Uma gente boa e amável, uma gente que eu conhecia, assassinada! Mas tinha de acreditar porque aquilo era verdade!”

Ao longo das vinte e quatro horas passavam em Holcomb oito comboios de passageiros rápidos, que não paravam. Desses, dois levavam e deixavam correio, operação esta, que, na opinião da pessoa encarregada, se revelava de certo modo complexa:

pois é como lhe digo, uma pessoa tem de estar alerta. O comboio chega aqui, por vezes a uma velocidade de cem milhas à hora. Só o vento que ele faz é quanto basta para deitar um tipo ao chão. E então quando os sacos do correio vêm pelos ares, Santo Deus! Vúúú! Vúúú! Vúúú! É como quem apara um golo no futebol! Não é

que esteja a queixar-me, note bem! Isto é um trabalho honesto, um serviço do Governo, e mantém-me em boa forma física. - A encarregada da mala de Holcomb, Mrs. Sadie Truitt, ou a tia Truitt, como lhe chamavam, não parece realmente ter setenta e cinco anos. É uma viúva forte e de pele queimada pelas intempéries, que usa um lenço garrido e botas de vaqueiro (é a coisa mais confortável que se pode trazer nos pés, macias que nem penas!), e que vem a ser a mais velha habitante indígena de Holcomb: ”Houve tempo em que não havia aqui ninguém que não fosse meu parente. Nessa altura isto chamava-se Sherlock. Depois apareceu por aí esse estrangeiro, Holcomb era o nome dele. Criava porcos. Fez muito dinheiro e decretou que a cidade havia de ter o seu nome. Tão depressa o conseguiu, que fez ele? Vendeu tudo e pôs-se a andar! Mudou-se para a Califórnia. Mas nós ficámos. Eu nasci aqui e os meus filhos também. E CÁ ESTAMOS!

Uma das suas filhas, Mrs. Myrtle Clarc, por acaso também é a empregada dos correios lá da terra. ”Mas não pensem que eu arranjei este lugar por intermédio da Myrtle. Ela nem sequer queria que eu o tivesse. Mas isto é

um emprego que se dá a quem o desempenhar pelo mais baixo salário. E o que eu peço é menos do que o preço da chuva. Ah, Ah! isso chatera os rapazes. Muitos deles gostariam de ser encarregados da mala. Mas sempre queria ver se não mudavam de opinião quando a neve sobe mais **69**

alto do que o

velho Primo Carnera

e o vento corta e os sacos vêm pelos ares: Vuúúú! Pumba!

Na profissão da tia Truitt, os domingos são dias como os outros. No dia 15 de Novembro e enquanto ela esperava, sentada, que passasse o comboio das dez, e trinta e dois, ficou admirada ao ver duas ambulâncias que atravessaram a linha férrea e se dirigiram para a casa dos Clutters. Este incidente deu origem a um facto que nunca se verificara até ali ela abandonar o seu posto e as malas do correio caírem onde muito bem quiseram. Aquela novidade queria ela saber em primeira mão.

A gente de Holcomb refere-se à casa dos correios como sendo o ”edifício federal”, o que nos parece um título muito pomposo para um barracão desmantelado e poeirento. O tecto tem fendas, as pranchas do sobrado oscilam, as caixas do correio não fecham bem, os globos eléctricos estão quebrados, o relógio não trabalha.

- É tudo uma miséria, não é verdade? - concorda a imponente dama, rabugenta e um tanto original que reina sobre toda aquela ruína. - Mas as estampilhas valem, não é? E quero lá saber! Aqui no meu canto está-se bem.

Tenho a minha cadeira de baloiço, um bom fogão de lenha, uma cafeteira de café e não me faltam livros para ler.

Mrs. Clarc é uma figura notável no condado de binney. E a sua celebridade não se deve à sua actual ocupação, mas sim a uma outra anterior: foi animadora num *dancing*, emprego este que o seu actual aspecto está longe de sugerir. Trata-se de uma mulher esquelética, incolor e de feitio incaracterístico, que usa calças, camisa de lã

e botas de vaqueiro, de idade indefinida (isso é comigo e ninguém tem nada que saber!), mas pronta a dar a sua opinião, que a maior parte das vezes expõe numa voz gritante e aguda. Até ao ano de 1955 ela e o falecido esposo exploravam o Pavilhão de Dança de Holcomb, negócio este que, em virtude de ser único, atraía toda a clientela bebedora e dançarina de cem milhas ao redor e cujo comportamento, em contrapartida, atraía de vez em quando a atenção do xerife.

- Tivemos os nossos dissabores, é certo - confessa Mrs, Clarc no meio das suas recordações. - Alguns desses aldeões de pernas em arco, mal se lhes dava uma pinga, ficavam mais ferozes do que peles-vermelhas.

Queriam tirar o escalpe a todos quantos apanhavam a jeito. Claro que nós só lhes vendíamos bebidas fracas, nada de genuíno. Não seríamos capazes de uma coisa dessas, mesmo que fosse legal. O meu homem, o Horner Clarc, não era para essas coisas, nem eu tão-pouco. Um dia o meu homem - faz hoje precisamente sete meses e doze dias que ele se finou, a seguir

a uma operação que levou cinco horas, feita no hospital do Oregon disse para mim: ”Myrt, já que vivemos toda a nossa vida num inferno, havemos de morrer no céu.” E no dia seguinte fechou o pavilhão de dança.

Nunca nos arrependemos disso. Oh, nos primeiros tempos eu tinha saudades da minha vida nocturna, das músicas, de toda aquela alegria. Mas agora que o Hormer desapareceu sinto-me muito feliz por trabalhar aqui no Edifício Federal. Passo a vida sentada, a beber café.

De facto, nesse domingo de manhã, Mrs. Clarc acabava de se servir de uma chávena de café acabado de fazer, quando a tia Truitt entrou por ali dentro:

- Myrt! - exclamou ela. - Acabam de passar duas ambulâncias para a propriedade dos Clutters.

A filha retorquiu:

- Então e o comboio das dez e trinta e dois?

- Duas ambulâncias para os Clutters!...

- E então? Deve ser a Bonnie, que teve mais um dos seus ataques. Mas onde pára o comboio das dez e trinta e dois?

A tia Truitt cedeu; como sempre, Myrt tinha resposta para tudo, era dela a última palavra. Depois ocorreu-lhe uma ideia

- Mas Myrt, se é apenas a Bonnie porque são precisas duas ambulâncias ?

A pergunta era razoável e Mrs. Clarc, grande apreciadora da lógica, muito embora por vezes a interpretasse a seu modo, não pôde deixar de o admitir. Declarou que iria telefonar a Mrs. Helm. Ela devia saber, afirmou.

A conversa com Mrs. Helm durou alguns minutos e constituiu um tormento para a tia Truitt, que nada mais conseguia ouvir além de alguns monossílabos nada significativos que a filha ia respondendo. Pior ainda, quando esta desligou, não se deu ao trabalho de satisfazer a curiosidade da velha; em lugar disso tomou placidamente o seu café, dirigiu-se à secretária *e* começou a carimbar um monte de cartas.

- Myrt suplicou a mãe. Pelo amor de Deus, diz-me o que sabe a Mabel?

- Não me admiro nada - declarou Mrs. Clarc - Quando me lembro de que o Herb andava sempre a correr, vinha aqui buscar o correio sem ter nunca um minuto para dizer bons-dias ou obrigado, parecia um frango maluco - sempre em reuniões de clubes, a girar de um lado para o outro, ocupando lugares que talvez fizessem falta a alguém... Ora veja lá, agora parou. Já não corre mais?

- O quê, Myrt? porque é que ele não pode mais correr? Mrs. Clarc ergueu a voz:
71

- porque MORREU! E a Bonnie também. E a Nancy. E o rapaz. Alguém os matou a todos a tiro.

- Myrt, não me digas uma coisa dessas! Quem foi que os matou?

Sem interromper a sua actividade de carimbar as cartas, Mrs. Clarc replicou:

- O homem do avião. Aquele que o Herb multou por lhe ter estragado as árvores de fruto. Se não foi esse podia ter sido outro qualquer. O vizinho do lado, por exemplo. Todos os vizinhos são uns patifes. Uns zés-ninguém que estão sempre à espera de uma ocasião para nos darem com a porta na cara. É o mesmo por toda a parte. A senhora deve sabê-lo bem.

- Não sei nada disso - exclamou a tia Truitt, tapando os ouvidos com as mãos. - Nem quero saber.

- São todos uns patifes!

- Tenho medo, Myrt!

- Medo de quê? Quando chegar a sua vez,

chegou. E não vale de nada pôr-se a chorar. - Reparara que a mãe estava de lágrima ao canto do olho. Quando o Horner morreu acabei com os medos e com as ralações. Se há por aí alguém que me queira cortar o pescoço que apareça! Que diferença me faz? Tudo acaba na eternidade. Note bem: Se um pássaro começasse a transportar todos os grãos de areia, um por um, para o outro lado do oceano, o tempo que ele gastasse não seria mais do que o princípio da eternidade. por isso, trate de assoar o nariz!

A triste nova, anunciada do alto dos púlpitos, transmitida pelos fios telefónicos, radiodifundida pela emissora de Garden City, aquilo uma tragédia incrível e impressionante para além de tudo o que se possa imaginar atingiu os quatro membros da família de Herb Clutter, na noite de sábado ou na manhã de hoje. A morte, brutal e sem motivo aparente...”), produzia em todos uma reacção mais semelhante à da tia Truitt do que a de Mrs. Clarc: espanto, que em breve se transformava em desolação, num profundo sentimento de horror, logo agravado pela fria torrente do medo pessoal.

O café Hartman, que continha quatro mesas de madeira tosca e um balcão, mal podia albergar uma pequena parcela das conversas assustadas, sobretudo dos homens que ali queriam acolher-se. A proprietária, Mrs. Beis Hartman, uma mulher magrizela e sensata, de cabelos encaracolados, louros mas grisalhos, e olhos verdes autoritários, era prima de Mrs. Clarc cuja espécie de ingenuidade conseguia igualar se não ultrapassar mesmo: 72

”Há quem diga que eu sou uma mulher dura, mas este caso dos Clutter deixou-me arrasada”, confessava ela mais tarde a uma amiga. Imagime-se, uma coisa destas! Quando ouvi a notícia e toda a gente se juntou aqui a dizer uma data de disparates, a minha primeira ideia foi a Bonnie. Claro, era uma tolice, mas houve muita gente que pensou o mesmo por causa dos acessos que ela tinha por vezes. Mas agora ninguém sabe o que há-de pensar. Pode ter sido uma vingança, da parte de alguém que conhecesse bem a casa por dentro. Mas quem podia querer mal aos Clutter? Nunca ouvi pessoa alguma dizer uma palavra contra eles; era a família mais estimada que se possa imaginar. E se lhes fazem uma coisa destas, quem pode considerar-se seguro, digam-me cá? Um velho que esteve aqui sentado, nesse domingo, pôs o dedo na ferida e apontou a razão por que ninguém pode agora dormir descansado; disse ele: ”Aqui, todos somos amigos. Não há ninguém que o não seja.” Aí está o pior deste crime. Que coisa horrível os vizinhos não poderem olhar uns para os outros sem começarem a pensar isto e aquilo! Sim, é muito duro de admitir, mas, se a Polícia algum dia descobre o

criminoso, isso vai ser uma surpresa maior do que o próprio crime.”

Mrs. Bob Johson, mulher do agente da Companhia de Seguros de Nova Iorque, era uma excelente cozinheira, porém o jantar que ela preparou nesse domingo ninguém o comeu, pelo menos enquanto estava quente; porque no instante exacto em que o marido espetava a faca num faisão tostado recebeu uma chamada telefónica da parte de um amigo. ” E isso”, recorda ele tristemente, ”foi a primeira notícia que tive do que acontecera em Holcomb. Nem acreditei. Era-me impossível. Santo Deus! pois se eu ainda tinha no bolso o cheque do Clutter, um bocado de papel que valia oitenta mil dólares! Se acaso aquilo que me diziam era verdade! Mas - pensava eu -, não pode ser. Deve haver engano! Essas coisas não acontecem. Vender-se a um homem uma apólice importante e ele ser morto logo a seguir. Assassinado! O que significava uma indemnização a dobrar. Não sabia o que havia de fazer. Telefonei ao nosso gerente em Wichita. Informei-o de que tinha o cheque em meu poder mas que ainda o não registara e perguntei-lhe qual a sua opinião. Bem, a situação era delicada. Parece que, legalmente, não éramos obrigados a pagar. Mas moralmente... o caso era diferente. Claro que optámos pela solução moral.”

As duas beneficiárias desta atitude decente, Eveanna Jarchow e a sua irmã Beverly, únicas herdeiras dos bens do pai, poucas horas depois da descoberta da tragédia achavam-se já a caminho de Garden City. Beverly vinha de Winfield, no Kansas, onde fora

de visita ao noivo, e Eveanna partira da sua casa em Mount Carrol, no Ilinóis. Pouco a pouco, ao longo do dia, outros parentes foram recebendo a notícia, entre eles o pai de Mr. Clutter e os seus dois irmãos, Arthur e Clarence, assim como a irmã, Mrs. Harry Nelson, todos de Larned, no Kansas, e uma segunda irmã, Mrs.

Elaine Selsor, de Palatka, na Florida. Também os parentes de Bonnie Clutter, Mr. e Mrs. Arthur B. Fox, que viviam em Pasadena, na Califórnia, e os seus três irmãos - Harold, de Visália, Califórnia; Howard, de Oregon, Ilinóis, e Glen, de Kansas City, no Kansas, todos foram informados. Na realidade a maior parte dos componentes da lista de convidados para a festa do Dia da Acção de Graças em casa dos Clutter recebeu telefonemas ou telegramas e quase todos se puseram a caminho, não para uma festa de família como estava projectado, mas sim para uma reunião em volta de uma sepultura.

Na Casa dos Professores, Wilma Kidwell foi obrigada a dominar-se a fim de acalmar a filha, visto que Susan, de olhos inchados, acometida constantemente de vómitos nervosos, teimava em afirmar, inconsolável, que o seu dever era correr imediatamente para a quinta dos Rupp: ”Então a mãe não compreende?” insistia ela. ”Se o Bobby sabe disto de repente? Ele gostava muito dela. Tal como eu. É preciso que seja eu a dizer-lho!”

Mas Bobby já sabia. No regresso a casa, Mr. Ewalt parou na quinta dos Rupp a trocar impressões com o seu amigo Johnny Rupp, pai de oito filhos, dos quais Bobby era o terceiro. Os dois homens dirigiram-se para o dormitório, que era uma casa separada da habitação propriamente dita, a qual se tornara demasiado pequena para abrigar toda a família Rupp. Os rapazes ficavam no dormitório, as raparigas ”em casa”. Encontraram o Bobby a fazer a sua cama. Ouviu o que lhe disse Mr. Ewalt, não fez perguntas e agradeceu-lhe ter vindo ali.

Depois foi lá para fora, para o sol. A propriedade dos Rupp ficava num monte, um planalto desafogado donde se avistava a terra nua após as colheitas da quinta de River Valley, cenário este que ficou a contemplar durante mais de uma hora. Ninguém conseguiu distraí-lo. A sineta para o jantar tocou e a mãe veio chamá-lo. Chamou e voltou a chamar, até que por fim o pai disse: ” É melhor deixá-lo sozinho!”

Larry, outro irmão mais novo, também se recusou a obedecer ao toque da sineta. Andava à roda de Bobby, sem poder fazer nada, mas desejando ser-lhe útil, muito embora este lhe dissesse repetidas vezes que se fosse embora. Mais tarde, quando Bobby saiu do seu marasmo e se pôs a caminho, dirigindo-se à estrada e aos campos na direcção de Holcomb, Larry foi atrás dele: ”Ei, Bobby! Se vais algures porque não levas o carro?”

O irmão não

respondeu. Caminhava com determinação, quase a correr, mas Larry não tinha dificuldade em acompanhá-lo.

Muito embora contasse apenas catorze anos era o mais alto dos dois, de peito cavado e pernas compridas, porque Bobby, a despeito da sua estatura atlética, não ultrapassava uma altura média. Era um rapaz esbelto e bem proporcionado, com um belo rosto simpático e aberto. ”Ei, Bobby, escuta. Olha que não te

deixam vê-la!

Não ganhas nada com isto". Bobby voltou-se para ele e exclamou: "Deixa-me! Vai para casa!" O irmão ficou para trás, mas foi seguindo o à distância. A despeito da temperatura outonal, do vento áspero, os dois rapazes suavam em bica ao aproximarem-se da barricada que os polícias do Estado haviam erigido à entrada da quinta de River Valley. Muitos amigos da família Clutter, bem como estranhos de todo o condado de Finney, se haviam ali reunido, mas ninguém tinha licença de transpor a barricada, a qual, logo após a chegada dos irmãos Rupp, foi aberta para dar passagem a quatro ambulâncias, número este finalmente requisitado para transportar as vítimas, e um carro cheio de empregados do xerife, os quais, neste momento exacto, estavam falando de Bobby Rupp. porque Bobby, como este viria a saber antes da noite, era, para eles, o principal suspeito.

Da janela da sala, Susan Kidwell viu passar o branco cortejo e não desviou os olhos até o ver desaparecer na curva da rua por empedrar, e dissipar-se a nuvem de pó por ele erguida. Contemplava ainda a cena quando viu surgir Bobby, escoltado pela figura alta do irmão, a caminhar vacilante em direcção a ela. A rapariga veio recebê-lo à entrada e declarou: "Eu é que queria dar-te a notícia!" Bobby desatou a chorar, larry ficou-se no pátio da Casa dos Professores, encostado a uma árvore. Não se lembrava de ter visto nunca Bobby a chorar e nem queria ver. por isso pôs os olhos no chão.

Muito longe dali, na cidade distante de Olathe, num quarto de hotel com gelosias a quebrar a luz do meio-dia, Perry dormia com um rádio portátil de cor cinzenta a tocar em surdina à cabeceira. Apenas tirara as botas, de resto não se dera ao trabalho de despir a roupa. Atirara-se de cara para baixo sobre a cama, como se o sono fosse uma arma que o tivesse atingido pelas costas. As botas pretas, de fivela de prata, tinham ficado de molho numa bacia de água morna que se tingira vagamente de vermelho.

Algumas milhas ao norte, na cozinha confortável de uma modesta herdade, Dick ingeria o almoço dominical.

Os seus companheiros de mesa - o pai, a mãe e o irmão mais novo nada notavam

de extraordinário nos seus modos. Chegara ao meio-dia, beijara a mãe,

respondera imediatamente às perguntas desta acerca da sua suposta viagem nocturna a Fort Scott e sentara-se à mesa, na forma do costume. Acabada a refeição os três homens da família haviam-se sentado na sala a fim de assistirem a um desafio de beisebol na televisão. A emissão mal começara quando o pai ouviu, surpreendido, Dick a ressonar; segundo observou ao filho mais novo, nunca julgou ver algum dia Dick a dormir em lugar de assistir a um desafio de beisebol. Mas, claro, ele não podia saber até que ponto Dick se sentia cansado, nem que aquele filho que ali estava a dormir havia conseguido, entre outras coisas, guiar um automóvel durante mais de oitocentas milhas em vinte e quatro horas.

II Pessoas desconhecidas

Aquela segunda-feira, 16 de Novembro de 1959, foi mais um esplêndido dia para a caça ao faisão nas altas planícies de trigo do Oeste do Kansas - um dia em que o céu se mostrava intensamente azul e brilhante como a mica. Muitas vezes, em dias semelhantes àquele, nos anos anteriores, Andy Erhart havia passado longas tardes na caça ao faisão, na quinta de River Valiey, em companhia do seu bom amigo Herb Clutter. E, muitas vezes, a essas expedições venatórias se haviam associado mais três grandes amigos de Herb: o doutor J. E. Dale, veterinário: Cari Myers, dono de uma leitaria, e Everett Ogbum, negociante. Tal como Erhart, que era director da Estação Agrícola Experimental da Universidade do Estado do Kansas, os outros três podiam igualmente considerar-se importantes cidadãos de Garden City.

Naquele dia este quarteto de antigos companheiros de caça havia-se reunido mais uma vez para percorrer um caminho familiar, mas agora num estado de espírito bastante estranho e equipados com instrumentos bem pouco desportivos: baldes e esfregões, escovas e um cesto de tampas cheio de farrapos e detergentes fortes.

Haviam envergado os fatos mais velhos que possuíam, uma vez que aqueles homens tinham sentido que era seu dever de cristãos oferecerem-se para limpar alguns dos catorze quartos que constituíam a casa de River Valiey, quartos esses nos quais quatro membros da família Clutter haviam sido assassinados, segundo declarava a certidão de óbito, ”por uma pessoa ou pessoas desconhecidas”.

Eihart e os companheiros seguiam de automóvel calados. Um deles observou mais tarde:

- Sentíamo-nos reduzidos ao silêncio quando nos dirigíamos para aquele lugar onde sempre havíamos sido tão bem recebidos.

Daquela vez foram acolhidos por um polícia de trânsito. Este, de sentinela à barricada que as autoridades haviam mandado erguer à entrada da quinta, mandou-os entrar com um gesto e eles seguiram durante mais meia milha pela rua ensombrada pelos álamos que conduzia à casa dos Clutter. Alfred Stocklein, 78

o único trabalhador que habitava mesmo na propriedade, estava à espera para os mandar entrar.

Dirigiram-se primeiro à casa da fornalha, na cave, onde Mr. Clutter fora encontrado, em pijama, deitado dentro de uma caixa de papelão que servira de embalagem a um colchão. Terminado o trabalho ali, passaram à

sala dos jogos na qual Kenyon fora morto a tiro. O sofá, uma velharia que Kenyon arranjara no ferro-velho e restaurara, tendo-o em seguida Nancy forrado de novo e coberto de almofadas com legendas, estava transformado numa ruína ensanguentada; tal como a caixa de embalagem, foi preciso queimá-lo. Pouco a pouco, à medida que a equipa de limpeza avançava no seu trabalho da cave para o primeiro andar onde Nancy e a mãe haviam sido assassinadas nas suas camas, iam juntando mais material para a futura fogueira: roupas de cama sujas de sangue, colchões, um tapete, um urso de peluche.

Alfred Stocklein, pouco falador de seu natural, conversou sempre enquanto arranjava água quente e ajudava nas limpezas. Desejava ”que as pessoas acabassem com os ditos e tentassem compreender” como é que ele e a mulher, muito embora vivendo a menos de cem jardas da casa dos Clutter, não tinham ouvido ”nadinha”, nem o mais leve eco do tiro ou da tragédia que se desenrolava a dois passos dali.

- O xerife e toda aquela malta que andou por aí à coca de indícios e de impressões digitais eram pessoas de cabeça, que compreendiam as coisas, porque é que nós não tínhamos ouvido nada. Uma das razões foi o vento.

Um vento de oeste, por sinal, que levava todos os sons para o outro lado. Outra razão era aquele enorme telheiro de milho que fica entre a nossa casa e esta. O telheiro não deixa passar nenhum barulho. E já

pensaram numa coisa? Quem fez este trabalho sabia perfeitamente que nós não podíamos ouvi-lo. De contrário não se arriscaria a disparar uma carabina por quatro vezes no meio da noite! Só se estivesse doido.

Claro que os senhores me vão já dizer que doido era ele, sem dúvida nenhuma, para fazer aquilo que fez. Mas cá na minha opinião ele tinha tudo bem planeado de uma ponta à outra. E uma coisa também eu lhes garanto.

Tanto eu como a minha patroa, foi esta a última noite que aqui dormimos. Vamos mudar-nos para uma casa que fica à beira da estrada.

Os homens trabalharam desde o meio-dia até ao cair da noite. Quando se chegou à altura de queimarem aquilo que tinham junto, carregaram tudo num tractor e, com Stocklein ao volante, dirigiram-se para o meio de um campo situado ao norte da quinta, um terreno plano e colorido, da cor uniforme que tomam em Novembro os caules de trigo cortados, um amarelo torrado

e brilhante. Chegados ali, descarregaram o tractor e fizeram um monte com as almofadas de Nancy, os cobertores, os colchões, o sofá da sala de jogos, Stocklein regou-o com petróleo e largou-lhe fogo com um fósforo.

De todos os presentes ninguém estivera tão ligado à família Clutter como Andy Erhart. Afável, muito distinto, um erudito com mãos calejadas pelo trabalho e um pescoço queimado do sol, fora companheiro de estudos de Herb Clutter nos bancos da Universidade do Estado do Kansas.

- Éramos amigos havia trinta anos - declarava ele algum tempo depois. E durante essas três décadas Erhart vira o seu antigo companheiro, um regente agrícola do condado, mal remunerado, transformar-se num dos plantadores mais respeitados e conhecidos na região:

- Tudo o que Herb possuía havia sido ganho por ele - com a ajuda de Deus. Era um homem modesto mas orgulhoso e tinha razões para o ser. Fundara uma família honrada. Conseguira triunfar na vida.

Mas agora essa vida e aquilo que ele fizera dela... Como podia ter acontecido uma coisa destas?, perguntava a si próprio Erhart enquanto via atear a fogueira. Como era possível que tamanho esforço, tão belas virtudes, ficassem, de um dia

para o outro, reduzidas a isto: a fumo que subia e se dissipava no ar, absorvido pelo céu azul e imenso

O Gabinete de Investigações do Kansas, uma repartição estadual com sede em Topeka, possuía um efectivo de dezanove detectives competentes espalhados por todo o estado e cujos serviços se podiam requisitar em qualquer parte sempre que surgia um caso fora da competência das autoridades locais. O representante desse Gabinete em Garden City, também o agente responsável por uma grande extensão do território do Kansas Ocidental, é um hhomem magro e bem parecido, descendente de uma família que habita a região há quatro gerações, o qual conta quarenta e sete anos e se chama Alvm Adams Dewey. Earl Robinson, xerife do condado de Finney, não podia deixar de pedir a Al Dewey que se encarregasse do caso Clutter. Era inevitável e urgente. Dewey, tendo sido ele próprio xerife do condado de Finney (desde 1947 a 1955 e, mais ainda, agente do FBI (entre 1940-1945, fazendo serviço em Nova Orleães, San António, Denver, Miami e San Francisco, era, do ponto de vista profissional, bastante competente para resolver um crime na aparência tão destituído de finalidade e tão absurdo como o caso Clutter. Além disso, 80

a sua atitude em face do crime transformava este, como ele mesmo afirmou mais tarde, ”numa questão pessoal”. E prosseguiu dizendo que tanto ele como a mulher eram verdadeiramente amigos de Bonnie:

”Encontrávamo-nos todos os domingos na igreja e visitávamo-nos muitas vezes”, acrescentando: ”Mas ainda que eu não conhecesse tão bem a família e a estimasse, isso não faria a menor diferença. Tenho visto muitos crimes repugnantes, não há dúvida, mas nenhum tão cruel como este. Leve o tempo que levar, talvez o resto da minha vida, mas hei-de saber o que se passou naquela casa. Quem fez aquilo e porquê .”

No fim das investigações havia dezoito homens permanentes encarregados do caso, entre eles três dos melhores detectives do F. B. I, os agentes especiais Harol/d Nye, Roy Church e Clarcnce Duntz. Com a chegada deste trio a Garden City, Dewey ficou convencido de que se reunira uma ”boa equipa”. ”O criminoso que se acautele”, dizia ele.

O gabinete do xerife ficava no terceiro andar do palácio da justiça do condado de Finney, um edifício vulgar de pedra e cimento, situado no centro de um simpático largo rodeado de árvores. Presentemente, Garden City, que foi outrora

uma cidade fronteiriça bastante turbulenta, acha-se completamente pacificada. De uma forma geral o xerife pouco tem que fazer e o seu gabinete, formado por três salas escassamente mobiladas, é um local tranquilo onde vão passar um bocado os funcionários ociosos do tribunal; a senhora Edna Richardson, a amável secretária, tem habitualmente a postos uma cafeteira de café e passa a vida a ”fazer cera”. Ou pelo menos fazia-a, ”até surgir este caso Clutter”, trazendo consigo ”tantos estrangeiros e essa cambada dos repórteres”. Na verdade, aquele crime que fornecia cabeçalhos aos jornais tanto em Denver, a oeste, como em Chicago, a leste, atraía a Garden City muita gente da imprensa.

Na segunda-feira ao meio-dia, Dewey deu uma conferência de imprensa no gabinete do xerife.

- Vou expor factos e não teorias - informou ele, dirigindo-se aos jornalistas reunidos. - Ora o facto principal, aquele que não devemos esquecer, é que se trata de quatro assassínios e não apenas de um só. E ignoramos qual das vítimas era a principal visada, a vítima por excelência. Poderia ter sido Nancy, ou Kenyon, ou qualquer dos pais. Há quem diga: ”Não há dúvida de que era Mr. Clutter. Ele é que tinha o pescoço cortado e foi o que mais sofreu.” Mas isto é uma teoria e não um facto. Ser-nos-ia muito útil saber por que ordem a família foi assassinada, mas o *coroner* não consegue dizer-nos; apenas sabe que o crime foi cometido entre as onze da noite de sábado e as duas da manhã de domingo.

- Depois, em resposta a perguntas que lhe eram feitas, declarou que ”não senhor, nenhuma das mulheres sofrera qualquer violência sexual” e que segundo parecia nada fora roubado de casa, e que considerava uma pura coincidência o facto de Mr. Clutter ter feito um seguro de vida com dupla indemnização oito horas antes de ser assassinado. Estava convencido de que nenhuma relação existia entre isto e o crime; como poderia ser de outro modo, visto que as únicas pessoas que beneficiavam financeiramente do crime eram as duas filhas que restavam, a senhora Donald Jarchow e a menina Beverly Clutter? Sim, afirmou aos repórteres, ele tinha uma ideia formada acerca do facto de serem dois os criminosos. Ou apenas um, mas preferia não a divulgar. A verdade é que, nesta altura, Dewey não conseguira ainda formar um juízo. Mantinha umas poucas de opiniões, ou, no seu dizer, conceitos e, ao reconstituir o crime, estudou a teoria do criminoso único, ou de dois. Na primeira supunha-se que o criminoso fosse um amigo da família, ou pelo menos um homem possuindo mais do que um

conhecimento superficial da casa e dos seus habitantes alguém que soubesse que as portasraramente ficavam fechadas, que Mr. Clutter dormia sozinho no quarto principal do rés-do-chão, que Mrs. Clutter e os filhos ocupavam quartos separados no primeiro andar. Esta pessoa, segundo imaginava Dewey, aproximara-se a pé, possivelmente cerca da meia-noite. As janelas estavam às escuras, os Clutters dormiam e, quanto a *Teddy,* o célebre cão de guarda dos Clutter... bem, *Teddy* tinha um medo pavoroso das espingardas, como toda a gente sabia. Devia ter-se encolhido todo à vista da arma do intruso e fugido a sete pés. Ao entrar em casa, o criminoso começava por destruir as instalações telefónicas, uma no escritório de Mr. Clutter, outra na cozinha, e depois, tendo cortado os fios, dirigia-se ao quarto de Mr. Clutter e acordava-o.

Este, dominado pela arma do visitante, via-se forçado a obedecer às suas instruções e acompanhava-o ao segundo andar, onde acordavam o resto da família. Depois, por meio da corda e do adesivo fornecidos pelo criminoso, Mr. Clutter amarrava e amordaçava a mulher, amarrava a filha (que não fora amordaçada, não se sabia por que motivo), atando-as em seguida com as cordas às próprias camas. Em seguida pai e filho eram escoltados até à cave onde Mr. Clutter se via obrigado a amordaçar o filho e atá-lo ao sofá da sala de jogos. Intimavam-no finalmente a entrar na cave e ali recebia uma pancada na cabeça, era amordaçado e atado. Finalmente para poder fazer o que quisesse, o criminoso matava-os um por um, recolhendo de cada vez o cartucho utilizado. Até

que apagava as luzes todas e ia-se embora.

As coisas podiam-se ter passado desta maneira. Era uma hipótese, apenas. porém Dewey tinha as suas dúvidas: ”Se acaso Herb pensasse que a sua família corria perigo, um perigo mortal, teria lutado como um leão. E Herb não era nenhum trinca-espinhas, mas sim um tipo forte e em esplêndida forma. Kenyon, igualmente, era um rapaz tão alto ou mais do que o pai, de ombros largos. Tornava-se difícil ele imaginar como *é* que um homem só, armado ou não, tinha podido dominar os dois.” Além de que havia razões para supor, terem todos sido amarrados por uma só

pessoa; aos quatro casos o tipo de nó era o mesmo, uma espécie de laço.

Dewey, bem como a maioria dos seus colegas, inclinava-se para a segunda

hipótese, a qual coincidia com a primeira em muitos pontos, mas cuja diferença principal consistia no facto de o criminoso não vir sozinho, mas trazer um cúmplice que o ajudava a dominar a família, a aplicar os adesivos e a amarrá-los a todos. No entanto esta teoria também apresentava as suas falhas. Dewey, por exemplo, achava difícil de compreender ”como é que dois indivíduos podiam atingir o mesmo grau de ódio, aquela espécie de ódio psicopático que seria necessário para cometer semelhante crime”. E prosseguia na explicação: ”Admitindo que o criminoso era alguém conhecido da família, um membro da nossa comunidade; admitindo que se tratava de um homem vulgar, com a excepção de nutrir um ódio estranho e invulgar contra os Clutter, onde ia ele descobrir um companheiro, um tipo suficientemente louco para se prestar a ajudá-lo? Isto não faz sentido. Não se compreende.

Mas, se analisarmos bem as coisas, nada disto faz sentido.”

Depois da conferência de imprensa, Dewey retirou-se para o seu escritório, uma sala que o xerife lhe cedera temporariamente. Continha uma secretária e duas cadeiras vulgares. Aquela achava-se atravancada com o que Dewey esperava poder vir a constituir um dia um núcleo de provas legais: os adesivos e as cordas retiradas às vítimas e agora seladas dentro de sacos de plástico (como provas nenhuma destas coisas possuía grande valor, visto tratar-se de artigos vulgares, fáceis de obter em qualquer ponto dos Estados Unidos) e fotografias tiradas no teatro do crime por um fotógrafo da polícia - vinte películas ampliadas, em papel lustroso, do crânio fracturado de Mr.

Clutter, do rosto desfeito do filho, das mãos amarradas de Nancy, dos olhos fixos e arregalados da mãe, etc. Nos dias seguintes Dewey iria passar muitas horas a contemplar aquelas fotografias, na esperança de ”ver de súbito qualquer coisa”, um pormenor importante que saltasse à vista: ”Como naquelas adivinhas em que se pergunta: ”Quantos

animais se vêem neste desenho? É isto o que estou a tentar fazer. Descobrir os animais escondidos.

Sinto que eles estão lá, basta apenas descobri-los.” Na realidade, uma das fotografias em primeiro plano de Mr. Clutter e da caixa onde jazia havia fornecido já uma valiosa surpresa: algumas pegadas produzidas por umas solas

poeirentas onde se via claramente o desenho em estrela de uma sola. Estas pegadas, invisíveis a olho nu, haviam sido registadas pela película; a verdade é que o fraco da lâmpada do *flash* tinha revelado a sua presença com uma exactidão extraordinária. Estes vestígios, juntamente com a impressão de um pé encontrada na própria caixa do colchão - a marca nítida de metade da sola de um pé -, constituíam os únicos ”indícios sérios” de que a investigação dispunha. Não que os tornassem públicos; Dewey e a sua gente haviam resolvido mantê-los secretos.

Entre outros objectos guardados na secretária de Dewey, contava-se o diário de Nancy Clutter. Ele limitara-se apenas até então a lançar-lhe uma vista de olhos e dispunha-se agora a ler com atenção as notas referentes a cada dia, as quais principiavam naquele em que ela completara treze anos, e terminavam dois meses antes de fazer dezassete; tratava-se das confidências comezinhas de uma criança inteligente, que adorava animais, gostava de ler, de cozinhar, de coser, de dançar, de montar a cavalo, uma rapariga que todos apreciavam, bonita, pura, que achava ”divertido namorar”, mas que, na verdade, ”só gostava a valer de Bobby”. Dewey começou por ler a última página. Constava de três linhas, escritas uma ou duas horas antes de morrer: ”A Jolene K. veio cá e eu ensinei-a a fazer uma torta de cereja. Estudei com a Roxie. Esteve cá o Bobby e vimos televisão.

Foi-se embora às onze.”

O jovem Rupp, a última pessoa que se sabia ter estado junto da família ainda com vida, fora já

submetido a um demorado interrogatório e, muito embora tivesse declarado espontaneamente ter passado com eles ”um serão como qualquer outro,”, foi-lhe marcado segundo interrogatório, durante o qual teria de fazer declarações por escrito. A verdade é que a Polícia não estava disposta, para já, a abdicar dele como suspeito. O próprio Dewey se convencera de que o rapaz ”nada tinha a ver com aquilo”. No entanto, no ponto em que estavam as investigações, Bobby era a única pessoa a quem se podia atribuir um móbil, muito embora remoto. Num ou noutro ponto do diário Nancy referia-se por alto à situação que poderia dar lugar a esse móbil: a insistência do pai no sentido de ela ”cortar com o Bobby”, em que ”deixassem de andar juntos”, com o pretexto de que os Clutters eram metodistas e os Rupps católicos, circunstância esta que, no seu entender,

tirava aos jovens todas as probabilidades de virem a casar um dia. porém a página do diário que mais interessava Dewey não dizia respeito ao problema entre Clutters e Rupps, a católicos ou metodistas. Referia-se, sim, a um gato, à morte misteriosa do bichano favorito de Nancy, *Boohs, o* qual, segundo ela dizia numas linhas escritas duas semanas antes de morrer, fora encontrado ”morto no telheiro”, vítima, na opinião dela (sem que dissesse porquê), de envenenamento: ”Pobre *Boohs,* Enterrei-o num sítio especial.” Ao ler isto Dewey achou que o facto podia ser ”muito importante ”. Se o gato tivesse sido envenenado não seria este pequeno acto o malicioso prelúdio dos outros crimes? Resolveu pois, descobrir esse tal ”sítio especial”, onde Nancy sepultara o bichano, ainda que para isso necessário se tornasse passar a pente fino toda a quinta de River Valley.

Enquanto Dewey se entregava à leitura do diário, os seus assistentes primcipais, os agentes Church, Duntz e Nye, percorriam a região, conversando, segundo dizia Duntz, ”com toda a gente capaz, de nos dizer seja o que for”: os professores do Colégio de Holcomb, onde tanto Nancy como Kenyon haviam ocupado o quadro de honra; os trabalhadores da quinta de River Valley (que na Primavera e no Verão chegavam, por vezes, a ser em número de dezoito, mas que de momento se compunham apenas de Gerald Van Vleet e de três trabalhadores, além de Mrs. Helm; os amigos das vítimas; os vizinhos e, muito particularmente, os parentes.

De perto ou de longe, tinham vindo uns vinte para assistir ao enterro, que teria lugar na quarca-feira de manhã.

O mais novo dos agentes do F.B.I., Harold Nye, um homenzinho azougado, de trinta e quatro anos, com uns olhos irrequietos e desconfiados, nariz e queixo pontiagudos e inteligência arguta, fora destacado para a tarefa

”difícil como o raio” de entrevistar os parentes: ”Torna-se doloroso para eles e para quem os interroga.

Quando se trata de crime não pode haver respeito pela dór alheia. Nem pela intimidade ou pelos sentimentos de cada um. É preciso fazer perguntas. Algumas bastante duras. porém nenhuma das pessoas interrogadas nem qualquer das perguntas formuladas produziu resultado. Explorei a questão sentimental. Pensei que poderia haver outra mulher metida nisto, o tal triângulo Vejamos: Mr. Clutter era um homem ainda novo, bastante saudável, mas a mulher estava semi-inválida e dormiam em quartos separados... Nem as próprias filhas que restavam

sugeriram um pretexto para o crime. Numa palavra, Nye apurou apenas isto: ”De todas as pessoas da cidade, os Clutter” eram quem menos probabilidades tinham de serem assassinados”.

85

No fim do dia, quando os três agentes se reuniram no gabinete de Dewey, chegou-se à conclusão de que Duntz e Church haviam sido mais felizes do que Nye - o irmão Nyc, como lhe chamavam. (Os membros do F.B.I.

são muito dados a pôr alcunhas uns aos outros; Duntz é conhecido pelo ”Velhote”, o que é injusto, visto não ter ainda cinquenta anos e ser um sujeito entroncado, muito embora fosse ágil, com uma cara larga que lembra um gato; e Church, que deve andar pelos sessenta anos, corado e com um ar professoral, mas duro, na opinião dos colegas, considerado ”o osso mais duro de roer do Kansas”, tem por alcunha o ”Carapinha, por ter pouco cabelo.) Ambos, no decorrer das investigações, haviam recolhido ”indícios prometedores”. A história de Duntz dizia respeito a um pai e a um filho a quem designaremos aqui por John Pai e John Filho. Alguns anos atrás, John Pai tivera com Mr. Clutter uns certos negócios cujos resultados o haviam aborrecido, afirmando depois que ele lhe tinha ”enfiado um barrete”. Tanto o pai como o filho eram uns bêbedos e o último fora até

muitas vezes preso por alcoolismo. Certo dia, pai e filho, cheios da coragem dada pelo *whisky,* haviam aparecido em casa dos Clutter, resolvidos a ”ajustar contas com o Herb”. Não tiveram sorte nenhuma, pois Mr.

Clutter, que odiava o álcool e não suportava bêbedos, pegou na espingarda e pô-los fora da propriedade. Os dois Johns nunca lhe perdoaram este desaire; e ainda não havia um mês, John Pai afirmara a um seu conhecido: ”Todas as vezes que penso naquele filho-da-mãe fico com as mãos a tremer. Só me apetece estrangulá-lo.”

A descoberta de Church era do mesmo género. Também ele soubera de alguém que se declarava hostil a Mr.

Clutter: tratava-se de um certo Mr. Smith (muito embora não seja este o seu verdadeiro nome) que julgava ter sido o dono da quinta de River Valley quem lhe matara a tiro um cão de caça. Church revistara a quinta de Smith e descobrira, pendente de uma trave do telheiro, uma corda com um nó semelhante

ao que fora utilizado para amarrar os Clutters.

Devvey declarou:

Um destes talvez seja o nosso homem. Talvez se trate de uma rixa pessoal, uma má vontade que se avolumou.

- A não ser que o móbil seja o roubo - retorquiu Nye, muito embora essa questão tivesse sido muito discutida e finalmente posta de parte. Os argumentos contra a hipótese eram sólidos, sendo o principal de todos o facto de ninguém ignorar no condado a aversão que Mr. Clutter nutria pelo dinheiro em notas; não possuía nenhum no cofre em casa nem trazia consigo grandes somas. Alem disso, se se tratasse de roubo, por que motivo não tinha

o criminoso tirado as jóias da senhora Clutter, uma aliança de ouro e um anel com um diamante? Contudo Nye ficava na sua:

- Tudo isto me cheira a roubo. Então e a carteira de Clutter? Alguém a deixou aberta e vazia sobre a cama e não me parece que fosse o dono. E a carteira de Nancy? Estava caída no chão da cozinha. Como foi ali parar?

E em toda a casa não havia um centavo. Sim, ao todo dois dólares. Encontraram-se num sobrescrito na secretária da Nancy. E sabe-se que o Clutter tinha recebido um cheque de sessenta dólares precisamente na véspera. Pelo meno cinquenta deviam existir ainda. Podem-me dizer: ”Ninguém mata gente por causa de sessenta dólares.” Ou então: ”Talvez o ladrão levasse esse dinheiro só para despistar.” Sabe-se lá!

Quando chegou a noite, Dewey interrompeu a conferência para telefonar à mulher, avisando-a de que não iria jantar. Ela respondeu:

- Está bem, Alvín. - Mas o marido notou-lhe na voz um tom de desusada ansiedade.

Os Dewey tinham dois filhos, estavam casados havia dezassete anos, e Marie, nascida na Louisiana, antiga estenógrafa do F. B. I, que ele conhecera enquanto estagiava em Nova Orleães, não se ofuscava com os incómodos da profissão do marido: as horas estranhas, as súbitas chamadas para pontos distantes do estado.

Ele inquiriu:

- Há alguma novidade?

- Nada - retorquiu ela. - Só te aviso de que, quando vieres para casa, logo, terás de tocar a campainha. Mandei substituir todas as fechaduras.

Ele então compreendeu e retorquiu:

Não te aflijas, querida. Fecha bem tudo e acende a luz da entrada.

Quando ele desligou, um dos colegas inquiriu:

- Que é que se passa? A Marie está com medo?

- Parece que sim. Cos diabos, não é só ela, mas sim toda a gente.

Toda a gente, não. Quem não estava assustada era a viúva, empregada dos Correios, a intrépida senhora Myrtle Clarc, que desprezava os seus concidadãos, considerando-os ”uns mariquinhas, que tremiam como varas verdes e não se atreviam a fechar os olhos. E afirmava acerca da sua própria pessoa:

- Cá a velhota dorme que é um regalo! Quem se quiser meter comigo que experimente!

(Dali a onze meses uma quadrilha de bandidos mascarados e armados de pistolas tomaram as suas palavras à

letra e invadiram-lhe o escritório dos correios, subtraindo-lhe novecentos e cinquenta dólares.) Como sempre, as opiniões da senhora Clarc eram muito diferentes das do resto da população.

- Cá por estas bandas - afirmava o proprietário de uma loja de ferragens de Garden City -, o artigo que melhor se vende são fechaduras e ferrolhos. As criaturas nem querem saber da marca. O que pretendem é que seja coisa segura!

A imaginação, claro, abre todas as portas. Dá a volta à chave e deixa entrar o terror. Na terça-feira de madrugada, alguns caçadores de faisões do Colorado -

estrangeiros que desconheciam o desastre ocorrido na terra - ficaram admirados com o que viram ao atravessar a planície e quando passaram por Holcomb: as janelas quase todas iluminadas na maioria das casas e, lá dentro, a família, completamente vestida, sentada, durante a noite inteira, à espera, à escuta. De que tinham medo essas pessoas?

”A coisa pode repetir-se”, era a resposta quase invariável. No entanto, uma professora fez a seguinte observação:

- Isto não seria tomado tanto a peito se se tratasse de outra gente e não dos Clutters. *De* alguém menos *estimado.* De uma família menos próspera e segura. Mas essa gente representava tudo o que aqui nas redondezas se aprecia e respeita. E que semelhante catástrofe lhes tenha sucedido a eles... bem, *é* como se nos dissessem que não havia Deus! Faz-nos sentir desamparados. Tenho a certeza de que as pessoas se sentem muito menos Assustadas do que desorientadas.

Outra razão, mais simples e mais repugnante, era que aquela sociedade até então pacífica, constituída por amigos e vizinhos, estava a sofrer a experiência única de desconfiarem uns dos outros”. como era lógico, pensavam que o assassino devia encontrar-se entre eles e , sem excepção todos partilhavam a opinião expressa por Arthur Clutter, irmão do falecido, que afirmara, ao conversar com um jornalista no átrio de um hotel de Garden City, a 17 de Novembro:

- Quando se descobrir o criminoso, aposto que se trata de alguém que não vivia a mais de dez milhas do lugar onde agora estamos.

A cerca de quatrocentas milhas a leste do lugar onde naquele momento se encontrava Arthur Clutter estavam dois rapazes a comer num reservado do Eagle Buffet, de Kansas City. Um, de

rosto magro, com um gato tatuado nas costas da mão direita, havia devorado já várias sanduíches de galinha com salada e olhava agora para o jantar do companheiro: um bife picado em que ele ainda não tocara e um copo de cerveja onde se dissolviam três comprimidos de aspirina.

- Então, Perry, que é isso, rapaz? Não queres o bife? Se assim é como-o eu.

Perry empurrou o prato na direcção do amigo:

- Santo Deus! porque não me deixas concentrar?

- Não precisas de ler isso cinquenta vezes!

Referiam-se a um artigo de primeira página publicado no *Star,* de Kansas City, no dia 17 de Novembro, com o título: FRACOS INDÍCIOS NO QUÁDRUPLO ASSASSÍNIO, onde se prosseguia nas notícias da véspera acerca do crime, e terminava com o parágrafo seguinte:

Os *investigadores procuram o assassino ou os assassinos, cuja esperteza é evidente, muito embora, o seu móbil se mantenha oculto, visto que ele ou eles tiveram o cuidado de: 1. Cortar os fios dos dois telefones da casa; 2. Amordaçar e amarrar habilmente as vítimas sem que se notem vestígios de luta; 3. Não retirar nada da casa nem deixar indícios de terem procurado fosse o que fosse, com excepção, possivelmente, da carteira de Clutter; 4. De matar a tiro quatro pessoas em diversos pontos da casa, tendo o cuidado de recolher os cartuchos vazios;* 5. *Entrar e sair da casa, levando provavelmente consigo a arma do crime, sem serem vistos* por *ninguém; 6. Agirem sem motivo, se não quisermos ter em conta uma tentativa falhada de roubo, o que é a opinião geral.*

Perry leu alto:

- ”Este assassino ou assassinos”, aqui está um erro de gramática. Deviam dizer ”este assassino, ou estes assassinos”. - Enquanto sorvia a cerveja com a aspirina, prosseguiu: - Seja como for não acredito nisto. Nem tu, Dick, confessa lá! Sê honesto! Tu não acreditas que não haja nenhum indício!

Na véspera, depois de haver lido atentamente os jornais, Perry formulara a mesma pergunta a Dick (o qual pensava ter arrumado o assunto ao responder: ”Escuta lá! Se esses estúpidos vaqueiros tivessem descoberto a mínima relação connosco, ouviríamos logo o barulho das patas dos cavalos a uma distância de cem milhas!”).

Agora ficou aborrecido ao ouvir repetir o mesmo. Demasiado aborrecido para protestar quando Perry prosseguiu no mesmo tema:

- Eu cá sempre fiz caso dos pressentimentos, e é por isso que

ainda estou vivo. Conheces o Willie-Jay? Afirmava que eu era um esplêndido ”médium”, e ele percebia muito desses assuntos e mteressava-se por eles. Dizia que eu tinha no mais alto grau uma ”percepção extra-sensorial”. Uma espécie de radar interior, a faculdade de ver as coisas antes de as ver. De vislumbrar o esquema dos acontecimentos futuros. Olha, queres saber o que se passou com o meu irmão, o Jimmy, e a mulher? Eles gostavam estupidamente um do outro, mas ele era ciumento como o diabo e fazia-lhe a vida negra, sempre desconfiado de que ela o enganava às escondidas. A ponto que ela acabou por dar um tiro na cabeça e no dia seguinte ele fazia o mesmo. Quando isso aconteceu, em 1949, estava eu no Alasca com o pai, perto de Circle City, e eu disse ao pai: ”O Jimmy morreu.” Dali a uma semana recebemos a notícia. Tão certo como eu estar aqui. De outra vez, lá no Japão, estava eu a descarregar um navio juntamente com outros, e sentei-me a descansar um bocado. De repente, ouvi uma voz cá dentro que me dizia: ”Salta!” Dei um salto, cerca de uns quatro metros, e precisamente no sítio onde eu estivera veio cair um peso de uma tonelada. Podia contar-te uma centena de casos como este. Não me interessa que acredites ou não. por exemplo, pouco antes de ter o desastre na mota, vi como tudo iria acontecer: vi-o na minha cabeça: a chuva, as marcas da derrapagem, eu caído no chão coberto de sangue e com as pernas partidas. É isso mesmo que me está a suceder agora. Um pré-aviso. Qualquer coisa a dizer-me que isto é uma armadilha. - Bateu com a mão no jornal: - Fizemos muita asneira.

Dick mandou vir outro bife. Nos últimos dias sentia uma fome que nada conseguiria satisfazer: nem três bifes de seguida, ou uma dúzia de barras de chocolate ou meia libra de rebuçados. Perry, pelo contrário, não sentia apetite; sustentava-se de cerveja, aspirina e cigarros.

- Assim não admira que vejas coisas - declarou Dick. - Deixa-te disso, rapaz! Acaba lá com esses terrores. Nós combinámos tudo bem combinado e não havia uma falha.

- Em vista dos factos, estou admirado de te ouvir dizer isso retorquiu Perry. A calma do seu tom acentuava a ironia da resposta. porém Dick não reagiu. Pôs-se até a sorrir e o seu sorriso equivalia a uma hábil proposta.

Com aquela expressão infantil mostrava ser um tipo fixe, direito, afável, um sujeito em quem se podia confiar:

- O. *K.* - respondeu. - Concordo que fui mal informado. -Aleluia!

- Mas tudo correu na perfeição. E não deixámos o menor indício.

90

- Estou a pensar num. - Perry fora longe demais. Mas prosseguiu: - Lembras-te do Floyd? - Era um golpe traiçoeiro, mas Dick merecia-o, a confiança que tinha em si próprio era como um papagaio de papel a que se tivesse dado demasiada guita. No entanto Perry observou com certo receio os sintomas da raiva a transparecerem-lhe na expressão: a maxila, os lábios, todo o rosto só alterou: nos cantos dos lábios surgiu uma espuma de saliva. Bem, se aquilo acabasse numa cena de pancada entre os dois, Perry saberia defender-se. Era baixo, uns poucos de centímetros mais baixo do que Dick, e as suas pernas cambadas e doentes não valiam grande coisa, mas pesava mais do que o amigo, era mais entroncado, possuía uns braços capazes de dominar um urso. No entanto, provocar uma cena de pugilato para o provar não era nada aconselhável. Quer estimasse ou não Dick (e não desgostava dele, muito embora tivesse havido um tempo em que o estimara e respeitara mais do que hoje, era evidente que não seria útil separarem-se. Neste ponto estavam ambos de acordo, porque Dick afirmara: ”Se formos apanhados mais vale estarmos juntos. Podemos aguentar-nos um ao outro, quando eles começarem a querer extorquir-nos uma confissão, afirmando que tu disseste ou que eu disse isto e aquilo”. Além de que, se acaso cortasse com Dick, isso significaria o fim de certos planos que ainda o atraíam e que, apesar dos últimos reveses, ainda se afiguravam a ambos realizáveis: passarem o resto da vida a mergulhar, na caça ao tesouro, nas ilhas distantes ou ao longo das costas ao sul da fronteira.

Dick observou:

- Caramba! Ainda queria ver isso. Nesse caso dava dinheiro para voltar lá para dentro! - Espetou o garfo na mesa, com violência: - Até lhe furava o coração!

- Não digo que ele seja capaz de tal coisa - afirmou, desejoso de aplacar o ânimo do amigo, agora que a cólera deste se desviara da sua cabeça para se concentrar no outro. - Acho que não teria coragem para tanto.

- pois decerto - concordou Dick. - Decerto. Havia de ter medo. - Era espantosa a maneira como Dick mudava rapidamente de disposição: num abrir e fechar de olhos todos os vestígios de fúria e ressentimento se haviam evaporado. E prosseguiu: Quanto a essa história dos pressentimentos... diz-me cá uma coisa: já

que estavas tão certo de ires ter um desastre porque não o evitaste? A coisa nunca teria acontecido se não continuasses a an dar de moto! E ou não é verdade?

Aí estava uma observação que Perry já apresentara a si próprio. Julgara ter-lhe respondido, mas a solução, muito embora simples, não deixava de ser um pouco vaga:

- Não, porque quando uma coisa tem de acontecer, o mais que podemos fazer é desejar que ela não aconteça, ou o contrário, conforme. Enquanto vivemos temos sempre algo prestes a acontecer-nos e ainda que saibamos tratar-se de uma coisa má não podemos fugir-lhe. Que devemos fazer? E impossível parar *i* vida. É tal e qual o meu sonho. Desde pequeno tenho um sonho. Julgo que estou em África, na selva. Caminho por entre as árvores em direcção a uma que está isolada. Meu Deus, como ela cheira mal: até enjoa, aquele fedor. Mas é

muito bonita, as folhas são azuis e tem diamantes pendurados por todos os lados. Diamantes do tamanho de laranjas. É por isso que ali estou, para apanhar um cesto de diamantes. Eu sei que, no momento em que quiser agarrar algum, cai-me em cima uma cobra. Uma cobra que está de guarda à árvore. É muito gorda, a maldita, e vive entre os ramos. Eu sei tudo isto, percebes? E ignoro como é que hei-de vencer a cobra. Mas arrisco-me, pronto! O que acontece é que o meu desejo de apanhar os diamantes é mais forte do que o medo da cobra. por isso trato de agarrar um, tenho-o na mão, puxo por ele, e nesta altura a cobra cai-me em cima. Lutamos os dois, mas a filha-da-mãe é escorregadia, não tem por onde se lhe pegue, está a esmagar-me, já sinto as pernas a estalar. Vem depois a parte que me faz suar só de pensar nisso. Imagina que ela começa a engolir-me.

Principia pelos pés. É como quem se enterra na areiamovediça. - Perry hesitou. Não podia deixar de ver que Dick, muito entretido a limpar as unhas com um dente do garfo, estava desinteressado do sonho. Mas perguntou:

- E então? A cobra acaba por te engolir, ou quê?

- Não interessa. Não tem importância .

Mas tinha! A parte final era de grande interesse, constituía uma fonte de perpétuo prazer. Contara-o um dia ao seu amigo Wille-Jay; descrevera-lhe o

grande pássaro amarelo, ”uma espécie de papagaio”. Claro que o Willie-Jay era diferente, um cérebro delicado, um ”santo”. Esse compreendia. Mas o Dick... O Dick iria rir-se dele. E isso não poderia Perry supoitar - que alguém metesse a ridículo o seu papagaio, que vira pela primeira vez a voar em sonhos quando contava apenas sete anos e não passava de uma criança mestiça, desprezada, que vivia num orfanato da Califórnia dirigido por freiras - grandes educadoras vestidas de hábito que lhe batiam por ele molhar a cama. Foi a seguir a uma dessas tareias que ele nunca poderia esquecer (”Ela acordou-me.

Trazia na mão uma lanterna eléctrica e bateu-me com ela repetidas vezes. Finalmente acabou por quebrá-la e continuou a bater-me às escuras”.) Nesta altura surgiu o pássaro, enquanto ele dormia, ”mais alto do que Jesus, amarelo como um

girassol”, qual anjo-guerreiro que viesse para cegar as freiras com o seu bico, comer-lhes os olhos, matá-las a todas enquanto ”pediam misericórdia”, e depois o erguia a ele nos ares, o envolvia nas asas e o conduzia ”ao Paraíso”.

À medida que os anos iam passando, os tormentos de que o pássaro vinha livrá-lo variavam: as freiras eram substituídas por diversas pessoas: outras crianças mais velhas, o pai, uma namorada infiel, um sargento que conhecera no exército... porém o papagaio era sempre o mesmo, uma ave vingadora. Desta forma, a cobra que vinha para o devorar nunca o conseguia, mas era ela própria devorada. E em seguida vinha aquela maravilhosa ascensão! Uma ascensão para um paraíso que, em certas ocasiões, não passava de uma ”sensação”, um sentimento de força, de superioridade invencível, mas que de outras vezes se traduzia por um ”determinado lugar. Tal como no cinema.

Talvez fosse de lá que eu me lembrasse daquilo. De contrário onde poderia eu ter visto um jardim daqueles? Com escadas de mármore, fontes, e lá ao fundo, quando a gente se debruçava na balaustrada, avistava-se o oceano. Uma maravilha! Tal como em Carmel, na Califórnia. O melhor de tudo, no entanto, era uma mesa muito comprida. A comida era tanta que não se pode imaginar.

Ostras, perus, cachorros quentes, milhares de taças de salada de fruta. E calculem, tudo aquilo de graça! Quero dizer que não se devia ter medo de lhe tocar. Eu podia comer tudo o que quisesse sem gastar um real. Era isso o que me

fazia acreditar que estava no paraíso!”

Dick respondeu:

- Eu cá sou um ser normal. Quando sonho é sempre com garotas louras. A propósito, já ouviste falar no pesadelo da cabra’

Lá vinha o Dick com as suas anedotas obscenas a propósito de tudo. Mas contava-as bem, e Perry, muito embora fosse um bocado puritano, não pôde deixar de rir, como sempre.

Ao falar da sua amizade com Nancy Clutter, Susan Kidwell afirmou:

- Nós éramos como duas irmãs, pelo menos era assim que eu sentia em relação a ela: uma verdadeira irmã. Sentia-me incapaz de ir às aulas, pelo menos naqueles dias mais chegados. Faltei até ao dia do enterro. O Bobby Rupp fez o mesmo. Nos primeiros momentos estivemos sempre juntos. Ele é um esplêndido rapaz, tem um coração de ouro e nunca lhe acontecera uma coisa assim tão horrível, perder aquela que amava. E ainda por cima ter de se sujeitar à prova do detector de mentiras. Não quero dizer que ele

se revoltasse com isso: compreendia que a Polícia tinha de fazer a sua obrigação. Eu, por mim, já sofri alguns desgostos, mas ele não. Para ele foi uma revelação descobrir que a vida não é apenas uma espécie de desafio de basquetebol prolongado. A maior parte do tempo passávamo-lo a vaguear no velho *Ford*, na auto-estrada, para baixo e para cima, íamos até ao aeroporto, ou então entrávamos no Cree-Mee - e um parque automóvel -, e sentavamo-nos a ouvir o rádio e mandávamos vir uma *Coca-Cola.* Tínhamos sempre a telefonia ligada, não havia nada para dizermos um ao outro. De vez em quando o Bobby é que falava, para dizer quanto amara Nancy e que nunca mais se interessaria por outra rapariga. Bem, eu tenho a certeza de que Nancy não quereria uma coisa dessas e tratei de lho dizer. Recordo-me... creio que foi na segunda-feira - fomos até ao rio.

Parámos sobre a ponte. Dali vè-se a casa, a casa dos Clutters. E parte da quinta, o pomar de Mr. Clutter e os campos de trigo a perder de vista. Num dos prados ardia uma fogueira; estavam a queimar as coisas lá de casa.

Para onde quer que se olhasse havia sempre algo que nos trazia recordações. Andavam homens com paus e redes a pescar nas margens do rio. Mas não era peixe o que eles procuravam, Bobby declarou que andavam a ver se encontravam as armas. A faca ou a carabina. ”A Nancy gostava muito do rio. Nas noites de Verão costumávamos montar as duas na *Babe,* aquela égua baia, velha e gorda, sabe? íamos até à parte mais baixa enquanto nós tocávamos flauta e cantávamos. Acabávamos por ficar com frio. Meu Deus, passo a vida a perguntar o que virá a ser dela, da B *aBe?* Houve uma senhora em Garden City que quis o cão do Kenyon.

Ficou com *o Tcddy,* Ele fugiu e voltou para Holcomb, mas ela veio cá buscá-lo outra vez. Eu tenho comigo o gato da Nancy, o *Evinrude.* Mas a *Babe...* Calculo que a vão vender, A Nancy, se soubesse, ficaria desolada.

Ou até furiosa! Outro dia, na véspera do enterro, eu e o Bobby estivemos sentados na linha a ver passar os comboios. Era uma estupidez, parecíamos carneiros no meio de uma tempestade de neve. Até que, de repente, Bobby acordou e disse-me: ”Temos de ir ver a Nancy. Temos de ir fazer-lhe companhia.” por isso dirigimo-nos a Garden City e fomos até à Casa Mortuária Phillip, que fica na rua principal. Parece-me que o irmão mais novo, do Bobby, ia connosco. Sim, tenho a certeza, fomos buscá-lo à saída do colégio. E lembro-me de ele ter dito que não haveria aulas no dia seguinte, para que todas as crianças de Holcomb pudessem assistir ao enterro. E foi-nos contado o que os outros meninos pensavam. Disse estarem todos convencidos de que se tratava de um ”assassino a soldo”. *EM não* quis acreditar. São tudo ditos e mexericos e a Nancy aborrecia tudo isso.

Seja como for não me interessa muito saber quem o fez. De certo modo acho que a minha amiga desapareceu.

O facto de se saber quem a matou não lhe restitui a vida. Que importa o resto?

”Não nos deixaram entrar. Na casa mortuária, quero eu dizer. Declararam que ninguém podia ver ”aquela família”. A não ser os parentes. Mas o Bobby insistiu e finalmente o encarregado ele conhecia o Bobby e provavelmente teve pena dele - disse que sim senhor, se não fizéssemos barulho, podíamos entrar. Depois arrependi-me. ”

Os quatro caixões, que enchiam por completo a pequena sala coberta de flores, iriam ser fechados durante os ofícios fúnebres, pois, apesar de todos os cuidados que houvera com a aparência das vítimas, o resultado não era nada satisfatório. Nancy envergava o seu vestido de veludo cor de cereja, o irmão uma camisa escocesa; os pais vestiam fatos mais discretos: Mr. Clutter, de flanela azul-escura, e a mulher, um de crepe da mesma cor; e..., provavelmente era isto que tornava a cena tão macabra, a cabeça de cada um encontrava-se por completo envolta em algodão em rama, lembrava um casulo duas vezes maior do que um balão vulgar. O algodão fora embebido em qualquer substância gomosa e por

isso brilhava como a falsa neve das árvores de Natal.

Susan saiu imediatamente.

- Fui lá para fora esperar no automóvel - recorda ela. - Do outro lado da rua andava um homem a varrer as folhas secas. Fiquei-me a olhar para ele porque não queria fechar os olhos. Penso que se o fizesse teria desmaiado. por isso continuei a vê-lo varrer as folhas e depois queimá-las. Olhava-o sem ver. Só tinha diante dos olhos aquele vestido. Conhecia-o tão bem. Fora eu quem a ajudara a escolher o tecido. Ela é que o desenhara e cosera. Recordo-me do seu entusiasmo a primeira vez que o vestiu. Foi numa festa. Não me saía da ideia o vestido de veludo vermelho da Nancy. E ela com ele, a dançar...

O jornal *Star*, de Kansas City, publicou um extenso relato do enterro dos Clutter, porém só dali a dois dias é

que Perry, na cama de um quarto de hotel, conseguiu lê-lo. Mesmo assim limitou-se a passar-lhe a vista por alto, saltando alguns parágrafos: ”Mil pessoas, a maior multidão que até ali tinha acorrido à Igreja Metodista nos cinco anos da sua existência... Algumas colegas de Nancy, do Colégio de Holcomb, derramaram lágrimas quando o reverendo Leonard Cowan disse: ”Deus dá-nos a coragem, o amor e a esperança, mesmo enquanto andamos a percorrer este vale de lágrimas. Tenho a certeza de que Ele os não abandonou 95

nos seus últimos momentos. Jesus nunca nos prometeu que não sofreríamos dores e desgostos, mas prometeu estar connosco para nos ajudar a suportá-los, .” Naquele dia excepcionalmente tépido, cerca de seiscentas pessoas dirigiram-se ao cemitério de Valley Viwo, que fica ao norte da cidade. Todos acompanharam as orações fúnebres. As suas vozes surdas enchiam o cemitério.*

Mil pessoas! Perry estava impressionado. Fazia cálculos de quanto teria custado o enterro. O dinheiro, para ele, era uma grande preocupação. Não tão importante como tinha sido de manhã. Aquele dia começara para eles sem que dispusessem de dinheiro ”para mandar cantar um cego”. Mas de então para cá a situação melhorara; graças a Dick, ambos possuíam agora ”um bom pé-de-meia”, o suficiente para irem até ao México.

O Dick. Um tipo hábil, que não fazia barulho. Era preciso ter cuidado com ele. Santo Deus, parecia incrível como ”enrolava um sujeito”. Como aquele caixeiro na loja de fatos, em Kansas City, no Missouri, o primeiro sítio onde Dick

decidira ”operar”. Quanto a Perry, nunca tentou ”passar um cheque”. Sentia-se nervoso, mas Dick dissera-lhe:

- Só quero que estejas ao pé de mim. Não te rias nem te admires com qualquer coisa que eu diga ou faça. Isto tem de ser de improviso.

Dick parecia ter o paleio adequado. Entrou por ali dentro com desembaraço e apresentou vivamente Perry ao caixeiro como sendo ”um amigo meu que se vai casar”. E prosseguiu: Eu sou o padrinho. Ando a ver se o ajudo a escolher as roupas. Ah, ah! Aquilo a que vulgarmente se chama o enxoval. Ah, ah!

O caixeiro ”engoliu tudo” e não tardou que Perry, despojado das calças de cotim, estivesse a provar um fato escuro que o caixeiro considerava ”ideal para uma cerimónia íntima”. Depois de comentar as proporções estranhas do corpo do cliente, um tronco desmedidamente grande para as pernas curtas e finas, acrescentou:

- Receio bem que não haja aqui nada que lhe sirva sem ser preciso adaptar.

Dick exclamou que não fazia diferença, havia muito tempo, o casamento era só ”dali a oito dias!

Resolvido aquele assunto, escolheram depois uma série de calças e casacos vistosos, considerados próprios, na opinião de Dick, para uma lua-de-mel na Florida.

- Conhece Éden Rock? - perguntou ele ao caixeiro. - Em Miam1 Beach? Tem lá quartos marcados. Foi o presente da família,

duas semanas a quarenta dólares por dia! Que me diz a isto? Um feiarrão desengonçado como ele tem a sorte que se vê! Ao passo que tipos escorreitos e bem parecidos como eu e você...

O caixeiro apresentou a conta. Dick procurou a carteira no bolso das calças, franziu o sobrolho, deu um estalo com os dedos e exclamou:

- Oh, diabo! Esqueci-me da carteira!

O companheiro achou aquela parte tão mal feita que nem ”uma criancinha de colo” se deixaria iludir por ela.

No entanto não foi essa a opinião do empregado, pelos vistos, pois apressou-se logo a ir buscar um cheque em branco. E quando Dick escreveu nele oitenta dólares, quantia esta superior à importância das compras, trouxe imediatamente o troco em notas.

Lá fora Dick observou:

- Com que então vais-te casar para a semana? Nesse caso precisas de uma aliança.

Dali a momentos, sentados no velho *Chevrolet* de Dick, paravam em frente de uma ourivesaria chamada Best Jewelry. Depois de haverem comprado, por cheque, um anel de pedido de casamento com um diamante, e uma aliança larga de ouro, dirigiram-se a uma casa de penhores para empenharem ambas as jóias. Perry separou-se delas com desgosto. Estava já quase a acreditar naquela noiva inventada, muito embora na sua imaginação, ao contrário da de Dick, ela não fosse nem rica nem bonita, mas sim bem arranjada, com boas maneiras e provavelmente com um ”curso universitário” ou pelo menos do tipo ”bastante intelectual” - aquela espécie de rapariga com que sempre sonhara mas que nunca conhecera, salvo essa tal Cookie, a enfermeira que o tratara quando estivera hospitalizado em consequência do acidente de mota.

Uma rapariga formidável, a Cookie, que o estimava, tinha pena dele, o acarinhava, fazia que ele lesse ”livros sérios”, tais como *Gone with th e Wmd* e *This Is My Beloved.* Tiveram relações sexuais, de natureza estranha e fortuita, haviam falado de amor e de casamento, mas no fim, depois de curadas as lesões, ele despedira-se, oferecendo-lhe, à laia de explicação, um poema que afirmava ter escrito: *Existe uma raça, de homens, que se não adaptam*

Nem podem estar quietos:

por isso rebentam todas as amarras

E vão correr mundo.

Cultivam os campos e dominam as cheias,

Trepam ao alto das montanhas;

97

Mas trazem consigo a sina de um sangue vagabundo

Que os não deixa parar.

Se caminhassem em frente iriam muito longe,

pois são fortes, valentes e leais;

Mas fartam-se logo daquilo que têm;

Querem sempre mais.

Nunca mais a vira nem tivera notícias dela, no entanto, volvidos alguns anos, mandou tatuar o seu nome num braço e, quando Dick lhe perguntou quem era a ”Cookie”, ele respondeu:

- Ninguém. Uma rapariga com quem estive para casar. (Invejava Dick por haver sido casado - por duas vezes -

e ter

três filhos. Uma mulher e filhos eram experiências que ”um homem devia possuir”, mesmo quando, como no caso de Dick, ”o não tivessem feito feliz nem lhe houvessem trazido qualquer benefício”.) Empenharam os anéis por cento e cinquenta dólares. Entraram noutra ourivesaria, o Goldman, onde conseguiram obter um relógio de ouro para homem. Na loja a seguir, um armazém de artigos fotográficos Elko, ”compraram” uma complicada máquina de filmar.

- Estas máquinas são um esplêndido investimento - declarou Dick a Perry. - Não há nada mais fácil de pôr no prego ou vender. Máquinas fotográficas *e* aparelhos de televisão.

Sendo assim, resolveram arranjar alguns destes e, tendo-o conseguido, assaltaram ainda vários armazéns de vestuário - o Sheperd & Foster, o Rothschild e o Shopper’s Paradise. Ao cair da noite, estavam as lojas para fechar, achavam-se com os bolsos atulhados de dinheiro o carro carregado de

mercadoria vendável ou fácil de empenhar. Ao contemplarem a reserva de camisas de homem, de isqueiros, de máquinas caras, de botões de punhos baratos, Perry sentia-se eufórico - em breve iriam para o México, viver ”uma verdadeira vida”, com novas oportunidades. Dick, porém, parecia deprimido. Encolhia os ombros ao ouvir os elogios de Perry.

”Estou a falar a sério, Dick. Tu foste formidável. Até eu estava quase a acreditar-te, a maioria das vezes!” E

Perry sentia-se intrigado; não compreendia por que motivo Dick, habitualmente tão vaidoso, agora que tinha razão para o estar, se mostrava subitamente triste e caído. E disse-lhe:

- O que tu precisas é de beber qualquer coisa.

Pararam num bar. Dick bebeu três *cocktails.* No fim do terceiro, inquiriu abruptamente

- Que diria a isto o meu pai? Penso que... Oh, meu Deus. Ele é um tipo tão bom. E a minha mãe... bem, tu viste-a. Que diriam

eles? Eu, por mim, vou para o México, ou sabe-se lá para onde. Mas eles estarão aqui quando todos estes cheques começarem a ser protestados. Eu conheço o meu pai. Vai querer pagá-los do primeiro ao último. Tal como da outra vez. E não pode. Está velho e doente e não tem um centavo.

- Compreendo-te perfeitamente - respondeu Perry, pensativo. Sem ser amável, era sentimental e a afeição de Dick pelos pais, as preocupações que sentia a seu respeito, comoviam-no de verdade. - Mas que diabo, Dick -

observou - Nós podemos pagar estes cheques. Uma vez no México, desde que estejamos aí instalados, podemos ganhar dinheiro. Quanto quisermos.

- Como?

- Como? - Que quereria Dick significar com aquilo? A pergunta intrigou Perry. Afinal eles tinham discutido juntos uma porção de hipóteses, qual delas a mais tentadora. Pesquisa de ouro, caça ao tesouro debaixo do mar, eis apenas dois dos

projectos que Perry propusera com ardor. E havia ainda outros. por exemplo, o barco.

Tinham conversado muitas vezes acerca de um barco para pesca em profundidade que comprariam e que eles próprios manejariam para alugar durante as férias - muito embora nenhum deles tivesse sequer tripulado alguma vez uma canoa ou pescado um simples barbo à linha. Podiam também guiar carros roubados, fazendo-os passar as fronteiras com a América do Sul. (”Ganhavam-se 500 dólares por viagem”, segundo Perri lera algures.) Mas, de todas as respostas que poderia dar, ele escolheu recordar a Dick a fortuna que os esperava nas ilhas dos Cocos, numa certa zona da Costa Rica:

- Isto não são fantasias, Dick. É autêntico. Tenho aqui um mapa. Sei a história toda. O tesouro está lá

enterrado desde 1812

- um galeão peruano, carregado de jóias. Sessenta milhões de dólares, é quanto dizem que ele vale. Ainda que o não consigamos encontrar todo, ao menos uma parte... Vais nisso, Dick?

Até ali, Dick sempre o encorajara, sempre escutara atentamente a conversa dele acerca de mapas, as suas histórias de tesouros, mas desta vez - nunca pensara nisso antes - perguntava a si próprio se Dick não teria andado sempre a fingir, a *chuchar* com ele.

Este pensamento, doloroso ao máximo, dissipou-se num instante, pois Dick, com uma piscadela de olho e uma cotovelada a brincar, respondeu:

- pois claro, meu velho! Então não havia de ir? Contigo vou até ao fim do mundo!

99

Eram três da manhã quando o telefone tocou de novo. Não que a hora tivesse a mínima importância . Al Dewey estava bem acordado, assim como a mulher e os dois filhos, o Paul de nove anos e o Alvin Adams Dewey Jr. de doze. Quem poderia dormir naquela casa - uma casinha modesta, de um só andar, onde o telefone tocava a todo o momento? Enquanto saltava da cama, Dewey prometeu à mulher:

- Desta vez vou deixá-lo desligado.

Mas não era promessa que ele fosse capaz de cumprir. É certo que grande parte das chamadas partiam de jornalistas à cata de notícias ou então de pseudo-humoristas ou teóricos. (”É o Al? Escuta, pá. Já descobri tudo. Trata-se de um assassínio seguido de suicídio. Sei, por acaso, que o Herb estava nas lonas, financeiramente falando. Então que faz ele? Preenche aquela importante apólice de seguros, mata a mulher e os filhos, e por fim suicida-se com uma bomba. Uma granada cheiade cartuchos de caça”), ou pessoas anónimas, mal-intencionadas: (”Conhece os Fulanos? Estrangeiros... não trabalham... dão festas... oferecem *cocktails*... Donde lhes vem o dinheiro? Não me admiraria nada que estivessem por detrás deste caso dos Clutters!”) ou então senhoras histéricas, alarmadas pelos ditos sem pés nem cabeça que ferviam à sua roda: (”Alvin, por favor, eu conheço-te desde criança! Quero que me digas com toda a franqueza se isto é verdade!

Eu estimava e respeitava o senhor Clutter e custa-me a acreditar que esse homem, esse bom cristão, andasse atrás das mulheres... ”).

Porém a maioria das pessoas que telefonavam eram cidadãos respeitáveis que pretendiam ajudar: (”Não sei se o senhor já se lembrou de entrevistar a amiga de Nancy, a Suse Kidwell? Estive a falar com essa pequena e ouvi-lhe uma coisa que me impressionou. Afirmou-me que, da última vez que falara com a Nancy, esta lhe confessara que o pai andava realmente muito maldisposto. Isto durava havia três semanas. Ela pensava que ele andasse preocupado com qualquer coisa, tão preocupado que começara a fumar!...”) Ou eram informadores deste género ou então pessoas com funções oficiais - funcionários da justiça e xerifes de outras regiões do estado (”Isto pode ter importância ou pode não ter nenhuma, no entanto um tabemeiro daqui ouviu dois tipos a discutirem o caso nuns termos que dava a impressão de estarem bastante dentro do assunto... ”). E, muito embora nenhuma destas conversas tivesse, até à data, feito mais do que dar trabalho escusado aos investigadores, era sempre possível que a seguinte, segundo dizia Dewey, ”viesse fazer luz sobre o caso”.

100

Ao responder a esta última chamada. Dewev ouviu imediatamente a seguinte frase:

- Desejo confessar tudo.

- Diga-me com quem estou a falar, por favor?

O seu interlocutor, que era um homem, repetiu a afirmação inicial, acrescentando:

- Fui eu. Matei-os a todos.

- Está bem - retorquiu Dewey. - Faça favor de me dizer o seu nome e endereço...

- Oh, isso não - replicou o outro com a voz pastosa de bêbeda indignação. - Não vou fazer isso sem mais nem menos. Primeiro quero receber a recompensa. Mande-a para cá e depois lhe direi quem sou. Não transijo.

Dewey voltou para a cama:

- Não era nada, minha querida - explicou. - Nada de importante. Mais um bêbedo.

- Que queria ele?

- Confessar o crime. Desde que lhe mandássemos antes a recompensa. - (Um jornal do Kansas, o *Neivs*, de Hutchin”on, oferecera mil dólares em troca de qualquer informação capaz de conduzir à descoberta do criminoso.)

- Alvin, vais acender outro cigarro! Na verdade, Alvin, não poderias ao menos tentar dormir?

Ele sentia-se demasiado contraído para poder dormir, ainda que o telefone se calasse; demasiado preocupado e com um sentimento de frustração. Nenhum daqueles indícios o conduzira fosse onde fosse, a não ser a um beco sem saída. Bobby Rupp? A máquina detectora de mentiras eliminara Bobby. E Mr. Smith, o lavrador que sabia dar nós idênticos àqueles usados pelo assassino - também ele fora posto de parte, por se haver provado que, na noite do crime, ”estivera ausente em Oklahoma”. Restavam pois os Johns, pai e filho, mas também esses haviam apresentado alibis fáceis de comprovar.

- Desta forma ficámos reduzidos a um número redondo: zero! - comentara Harold Nye.

Até a busca da sepultura do gato de Nancy talhara.

No entanto haviam surgido um ou dois pontos interessantes. Primeiro, ao dar volta aos fatos de Nancy, a tia desta, Mrs. Elaine Selsor, encontrou um relógio de ouro escondido dentro da biqueira de um sapato. Segundo, Mrs. Helm, acompanhada por um agente do F. B. I, explorara todos os compartimentos da casa em busca de qualquer coisa fora do lugar ou de alguma falta, e entrou no quarto de Kenyon. Mrs. Helm olhou para tudo e tornou a olhar em volta, de lábios apertados, tocando nisto e naquilo:

a velha luva de beisebol de Kenyon, as suas botas de trabalho enlameadas, os óculos tristemente abandonados.

E durante todo o tempo ia murmurando:

- Falta aqui qualquer coisa, tenho a certeza absoluta, não há dúvida nenhuma, mas não sei o que é. - E de repente descobriu'

- Onde está o rádio? O rádio pequeno do Kenyon?

Estas duas descobertas juntas levaram Dewey a considerar de novo a possibilidade do "roubo puro e simples"

como móbil. Certamente que o relógio não fora cair por acaso dentro do sapato de Nancy! Na cama, às escuras, ela devia ter ouvido ruídos, passos leves, talvez vozes, que a levaram a supor haver ladrões dentro de casa, e em vista disso devia ter corrido a esconder o relógio, que era uma prenda do pai e que ela muito estimava. Quanto ao rádio, um modelo portátil, cinzento, marca *Zenith,* não havia dúvida de que fora levado.

Mesmo assim, Dewey não podia admitir que uma família inteira tivesse sido assassinada por um valor tão mesquinho: "mera dúzia de dólares e um rádio". A aceitação deste facto desmentia a ideia que ele fazia do criminoso, ou melhor, dos criminosos. Ele e os seus colaboradores haviam optado pelo plural. A hábil execução dos crimes provava bem que, pelo menos, um dos assassinos, calmo e muito esperto, era - não podia deixar de ser - uma criatura demasiado inteligente para ter levado a efeito semelhante proeza sem um motivo bem determinado. Nesta altura Dewey descobriu ainda uma porção de pormenores que vieram

reforçar a sua convicção de que, pelo menos, um dos assassinos se havia comovido com a sorte das vítimas e sentira por elas, embora aniquilando-as, uma certa dose de estranha ternura. De contrário, como explicar a caixa do colchão?

Este caso da caixa do colchão era uma das coisas que mais intrigava Dewey. porque teriam os assassinos tido o incómodo de a ir buscar ao fundo da cave, colocando-a em frente da fornalha, a não ser com a intenção de dar um certo conforto a M r. Clutter, de lhe fornecer uma cama menos dura do que o cimento, enquanto esperava que lhe cortassem o pescoço com a faca? E, ao estudar as fotografias daquela cena de morte, descobrira outros pormenores que pareciam confirmar esta sua teoria de um assassino sujeito de quando em quando a certos impulsos emocionais.

“- Ou então... - não conseguia encontrar a palavra desejada um tipo complicado. Terno. Haja em vista as cobertas das camas. Que espécie de pessoa é capaz de amarrar duas mulheres, como ele fizera a Bonnie e a Nancy, e depois puxar para cima a roupa, entalá-la bem, como quem lhes dá as boas-noites com desejos de belos sonhos! E a almofada debaixo da cabeça de Kenyon.

102

A princípio supus que ele a tinha colocado ali para tornar o alvo mais fácil de atingir. Agora penso: Não, ele fez issso por motivo idêntico ao da caixa do colchão: a fim de dar mais conforto à vítima.”

porém as especulações deste género, muito embora absorvessem Dewey, não o animavam nem lhe davam a sensação de ter ”descoberto qualquer coisa”. Raramente se conseguia descobrir um caso com o auxílio de

”teorias fantasistas”; ele acreditava apenas em factos ”nus e crus”. A quantidade de factos que seria preciso descobrir e seleccionar, os planos para o conseguir, tudo isso prometia um trabalho exaustivo, pois significava seguir a pista e ”controlar” centenas de pessoas, entre estas os antigos trabalhadores de River Valley, amigos da família, todo e qualquer indivíduo que houvesse mantido de perto ou de longe relações de negócios com Mr. Clutter - enfim, seria como que marcar passo na investigação do passado. pois, segundo Dewey afirmara aos seus homens:

- Teremos de investigar até acabarmos por conhecer os Clutter tão bem ou melhor do que eles se conheciam a si próprios. Até podermos encontrar uma

relação entre o que sucedeu na manhã de domingo passado e um facto qualquer ocorrido talvez, há cinco anos ou mais. Descobrir uma ligação. É o que temos a fazer, dê lá por onde der!

A mulher de Dewey passou pelo sono mas acordou ao senti-lo saltar da cama para atender mais uma vez o telefone. Ouviu também, no quarto onde dormiam os filhos, os soluços de um dos rapazinhos que chorava.

”Seria o Paul?” Ele não era rabugento nem chorão, nunca! Estava sempre entretido a cavar túneis no quintal ou então a praticar para vir a ser ”campeão de corridas do condado de Finney”. porém, nesse dia ao almoço desatara em soluços. A mãe não precisara de lhe perguntar a razão; sabia que, muito embora ele compreendesse vagamente o motivo de toda aquela confusão à sua volta, sentia-se inseguro ante as enervantes chamadas telefónicas, os estranhos que entravam em casa, os olhos fatigados e cheios de preocupação do pai.

A mãe levantou-se para o ir consolar. O irmão, mais velho três anos, deu também a sua ajuda:

- Está calado, Paul. Não te apoquentes, que eu amanhã ensino-te a jogar *opoker.*

Dewey estava na cozinha: ao procurá-lo, Mane encontrou-o à espera que o café acabasse de coar, com as fotografias da cena do crime espalhadas na sua frente sobre a mesa: manchas negras a macularem o colorido do plástico com desenhos de frutos. (Ele quisera um dia que ela visse as fotografias mas ela recusara, dizendo: *10* 3

(Quero recordar-me da Bonnie e de todos eles tal como eram”)

O marido alvitrou:

- Não seria mau os rapazes irem estar uns tempos com a minha mãe.

A mãe dele, uma senhora viúva, habitava perto dali, numa casa que ela considerava demasiado grande e silenciosa; apreciava muito a companhia dos netos.

- Só por uns dias, até... Bem, até daqui a algum tempo.

Alvin, achas que voltaremos a ter uma vida normal? inquiriu Mrs. Dewey.

A vida normal deles era esta: trabalhavam ambos, Mrs. Dewey como secretária num escritório, e dividiam entre os dois os trabalhos domésticos, cozinhando e lavando a louça à vez. (”Quando o Alvin era xerife, sei que alguns dos amigos costumavam meter-se com ele de brincadeira. dizendo: Olhem, lá vem o xerife Dewey!

É um teso, sabe manejar um revólver de dez tiros! Mas assim que chega a casa, larga o revólver e põe o avental!”) Nessa altura andavam eles a economizar para poderem construir uma casa numa quinta que Dewey comprara em 1951 - duzentos e quarenta hectares, umas milhas apenas ao norte de Garden City. Quando fazia bom tempo, especialmente na altura dos trigais estarem maduros, ele gostava de ir até lá treinar a pontaria atirava aos corvos, a latas de conserva - ou então, em pensamento, percorria a casa que havia de possuir um dia, o jardim que estava ainda por plantar, e via as árvores ainda por nascer, Tinha a certeza absoluta de que um dia o seu oásis de álamos e carvalhos se havia de erguer no meio daquela planície sem sombras: ”Um dia, se Deus quiser!...”

Esta crença em Deus e os rituais que lhe estavam ligados, a ida à igreja aos domingos, a oração antes das refeições, bem como ao deitar, faziam parte integrante, da existência de Dewey.

- Não compreendo como há gente que se senta a comer sem pedir a Deus que lhe abençoe a comida -

declarara, uma vez, a Mrs. Dewey. - As vezes, quando chego a casa... bem, venho cansada. Mas encontro sempre café feito sobre o fogão e até um bife no frigorífico. Os rapazes acendem o lume para eu fazer o bife e ficamos a conversar, contando uns aos outros o que foi o nosso dia. E quando chega a hora do jantar reconheço que temos razões para nos sentirmos felizes e agradecidos. por isso digo: ”Obrigada, Senhor.” E não faço isto por obrigação, mas porque o sinto. Neste momento Mrs. Dewey repetiu: - Diz-me, Alvin. Achas que voltaremos a ter uma vida normal? Ele ia para responder, mas o telefone interrompeu-o.

O velho *Chevrolet* deixou Kansas City a 21 de Novembro, num sábado à noite. A bagagem ia atada com correias e cordas ao porta-bagagem do tejadilho; a mala estava tão cheiaque não se podia fechar: lá dentro, no banco traseiro levavam

dois aparelhos de televisão, um em cima do outro. Era uma viagem incómoda para os dois ocupantes do carro, Dick ao volante e Perry a seu lado, segurando ao colo a guitarra Gibson, o seu bem mais precioso. Quanto aos outros pertences de Perry - uma mala de cartão, um rádio portátil marca *Zenith* de cor cinzenta, um bidão de um galão contendo cerveja (receava não ter possibilidades de comprar no México a sua bebida preferida), e duas enormes caixas contendo livros, manuscritos, recordações queridas (o Dick pintara o caneco!

Praguejara, dera pontapés nas caixas, chamando-lhes ”toneladas de porcarias!”) - tudo isto seguia no interior do carro.

Perto da meia-noite atravessaram a fronteira. Perry, satisfeito por estar fora do Kansas, descontraiu-se finalmente. Agora era certo, iam a caminho. A caminho da sua aventura, para nunca mais voltarem. Sem saudades, pelo menos no que lhe dizia respeito, pois nada deixava atrás de si, nem ninguém que se interessasse pelo seu desaparecimento. Já Dick não podia dizer o mesmo.

Esse tinha alguém a quem dizia amar: três filhos, a mãe, o pai, um irmão - pessoas às quais ele não se atrevera a confiar os seus planos, de quem se não despedira, muito embora não contasse voltar a vê-los. Nunca mais na vida.

”CASAMENTO ELEGANTE, REALIZADO NO SÁBADO”, etc... Este cabeçalho, publicado na página mundana do *Telegram,* de Garden City, a 23 de Novembro, surpreendeu muitos dos leitores.

Pelos vistos, Beverly, a segunda filha de Mr. Clutter, casara com Mr. Vere Edward English, jovem estudante de biologia, de quem há muito estava noiva. Miss Clutter ia de branco e o casamento, em grande estadão (”Mrs. Leonard Cowan fora solista e Mrs. Howard Blanchard organista”), tinha sido ”celebrado na Primeira Igreja Metodista”, a mesma em que, três dias antes, a noiva assistira ao enterro dos pais, do irmão e da irmã mais nova. No entanto, segundo o relato do *Telegram: ”*Vere e Beverly haviam combinado casar-se pelo Natal. Os convites estavam já impressos e o pai marcara vez na igreja para essa data. Em face da inesperada tragédia e da presença dos parentes vindos de pontos distantes, o jovem par resolveu casar-se no sábado.”

Depois do casamento, a família Clutter dispersou. Na segunda-feira, *10* 5

no dia em que o último abandonava Garden City, o *Telegram* publicava na primeira página uma carta escrita por Mr. Howard Fox, de Oregon, Ilinóis, irmão

de Bonnie Clutter. A carta depois de exprimir a sua gratidão às pessoas da cidade por terem aberto as suas ”“portas e os seus corações” à família enlutada, constituía um apelo: ”Existe grande dose de ressentimento nesta comunidade (isto é, Garden City)”, escrevia Mr. Fox. ”Ouvi mesmo afirmar, mais do que uma vez, que o criminoso, quando fosse apanhado, deveria ser logo enforcado na primeira árvore. Não devemos pensar assim. O mal está feito e o facto de se suprimir mais uma vida nada modificava. Em vez disso tratemos de perdoar, como é da vontade de Deus. Não é bom albergar ódio no coração. O autor deste crime vai achar muito difícil viver com o remorso. Só encontrará a paz quando alcançar o perdão de Deus. Que não sirvamos nós de estorvo a isso. Mas, antes, oremos para que encontre a paz.”

O carro estacionava num promontório onde Perry e Dick haviam parado para comer uma merenda. Era meio-dia. Dick perscrutava o horizonte com um binóculo. Tudo montanhas. Os corvos pairavam, descrevendo círculos no céu branco. Distinguia uma estrada toda em curvas, que ia dar a uma aldeiapoeirenta. Era o segundo dia que passavam no México e, até ali, gostara de tudo aquilo, mesmo da comida. (Neste momento estava a devorar uma tortilha fria e azeitada.) Haviam atravessado a fronteira em Laredo, no Texas, na manhã

de 23 de Novembro, e passado a noite num bordel de San Luis de Potosí. Encontravam-se agora a trezentas milhas ao norte do seu próximo destino, a Cidade do México.

- Sabes o que estou a pensar? - disse Perry. - Acho que devemos ter qualquer anormalidade, nós os dois, para fazermos aquilo que fizemos.

- Que queres dizer?

- O que fizemos lá...

Dick meteu o binóculo numa caixa de cabedal, um estojo de luxo marcado com as iniciais H. W. C. Sentia-se aborrecido, mal-disposto como o raio. porque diabo não se calaria o Perry? Que diabo, qual seria o interesse de estar sempre a remexer na mesma coisa? Tornava-se realmente chato! Sobretudo depois de haverem assentado em que, de um modo geral, não voltariam a falar no assunto. Tratariam de esquecer tudo.

- Quem faz uma coisa destas por certo não é normal - disse Perri.

106 - Deixa me em paz, criança - retorquiu Dick - Eu ca sou um ser normal - E Dick estava convencido do que afirmava. Achava-se tão equilibrado e são de espírito como qualquer outra pessoa - talvez um pouco mais esperto do que o vulgo, e pronto porém, estava certo de haver qualquer coisa de anormal no Perry Isso, pelo menos Na Primavera anterior, quando estavam presos na mesma cela da penitenciária do estado do Kansas, ficara conhecendo a maior parte das excentricidades de Perry. Por vezes parecia uma

”criancinha”, sempre a fazer chichi na cama e a chorar enquanto dormia (”Papá, onde estás tu, t enho-te procurado por toda a parte’”) e, muitas vezes, Dick tinha-o visto ”ficar sentado durante horas a chuchar no dedo e a contemplar aqueles estúpidos mapas dos tesouros escondidos” Este era um dos aspectos, porque havia outros De certo modo, o maroto do Perry conseguia ser -. esquisito como o diabo” Vejamos, por exemplo, o seu mau génio Acontecia lhe ter fúrias ”piores do que duzentos índios juntos” I sem ninguém saber quando ”Era capaz de matar e esfolar uma pessoa, sem se perceber quando nem porquê ”, afirmara Dick certa vez porque embora lá por dentro a sua raiva atingisse os maiores extremos, exteriormente Peiry permanecia um jovem bandido de aspecto frio, olhos serenos e um ar ligeiramente sonolento Noutros tempos Dick julgara ainda poder controlar, regular a temperatura desses súbitos ataques de raiva fria que queimavam e gelavam o seu amigo. Enganara se e depois de o descobrir sentira-se bastante duvidoso a respeito de Perry, sem saber o que pensar, a não ser que deveria receá-lo e perguntando a si próprio por que motivo tal não acontecia.

Perry prosseguia.

- la muito, muito no fundo, nunca pensei ser capaz de o fazer. Uma coisa assim’

- Então e esse tal preto? - inquiriu Dick. Silêncio. Dick percebeu que Perry o fitava Uma semana antes, em Kansas City, Perry comprara um par de óculos escuros, de fantasia, com vidros di espelho e aros prateados. Dick não gostara deles disse a Perry que tinha vergonha de ser visto na

”companhia de uma pessoa que usasse aquela porcaria”. Na realidade o que o irritava eram aqueles vidros de espelho tornava se muito desagradável saber os olhos de Perry escondidos atrás da cortina daquela superfície colorida e espelhante.

Mas um preto é diferente - objectou Perry. Este comentário e a relutância com

que fora proferido levaram Dick a interrogar:

- Ou era peta?! Foi certo tu matá-lo como me afirmaste?

107

- A pergunta era importante, visto que o princípio do seu interesse por Perry, o conhecimento do carácter e das possibilidades do rapaz, baseava-se na história que este um dia lhe contara de haver morto à pancada um homem de cor.

- pois claro que o matei. Mas não passava de um preto. Não é a mesma coisa. - Depois acrescentou: - Sabes o que na verdade me preocupa? A respeito daquilo? É não acreditar que alguém possa escapar depois de uma coisa daquelas. Não me parece possível, depois do que fizemos. Lembras-te que apenas uma pequena percentagem de pessoas consegue escapar-se. Quero dizer, aquilo que me preocupa é... Não consigo tirar da ideia que vai acontecer qualquer coisa.

Muito embora quando criança tivesse frequentado a igreja, Dick nunca tivera uma verdadeira crença em Deus; nem as superstições o perturbavam. Ao contrário de Perry, não estava convencido de que um espelho quebrado significasse sete anos de infortúnio ou que a Lua Nova vista através de um vidro desse azar. Contudo, Perry com as suas intuições subtis, acertara em cheio na única dúvida que restava a Dick. Também ele tinha momentos em que a mesma pergunta lhe girava sem parança no cérebro: ”Seria possível... iriam eles, de verdade, escapar, depois de haverem praticado semelhante crime?”

De súbito declarou a Perry:

- Cala-te lá com isso!

Depois ligou o motor e fez recuar o carro, saindo do promontório. À sua frente, sobre a estrada coberta de pó, viu um cão que se aproximava correndo ao sol.

Montanhas. Corvos pairando num céu branco.

Quando Perry perguntara a Dick: ”Sabes o que estou a pensar?” tinha a certeza absoluta de dar início a uma conversa que desagradaria a Dick e que, por esse motivo, ele devia evitar. Concordava com o amigo: porque haviam de voltar *a.* falar no caso? Mas nem sempre conseguia impedir-se de o fazer. Vinham-lhe acessos de desânimo, momentos em que ”se lembrava de coisas”

- uma luz azul a explodir num quarto escuro, os olhos de vidro de um grande urso de pelúcia - e a ouvir vozes que, particularmente ao pronunciarem certas palavras, lhe martelavam o cérebro: ” Oh, não! por favor, não, não! Não! Não! Não faça isso! Pelo amor de Deus não faça isso!” E voltava a ouvir certos ruídos: um dólar de prata a rolar pelo chão, passos de botas numa escada de madeira nua, o som de uma respiração, de um arquejo, o aspirar ofegante de um homem com a garganta cortada.

Quando Perry afirmara ”devemos ter algo de anormal”, acabava ele de admitir uma coisa que

”muito lhe custava a roer”. Ao cabo e ao resto, era ”doloroso” um homem chegar à conclusão de que não regulava bem” - sobretudo se essa talha não era culpa nossa, mas antes ”uma coisa de nascença. Era só ver a sua família! O que lhes sucedera a todos? A mãe, uma bêbeda, morrera asfixiada com os próprios vómitos. Dos filhos, dois rapazes e duas raparigas, apenas a mais nova, a Bárbara, seguira uma vida normal, casara e já tinha filhos. Fem, a outra irmã, atirara-se de uma janela abaixo num hotel de São Francisco. Perry teimara sempre em acreditar ”que ela escorregara”, porque gostava muito da Fem. Era ”um amor”, possuía um ”temperamento artístico”, dançava ”bestialmente bem” e sabia cantar.

”Se tivesse tido sorte, bonita como era, poderia ter ido longe e sido alguém.”

Era triste imaginá-la a subir para cima de um parapeito e a cair de uma altura de quinze andares. E

havia ainda o Jimmy, o patife do Jinmy, que levara a mulher a suicidar-se, matando-se ele em seguida.

Nisto ouviu Dick declarar:

- Não me incluas nesse número. Eu cá sou normal!

Não era que aquilo parecia um relincho de cavalo? Mas não interessava, era melhor deixar passar.

- La muito, muito no fundo, nunca pensei que fosse capaz de fazer uma coisa

assim. - Mas logo reconheceu o seu erro. Dick não podia deixar de inquirir então:

- E esse tal preto?

Quando contara a Dick aquela história era porque desejava alcançar a amizade do companheiro, queria que Dick o ”respeitasse”, o julgasse ”um valente., um ”tipo másculo”, como ele próprio imaginava Dick. por isso um dia, depois de terem estado ambos a ler e enquanto discutiam um artigo do *Reader's Digest* intitulado ”Que espécie de qualidades de detective possui você?” (Ao esperar num dentista ou numa estação de caminho-de-ferro, tente observar os pormenores significativos nas pessoas que o rodeiam. Repare na maneira como andam, por exemplo. Um caminhar rígido pode indicar um carácter recto, uma personalidade indomável; um andar gingão, falta de vontade”) e Perry afirmara:

Eu sempre tive qualidades de detective, de contrário teria já morrido a estas horas. Refiro-me às ocasiões em que conhecia que não podia confiar em certas pessoas. Isso é moeda corrente. Mas em ti, confio, Dick. Vais ver que é verdade porque vou entregar-me nas tuas mãos. Vou contar te uma coisa que nunca contei a ninguém. Nem mesmo ao Willie-Jay. Vou Falar-te daquela *1* 09

vez que liquidei um tipo. - E Perry percebia, à medida que ia falando, que Dick se estava a interessar pelo assunto. Escutava com atenção. - Foi aqui há dois anos, em Las Vegas. Eu vivia nessa altura numa velha pensão; outrora fora um bordel. Mas todo o luxo desaparecera. Uma barraca que devia ter sido demolida dez anos atrás; de qualquer modo eu andava então na mó de baixo. Os quartos mais baratos ficavam no sótão e era ali que vivia, assim como esse tal preto. Chamava-se King e era hóspede de passagem. Estávamos só nós lá

em cima. Nós e um milhão de baratas. O King já não era novo, mas tinha trabalhado nas estradas e feito vida ao ar livre, por isso era bem constituído. Usava óculos e lia muito. Nunca fechava a porta do quarto. Sempre que eu por ali passava, via-o, nu em pêlo, deitado a ler. Estava desempregado e dissera-me que tinha ainda alguns dólares que economizara do último emprego e que, durante uns tempos, só queria estar deitado a ler, a abanar-se e a beber cerveja. O que ele lia eram só porcarias - livros de quadradinhos e histórias de *cowboys.*

Parecia um tipo fixe. As vezes bebíamos juntos uma cerveja e houve um dia em que me emprestou dez dólares. Eu não tinha motivo nenhum para lhe fazer mal.

porém, certa noite, estávamos no sótão e fazia tanto calor que não se podia dormir. Eu então disse: ”Vem daí, King, dar uma volta.” Eu tinha um carro velho que desmanchara, modificara e pintara de prateado. Chamava-lhe o Fantasma de Prata. Demos um longo passeio e internámo-nos no deserto. Aí fazia fresco. Parámos e bebemos mais umas cervejas. O King saiu do carro e eu fui atrás dele. Ele não me viu pegar na corrente. Era uma corrente de bicicleta que eu trazia debaixo do assento. A verdade é que não fazia antecipadamente a menor tenção de fazer o que fiz. Bati-lhe na cara e parti-lhe os óculos. Continuei a bater e no fim não sentia nada. Deixei-o lá ficar e nunca mais ouvi falar nele. Talvez nunca ninguém o descobrisse, a não ser os abutres.

Nesta história havia algo de verdade. Perry conhecera, nas circunstâncias atrás mencionadas, um negro chamado King. Mas, se acaso hoje estava morto, Perry não tinha nada a ver com isso, nunca levantara a mão para ele. Ignorava-lhe o paradeiro, mas o homem podia ainda hoje estar vivo, hospedado algures, a abanar-se e a beber cerveja.

- Foi verdade? Mataste-o tal como disseste? - perguntou Dick.

Perry não tinha grande jeito para mentir, pelo menos com volubilidade: no entanto, quando inventava uma patranha, geralmente mantinha o que dizia.

- pois claro que matei. Mas não passava de um preto. Não é a

mesma coisa. - por fim disse: - Sabes o que me preocupa, acerca daquilo? É eu não acreditar que alguém possa sair impune de uma coisa assim. - E desconfiava que Dick sentia o mesmo. porque Dick estava, pelo menos em parte, obcecado pelas apreensões místico-morais de Perry. E daí o ter exclamado:

- Cala-te lá com isso!

O carro rodava já na estrada. Trinta metros adiante um cão seguia pela berma. Dick guinou sobre ele. Tratava-se de um cachorro a cair de velho, uma carga de ossos, e o choque, quando o carro lhe bateu, pouco mais barulho fez do que se se tratasse de um passarinho. Mas Dick ficou satisfeito:

- Ena pá! - era sempre isso o que ele exclamava depois de haver esborrachado um cão, o que invariavelmente fazia quando se lhe apresentava o ensejo. - Ena

pá! Foi mesmo em cheio!

Depois do Dia de Acção de Graças, terminou a estação da caça aos faisões, porém aquele belo Verão de S.

Martinho continuou, com a sua sequência de dias maravilhosos. O último dos jornalistas de fora, convencido de que o caso não ia ter solução, abandonou a cidade de Garden City. Mas este estava longe de se poder considerar encerrado, para as pessoas do condado de Finney, pelo menos para os frequentadores do centro de reunião mais popular de Holcomb, o Hartman's Café.

- Desde que isto começou temos feito um negócio extraordinário - confessava Mrs. Hartman, olhando em volta do seu confortável domínio, do qual todos os espaços utilizáveis estavam ocupados por lavradores, jornaleiros e vaqueiros que cheiravam a café e a tabaco e se encontravam sentados, de pé ou reclinados por todos os cantos.

- Não passam de um bando de bisbilhoteiros - comentava a prima de Mrs. Hartman, Mrs. Clarc dos Correios, que por acaso acertava. - Se estivéssemos na Primavera e houvesse trabalho à espera eles não se encontrariam ali. Mas o trigo está recolhido, o Inverno não tarda e eles nada mais têm a fazer do que juntar-se e assustar-se uns aos outros. Conhecem o Bill Brown, o do *Telegram~i* Leram o artigo dele, intitulado "Outro Crime?" Diz lá: "É tempo de fazer calar as más-línguas", porque também é um crime andar para aí a dizer mentiras. Mas também não se pode esperar outra coisa. Olhemos em volta. São todos umas víboras, uns vermes. Línguas danadas. Haverá alguém que o não seja? Hem? - aposto que não se encontra uma excepção!

Surgiu um boato no Hartman's Café que visava Taylor Jones, um rancheiro cuja propriedade confinava com a quinta de

River Valiey. Segundo *a.* opinião de grande parte da clientela do café, era Mr. Jones com a sua família e não os Clutters as vítimas designadas pelo assassino.

Isso faz mais sentido afirmava um dos partidários desse ponto de vista. - O Taylor Jones é mais rico do que qualquer outro vizinho. Imagine-se que o criminoso era apenas uma pessoa contratada e que só sabia por informações a maneira de entrar dentro da casa. Então, seria facílimo cometer um erro voltar

para o lado oposto da estrada e ir ter à quinta dos Clutters em lugar de à dos Taylors, A ”teoria dos Jones” era largamente repetida, sobretudo aos próprios, uma família equilibrada, que se recusava a ter medo.

Um balcão, algumas mesas, uma alcova que albergava um grelhador, um frigorífico e um aparelho de rádio, era tudo quanto constituía o Hartman’s Café.

- Mas os fregueses gostam disto - afirmava a proprietária. Estão acostumados. Não querem outra coisa. ”Vale mais do que caminhar sete milhas numa direcção ou quinze na outra.” Seja como for, a nossa casa é simpática, e o café é bom, pelo menos desde que a Mabel veio para cá trabalhar”; Mabel era Mrs. Helm.

- Depois da tragédia, eu disse-lhe: ”Mabel, agora que ficaste desempregada vem ajudar-me no café.” Ela cozinha qualquer coisa e dá-me uma ajuda no balcão. O pior é que toda a gente aqui a massacra com perguntas acerca da tragédia. A Mabel não é como a minha prima Myrt. Nem como eu. É envergonhada, além disso nada sabe de especial, a mais do que as outras pessoas.

Mas ao cabo e ao resto toda a clientela dos Hartmans estava convencida de que Mabel Helm sabia umas coisas mais do que confessava. E não se enganava. Dewey tivera com ela várias conversas e intimara-a a guardar segredo de tudo quanto sabia. Particularmente não devia falar na falta do rádio nem no relógio encontrado na biqueira do sapato de Nancy. por isso é que ela afirmava a Mrs. Archibald William Warren-Browne:

- Quem lê os jornais sabe mais do que eu. Nunca lhes pego. Baixa, atarracada, com uma pronúncia estranhamente erudita, Mrs. Archibald William Warren-Browne era uma senhora inglesa que em nada se parecia com os outros frequentadores do café e que lembrava, naquele meio, um pavão rodeado por um bando de perus. Certo dia, a explicar a alguém seu conhecido por que motivo ela e o marido haviam abandonado ”as suas propriedades de família no Norte da Inglaterra”, trocando-as por uma herdade velha e sem graça no Kansas ocidental, Mrs. Warren-Browne declarara:

- Foram os impostos, minha cara amiga. As contribuições.

Enormes! Criminosamente elevadas! Foram elas que nos puseram fora da Inglaterra. Sim senhor, viemos de lá deve haver um ano. E não temos saudades

nenhumas! Gostamos disto aqui. Adorável!

Muito embora seja *diferente* da vida a que estávamos habituados. A vida que sempre fizemos.

Paris, Roma, Monte Carlo, Londres. As vezes, *muito* raramente, penso em Londres. Não tenho *realmente* saudades: aquele frenesim, sem se arranjar nunca um táxi, e a preocupação de andar bem vestida. Saudades, nem por sombras! Gostamos disto. Há por aí muita gente, conhecendo o nosso passado, que pergunta se não nos sentimos um bocado *isolados* no meio destes campos de trigo.

Onde tencionávamos fixar-nos era propriamente no Oeste. Wyoming, ou Nevada - *Ia vraie chose.*

Pensávamos que nos seria possível juntar aí uns patacos. Mas, de passagem, parámos para visitar uns amigos em Garden City. Amigos *de uns* amigos nossos, para dizer a verdade! Mas eles não podiam ter sido mais amáveis. *Insistiram* tanto para que nos demorássemos, que pensámos: E

porque não? porque não havemos de alugar uns palmos de terra e criar gado? Ou tentar a agricultura. Nesse capítulo ainda não tomámos uma decisão. Se havemos de criar gado ou cultivar as terras. O doutor Austin perguntou-nos se achávamos isto muito silencioso. *Verdadeiramente,* não. *Verdadeiramente* nunca ouvi tanto banzé. Isto é mais barulhento do que um ataque aéreo.

Apitos de comboios! *Cowtes!* Bichos que *uivam* durante a noite! Um chinfrim horroroso! E depois destes crimes a coisa assusta-me mais. Tudo me assusta! A nossa casa... não faz ideia dos estalidos que dá! Note que não estou a dizer mal disto! A casa realmente é muito cómoda, tem todo o conforto moderno, etc. Mas range e suspira que não é brincadeira. E quando a noite desce e o vento começa a soprar, aquele *horrível* vento da planície, ouvimos os mais estranhos gemidos. Isto é, quando se está um bocado nervosa, uma pessoa não pode deixar de imaginar coisas... coisas estúpidas! Santo Deus! Aquela pobre família! Não, eu não os conhecia. Vi uma vez o Mr. Clutter.

Foi no correio.

Nos princípios de Dezembro, numa só tarde, dois dos mais assíduos fregueses do café anunciaram a sua resolução de partir, não só de Finney County, mas

também do estado. O primeiro foi um lavrador que trabalhava para Lester MacCoy, conhecido proprietário e negociante do Kansas ocidental. Declarou ele:

Tive uma conversa com Mr. MacCoy. Fiz-lhe ver como estão as coisas aqui em Holcomb. Uma pessoa não consegue dormir. A minha mulher não dorme nem me deixa dormir a *1* 13

mim. por isso deClarei a Mr. MacCoy que gostava muito disto, mas era melhor ele procurar outro homem. A gente vai-se embora. Para o Leste do Colorado. Talvez aí haja sossego.

A segunda declaração foi feita por Mrs. Hideo Ashida, que parou à porta do café acompanhada por três dos seus filhos de faces coradas. Colocou-os em fila junto ao balcão e disse a Mrs. Hartman:

- Dê ao Bruce um pacote de bolachas. O Bobby quer uma coca-cola. E tu, Bonnie Jean? Bem sei o que te apoquenta, mas come alguma coisa - a pequena sacudiu a cabeça e Mrs. Ashida prosseguiu: - A Bonnie Jean anda com a neura. Não quer ir embora daqui. por causa da escola, onde tem todas as suas amigas.

- Então! - inquiriu Mrs. Hartman, sorrindo para Bonnie Jean. - Não é caso para estares triste. Mudas de Holcomb para Garden City, onde há muito mais rapazes...

Bonnie Jean replicou:

- A senhora não percebe. O pai quer levar-nos daqui para fora, para o Nebrasca.

Bess Hartman olhou para a mãe da pequena, como se esperasse que esta a desmentisse.

- É verdade, Bess - retorquiu Mrs. Ashida.

- Tu não sabes o que estás a dizer! - exclamou Mrs. Hartman com uma voz de espanto e indignação, mas também de desespero. Os Ashidas faziam parte da comunidade de Holcomb e toda a gente os apreciava - uma família simpática, corajosa, trabalhadora, bons vizinhos, generosos, muito embora não tivessem muitos meios para isso.

Mrs. Ashida declarou:

- Andávamos há muito com esta mania. O Hideo pensa que arranjará melhor vida noutra terra.

- E quando pensam ir embora?

- Logo que se venda a quinta. Mas nunca antes do Natal. por causa do contrato que fizemos com o dentista, acerca do presente de Natal do Hideo. Eu e as crianças vamos oferecer-lhe três dentes de ouro. É a nossa prenda.

Mrs. Hartman suspirou:

- Não sei que te diga. A não ser que desejaria que isso não fosse por diante. Deixarem-nos assim!... - Suspirou de novo. Parece que toda a gente nos quer abandonar. De uma forma ou de outra.

- Cos diabos! Achas que eu vou de vontade? - inquiriu Mrs. Ashida. - por mais que a gente procure nunca encontraremos terra tão boa como esta. Foi a melhor onde vivemos até hoje. Mas o Hideo é que manda, ele é o homem da casa, e diz que, lá

no Nebrasca, pode arranjar uma herdade superior à que aqui temos. E sempre te quero dizer uma coisa, Bess. -

E Mrs. Ashida tentava cerrar as sobrancelhas, muito embora o seu rosto redondo não se acomodasse muito bem a essa expressão. Nós costumávamos discutir acerca desse assunto. Até que uma bela noite eu disse:

”Pronto, tu é que mandas, vamos lá embora.” Depois do que aconteceu ao Herb e a família pensei que isto tudo já não voltava a ser o que era. Pelo menos paramim. por isso deixei de me opor. L disse, pronto, vamos lá! - Meteu a mão no pacote de bolachas do Bruce: - Meu Deus, parece que nem quero crer! Não me sai isto da ideia! Eu estimava muito o Herb. Sabes que fui eu a última pessoa a estar com ele antes de morrer? Hum-hum! Eu e as crianças. Tínhamos ido à reunião dos 4-HH em Garden City e ele deu-nos boleia para casa. A última coisa que eu lhe disse foi que não estava a vê-lo a ter medo de nada. Fosse qual fosse a situação em que se visse, ele saberia sempre desembaraçar-se. Ficou-se pensativa, a trincar a bolacha, depois bebeu um gole da coca-cola do Bobby e prosseguiu: - Tem graça! Mas sabes tu, Bess? Aposto que ele *não teve medo.*

Fosse o que fosse que lhe aconteceu, aposto a minha cabeça em como ele, até ao fim, não quis crer. Na. Não era homem para isso.

O sol escaldava. Um pequeno barco balouçava-se, preso à âncora, no mar calmo: o *Estrelita,* tendo a bordo quatro pessoas Dick, Perry, um jovem mexicano, e Otto, um alemão rico e de meia-idade

- Outra vez, fazes favor - disse Otto.

E Perry, depois de afinar a guitarra, cantou, numa voz doce e velada, uma canção das montanhas Smoky: *Enquanto vivemos neste mundo*

Ha quem diga de nós o pior,

Mas quando estivermos mortos no caixão

Hão de vir pôr-nos uma flor na mão;

porque não me dás flores enquanto estou vivo?

Após uma semana na Cidade do México, Dick e Perry haviam seguido para o sul - Cuernavaca, Taxco, Acapulco. E foi aí, em frente de uma casa de jogo ”rasca”, que eles conheceram Otto, de pernas peludas e cara alegre. Dick ”deitara-lhe logo o gancho”. porém o cavalheiro, que era um advogado de Hamburgo em gozo de férias, trazia já atrelado ”um amigo um jovem

natural de Acapulco que se intitulava a si próprio o ”Cowboy”. Este revelou-se um ”tipo às direitas” - afirmou uma vez Perry, falando do ”Cowboy”. ”Ganancioso como Judas, mas tinha um piadão, o diabo do rapaz. O

Dick também gostava dele e entendíamo-nos às mil maravilhas.”

O ”Cowboy” tratou de arranjar alojamento em casa de um tio para aqueles dois vagabundos tatuados, começou a dar lições de espanhol a Perry e dividiu com eles o lucro daquela *liaison* com o estrangeiro de Hamburgo, em companhia e à custa do qual bebiam, comiam e pagavam a mulheres. O anfitrião parecia dar por bem empregue o seu dinheiro, quanto mais não fosse por causa das piadas de Dick. Alugava todos os dias o *Estrellita,* um barco para pesca no mar alto, e os

quatro amigos lá embarcavam para percorrerem a costa. O

”Cowboy” manejava o barco; Otto desenhava e pescava; Perry iscava os anzóis, sonhava e cantava, e por vezes pescava também; Dick não fazia nada, apenas gemia, queixava-se do balanço, e ficava deitado, alheio a tudo, embriagado de sol, como um lagarto. Mas Perry dizia-lhe:

- Isto é que é vida. Isto, sim!

Mas ele sabia que aquilo não podia continuar, que estava de facto destinado a acabar em breve. Otto regressaria no dia imediato à Alemanha, Perry e Dick seguiriam de automóvel de volta à Cidade do México, segundo era desejo de Dick:

- Está tudo muito certo, meu filho - declarara ele quando discutiam o assunto. - Isto é muito bonito, passar a vida ao sol. Mas a massa acabou-se. E, depois de termos vendido o carro, que *é* que nos resta?

A verdade é que lhes restava muito pouco, pois nesta altura já se haviam desfeito de quase todo o material angariado naquele dia das operações de cheques em Kansas City: a máquina de filmar, os aparelhos de televisão e os botões de punho. Haviam vendido igualmente, a um polícia da Cidade do México com quem Dick encetara relações, o rádio portátil cinzento marca *Zenith* e um binóculo.

O melhor que temos a fazer é voltar para o México, vender o carro e talvez eu consiga arranjar emprego numa garagem. De qualquer forma é mais acertado ir para lá. Teremos assim outras oportunidades. Caramba, estou certo que ainda poderei tirar mais alguma coisa da Inês!

Inês era uma prostituta que se abeirara de Dick nas escadas do Palácio das Belas-Artes na Cidade do México (esta visita fazia parte de uma volta turística realizada a pedido de Perry). A rapariga tinha dezoito anos e Dick prometera casar com ela. Mas fizera igual promessa a Mary, uma mulher de cinquenta anos,

”viúva de um importante banqueiro mexicano”. Haviam-se conhecido num bar e, na manhã seguinte, ela pagara-lhe o equivalente a sete dólares.

- Que dizes a isto? Vendemos o calhambeque, arranjamos emprego, poupamos a

massa e esperamos os acontecimentos. Como se Perry não previsse desde já o que ia suceder! Suponhamos que faziam duzentos ou trezentos dólares no *Chevrolet.* Dick, segundo o que observara, e neste momento conhecia-o já como às suas mãos, iria imediatamente gastar tudo em *vodka*. e mulheres.

Enquanto Perry cantava, Otto ia-o desenhando no seu caderno de esboços. Estava razoavelmente parecido e o artista captara uma expressão rara no modelo - a sua ironia, uma malícia infantil e gaiata, que lembrava o rosto de um cupido a disparar setas emvenenadas. Estava nu até à cintura. (Perry ”tinha vergonha” de despir as calças, ”tinha vergonha” de usar calções de banho, receando que o espectáculo das suas, pernas aleijadas

”causasse repugnância às pessoas”. E por isso, a despeito de todos os seus projectos aquáticos e todas as conversas que mantivera acerca de mergulhos, nem uma só vez se metera na agua.) Otto reproduziu um certo número de tatuagens que ornamentavam o peito supermusculoso do rapaz, dos seus braços e das suas mãos calosas mas infantis. Aquele caderno de esboços que Otto estendia a Perry era em parte um presente de despedida e continha alguns retratos de Dick e também alguns ”estudos do nu”.

Otto fechou o caderno, Perry pousou a guitarra e o ”Cowboy” puxou a âncora, pôs o motor a trabalhar. Era tempo de partirem. Estavam a dez milhas de terra e a água escurecia a olhos vistos.

Perry incitou Dick a que pescasse:

- Não voltaremos talvez a ter outra oportunidade - disse ele.

- Oportunidade de quê?

- De pescar um peixe taludo?

- Bolas! Estou outra vez com aquela maldita coisa - observou Dick - Sinto-me enjoado. Dick sofria muitas vezes de dores de cabeça, tipo enxaqueca, ”aquela maldita coisa”. -Julgava ser causada pelo desastre de automóvel que sofrera em tempos. - Vamos, pá. Vamos embora muito devagarinho.

Mas dali a momentos Dick esquecera a dor. Pusera-se de pé e gritava de excitação. Otto e o ”Cowboy”

gritavam também, Perry pescara ”um dos taludos”. Uma espécie de peixe-cspada enorme, que saltava, se debatia, mergulhava e se arqueava como um arco-íris, preso à linha, aos sacões, a cair e a levantar-se ao ar.

Foi precisa uma hora e grande parte de outra para que os pescadores,

estafados e cobertos de suor, conseguissem içá-lo para dentro do barco.

Andava um velho fotógrafo a rondar o porto de Acapulco com a sua antiga máquina de madeira e quando *o Estrelita* entrou na doca Otto encomendou-lhe seis retratos de Perry junto da sua presa. Do ponto de vista técnico, o trabalho do velhote era um desastre, tudo escuro e manchado. Mas no entanto nem por isso deixava de ser uma fotografia notável e isso devia-se à expressão de Perry, ao seu ar de triunfo completo, de beatitude plena, como se finalmente, tal comono sonho, o grande pássaro amarelo o tivesse vindo buscar para o levar ao Paraíso

Certa tarde de Dezembro, Paul Helm estava a limpar as ruas entre os canteiros que haviam possibilitado a Bonnie Clutter tornar-se sócia do Club de jardinagem de Garden City. Era uma tarefa melancólica, pois recordava-lhe aquele outro dia em que se dedicara ao mesmo trabalho. Nesse dia Kenyon ajudara-o e fora essa a última vez que ele vira Kenyon vivo, bem comoNancy e os outros. As últimas semanas haviam sido difíceis para Mr. Helm. Sentia-se ”adoentado” (pior do que imaginava, pois só lhe restavam quatro meses de vida) e preocupavam-no certas coisas. por exemplo, o seu emprego. Calculava que este não durasse muito. Ninguém ainda parecia estar ao corrente, mas ele percebera que ”as raparigas”, Beverly e Eveanna, tencionavam vender a propriedade, muito embora, segundo ouvira afirmar a um tipo no café, ”quem é que havia de querer comprar aquilo, pelo menos enquanto durasse o mistério”. Nem ”queria pensar” em ver ali gente estranha, a ”amanhar a nossa terra”. Mr. Helm revoltava-se com essa ideia, em atenção a Herb. Isto era uma terra - afirmava ele -

”que devia ser conservada na família”. Certo dia Herb dissera-lhe:

”Espero que haja sempre aqui um Clutter, e também um Helm.” Santo Deus! Que iria ele fazer se vendessem a quinta? Sentia-se demasiado velho para se adaptar a outros lugares.

Apesar disso era obrigado a trabalhar, e desejava fazê-lo. Não tinha feitio para

arrumar as botas e sentar-se ao canto da lareira. No entanto era uma verdade que a quinta presentemente lhe causava mal-estar: a casa fechada, a égua de Nancy a pastar tristemente no prado, o cheiro a maçãs podres debaixo das árvores e a ausência de vozes: Kenyon a chamar Nancy para vir ao telefone, Herb a assobiar, ou a exclamar alegremente:

”Bom dia, Paul!” Ele e Herb entendiam-se às ”mil maravilhas”, nunca haviam trocado uma palavra mais áspera. por que motivo continuavam os

homens do xerife a interrogá-lo constantemente? A não ser que o julgassem capaz de estar ”a esconder qualquer coisa”!? Talvez ele nunca devesse ter falado nos mexicanos. Informara Al Dewey que cerca das quatro da tarde, no sábado, 19 de Novembro, dia do crime, um par de mexicanos, um deles de bigode e outro marcado das bexigas, haviam aparecido em River Valley.

Mr. Helm vira-os bater à porta ”do escritório”. Herb saíra cá para fora e estivera a falar com eles no relvado. Dali a coisa de dez minutos, vira-os ir embora, ”de orelha murcha”. Mr. Hehn calculava que deviam ter pedido trabalho e que Herb lhes respondera não ter nenhum para lhes dar.

Infelizmente, muito embora tivesse sido convocado muitas vezes para contar e recontar o que sabia, nunca este incidente lhe ocorrera senão duas semanas depois do crime, porque, segundo explicara a Dewey, ”só naquele momento lhe viera à ideia. porém Dewey, bem como alguns dos investigadores, pareciam não dar crédito à história e procediam como se considerassem aquilo uma invenção sua para os despistar. Preferiam acreditar em Bob Johnson, o agente de seguros, que passara toda a tarde de sábado em conferência com Mr. Clutter no escritório deste e declarava

”categoricamente” ter sido ele, das duas até às seis, o único visitante de Mr. Clutter. Mr. Helm mostrava-se igualmente categórico: mexicanos, com bigodes e marcas de bexigas, às quatro horas.

Herb ter-lhes-ia dito que quem falava verdade era ele, Paul Helm, um homem que rezava as suas orações e ganhava honestamente o seu pão. Mas Herb já não existia.

Morrera. E Bonnie também. A janela do seu quarto deitava para o jardim e, de

vez em quando, sempre que ”estava pior”, Mr. Helm vira-a passar horas a contemplar o jardim. (”Quando eu era rapariguita”, confessara ela um dia a uma amiga, ”tinha a certeza absoluta de que as árvores e as flores eram como as pessoas e os animais. Pensavam coisas e conversavam umas com as outras.

Bastaria que nós conseguíssemos esvaziar a cabeça dos outros sons, que ficássemos quietos e prestássemos muita atenção. por vezes ainda creio nisso. Mas nunca conseguimos fazer um silêncio absoluto...”)

Ao recordar-se de Bonnie à janela, Mr. Helm ergueu os olhos, como se esperasse vê-la ainda ali, um fantasma por detrás dos vidros. Se tal sucedesse, esse facto nunca o teria admirado mais do que aquilo que viu naquele momento: uma mão a afastar a cortina e uns olhos. ”Mas o sol dava daquele lado na casa”, explicou ele depois, e fazia cintilar e ondular o vidro da janela, e quando Mr. Helm voltou a firmar a vista, com a mão a servir de pala, as cortinas tinham baixado e a janela estava deserta.

11 9

- Os meus olhos não valem grande coisa e não sei se me teriam pregado uma partida daquela vez - refere ele.

- Mas estou certo de que não. E de outra coisa estou certo. É que não era nenhum fantasma. Eu cá não acredito em fantasmas. Nesse caso quem seria? Quem andaria por ali a meter o nariz? Ninguém tem o direito de ali entrar. Com tudo bem aferrolhado, pois o rádio tem avisado que podem surgir tornados. Isso *é* que eu não sei!

Mas nunca julguei ser capaz de descobrir o que era, assim sozinho, larguei o que estava a fazer e corri a Holcomb. Mal lá cheguei, telefonei ao xerife Robinson. Expliquei que havia gente a rondar dentro da casa dos Cluters. Eles então apresentaram-se logo ali. Polícias do Estado, o xerife e toda a malta. Vieram também os tipos do F B I , I, e o Al Dewey. Precisamente quando se encontravam todos formados em volta da casa, como quem esta pronto a entrar em acção, abre-se a porta da frente!

Saiu de lá um sujeito que nenhum dos presentes até então tinha visto, um homem de trinta *e* tal anos, com um revólver calibre 38 num coldre a tiracolo.

- Acho que tivemos todos a mesma ideia: cá está ele! O que os matou a todos! -

prosseguiu Mr. Helm. - O

sujeito nem se mexeu. Ficou quieto. Com os olhos a modos piscos. Tiraram-lhe o revólver e começaram a fazer-lhe perguntas.

O nome do homem era Adrian - Jonathan Daniel Adrian. Ia a caminho do Novo México e naquele momento não tinha morada certa. por isso introduzira-se em casa dos Clutter. E como o conseguira? Ele mostrou.

(Erguera a tampa de uma cisterna e metera-se pelo cano que ia dar à cave.) Quanto às razões por que o fizera, tinha lido a notícia nos jornais e ficara cheio de curiosidade de ver como era aquilo.

- E depois - prossegue Mr. Helm, na sua narrativa do episódio - alguém lhe perguntou se ele andava à boleia.

Se ia de boleia para o Novo México? Não, seguia no seu próprio carro. E lá estava ele parado na viela, ali perto. Toda a gente foi então observar o automóvel. E quando viram o que lá estava dentro, um dos homens -

talvez fosse Al Dewey - declarou-lhe, a esse tal Jonathan Daniel Adrian: ”Muito bem, meu caro amigo, parece que temos de conversar um bocado!” É que dentro do carro encontraram uma pistola calibre 12 e uma faca de mato.

Um quarto num hotel da Cidade do México. Dentro deste quarto uma feia secretária moderna, com um espelho de tom alfazema e, enfiado num canto deste, um aviso da direcção que dizia-

SU DIA TERMINA A Las 2 P . M. O SEU DIA TERMINA AS 2 P. M.

Numa palavra, os hóspedes deviam deixar o quarto à hora fixada, de contrário teriam de pagar outra diária luxo este que os actuais ocupantes não podiam admitir sequer. Cogitavam antes na maneira de pagar a conta que já deviam. porque na realidade tudo acontecera segundo Perry calculara: Dick vendera o carro, e dali a três dias o dinheiro, pouco mais de duzentos dólares, desaparecera quase por completo. No quarto dia, Dick partira em busca de trabalho honesto e nessa noite anunciou a Perry:

- Estão parvos! Sabes quanto eles pagam, qual é o ordenado de um mecânico especializado? Dois dólares por dia! O México, meu querido? Estou farto dele até às orelhas! Temos de sair daqui para fora. Regressar aos Estados Unidos. Não! Desta vez não quero saber de nada que tu digas!

Diamantes! Tesouros escondidos? Acorda, meu filho! Já não há arcas de libras! Nem galeras afundadas! E ainda que houvesse, que diabo! Tu nem sequer sabes nadar...

E assim, no dia seguinte, depois de ter pedido emprestado o dinheiro à mais rica das suas noivas, a viúva do banqueiro, Dick comprou bilhetes para o autocarro que os levaria, por San Diego, até

Barstow, na Califórnia.

- Dali em diante - declarou ele - seguiremos a pé.

Claro, Perry podia ter-se desligado, ficado no México, deixando Dick seguir para onde muito bem lhe apetecesse. porque não? Não tinha ele sido sempre um ”solitário”? Sem nenhum amigo (a não ser o tal Willie-Jay, o dos cabelos e olhos cinzentos e inteligência arguta?). Mas receava separar-se de Dick; considerava simplesmente que isso o deixaria por assim dizer ”doente”, como se estivesse a ganhar coragem para se ”atirar de um comboio a noventa milhas à hora”. O motivo do seu pavor, pelo menos assim o julgava, era uma certeza supersticiosa que há pouco lhe viera de que ”aquilo que tinha de acontecer não aconteceria” enquanto ele e Dick ”se mantivessem fixes um para o outro”. Além disso, a severidade do discurso com que o ”chamou à ordem”, a agressividade que manifestara ao proclamar o seu desprezo em face dos sonhos e esperanças de Perry, tudo isto atraía a perversidade de Perry, o feria e chocava, mas ao mesmo tempo o encantava, quase lhe restituía a fé naquele Dick ”totalmente masculino”, pragmático e decidido, sob cujas ordens um dia se

colocara. E por isso, desde o romper do dia, num quarto gelado de hotel na Cidade do México, Perry andara atarefado a fazer as malas, arrumando às escondidas as suas coisas, não fosse qualquer ruído acordar as duas figuras estendidas num dos leitos gémeos: Dick e a sua noiva mais jovem, Inês.

Dos seus objectos pessoais havia um que deixara de lhe causar preocupações. Na

última noite que haviam passado em Acapulco, um ladrão roubara-lhe a guitarra Gibson, num café do cais onde ele, Dick, Otto e o

”Cowboy” haviam estado a celebrar uma reunião de despedida altamente alcoolizada. E Perry experimentava um desgosto amargo com isso. Sentia-se, segundo explicou mais tarde, ”realmente furioso e deprimido”, declarando:

- Quando se tem uma guitarra assim, que se costuma encerar e polir, que se adapta à nossa voz, que se trata como a uma rapariga a quem realmente se quer... bem, é como uma coisa sagrada.

Mas se bem que a guitarra perdida não representasse já para o seu dono o mínimo problema, o mesmo se não dava com os outros objectos. Visto que tanto ele como Dick iriam, dali em diante, viajar a pé ou de boleia, tornava-se evidente que não poderiam transportar consigo mais do que umas tantas camisas e algumas peúgas.

O resto do vestuário seguiria por mar, e na realidade Perry encheiajá uma caixa de papelão (metendo-lhe dentro, junto com alguma roupa suja, dois pares de botas, umas cujas solas haviam deixado certas marcas do calcanhar e de uma sola com cinco saliências, outras um desenho em estrela), endereçando-as a si próprio, ao Depósito Geral de Las Vegas, Nevada.

porém o principal problema, a maior fonte de inquietação, era saber que destino dar às suas recordações bem-amadas duas enormes caixas a abarrotar de livros *e* mapas, cartas amarelecidas, canções líricas, poemas e estranhas lembranças (suspensórios e um cinto fabricado com a pele de cobras cascavéis do Nebrasca, que ele próprio matara; um *netsuke,* comprado em Kyoto; uma árvore anã petrificada que trouxera do Japão; a pata de um urso do Alasca). Provavelmente, a melhor solução pelo menos a melhor que Perry conseguira encontrar -

era deixar tudo aquilo ”ao Jesus”. O ”Jesus” que ele tinha em vista servia num café em frente do hotel, e, na opinião de Perry, era *muy simpático,* sem dúvida uma pessoa a quem se podiam confiar os caixotes.

(Tencionava mandá-los pedir logo que tivesse ”fixado residência”.) No entanto, havia algumas coisas demasiado preciosas para que se arriscasse a perdê-las, por isso, enquanto os amantes dormiam e o tempo voava, aproximando-se as duas da manhã, Perry 122

percorria velhas cartas, fotografias, recortes, escolhendo aqueles que desejava levar consigo. Entre eles havia uma composição escrita à máquina, cheia de erros, intitulada: ”História da vida do meu filho”. O autor deste manuscrito era o pai de Perry, o qual, num esforço para obter a fiança do rapaz na penitenciária do estado do Kansas, o redigira no mês de Dezembro anterior, dirigindo-o para o Gabinete de Finanças do Estado do Kansas. Tratava-se de um documento que Perry lera pelo menos uma centena de vezes, e nunca com indiferença:

INFÂNCIA - Sinto prazer em afirmar que, na minha opinião, foi boa e má. Sim, o nascimento de Perry foi normal. Saudável e normal. Cuidei dele decentemente, enquanto a minha mulher se transformava numa desgraçada ébria, com os filhos ainda na idade escolar. Tinha boa disposição? Sim e não, tornava-se difícil se o maltratavam e nunca mais se esquecia disso. Sempre cumpri as minhas promessas e obrigava-o a fazer o mesmo, Já a minha mulher era diferente. Nós vivíamos no campo. Somos todos verdadeiros adeptos da vida ao ar livre. Ensinei aos meus filhos a Regra de Ouro. Viver *e* deixar viver, e em muitos casos os meus filhos sabiam dizer uns aos outros quando estavam a proceder mal e o culpado admitia sempre o seu erro e vinha espontaneamente apresentar-se ao castigo. E prometia ser bom, e fazer sempre o seu trabalho depressa para poder ir brincar livremente. A primeira coisa que sempre faziam pela manhã era lavarem-se, vestirem roupa limpa. Eu era muito severo nisso e com a questão de fazerem mal uns aos outros e quando algum companheiro lhes fazia mal a eles eu ordenava-lhes que não brincassem mais com ele. Os nossos filhos nunca nos deram complicações enquanto estivemos juntos, tudo começou quando a minha mulher quis ir para a cidade fazer uma vida à solta e para isso fugiu de casa. Eu deixei-a ir quando ela se despediu de mim e pegou no carro, deixando-me só (isto foi durante a crise). Os meus filhos fizeram todos um berreiro infernal. Ela amaldiçoava-os dizendo-lhes que eles mais tarde haviam de fugir para virem ter comigo. Enfurecia-se e afirmava que havia de conseguir com que os meus filhos me detestassem. E conseguiu-o, com excepção do Perry. por amor dos meus filhos, fui procurá-los ao cabo de alguns meses, conseguindo localizá-los em S. Francisco, sem a minha mulher saber. Tentei vê-los na escola. A minha mulher dera ordens ao professor para que eu não os pudesse encontrar. No entanto consegui vê-los enquanto brincavam no recreio e fiquei surpreendido quando eles me disseram; ”A mãe recomendou-nos

que te não falássemos”. Todos, menos o Perry. Esse era diferente. Deitou-me os

braços ao pescoço e quis fugir comigo imediatamente. Eu disse-lhe que não. Mas logo que a escola terminou ele deitou a fugir para o escritório do meu advogado, o senhor Rinso Turco. Fui levá-lo outra vez à mãe e deixei a cidade. Perry confessou-me mais tarde que a mãe o tinha mandado procurar outra casa. Enquanto os meus filhos estiveram com a mãe, andavam perfeitamente à rédea solta e vim a saber que o Perry se tinha metido em sarilhos. Eu queria que ela pedisse o divórcio e ela acedeu dali a um ano. A bebedice dela era notória e estava a viver com um rapaz. Eu contestei o divórcio e deram-me a guarda dos filhos. Levei o Perry para casa a fim de viver comigo. Os outros foram colocados em várias casas, uma vez que eu não tinha posses para os manter a todos e como eram de sangue índio a Assistência tomou conta deles a meu pedido.

Isto aconteceu durante a crise. Eu trabalhava na W. P. A.1 e ganhava um ordenado muito baixo. Eu tinha alguma coisa de meu, nessa altura uma pequena casa. Eu e Perry vivíamos os dois em paz. Sentia-me infeliz, pois ainda estimava os meus outros filhos. Comecei a andar de um lado para o outro, a fim de esquecer. Tratei de ganhar para nós ambos. Vendi o que era meu e passámos a viver numa *roulotte.* O Perry ia à escola sempre que era possível. Não gostava muito de lá andar. Aprendia depressa e nunca se deu mal com um companheiro.

Só quando o Bully Kid se meteu com ele. Era baixo e entroncado e andava há pouco naquela escola, de modo que os outros tentaram maltratá-lo. Ele mostrou-se capaz de defender os seus direitos. Foi assim que ensinei aos meus filhos. Que nunca dessem origem a uma bulha. Se tal fizessem e eu o descobrisse apanhavam uma tosa. Mas se era outro a começar então que se defendessem com unhas e dentes. Certo dia um rapaz, com o dobro do corpo dele, atacou-o na escola. Com grande surpresa dele, o Perry derrubou-o e venceu-o. Eu tinha-lhe dado umas certas instruções quanto à maneira de se bater. Como quando me dedicava ao boxe e à luta. A directora da escola e todos os camaradas assistiram a essa bulha. A directora estimava o rapaz mais velho.

Aquilo de o ver derrotado pelo meu rapaz fez-lhe mal. No fim disto o Perry ficou sendo o rei dos garotos lá na escola. Se um dos maiores tentava fazer mal a algum dos pequenos, Perry encarregava-se logo de resolver o assunto. Até o *Big Bully* tinha medo do Perry e passara a portar-se na linha. Mas isso tornava-se insuportável para a directora que veio ter comigo a fazer me queixas de o Perry jogar à pancada na escola.

1. Works Project Adminmrauon. *(N. da T)*

Eu disse-lhe que estava ao par de tudo e que não me agradava nada que o meu filho fosse espancado por rapazes duas vezes mais fortes do que ele. Perguntei-lhe por que motivo ela deixava o Bully Kid bater nos outros meninos. Disse-lhe que Perry tinha o direito de se defender. O Perry nunca tomava a iniciativa e que eu próprio iria interferir no caso. Disse-lhe que o meu filho era estimado por todos os meus vizinhos e pelos filhos destes. Também a informei de que ia tirar o Perry da escola dela dentro em breve e mudar-me para outro estado. E foi o que fiz. O Perry não é

nenhum anjo, tem procedido mal muitas vezes como qualquer outra criança. O que é bem é bem e o que é mal é mal. Não aprovo as asneiras que ele tenha feito. Quando procede mal tem de pagar com língua de palmo. Ninguém pode nada contra a lei e a estas horas ele já o aprendeu à sua custa, JUVENTUDL Perry alistou-sc nos fuzileiros navais na Segunda Guerra Mundial. Eu fui para o Alasca e ele veio ter comigo mais tarde. Eu era caçador de peles e Perry arranjou trabalho *na* Comissão de Estradas do Alasca no primeiro Inverno, depois empregou-se no caminho-de-ferro durante algum tempo. Não conseguiu arranjar um emprego de que gostasse. Sim, dava-me dinheiro de vez em quando, sempre que o tinha. Mandava-me também 30 dólares por mês durante a guerra na Coreia, quando estava a combater, e fê-lo desde o princípio até ao fim e foi desmobilizado em Seattle, Washington. Combateu com honra, pelo que me consta. Tem queda para as mecânicas.

Bulldozers, dragas, escavadoras, carros pesados, tudo isso é a sua especialidade. Com a experiência que adquiriu tornou-se realmente um bom mecânico. Até certo ponto com a mania das velocidades, maluco com motocicletas e carros ligeiios. Mas assim que experimentou o que resulta das velocidades e ficou com as duas pernas e a bacia quebradas, já anda mais devagar, tenho a certeza.

DIVERTIMENTOS - INTERESSES. Sim, ele teve várias namoradas, mas assim que uma rapariga o tratava mal ou o enganava deixava-a imediatamente. Nunca se casou, que eu saiba. Os sarilhos que eu tive com a mãe dele fizeram-no de certo modo apanhar medo ao casamento. Eu sou um homem *Sóbrio, e* tanto quanto me *é* dado saber o Perry também não se mete em bebidas. O Perry é

muito parecido comigo. Gosto de conviver com pessoas decentes, gente que viva ao ar livre; tal como eu aprecio estar só, ele também prefere trabalhar sozinho.

Eu também sou assim. Sou uma espécie de faz-tudo e o Perry é a mesma coisa. Ensinei-lhe como se ganha a vida na caça das peles, na prospecção de minas, como carpinteiro, lenhador, criador de cavalos, etc. Eu sei cozinhar e ele também, não é um cozinheiro profissional,

sabe apenas o trivial que chega para ele. Coze o pão e tudo, sabe caçar, pescar, fazer armadilhas e quase tudo o mais que é preciso. Já disse antes que Perry gosta de trabalhar por conta própria e se acaso tivesse a sorte de encontrar um emprego de que gostasse e lhe dissessem como queriam o trabalho feito e em seguida o deixassem sozinho ele sentiria grande orgulho em o fazer bem feito. Quando vê que um patrão aprecia o seu trabalho não sabe que mais há-de fazer para lhe agradar. Mas que ninguém se mostre teso para com ele.

Digam-lhe com bons modos que querem a coisa feita. Ele é muito melindroso, ofende-se com facilidade, tal como eu. Larguei muitos empregos, e o mesmo sucedeu com ele, por culpa dos patrões autoritários. O Perry não teve grandes estudos, assim como eu, que só fiz a instrução primária. Mas por isto não imaginem que não somos espertos. Eu sou um autodidacta. tal como o meu filho. Um emprego engravatado não serviria para nós.

Só gostamos de trabalhos ao ar livre e se não os sabemos fazer basta que nos ensinem e dentro de um ou dois dias ficamos mestres. Não precisamos de livros. Mas a experiência, essa adquirimo-la imediatamente, caso o trabalho nos agrade. Isso é o principal. Mas ele agora está meio paralisado, é quase um homem de meia-idade.

O Perry sabe que hoje ninguém deseja contratá-lo. Começou a compreender isso e a adoptar uma maneira mais fácil de ganhar a vida, dentro do meu estilo. Eu tenho a certeza de ser um tipo as direitas. Também estou certo de que ele perdeu a mania das velocidades. Notei isso nas cartas que me escreveu. Ele diz-me: - “Tenha, cautela, pai, não guie o carro quando estiver com sono, o melhor *é* parar e encostar à berma.”’ Eram estas as palavras que eu costumava usar para ele. Agora é ele quem mas diz. Aprendeu a lição.

Segundo parece, o Perry aprendeu uma lição que nunca esquecerá. A liberdade para ele é tudo, por isso estou certo de que nunca mais ninguém o verá atrás das grades. Tenho a certeza do que estou a dizer. Noto uma grande diferença na sua

maneira de falar. Disse-me que lamenta muito o seu erro. Sei também que se envergonha de encontrar pessoas conhecidas e que nunca lhes dirá que esteve preso. Recomendou-me que nada confessasse aos seus amigos. Quando ele me escreveu a participar que estava preso eu mandei-lhe dizer que aproveitasse a lição e que estava satisfeito por as coisas terem corrido assim, porque podia ter sido muito pior, se acaso alguém lhe tivesse dado um tiro. Também lhe recomendei que aceitasse a coisa com um sorriso porque o culpado era só ele. Mais ninguém. Eu não o criei a roubar o que era dos outros, por isso que não venha agora fazer-me queixa de que se está mal na prisão. Disse-lhe que se portasse bem e ele 126

prometeu que sim. Espero que ele seja um bom prisioneiro. Tenho a certeza de que nunca mais quererá ouvir falar em roubar nada a ninguém. A lei é a lei e ele bem o sabe. Ele aprecia a liberdade.

Sei melhor que ninguém como o Perry tem bom coração, desde que o tratem com justiça. Se lhe fizerem uma partida é pior do que um urso feroz. Quando um amigo lhe confiar dinheiro pode ter a certeza de que ele o respeita. Não gastará nem um tostão. Pelo menos ele era assim antes de isto acontecer e podemos ter a certeza de que voltará a ser um homem honesto até ao fim da vida.

Quando era garoto aconteceu um dia ele roubar qualquer coisa em companhia de uns amigos.

Perguntem-lhe só se eu fui bom pai para ele e se a mãe era boa para ele em S. Francisco. Perry bem sabe reconhecer quem é bom. Basta apanhar uma vez. Sabe quando deve parar. Não é nenhum estúpido. Não ignora que a vida é curta e boa demais para se desperdiçar atrás de umas grades.

FAMÍLIA - Tem uma irmã, casada, a Bobo, e eu, que sou o pai. A Bobo e o marido ganham para viver. Têm a sua casa e eu estou capaz e activo para ganhar a minha vida também. Há dois anos que vendi a minha cabana no Alasca. Tencionava arranjar um buraco qualquer no próximo ano.

Aluguei algumas explorações mineiras e espero tirar dali alguma coisa. Além disso ainda não abandonei a prospecção. Também me pediram para escrever um livro acerca da escultura em madeira e sobre a cabana que construí no Alasca, a famosa ”Toca dos Caçadores de Peles”, que foi durante algum tempo a minha morada, conhecida por todos os turistas que iam de carro até

Anchorage. Talvez o venha a escrever. Partilharei com o Perry tudo o que tenho. O que eu comer come ele, enquanto for vivo. E quando morrer deixo um seguro de vida a favor dele, de modo a que possa começar vida nova quando sair da prisão. Isto no caso de eu já ter morrido nessa altura.

Esta biografia despertava sempre em Perry uma cadeia de emoções. Em primeiro lugar de amargura, em seguida um sentimento de amor e ódio simultâneos, até que triunfava o último. E a maioria das recordações que esta leitura lhe trazia eram indesejáveis, muito embora nem todas. De facto, a primeira parte da vida que Perry recordava era apreciável, faziam parte dela a estima e o bem-estar. Tinha talvez três anos e estava sentado com as irmãs e o irmão mais velho na bancada principal de um *rodeo* ao ar livre; na arena, uma esbelta rapariga de raça cherokee montava

um cavalo selvagem, ”que dava cangochas”, e o seu cabelo solto oscilava para trás e para diante como o de uma bailarina de flamenco. Chamava-se Fio Buckskin e era artista profissional de rodeo, ”campeã de cangochas”, tal como o marido, Ted John Smith. Fora durante uma *tournée* nos *rodeos* do Oeste que a bela índia e o simpático c *owboy* irlandês se haviam conhecido, casado e produzido aqueles quatro filhos que se achavam naquele momento sentados na bancada. (E Perry recordava-se de muitos outros espectáculos de *rodeo,* parecia lhe estar a ver o pai saltando no meio de uma sarabanda de lassos, ou a mãe fazendo habilidades com uma série de argolas azuis e prateadas que lhe tilintavam nos pulsos, enquanto cavalgava a uma velocidade espantosa que deliciava o filho mais novo e arrancava à multidão em pé gritos de entusiasmo, em todas as cidades desde o Texas ao Orcgon.)

Até Perry contar cinco anos, a parelha ’Tex & Fio” continuou a actuar nas arenas dos *rodeos.* Como estilo de vida, ”aquilo não era nenhum mar de rosas”, recordava Perry. ”Éramos seis a viajar num velho camião, onde por vezes também dormíamos, sustentados a bolachas e leite condensado. Leite *Hawks Brand,* era a marca, e foi o que me deu cabo dos rins - o açúcar que ele continha - era por isso que eu passava a vida a molhar a cama.” Contudo não se podia considerar uma existência infeliz, especialmente para o rapazinho que se orgulhava dos mais, admirava a sua desenvoltura e coragem; enfim, uma vida sem dúvida preferível àquela que se lhe seguiu. porque tanto Tex como Fio, obrigados por motivo de doença a abandonar o seu modo de vida, foram instalar-

se perto do Reno, no Nevada. Entendiam-se mal, Fio ”deu em beber *whisky, e* então, tinha Perry seis anos, ela partiu para S. Francisco levando consigo as crianças. Foi tudo tal como o velhote escrevera: ”Eu deixei-a ir quando ela pegou no carro e se despediu de mim, deixando-me só (isto passou-se durante a crise). Os meus filhos fizeram todos um berreiro infernal. Ela irritava-os mais ainda dizendo-lhes que eles mais tarde haviam de fugir para virem ter comigo.” Na verdade, no decurso dos três anos seguintes, Perry fugiu por várias vezes, resolvido a ir ao encontro do pai que perdera, pois com a mãe também não contava, aprendera a ”desprezá-la”; o álcool deformara-lhe o rosto, empastara a figura dessa outrora esbelta e elegante jovem cherokee, ”azedara-lhe o espírito”, envenenara-lhe a língua ao máximo, destruíra-lhe o respeito por si própria ao ponto de nem sequer perguntar o nome dos estivadores e motoristas de autocarros que aceitavam aquilo que ela oferecia de graça (exceptuando a exigência de beberem primeiro na companhia dela e dançarem ao som de uma grafonola de corda).

Por isso, recordava Perry, ”Eu passava a vida com saudades do pai, esperando que ele me viesse buscar, e lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que voltei a vê-lo. Estava de pé no pátio da escola. Foi como quando a bola bate em cheio no bastão. Estilo Di Maggio. Mas o pai recusou-se a ajudar-me. Disse que me portasse bem, abraçou-me e foi-se embora. Pouco depois disto a minha mãe internou-me num orfanato católico. Aí as freiras estavam sempre em cima de mim, a bater-me. Eu urinava na cama. por isso ainda hoje tenho raiva às freiras. *E* também a Deus. E à religião. Mais tarde descobri que havia gente ainda pior do que elas. porque ao cabo de dois meses expulsaram-me do orfanato e ela (a mãe) levou-me para um lugar mais horrível. Um asilo de crianças dirigido pelo Exército da Salvação. Aí também me odiavam, por eu molhar a cama. E por ser meio índio. Havia lá uma enfermeira que me chamava o ”preto” e afirmava não haver diferença nenhuma entre pretos e índios. Oh, meu Deus! Que grande filha-da-mãe! Sabem o que ela fazia?

Enchia uma banheira com água gelada e metia-me lá dentro, ficando a segurar-me até eu ficar roxo. Apanhei uma pneumonia. Ia batendo a bota! Estive dois meses no hospital. Foi durante essa doença que o meu pai apareceu. Quando melhorei, levou-me consigo.”

Durante cerca de um ano, pai e filho viveram juntos numa casa perto de Reno, e

Perry começou a frequentar a escola.

- Fiz a instrução primária - recorda Perry - *e* foi tudo. Nunca mais voltei a estudar. porque nesse Verão o meu pai construiu uma espécie de atrelado, a que ele chamava ”uma *roulotte”*. Continha dois beliches e uma pequena cozinha. O fogão era bom. Podia-se cozinhar ali tudo. Até cozer pão. Eu costumava arranjar conservas: maçãs em calda, geleia, etc. Desta forma, durante seis anos, percorremos o país de um lado para o outro. Nunca estávamos muito tempo num lugar. Quando nos demorávamos mais numa terra, as pessoas começavam a olhar para o meu pai como se ele fosse um tipo exótico e eu detestava isso, magoava-me, porque era muito amigo do meu pai. Mesmo apesar de ele às vezes ser duro para comigo. Era muito autoritário. Mas eu então gostava dele. por isso ficava sempre contente quando nos mudávamos.

Andaram pelo Wyoming, pelo Oregon, pelo Idaho, e finalmente o Alasca. No Alasca, Tex ensinou ao filho a sonhar com o ouro, a procurá-lo nas margens arenosas dos riachos de neve, e foi também aí que Perry aprendeu a servir-se de uma espingarda, a esfolar um urso, a caçar lobos e corças.

- Meu Deus, que frio! - recorda Perry. - Eu e o pai dormíamos abraçados um ao outro, enrolados em cobertores e peles de

urso. De manhã, ainda escuro, eu preparava o almoço, biscoitos e compota com carne frita, e lá íamos nós fazer pela vida. Tudo estaria muito certo se eu não tivesse crescido; quanto mais o tempo passava, menos eu era capaz de admirar o meu pai. Havia coisas acerca das quais ele sabia tudo, mas de outras não percebia mesmo nada. Ignorava certas facetas da minha pessoa, estava literalmente em branco. Não percebia patavina.

Como isto, por exemplo, o facto de eu ser capaz de tocar harmónica logo da primeira vez que peguei numa. E

guitarra também. Eu possuía essa grande habilidade natural. Mas o meu pai nunca o quis reconhecer. Nem fazia caso disso. Eu também gostava de ler. De aumentar o meu vocabulário. De fazer canções. E além disso desenhava. Mas nunca tive dele uma palavra de estímulo. Nem dele nem de ninguém. De noite, ficava acordado, a tentar controlar a bexiga, em parte porque não podia deixar de ficar pensando coisas. Sempre que fazia frio a ponto de quase se não poder

respirar, eu lembrava-me de Hawai, de um filme que vira, com a Dorothy Lamour. Desejava estar lá, onde houvesse sol, vestido apenas de ervas e flores.

Vestido com muito mais roupa do que isto, Perry encontrou-se um dia dentro de uma sala de tatuagem de Honolulu, enquanto lhe faziam um desenho, por meio de infiltração, no braço esquerdo. A sua vinda para ali devia-se ao seguinte: uma discussão com o pai, uma viagem à boleia desde Anchorage até Seattle, uma visita ao escritório de alistamento na Marinha Mercante.

- Mas nunca me teria alistado se soubesse o que me esperava

- declarou Perry um dia mais tarde. - Não era o trabalho que me afligia e gostava da vida de marinheiro, dos portos de mar e de tudo o resto. Só os ”maricas” do navio é que me não deixavam em paz. Aos dezasseis anos uma pessoa é ainda criança. Eu sabia defender-me, é claro. Mas o pior é que há muito homem desse tipo que não é efeminado. Caramba, têm força para atirar pela janela fora uma mesa de bilhar. E também o piano, se for preciso. Essa gente faz-nos passar um mau bocado, especialmente quando se juntam dois, porque então formam uma parelha contra um ”gajo” que afinal é ainda uma criança. É de endoidecer. Alguns anos mais tarde, quando fiz parte do exército estacionado na Coreia, surgiu o mesmo problema. Eu tinha uma bela folha de serviços; boa a valer. Ganhei a medalha de bronze. pois bem, nunca fui promovido. Ao fim de quatro anos e de haver combatido durante toda a guerra, tinha ao menos o direito de sair cabo. Mas nunca o consegui. Sabem porquê ? porque o meu sargento era um patife. porque eu não me quis sujeitar. Caramba, não posso com isso!

Detesto? porquê ... sei lá porquê ! No entanto tenho

encontrado alguns tipos esquisitos de quem gosto. Desde o momento que não venham para cá com coisas O

maior amigo que tive até hoje, um tipo realmente sensível e inteligente, por acaso era ”maricas”.

No intervalo entre *à* saída da Marinha Mercante e o alistamento no Exército, Perry fez as pazes com o pai, o qual, no momento em que o filho o deixara, tinha ido parar ao Nevada, regressando em seguida ao Alasca. Em 1952, no ano em que Perry terminava o serviço militar, o velho estava em vias de resolver a vida

no sentido de acabar com as viagens.

- O pai estava entusiasmadíssimo - relatava Perry. - Escreveu-me a dizer que comprara um bocado de terra na auto-estrada que seguia para Anchorage. E que ia fazer ali uma pousada de caça, um notei para turistas. ”A Toca dos Caçadores de Peles”, iria chamar-se aquilo. E pedia me que fosse depressa ter com ele para o ajudar na construção. Tinha a certeza de que iria fazer uma fortuna. Nessa altura ainda eu estava no Exército, no quartel de Fort Lewis, em Washington, e comprei uma motocicleta *(matactcletas é* que se deveria chamar-lhes) e logo que fui desmobilizado parti para o Alasca. Só cheguei a Bellmgham. Mesmo na fronteira. Estava a chover. A minha máquina derrapou.”

Essa derrapagem retardou um ano o encontro entre o pai e o filho. Operação e internamento durante seis meses e o resto do tempo passado a convalescer numa casa na floresta, perto de Beilingham, que pertencia a um lenhador e pescador índio.

- Chamava-se Joe James. Ele e a mulher trataram-me muito bem. Fazíamos apenas uma diferença de idade de dois ou três anos, mas eles levaram-me para casa e cuidaram de mim como se fosse seu filho. O que quer dizer que não podiam tratar-me melhor. porque eles estimavam muito os filhos e cuidavam bem deles. Nessa altura tinham quatro; acabaram por ser sete. Foram todos muito bons para mim, tanto o Joe como a família. Eu andava então de muletas e não podia fazer nada. Passava o tempo sentado. portanto, para me tornar útil e ter alguma coisa em que me entreter, comecei a dar-lhes uma espécie de aula. Os alunos eram os filhos do Joe e alguns vizinhos e dávamos as lições na sala. Eu ensinava-lhes a tocar harmónica e guitarra. Desenho e caligrafia. Toda a gente achou sempre que eu tinha uma letra bonita. E é verdade, mas a razão disso é eu ter comprado um dia um livro sobre o assunto e praticado até saber escrever tão bem como vinha no livro.

Costumávamos também ler histórias, isto é, as crianças é que liam, cada uma por sua vez, e eu ia-as corrigindo. Era divertido. Gosto de crianças. Crianças pequenas. Foi uma bela época, aquela. Mas depois veio a Primavera. Ainda me

custava a andar, mas já era capaz de o fazer. E o meu pai estava à minha espera.

À espera, mas não ocioso. Quando Perry chegou ao local da futura pousada de

caça, o pai, trabalhando sozinho, havia terminado já as tarefas mais difíceis: aplanado o chão, cortado a madeira necessária, arrancado e partido muitas carradas de pedra da região.

- Mas só começou a construção quando eu cheguei. Fomos nós que fizemos tudo sozinhos. Só com um ajudante índio de vez em quando. O pai trabalhava como um louco. Não queria saber de mais nada: trovoadas, nevões, vento capaz de arrancar árvores, e nós sem arredarmos pé dali. No dia em que cobrimos o telhado, o meu pai dançou, gritou e riu, foi um verdadeiro espectáculo. Bem, a coisa ficou excepcional. Podia albergar vinte pessoas. Tinha uma grande lareira na sala de jantar. O Salão de *Cocktails* do Totem Post. Era aí que eu devia divertir os hóspedes, a tocar e a cantar. Abrimos ao público em fins de 1953.

porém os esperados caçadores nunca apareceram e, muito embora os turistas vulgares, os raros que passavam pela auto-estrada, parassem para fotografar a rusticidade incrível da fachada da Toca dos Caçadores de Peles, poucas vezes se hospedavam para passar ali a noite.

- Durante algum tempo ainda nos iludimos, pensando que a coisa iria pegar. O pai tentou embelezar aquilo.

Fez um jardim de recordações. Um Poço dos Desejos. Colocou anúncios pintados ao longo da auto-estrada.

Mas nada disso lhe trouxe nem um centavo de lucro. Quando o meu pai percebeu... se convenceu de que nada mais tínhamos conseguido do que perder o nosso tempo e o nosso dinheiro, começou a voltar-se contra mim.

A tratar-me rispidamente. Com desprezo. A dizer que eu não cumpria a minha obrigação. A culpa era tanto dele como minha. Numa situação como aquela, sem lucros e com o pecúlio a diminuir a olhos vistos, era fatal que começássemos a implicar um com o outro. O caso é que acabámos por passar fome. Fome a valer. A coisa começou por causa de uma bolacha. O pai tirou-me a bolacha da mão, dizendo que eu comia de mais, que era um comilão, um egoísta, porque não me ia eu embora dali, que já não me podia ver à sua frente. Foi dizendo por ali fora até eu já não poder mais ouvi-lo. Deitei-lhe as mãos ao pescoço. Estas mãos... mas não consegui dominar-me. Só me apetecia estrangulá-lo. O meu pai contudo conseguiu escapar-se, ele é um bom lutador.

Libertou-se de mim e entrou em casa a correr para ir buscar a espingarda. Depois

apontou-ma e disse: ”Olha para mim, Perry. Eu sou a última coisa que vês antes de morrer!” Eu não saí donde estava.

Ele então percebeu que a espingarda nem sequer estava carregada e desatou a chorar. Sentou-se e berrou como uma criança. por fim eu vi que já não estava nada zangado com ele. Só me fazia pena.

Sentia pena de nós dois. Mas isso de nada valia, não havia nada que eu pudesse dizer naquele momento. Fui dar uma volta. Estávamos em Abril, mas a floresta encontrava-se ainda coberta de neve. Caminhei até quase à noite. Quando regressei, a pousada estava deserta e todas as portas aferrolhadas. As minhas coisas encontravam-se ali no chão sobre a neve, para onde o meu pai as atirara. Livros, roupas!... Deixei lá tudo. Menos a guitarra. Peguei nesta e comecei a caminhar pela auto-estrada. Não tinha um cêntimo no bolso. Pela meia-noite passou um camião que me deu uma boleia. O motorista perguntou-me para onde é que eu ia e respondi-lhe: ”Para onde quer que você

vá, é esse o meu destino.”

Algumas semanas mais tarde, depois de ter estado de novo hospedado em casa dos James, Perry decidiu tomar novo rumo: Worcester, no Massachusetts, terra natal daquele ”companheiro de caserna” que ele esperava o acolhesse e ajudasse a encontrar um ”emprego bem pago”. Vários contratempos demoraram esta viagem para leste; durante ela lavou pratos num restaurante de Omaha, serviu numa bomba de gasolina em Oklahoma, trabalhou um mês num rancho do Texas.

Em Julho de 1955, quando se dirigia a Worcester, encontrou numa pequena cidade do Kansas, Phillipsbourg, o ”destino”, sob a forma de uma ”má companhia”.

- O apelido dele era Smith, tal como o meu - recorda Perry. Nem sequer me lembro do nome próprio. Encontrei-o algures, ele tinha um carro e disse que me daria boleia até Chicago. Depois de atravessarmos o Kansas, acabámos por chegar a essa pequena cidade, Phillipsbourg, e parámos para consultar o mapa. Julgo que era domingo. As lojas estavam fechadas e as ruas silenciosas.

Então o meu amigo, diabos o levem, ”teve uma ideia”.

Essa ideia era assaltarem um edifício ali perto, o Chandler Sales Company. Perry concordou, arrombaram o edifício deserto e roubaram grande quantidade de material de escritório (máquinas de escrever e de calcular). A coisa teria ficado por ali, se acaso dias depois os dois ladrões não houvessem desobedecido a um sinal de trânsito na cidade de São José, no Missoun.

- Aquela trapalhada toda encontrava-se ainda no carro. O tipo que nos obrigou a parar quis saber donde vinha aquilo. Fizeram uma pequena investigação e, no diver deles, recambiaram-nos ”para Philipsbourg, no Kansas. Ali há uma bela cadeia. Para quem gostar de cadeias”.

Dentro de quarenta e oito horas, Perry e o companheiro haviam *1* 33

descoberto uma janela aberta. Saltaram por ela, roubaram um carro e dirigiram-se para noroeste, até

MacCook, no Nebrasca.

- Não tardou que nos separássemos, eu e Mr, Smith, Nunca soube o que foi feito dele. Ambos ficámos a fazer parte dos sujeitos procurados pelo F. B. I. Mas que eu saiba nunca o apanharam.

Numa tarde húmida do mês de Novembro seguinte, um autocarro Greyhound deixara Perry em Worcester, uma cidade fabril do Massachusetts, de ruas íngremes, que, mesmo com o melhor dos tempos, tinha um aspecto hostil e desanimador.

- Fui ter à casa onde julgava habitar o meu amigo. O tal que eu conhecera no exército da Coreia. porém as pessoas que lá viviam declararam-me que ele se mudara havia seis meses e não faziam ideia para onde fora.

Fiquei desolado, era uma desgraça, o fim do mundo, etc., etc. Dirigi-me portanto a uma taberna, comprei meio galão de vinho tinto e voltei para a estação dos autocarros para beber o vinho o aquecer-me um pouco.

Estava realmente a sentir-me bem quando chegou um tipo que me prendeu por vagabundagem.

A Polícia condenou-o sob o nome de ”Bob Tumer”, que ele adoptara em virtude de ser procurado pelo F.B.I.

Passou catorze dias na cadeia, foi multado em dez dólares e partiu de Worcester noutra tarde chuvosa de Novembro.

- Dirigi-me a Nova Iorque e arranjei quarto num hotel da Oitava Avenida - declara Perry. - Perto da Rua Quarenta e Dois. Consegui finalmente um emprego nocturno, a fazer recados a um *penny* por *quarteirão, m* ais ou menos. Mesmo ali na Rua Quarenta e Dois, a seguir a um Restaurante Automático, que era onde eu comia... quando comia. Durante três meses não saí praticamente da área da Broadway. Erri primeiro lugar porque não tinha fato capaz. Apenas um traje do Oeste, calças de ganga e botas. Mas ali, na Rua Quarenta e Dois, ninguém repara nisso, tudo serve, seja o que for. Nunca na minha vida encontrei tanta gente esquisita.

Viveu um Inverno inteiro naquela zona horrorosa, iluminada a *néon.*, cuja atmosfera cheirava a milho frito, a cachorros-quentes e a laranjada. Até que numa bela manhã de Março, recorda ele, ”vieram acordar-me dois gajos do F. B. I. Foram prender-me ao hotel. Pronto! Lá fui eu extraditado para o Kansas outra vez. Para Phillipsbourg, onde havia a tal cadeia jeitosa. Caiu-me tudo em cima: furto, fuga da prisão, roubo de automóvel. Apanhei de cinco a dez anos em Lansing. Depois de lá estar há uns tempos escrevi ao meu pai, para lhe dar a notícia. Também escrevi à minha irmã Bárbara. Não tinha mais ninguém no mundo, ao fim 134

daqueles anos. O Jimmy suicidara-se. A Fem atirara-se da janela abaixo. A minha mãe morrera, havia oito anos. Tinham desaparecido todos, excepto o pai e Bárbara.

Entre a papelada que Perry preferira levar consigo ao deixar a Cidade do México encontrava-se uma carta de Bárbara. Esta, escrita numa letra bem legível e agradável, tinha a data de 28 de Abril de 1958, época em que o destinatário se encontrava preso havia mais ou menos dois anos: *Meu querido mano Perry*

Recebemos a tua segunda carta e peço desculpa de não ter respondido hà mais tempo. O tempo aqui, como talvez aí também, está a aquecer e eu devo andar com a moleza própria do calor, mas vou fazer os possíveis por *me emendar. A tua primeira carta causou-nos grande alvoroço, como deves calcular, mas não foi esse o motivo do meu atraso na resposta. É certo que as crianças me dão muito trabalho e torna-se-me difícil arranjar tempo para me sentar e concentrar-me a escrever uma carta como há tanto desejava. O Donnie*

aprendeu a abrir as portas e a trepar às cadeiras e outras peças de mobília e passo a vida num susto com medo que ele caia.

Por vezes ponho as crianças a brincar no pátio, mas nunca posso deixar ele sair com elas, pois receio que se magoem sozinhas. Mas nada dura sempre e sei que vou ter saudades quando eles começarem a brincar à volta do quarteirão, sem eu nunca saber onde param. Aqui te mando algumas medidas para o caso de te interessarem.

Freddie - Altura: 36 polegadas e meia; Peso: 26 libras e meia; Medida dos sapatos: 7 e meio estreito. Baby - Altura: 37 polegadas e meia; Peso: 29 libras e meia; Medida dos sapatos: 8 estreito.

Donnie - Altura: 34 polegadas; Peso: 26 libras; Medida dos sapatos: 6 e meio largo.

Já vês que o Donnie está um rapagão para 15 meses; com os seus 16 dentes e cheio de vida, as pessoas não podem deixar de o adorar. Usa a mesma medida de roupas que o Freddie e o Baby, mas as calças ficam-lhe ainda um bocado compridas.

Vou escrever-te uma grande carta e por *isso provavelmente terei de a interromper muitas vezes, tal como agora, pois são horas de dar banho ao Donnie - o Baby e o Freddie Tomaram o seu pela manhã e como está*

muito frio mantive-os todo o dia cá dentro de casa. Até daqui a pouco.

1 35

A cerca da. minha dactilografia: primeiro, para te falar com franqueza, não sei escrever a máquina. Tanto me sirvo dos cinco dedos como de um só e muito embora cá me arranje e por *vezes ajude o meu marido nos negócios, aquilo que me leva uma hora a escrever provavelmente demoraria uns quinze minutos a quem souber. A verdade é que não tenho tempo nem paciência para aprender a sério. Mas acho estupenda a maneira como tu escreves, pois tornaste-te um excelente dactilógrafo. Estou convencida de que todos nós éramos muito habilidosos (ojimmy, a Fem, tu e eu) e todos, éramos dotados de um certo temperamento artístico. Até a nossa mãe e o nosso pai eram artistas.*

Estou convencida de que nenhum de nós pode deitar as culpas seja a quem for

daquilo que lhe sucedeu. Está

provado que, na idade de sete anos, a maioria das pessoas atinge o uso da razão - o que significa que, nessa idade, compreendemos e sabemos ver a diferença entre o bem e o mal! Claro que o *meio desempenha um papel importantíssimo nas nossas vidas, como aconteceu no meu caso com o colégio e dou graças a Deus* por *essa influência. Quanto ao Jimmy, ele era o mais forte de todos nós. Lembro-me da maneira como trabalhava e ia para a escola sem ninguém lhe mandar, só* porque *queria vir a ser ALGUÉM. Nenhum de nós conhece as razões daquilo que lhe sucedeu mais tarde,* porque *teria ele feito aquilo, mas ainda hoje me sinto mal ao pensar nisso. Foi uma pena! Mas nós temos muito pouco domínio sobre a nossa natureza humana e isto aplica-se também à Fem e a centenas de milhares de outras pessoas incluindo nós próprios, pois todos temos as nossas fraquezas. No teu caso não sei qual* foi *essa fraqueza, mas acho que NÃO É* VERGONHA NENHUMA SUJAR A CARA, VERGONHA É FICAR COM ELA SUJA.

Em boa verdade e com todo o amor que te dedico, visto seres o meu único irmão vivo e o tio dos meus filhos, declaro-te que não considero justa a tua atitude para com o nosso pai, nem perante o facto de estares preso.

Se vais reagir comigo o melhor é acalmares, pois compreendo que nenhum de nós aceita bem as críticas e por *isso estou preparada para, de duas uma: ou que não me respondas mais, ou que me escrevas uma carta a dizer tudo o que pensas a meu respeito.*

Espero que me engane e desejo sinceramente que esta minha carta te faça reflectir e compreender comoas outras pessoas vêem as coisas. Peço-te que compreendas que eu não me considero autoridade nem me 'gabo de ter grande inteligência ou instrução, mas julgo-me um ser normal com uma capacidade 136

vulgar de raciocínio e o desejo de viver a minha vida segundo a lei de Deus e dos homens. Também é certo que tenho falhado por *vezes, como é de esperar. Só é mal ter a cara suja quando não queremos lavá-la.*

Ninguém repara mais, nos meus erros e deficiências do que eu própria, por *isso não te enfado mais.*

Agora vamos ao mais importante : o pai não é responsável pelas tuas boas ou más acções. Aquilo que fizeste, o bem *e o* mal, *é lá contigo. Segundo creio,*

viveste a tua vida, como muito bem entendeste, sem te preocupares com as circunstâncias nem com as pessoas que te estimavam e a quem poderias ofender. Quer compreendas isto ou não, o facto de te encontrares hoje preso confunde-me, tanto a mim como ao pai, não por *causa do que fizeste, mas pelo facto de não dares mostra de arrependimento sincero nem* respeito por qualquer *lei, pessoa ou coisa. Da tua carta depreende-se que o culpado de todos os teus problemas foi toda a gente menos tu.*

Admito que tu és inteligente e que tens um magnífico vocabulário e sei que és capaz de fazer tudo o que desejares, e bem. Mas o que é realmente que tu desejas fazer, queres trabalhar e tentar um esforço honesto para alcançares os teus desejos? Nada nos vem parar às mãos de graça e estou certa de que ouviste já esta afirmação muitas vezes, mas se a ouvires mais uma vez não te faz mal nenhum.

Caso te interesse saber a verdade acerca do pai, sempre te digo que está cheio de desgosto por *tua causa.*

Faria tudo para te libertar e ter de novo o filho consigo, mas receio, se tal se desse, que continuasses a desgostá-lo. Ele não está bem de saúde e vai ficando velho; como é uso dizer-se, já "não é o que era dantes".

Nem sempre procedeu bem, é ele o primeiro a concordar, mas levou-te sempre consigo e partilhou tudo quanto tinha, contigo, o que não sucedeu com qualquer de nós. Não quero dizer com isto que lhe devas eterna gratidão ou *que lhe pagues com a vida, mas deves-lhe RESPEITO E CONSIDERAÇÃO. Pela parte que me toca, orgulho-me dopai.. Amo-o e respeito-o como sendo meu pai e só lamento que ele queira ser um lobo solitário, tal como o filho, em lugar de querer viver connosco, partilhando a nossa amizade, em lugar de viver na sua roulotte a suspirar e a esperar* por *ti, o seu único filho. Preocupo-me com ele e, quando digo eu, quero dizer nós, isto é, o meu marido também,* porque *ele igualmente respeita o nosso pai.* porque *ele é um homem.*

É certo que o pai não tem uma instrução muito vasta, mas na escola só nos ensinam a reconhecer as palavras e a escrevê-las correctamente, porém a

aplicação dessas palavras à vida real é outra coisa que só a EXPERIÊNCIA VIVIDA *nos pode dar. O pai foi um homem que viveu e tu mostras ignorância*

ao considerá-lo pouco educado e incapaz de compreender "o significado científico, etc." dos problemas da vida. Só uma mãe sabe dar um beijo num "dói-dói" e com isso curá-lo - *vai lá explicar isso cientificamente.*

Peço desculpa de te falar duramente, mas acho que tenho obrigação de o fazer. Lamento que esta carta tenha de ser censurada (pelas autoridades da prisão) e espero sinceramente que ela te não cause qualquer prejuízo na tua futura libertação, mas acho que devias saber todo o desgosto que causaste. O pai é quem eu considero mais importante, visto que me dedico à minha família, mas só a ti é que ele estima, numa palavra, só tu és "a sua família". Ele não ignora que eu o estimo, claro, mas não existe entre nós a menor intimidade, como muito bem sabes.

A tua prisão não é motivo de orgulho e tu terás de te conformar com ela e cumpri-la visto não haver remédio, mas não com essa atitude de considerares toda a gente estúpida e inculta e sem compreensão. Tu és um ser humano dotado de livre arbítrio, o que te coloca acima do nível dos animais. Mas se vives a vida inteira sem um sentimento de compaixão para com os teus semelhantes então transformas-te num animal- "olho por *olho, dente* por *dente" - e não é assim que se atinge a paz de espírito nem a felicidade.*

Quando se trata de responsabilidade, nenhum de nós a deseja - mas todos nós somos responsáveis pela comunidade em que vivemos e pelas suas leis. Quando chega a altura de assumir a responsabilidade de um lar e dos filhos ou de um negócio, esta é a semente que os rapazes recebem dos homens, porque *certamente compreendes que confusão seria o mundo se todos nós disséssemos.* "Eu *quero ser um indivíduo sem responsabilidades, dizendo o que penso e fazendo o que muito bem me apetecer." Todos nós temos o direito de dizer o que nos apetece* desde que *essa liberdade de palavras e actos não prejudique os outros.*

Pensa bem nisto, Perry Tu tens uma inteligência acima do normal, mas de certo modo o teu rraciocínio está

um bocado fora dos eixos. Talvez a causa disso seja a reclusão. De qualquer forma lembra-te de que tu e só tu és o responsável e a ti e só a ti compete ultrapassar esta época da tua vida. Esperando em breve as tuas notícias.



com toda a amizade e votos de felicidade

da tua irmã e cunhado Bárbara e Frederic e Família

Ao conservar esta carta e ao incluí-la no número dos seus objectos mais queridos, Perry não se inspirara na sua afeição pela irmã. Longe disso. “Desprezava” Bárbara e ainda há pouco afirmara a Dick:

- Só lamento uma coisa. Que a minha irmã não estivesse naquela casa. (Dick desatara a rir e confessara um desejo idêntico: “Também tenho pensado muitas vezes que teria piada se lá tivesse encontrado a minha segunda mulher. Ela e toda a sua maldita família”).

Não, ele guardava a carta unicamente porque o seu amigo da cadeia, o “superinteligente” Willie-Jay, lhe escrevera acerca da carta um comentário

“muito subtil”, que preenchia duas páginas escritas à máquina a um espaço, sob o título: “Impressões que colhi da leitura da carta”: IMPRESSÕES QUE COLHI DA LEITURA DA CARTA

1. Quando ela começou a carta pretendia que esta fosse uma caridosa demonstração dos princípios cristãos.

Quer dizer que, em resposta à tua carta, que pelos vistos a aborreceu, ela tencionava apresentar a outra face, esperando desta forma levar-te ao arrependimento daquilo que havias escrito e colocar-te na defensiva.

No entanto poucas pessoas conseguem demonstrar um princípio de ética comum quando a sua intenção é

perturbada pelas suas emoções. A tua irmã ilustra esta falência, pois, à medida que prossegue na carta, o seu bom-senso dá lugar ao mau génio. São boas as suas intenções e lúcidos os produtos da sua inteligência. Mas o seu cérebro recebe o influxo de uma reacção emocional às antigas recordações e à frustração que sente; em consequência disto, por mais sensatas que sejam as suas admoestações, não conseguem inspirar outra resolução que não seja a de te vingares na próxima carta que lhe escreveres. Assim se daria início a um círculo vicioso que só poderia acarretar mais ódios e desgostos.

2. A carta é estúpida, mas deve-se à fraqueza humana.

A tua carta para ela e a resposta dela para ti falharam os seus objectivos. A tua era uma tentativa de explicação da vida, tal como a entendes, da maneira como tinhas sido afectado por ela.

Não podia deixar de ser mal compreendida ou tomada demasiado à letra, visto que as tuas ideias são opostas ao convencionalismo. Que há de mais convencional que uma mulher casada, com três filhos, que se confessa

“dedicada” à sua família??? Nada mais natural do que ela revoltar-se contra uma pessoa inconvencional.

Existe uma hipocrisia considerável no convencionalismo. Toda a pessoa que pense se apercebe deste paradoxo: mas ao tratar com indivíduos convencionais

há toda a vantagem em não lhes mostrar que os consideramos hipócritas. Não se trata aqui de fidelidade aos princípios, mas sim de compromisso, de modo a que possamos continuar a ser um indivíduo sem a ameaça constante das pressões convencionais. A carta dela falha porque ela não pode aperceber-se da profundidade do teu problema, não pode suspeitar as pressões que te oprimem vindas do meio ambiente, a tua frustração intelectual e a tua crescente tendência para o isolacionismo.

3. Ela acha que:

a) Tu estás a cair na autocompaixão;

b) É s demasiado calculista;

c) O que precisas é uma carta de oito páginas escrita nos intervalos das suas obrigações maternais.

4. Na página 3 ela escreve: “Acho sinceramente que nenhum de nós tem nada a censurar-se, etc.”, vingando-se assim de todos aqueles que tiveram influência nos seus anos de formação. Mas isto será inteiramente verdade?

Ela é esposa e mãe. Respeitável e mais ou menos segura de si. Mas o que sentiria ela se fosse obrigada a andar pelas ruas para se sustentar? Continuaria a manter a sua atitude de perdão para todos aqueles que faziam parte do seu passado? com certeza não. Nada mais natural do que pensar que os outros partilharam das nossas faltas, visto ser isto uma reacção natural destinada a esquecer os que tomaram parte nos nossos triunfos.

5. A tua irmã respeita o vosso pai. Ressente-se ao mesmo tempo do facto de tu seres o preferido dele. O ciúme dela assume, nesta carta, uma forma subtil. Porque nas entrelinhas podemos descortinar a seguinte pergunta:

“Eu estimo o pai e tentei viver uma vida de molde a que ele sentisse orgulho em mim. Mas tive sempre de me contentar com as migalhas do seu afecto. Porque é a ti que ele prefere. Qual o motivo disto?”

Torna-se evidente que o teu pai, por meio das cartas, tem abusado ultimamente da natureza sentimental da tua irmã. Tem-lhe pintado o seu próprio retrato de molde a justificar a opinião que ela faz a seu respeito - um desgraçado que teve a pouca sorte

de possuir um filho no qual concentrou todo o seu amor e carinho para receber em troca apenas maus tratos.

Na página 7 mostra-se contrariada pelo facto de a tua carta ir à censura. Mas isso não é verdade: a tua irmã

sente-se satisfeita por ela ir parar às mãos de um censor. No seu subconsciente a carta fora escrita para isso mesmo, esperando dar a impressão de que a família Smith era realmente unida: Como quem diz: não nos julguem a todos pelo Perry!

Essa coisa de a mãe beijar o "dói-dói" do filho é uma modalidade de sarcasmo feminino.

6. Tu escreveste-lhe porque:

a) É s amigo dela a tua maneira;

b) Sentias necessidade de contactos com o mundo exterior; c) Ela pode vir a ser-te útil.

Prognóstico: a correspondência entre vocês os dois não pode representar mais do que uma mera função social.

Mantém o nível das tuas cartas em relação à mentalidade dela. Não lhe transmitas as tuas conclusões mais íntimas. Não a coloques na defensiva nem permitas que ela te faça o mesmo. Respeita as suas limitações no que se refere a compreender os teus objectivos e lembra-te de que ela e sensível às críticas que fazes do pai.

Mostra-te firme nas tuas atitudes para com ela e nada faças que dê a impressão de seres um fraco, como ela julga, não porque te faça falta a sua boa opinião a teu respeito, mas porque isso te traria mais cartas no estilo desta e *elas só serviriam para acirrar os teus instintos anti-sociais que já se tornam perigosos.*

À medida que Perry escolhia as coisas de que não queria separar-se, a pilha ia atingindo uma altura astronómica. Mas, que avia ele de fazer? Não podia arriscar-se a perder a medalha de bronze ganha na Coreia, nem o seu diploma universitário (concedido pela Escola Educacional Leavenworth, como resultado

de ele, na prisão, haver retomado os estudos há muito interrompidos.) Nem queria perder a carteira a abarrotar de fotografias: primeiro dele próprio na Marinha Mercante, um rapazinho bonito (e nas costas das quais escrevera: “16 anos, jovem, despreocupado e inocente”), até àquelas que tirara recentemente em Acapulco.

Havia ainda mais meia centena de outras que ele resolvera levar também consigo no meio dos mapas dos tesouros, do livro de esboços do Otto e de dois grossos livros de apontamentos, o mais volumoso dos quais representava o seu dicionário particular, uma lista misturada sem ser por ordem alfabética,

composta de palavras que ele considerava “belas” ou “úteis” ou pelo menos “que valia a pena recordar”. (Aqui está uma página, por exemplo: “Tanatoide = semelhante à morte; Omnilingue = versado em várias línguas: Coima = multa; Néscio = ignorante. Facínora - muito malvado: Hagiofobia -- terror mórbido das coisas e dos lugares santos; Lapidícola = que vive debaixo das pedras tal como certos escaravelhos cegos; Esquipada =

esquisitice; Omofagia = hábito de comer carne e peixe cru, próprio de certas tribos selvagens: Afrodisíaco =

que excita os desejos sexuais: Megalodactilo = que tem dedos anormalmente grandes; Mirtofobia = me do da noite e da escuridão.”)

Na capa do segundo livro de apontamentos, de cuja caligrafia ele tanto se orgulhava, caligrafia esta muito abundante em floreados e curvas, arvorava o título de “Diário Particular de Perry Edward Smith”. - Não se tratava de forma alguma de um diário, era antes uma descrição incompleta, ou melhor, uma espécie de antologia composta de factos obscuros (“Há uma vez, de quinze em quinze anos, em que Marte se aproxima da Terra. 1958 é um desses anos”) poemas e citações literárias (“O Homem não é uma ilha, Ele é um todo”) e trechos de jornais e livros copiados ou então citações. Por exemplo:

“Tenho muitas pessoas conhecidas, poucas que sejam amigas; e menos ainda que me conheçam bem.”

Ouvi falar num novo veneno para ratos que foi posto à venda. Extremamente forte, inodoro, insípido, é

absorvido de tal maneira pelo corpo que não deixa o menor vestígio num cadáver.

Se me pedirem que faça um discurso, direi: “Não consigo de maneira nenhuma lembrar-me do que queria dizer. Creio que nunca, em toda a minha vida, devi a tanta gente o facto de estar tão satisfeito. Este é um momento maravilhoso, raro e sinto-me muitíssimo grato a todos. Obrigado!”

Li um artigo interessantíssimo no número de Fevereiro do Man to Man: “Abri caminho à faca para um poço de diamantes.”

“É quase impossível para um homem que aprecie a liberdade com todas as suas prerrogativas compreender o que significa estar privado dessa liberdade”, diz Erie Stanley Gardner.

“O que é a vida? O brilho de um pirilampo na noite. O bafo de um búfalo no Inverno. A sombra minúscula que desliza na relva e se perde no crepúsculo”, disse o chefe Pé de Corvo, dos índios Blackfeet.

Esta última tirada estava escrita a vermelho e decorada com uma cercadura de estrelas a tinta verde; o compilador desejava acentuar o seu “significado pessoal”. “O bafo de um búfalo no Inverno” evocava precisamente o seu conceito da vida. Para quê



preocupações? porque havíamos de nos esfalfar? O homem não é nada, uma névoa, uma sombra engolida pelas sombras.

Mas que diabo, uma pessoa andava sempre a ralar-se, a fazer planos, a consumir-se por causa dos avisos da direcção nos hotéis: ”SU DIA TERMINA A Las 2 P. M.”.

- Dick! Estás a ouvir? - chamou ele. - É quase uma hora. Dick estava acordado. Mais do que isso; ele e Inês estavam a

fazer amor. Como quem recita uma oração, Dick murmurava continuamente; ”É bom, querida? É bom?” Mas Inês, que fumava um cigarro, não respondia. Na noite anterior, quando Dick a trouxera para ali e dissera a Perry que ela ia lá dormir, este, ainda que de má vontade, concordara, mas se eles imaginavam que o seu procedimento o estimulava ou o fazia sentir-se ”demais ali”, enganavam-se

redondamente. No entanto Perry tinha pena de Inês. Que ”estúpida pequena”. Acreditava realmente que Dick iria casar com ela e nem lhe passava pela cabeça que ele tencionasse abandonar o México naquela mesma tarde.

- É bom, querida? É bom? Perry exclamou:

- Pelo amor de Deus, Dick! Despacha-te lá com isso? A nossa diária termina às duas da tarde!

Era um sábado, o Natal estava à porta e o movimento era grande ao longo da rua principal. Dewey, retardado pela afluência de trânsito, olhou para as grinaldas que enfeitavam as ruas, festões de verdura entremeados de campainhas de papel vermelho, e recordou-se de que ainda não tinha comprado nenhum presente para a mulher nem para os filhos. O seu cérebro repelia automaticamente qualquer problema não relacionado com o caso Clutter. Marie e alguns dos seus amigos haviam começado a duvidar do bom estado das suas faculdades mentais.

Um amigo íntimo, o jovem advogado Clifford R. Hope, dissera-lhe claramente:

- Sabes o que está a acontecer contigo, Al? Já reparaste que não falas de outro assunto?

- É certo - replicara ele. - Também não penso noutra coisa. E pode ser que, enquanto falo disto descubra algo em que ainda não tivesse pensado. Um novo aspecto. Ou talvez sejas tu a descobrir. Que diabo, Clifford! Que julgas tu que seria a minha vida se acaso este crime ficasse no ficheiro dos insolúveis? Daqui a muitos anos ainda eu andava a correr atrás de indícios e, de todas as vezes que surgisse na região um assassínio, lá ia eu a correr para ver se encontrava nele alguma semelhança com este. Mas 143

não é *só* isto. O caso *é* que acabei por ter a impressão de que conheço agora melhor o Herb e a família do que eles talvez se conhecessem a si próprios. Estou obcecado por eles. E acho que isto não me passa até descobrir o que aconteceu.

A obcessão de Dewey pelo enigma resultara nesta distracção vaga. Ainda nessa manhã a Marie lhe dissera que se não esquecesse... *pelo amor de Deus*, não se esquecesse de... Mas não se lembrava de quê. Pelo menos não conseguiu lembrar-se até ao momento em que, livre já do engarrafamento do trânsito, percorria a Rua 50, a caminho de Holcomb, e passou em frente do consultório do doutor I. E. Dale, veterinário. *Claro!* A mulher pedira-lhe que fosse buscar o

gato lá de casa, Pere, um tigre listrado que pesava quinze libras, conhecido em toda a Garden City, célebre pela sua ferocidade nas lutas, que o obrigavam constantemente a ser hospitalizado; uma bulha que tivera contra um buldogue deixara-o cheio de feridas que foi preciso coser e tratar com antibióticos. Depois de o doutor Dale lhe dar alta, *Pere* instalara-se no banco da frente do automóvel do dono, fazendo rom-rom durante todo o caminho até Holcomb.

O destino do detective era a quinta de River Valley, mas apeteceu-lhe tomar qualquer coisa quente e por isso parou no Hartman's Café.

- Viva quem é uma flor! - exclamou Mrs. Hartman. - Que deseja?

- Apenas um café.

A mulher serviu-lhe uma chávena.

- E ideia minha ou você está muito mais magro?

- Um pouco.

De facto, durante as últimas semanas, Dewey perdera vinte libras de peso. Os fatos dançavam-lhe no corpo como se os tivesse pedido emprestados a um tipo duas vezes mais gordo, e o rosto, que de ordinário nada reflectia acerca da sua profissão, agora nem por sombras a deixava adivinhar; dir-se-ia antes um asceta em busca de ocultos segredos.

- Como se sente?

- Óptimo.

- Tem um aspecto péssimo!

A coisa tornava-se evidente. Mas pior ainda andavam os colegas do F. B. I, os agentes Duntz, Church e Nye.

Certamente que ele, Dewey, tinha melhor aspecto do que o Harold Nye, o qual se conservava ao serviço apesar de andar cheio de febre e muito constipado.

Ao todo, os quatro investigadores haviam verificado uns setecentos ditos e boatos. Dewey, por exemplo, gastara dois dias

esfalfantes à procura da fantasmática parelha de mexicanos que Paul Helm jurava terem ido visitar Mr. Clutter na véspera dos crimes.

- Quer outra chávena, Alvin?

- Não quero, não. Obrigado.

Mas a mulher fora já buscar a cafeteira:

- Esta é oferta da casa, xerife. A avaliar pelo seu aspecto, bem precisa dela.

Num canto da sala, dois trabalhadores barbudos jogavam dominó. Um deles levantou-se e, aproximando-se do balcão onde Dewey estava sentado, inquiriu:

- É verdade aquilo que dizem?

- Depende.

- Ao respeito daquele tipo que o senhor prendeu? O que estava metido na casa dos Clutters. Que é

ele o culpado. Toda a gente o diz por aí.

- Isso não é verdade, meu velho. Pode ter a certeza.

Muito embora o passado de Johanathan Daniel Adrian, neste momento retido na cadeia do condado por porte ilegal de arma, incluísse o internamento numa clínica de doenças mentais, o Hospital do Estado em Topeka, os elementos reunidos pela investigação provaram que ele, no caso Clutter, era apenas culpado de uma curiosidade que lhe dera água pela barba.

- Ora bem, se não é aquele o culpado, porque não tratam vocês de o descobrir? O mulheredo, lá em casa, já não é capaz de ir sozinho ao quarto de banho!

Dewey acostumara-se já a este género de grosserias; fazia parte da rotina da sua vida. Engoliu a segunda chávena de café, suspirou e sorriu.

Que diabo, eu estou a falar a sério! Sei o que digo. porque não prendem alguém? Para isso é que vos pagam!

- Cale já essa boca! - exclamou a senhora Hartman. - Este caso interessa a todos nós e o Alvin tem feito o mais que pode.

Dewey piscou-lhe o olho:

- Isso *é* que é falar. E obrigado pelo café!

O trabalhador esperou até que a autoridade chegasse à porta e depois desfechou, por despedida:

- Se alguma vez você voltar a ser xerife não conte com o meu voto porque não o apanha!

- Cale a boca! - repetiu Mrs. Hartman.

A quinta de River Valey distava uma milha do Hartman's Café. Dewey decidiu caminhar até lá.

Gostava de calcorrear os campos de trigo. Normalmente, uma ou duas vezes por semana, costumava dar longos passeios pelas suas terras, aquela sua querida 145

propriedade onde sempre esperara vir a construir uma casa, plantar árvores e mais tarde criar os netos. Era esse o seu sonho, mas a mulher avisara-o havia pouco de que deixara de o partilhar; afirmara-lhe que nunca mais seria capaz de ir viver sozinha, "àquela distância no meio do campo". Dewey bem sabia que, mesmo no caso de ele capturar os criminosos no dia seguinte, ela não mudaria de ideias. Visto que uns amigos que viviam numa casa isolada haviam tido tão triste sorte.

Claro que os Clutter não tinham sido os primeiros a ser assassinados no condado de Finney ou mesmo em Holcomb. Alguns membros mais velhos da comunidade recordavam-se "de uma coisa terrível" que acontecera pouco mais de quarenta anos atrás: o assassínio Hefner. Mrs. Sadie Truitt, a septuagenária mensageira dos correios, mãe da empregada Myrth Clarc, é especialista neste caso famoso.

- Sucedeu em Agosto de 1920. Fazia um calor infernal. Havia um tipo chamado Tunif que trabalhava no rancho Finnup. Era o Walter Tunif. Tinha um automóvel que depois se soube ter sido roubado. Apurou-se também que era soldado refractário, fugido do Fort Bliss, lá no Texas. Era um patife, claro, e havia muito quem desconfiasse dele. por isso, uma bela noite, o xerife que era nesse tempo o

Orlie Hefner, um cantor extraordinário, sabe? Deve hoje fazer parte do coro celeste! Uma noite ele foi a cavalo até ao rancho Finnup para fazer ao Tunif meia dúzia de perguntas. Passava-se isto no dia 3 de Agosto. O calor era de matar. O

resultado foi que o tal Walter Tunif deu um tiro no coração do xerife. O pobre Orlie quando chegou ao chão já

ia morto. O malvado então saltou para um dos cavalos do rancho e fugiu pela margem do rio. A notícia espalhou-se e muitos homens das redondezas organizaram uma batida. Ao cabo de dois dias agarraram-no, ao malandro do Tunif. Nem teve tempo de dizer aqui estou eu. porque os rapazes iam cegos de raiva e trataram logo de dar ao gatilho.

O primeiro contacto de Dewey com o crime em Finney County teve lugar em 1947. O caso está registado no seu ficheiro nos seguintes termos: ”John Carlyle Polk, um índio Creek, de 32 anos, residente em Muskogee, Oklahoma, matou Mary Kay Finley, mulher branca de 40 anos, criada de servir, residente em Garden City.

Polk assassinou-a com o gargalo partido de uma garrafa de cerveja, num quarto do Copeland Hotel, em Garden City, no Kansas, a 5/9/47. Era uma descrição curta e sucinta de um caso solucionado. Os três assassínios que Dewey investigara, dois eram igualmente claros (um par de trabalhadores da linha férrea havia roubado e assassinado um lavrador velho, em

11/1/52; um marido bêbedo espancara a mulher até a deixar

morta, em 6/7/56. porém o terceiro caso, tal como foi um dia narrado em conversa por Dewey, não deixou de apresentar os seus pormenores originais:

”Começou tudo no Stevens Park, onde há um coreto e debaixo dele um compartimento. Ora um tal homem chamado Mooney andava a passear no parque. Vinha de algures na Carolina do Norte e era um estranho na cidade. O certo é que entrou naquele quarto e alguém o seguiu, um rapaz dali, chamado Wilmer Lee Stebbins, de vinte anos. Mais tarde Wilmer Lee declarou que Mr. Mooney lhe fizera uma proposta estranha. E fora por isso que ele lhe roubara o dinheiro, o derrubara e lhe batera com a cabeça no chão de cimento e, não

contente com isso, lhe enfiara a cabeça na bacia da retrete e fizera correr a água até o afogar. Talvez as coisas se tivessem passado assim. Mas nada explica o procedimento de Wilmet Lee após o crime. Primeiro, foi enterrar o corpo a umas duas milhas a nordeste de Garden City. No dia seguinte desenterrou-o e foi sepultá-lo a catorze milhas de distância na direcção oposta. E continuou por ali fora, a enterrar e a desenterrar o corpo. Parecia um cão a brincar com um osso, não havia maneira de deixar Mr. Mooney descansar em paz. Finalmente acabou por abrir uma cova a mais, pois foi visto por alguém".

Antes do mistério Clutter, os quatro casos citados constituíam a experiência de Dewey no que respeita a homicídios, e, em comparação com aquele, eram como que as rajadas de vento que precedem o ciclone.

Dewey meteu a chave na porta da casa dos Clutters. Lá dentro fazia calor, pois não haviam apagado o aquecimento e os compartimentos de soalho polido a cheirar a cera perfumada com limão pareciam desocupados apenas temporariamente; era como se aquele dia fosse domingo e a família estivesse para chegar da igreja. As herdeiras, Mrs. English e Mrs. Jarchow, haviam levado já um carregamento de roupas e mobília, apesar disso ela nada perdera daquela atmosfera própria de uma casa habitada por seres humanos. Na sala via-se uma partitura aberta sobre a estante do piano "Comin Thro the Rye". No vestíbulo um chapéu de feltro cinzento de aba larga com manchas de transpiração, pertencente a Herb, pendia de um cabide. Lá em cima, no quarto de Kenyon, numa prateleira por cima da cama, os óculos do rapazinho assassinado reflectiam a luz.

O detective andava de um quarto para o outro. Já dera pur várias vezes a volta à casa; a verdade é que ia lá

mesmo todos os dias,

e, num certo sentido, podia dizer-se que essa visita lhe agradava. porque o local, ao contrário da sua própria casa ou do seu gabinete de xerife com a confusão constante que lá reinava, era pacífico. Os telefones, com os fios ainda cortados, mantinham-se calados. Rodeava-o a grande calma das planícies. Podia sentar-se na cadeira de balouço da sala de Herb e pensar à sua vontade. Algumas das conclusões a que chegara eram inabaláveis: estava convencido de que a morte de Herb Clutter fora o principal objectivo dos criminosos, tendo come motivo um

ódio psicopático, possivelmente aliado à ganância, e achava que o trabalho dos criminosos fora feito com todos os vagares tendo possivelmente decorrido duas horas ou mais desde o momento da sua entrada até à partida. (O *coroner,* o Dr. Robert Fenton, encontrara diferenças apreciáveis na temperatura dos corpos das vítimas e, a partir daí, afirmara que a ordem dos assassínios, teoricamente, fora a seguinte: Mrs. Clutter, Nancy, Kenyon e Mr. Clutter. Partindo deste princípio, era sua convicção que os membros da família reconheceram perfeitamente as pessoas que os haviam liquidado.

Durante esta visita, Dewey chegou a uma janela do andar superior, com a atenção presa a qualquer coisa que se via à distância: um espantalho no meio do trigo cortado. Esse espantalho arvorava um boné de caçador e um vestido de chita desbotada com um desenho florido. (Talvez um velho vestido de Bonnie Clutter?) O vento enfunava a saia e fazia oscilar o espantalho, dando-lhe o aspecto de uma pessoa a dançar uma dança macabra no meio dos campos invernais. Então Dewey lembrou-se do sonho que tivera a sua própria mulher, Marie.

Numa daquelas manhãs servira-lhe um pequeno-almoço intragável em que o café vinha salgado e os ovos traziam açúcar, dando como desculpa do engano um ”estúpido sonho que tivera” e que a claridade da manhã

não conseguira dissipar.

- Parecia tudo verdade, Alvin, tão certo como estar agora a ver a cozinha. E passava-se mesmo aqui, neste lugar. Eu estava a fazer o jantar e, de repente, a Bonnie entrou pela porta dentro. Trazia uma camisola de angorá azul que lhe ficava muito bem. Eu disse-lhe: ”Oh, minha querida Bonnie... Não te tinha tornado a ver desde aquela coisa horrível que aconteceu.” Mas ela não respondeu nada; só olhou para mim com aquele seu ar envergonhado e eu fiquei sem saber o que dizer, naquelas circunstâncias. por isso exclamei: ”Minha querida, vem ver o que estou fazendo para o jantar do Alvin. Uma panela de gumbo1 com camarões 1. *Gumbo,* também chamada *Okra,* planta de vagens pontiagudas usada nos Estados do Sul para fazer sopas e guisados. *(N. da T.)* 148

frescos. Está quase pronto. Vem provar, anda, querida. Mas ela não quis. Ficou à porta a olhar para mim. E depois... nem sei descrever, mas fechou os olhos e começou a abanar lentamente a cabeça *e* a torcer as mãos muito devagarinho e a chorar baixinho. Eu não percebia as palavras que dizia.

Mas senti muita pena dela, nunca tive tanta dó de ninguém e abracei-a: ”Não chores, não chores, querida Bonnie. Se alguém era digno de ir para o Céu serias tu, Bonnie!” Mas não conseguia consolá-la. Continuava a abanar a cabeça e a torcer as mãos, e eu então percebi o que ela dizia:

”Morrer assassinada! Morrer assassinada! Não, não! Não pode haver nada pior. Nada pior do que isto. Nada!”

Era meio-dia. No centro do deserto de Mojave, Perry, sentado numa mala de vime, tocava harmónica. Dick encontrava-se de pé na berma da estrada de asfalto negro, a n.o 66, de olhos fixos na vastidão imaculada do deserto, como se a fixidez dos seus olhos fosse capaz de fazer surgir os motoristas. Passavam por ali poucos e nenhum deles, até então, parara para levar os viajantes. Um condutor de camião, com destino a Needles, Califórnia, oferecera boleia, mas Dick recusara. Não era aquilo que ele e Perry desejavam. Estavam à espera de um viajante solitário com um carro decente e a carteira a abarrotar de notas. Um estranho que poderiam roubar estrangular e atirar para o deserto.

No deserto o som precede muitas vezes a imagem. Dick ouviu as vibrações de um carro que lá

vinha mas ainda não se avistava. Perry escutou-as também; meteu a harmónica no bolso, pegou na mala (a abarrotar com o peso da bagagem de ambos: as recordações de Perry, três camisas, cinco pares de meias brancas, uma caixa de aspirina, uma garrafa de *tequilla,* uma tesoura, uma *gillette* e uma lima das unhas; todos os outros objectos que possuíam haviam sido empenhados, deixados à

guarda do empregado de bar no México ou despachados para Las Vegas), e foi juntar se a Dick na berma da estrada. Puseram-se de atalaia. Finalmente o carro apareceu ao longe e foi aumentando de volume até se verificar que se tratava de um *Dodge* azul, com um passageiro apenas, um homem careca e magro. Muito bem! Dick ergueu a mão e fez sinal. O *Dodge* afrouxou a marcha e Dick apresentou ao senhor o seu melhor sorriso. O carro quase parou e o motorista inclinou-se para fora da janela e olhou-os de alto a baixo. A impressão que teve foi sem dúvida alarmante. (Ao cabo de uma viagem de cinquenta e duas horas de autocarro desde a Cidade do México até Barstow, na Califórnia, e meio dia passado *à* calcorrear o deserto de Moiave, ambos os viajantes apresentavam uma barba hirsuta e um rosto manchado e coberto de pó.) O carro deu um sacão para

a frente e partiu à desfilada. Dick pôs as mãos em concha e gritou-lhe:

- Estás cheeo de sorte!

Depois colocou *a.* mala ao ombro e desatou a rir. Nada, realmente, conseguia fazê-lo zangar porque, segundo afirmou mais tarde, ”se encontrava satisfeitíssimo por ter regressado aos seus queridos E. U. A.” E não tardaria que surgisse outro sujeito num carro.

Perry sacou da harmónica (que adquirira na véspera roubando-a numa loja de Barstow) e tocou os primeiros compassos daquilo que passara a ser ”a marcha” deles; a canção era uma das preferidas de Perry que ensinara a Dick os cinco versos. Marcando passo e ao lado um do outro, partiram, estrada fora, cantando: ”Os meus olhos vêem a glória da vinda do Senhor, que surge no meio dos campos onde crescem as vinhas da ira.” E, no meio do silêncio do deserto, as suas vozes fortes e juvenis ressoavam: ”Glória, Glória, Aleluia! Glória, Glória, Aleluia!”

III

A solução

O nome do rapaz era Floyd Wells. Um tipo baixo, quase sem queixo Tentara várias profissões: soldado, trabalhador de rancho, mecânico, ladrão, a última das quais lhe valera uma sentença de três a cinco anos na Penitenciária do Estado de Kansas. Na noite daquela terça-feira, 17 de Novembro de 1959, encontrava se deitado na cela, com um par de auscultadores aplicados nos ouvidos. Escutava as notícias, porém a rigidez destas e a monotonia da voz do locutor provocavam-lhe sono’ ”O chanceler Konrad Adenauer chegou hoje a Londres a fim de conferenciar com o primeiro-ministro Harold MacMillan. . O presidente Eisenhower dedicou setenta minutos a conferenciar com o doutor T. Keith Glennan acerca dos problemas do espaço e do orçamento para a exploração espacial.” porém a sonolência desapareceu-lhe por completo ao escutar: ”Os funcionários da Polícia encarregados de investigar o trágico assassínio dos quatro membros da família de Herbert Clutter lançaram um apelo ao público pedindo que lhes seja fornecida qualquer informação que possa ajudar a descobrir este crime revoltante. Clutter, sua mulher e dois filhos adolescentes apareceram mortos na sua quinta perto de Garden City, na manhã de domingo

passado. Cada uma das vítimas, depois de amarrada e amordaçada, f *oi* morta com um tiro na cabeça, disparado por uma carabina de 12 mm. Os investigadores confessam não terem ainda descoberto o móbil do crime, considerado por Logan Sanford, director do *Kansas Memoreau of Investigation*, como o mais cruel da história do Kansas. Clutter, um importante lavrador e antigo representante de Eisenhower no Banco Federal de Crédito Agrícola,.."

Wells sentia-se aturdido. Ao descrever mais tarde as suas reacções, confessou que "nem queria acreditar". No entanto tinha boas razões para crer, não só por ter conhecido a família assassinada, como por não ignorar também o nome do assassino.

Tudo isto começara havia muito tempo, onze anos antes, no Outono de 1948, tinha Wells dezanove anos.

Andava então "à

deriva pelo país, arranjando emprego onde calhava", segundo afirmou.

- Já nem sei como, fui parar ali, ao Kansas Ocidental, perto da fronteira com o Colorado. Ao procurar trabalho, disseram-me que talvez me empregassem como auxiliar agrícola na quinta de River Valley, é assim que chamam àquele lugar, a propriedade do tal Mr. Clutter. O certo é que ele me contratou. Fiquei por lá um ano, se bem me recordo. Pelo menos esse Inverno. E quando me despedi foi só porque estava farto de estar parado. Queria mudar de terra. Não tive questão nenhuma com Mr. Clutter. Sempre me tratou muito bem, tal como aos outros trabalhadores; até

costumava, sempre que se nos acabava o dinheiro antes do dia do pagamento, adiantar-nos uns dez ou vinte dólares. Dava bons ordenados e até boas gorjetas, se via que as merecíamos. Na verdade, nunca conheci ninguém de quem gostasse tanto como de Mr. Clutter. De toda a família, aliás, tanto da mulher como dos quatro filhos. Quando os conheci, a mais nova das raparigas, aquela que mataram, a Nancy, e o rapaz que usava óculos, eram ainda catraios, talvez dos seus cinco ou seis anos. As outras duas, uma chamada Beverly, da outra não me lembra o nome, andavam já na universidade. Uma família simpática, realmente simpática. Saí de lá em qualquer altura do ano de 1949. Casei, divorciei-me, fui para a tropa, aconteceram muitas coisas, o tempo passou, digamos, até que em

1959, no mês de Junho de

1959, dez anos depois de ter visto pela última vez Mr. Clutter, mandaram-me para Lansing. por ter assaltado aquele armazém de electricidades. Aparelhos eléctricos. A minha ideia era arranjar umas máquinas de ceifar erva. Não para vender. Queria montar um serviço de alugar máquinas de aparar relva. Dessa maneira arranjava um negócio só meu. Claro, a coisa não deu nada, e apanhei uma pena de três a cinco anos. Se não fosse isso nunca teria conhecido o Dick, e talvez Mr. Clutter ainda estivesse vivo a estas horas. Mas que se há-de fazer. Foi assim. Encontrei-me lá com o Dick.

”Ele era o primeiro tipo que eu tinha como companheiro de cela. Acho que estivemos juntos um mês. Junho e parte de Julho. Ele estava a cumprir uma pena de três a cinco anos, com direito a ser solto em liberdade provisória em Agosto. Falava muito daquilo que queria fazer quando saísse cá

para fora. Pensava ir para o Nevada, para uma das bases de mísseis, comprar uma farda de oficial aviador para poder gastar à larga. Era a ideia dele. (Eu cá nunca achei a coisa viável. Ele era esperto, não o nego, mas não tinha cara de oficial aviador. Nem por sombras!) Outras vezes referia-se a esse tal amigo, o Perry. Um tipo atravessado de índio

que tinha sido seu companheiro de cela. E contava-me os projectos grandiosos que tinham ambos para quando se tornassem a juntar. Eu nunca conheci o Perry. Nunca lhe pus a vista em cima, já tinha saído de Lansing em liberdade provisória. Mas o Dick afirmava sempre que, no caso de lhe surgir uma oportunidade realmente boa, podia confiar inteiramente no Perry e dava-lhe sociedade.

”Não me lembro exactamente qual foi a primeira vez em que se falou de Mr. Clutter. Devia ter sido quando discutíamos empregos e as diferentes espécies de trabalho que ambos tínhamos executado. Dick era um mecânico de automóveis bastante competente e quase sempre trabalhara na sua especialidade. Só uma vez é

que andara a guiar a ambulância de um hospital. Gabava-se de coisas mirabolantes referentes a essa época.

Acerca das enfermeiras e do que costumava fazer com elas na parte de trás da ambulância. Fosse como fosse informei-o de que trabalhara um ano numa grande plantação de trigo no Oeste do Kansas, ao serviço de Mr.

Clutter. Ele quis saber se Mr. Clutter era muito rico. Eu disse-lhe que sim. Era-o, de facto. Sim senhor, um dia Mr. Clutter tinha-me dito que fizera naquela semana uma despesa de dez mil dólares. Quero dizer que às vezes os gastos da plantação subiam a dez mil dólares. Depois disto Dick nunca mais parou de me fazer perguntas acerca daquela família. Quantos eram; que idade deviam ter agora os filhos; como é que se entrava para a casa; qual a disposição desta; se Mr. Clutter tinha um cofre. Não nego que lhe disse que sim. porque tinha ideia de ter visto uma espécie de cubículo, ou cofre, ou qualquer coisa no género, atrás da secretária da sala que fazia de escritório do Mr. Clutter. A seguir lembro-me de que ele falou em matar Mr. Clutter. Disse-me que ele e o Perry haviam de ir lá roubar Mr. Clutter, matando todas as testemunhas, os Clutter e toda a gente que por lá aparecesse. Descreveu-me uma dúzia de vezes como tencionava fazer as coisas. Que ele e o Perry iam amarrar as vítimas, matando-as em seguida a tiro. Eu então disse-lhe: ”Dick, tu não és capaz de fazer isso!” Mas não posso dizer com verdade que tenha tentado persuadi-lo de desistir. porque nem por um minuto acreditei que ele estava a falar a sério. Julguei que era só palavreado. Como aquele que se ouve muitas vezes lá na cadeia: o que os tipos vão fazer logo que saiam dali para fora: os assaltos, os roubos, etc. E quase sempre aquilo não passa de paleio. Ninguém os toma a sério. Foi por isso que, quando ouvi nos auscultadores aquilo que se sabe, bem, nem queria acreditar. No entanto, aconteceu, tal e qual Dick me anunciara.

Era esta a história de Floyd Wells, muito embora nesse momento 154

ele estivesse ainda longe de a contar. Sentia medo, pois se acaso os outros presidiários soubessem que ele ia ter conversas com o guarda, a vida dele, segundo a sua própria expressão, ”não valeria um coiote morto”.

Passou uma semana. Wells seguia as emissões da rádio e os relatos dos jornais, até que leu num do Kansas, o *News,* de Hutchinson, que ofereciam a recompensa de mil dólares em troca de qualquer informação que conduzisse à captura do criminoso ou criminosos do caso Clutter. A notícia era interessante e quase convenceu Wells a falar. Mas tinha muito receio e não apenas dos outros prisioneiros. Havia ainda a probabilidade de as autoridades, o considerarem culpado de conivência no crime. Afinal de contas fora ele quem orientara Dick

quanto à maneira de entrar na casa de Clutter: podiam afirmar que ele sabia das intenções de Dick. Vista sob qualquer aspecto, a sua situação era delicada e as suas desculpas discutíveis. por isso nada disse e decorreram mais dez dias. Dezembro sucedera a Novembro e os investigadores do caso continuavam, segundo afirmavam as notícias cada vez mais breves dos jornais (a rádio deixara de se referir ao assunto), tão desorientados e carecidos de provas como na manhã da trágica descoberta.

Mas *ele* sabia. Até que por fim, torturado pela necessidade de ”contar a alguém”, confessou tudo a outro prisioneiro. ”Um grande amigo, católico e muito religioso. Ele perguntou-me: Que vais tu fazer agora, Floyd?

Bem, respondi eu. Ainda não resolvi. Que achas tu que faça? Bem, ele era de opinião que devia contar tudo a quem de direito. Achava que eu não devia viver com um peso daqueles na consciência. E afirmou-me que eu o poderia fazer sem que ali dentro ninguém o soubesse. Ele arranjaria tudo. Então, no dia seguinte, mandou dizer ao chefe dos guardas que eu queria “ser chamado”. Informou-o de que, se acaso me chamassem ao gabinete dele sob um qualquer pretexto, eu lhe diria quem era o assassino dos Clutters. Claro que o guarda mandou-me logo chamar. Eu ia cheio de medo, mas depois lembrei-me de Mr, Clutter, que nunca me tinha feito mal nenhum e que no Natal me oferecera uma bolsa com cinquenta dólares. E contei tudo ao chefe dos guardas. Depois ao próprio director da prisão. E mesmo diante de mim, estando eu ainda sentado no gabinete do guarda-chefe, agarrou no telefone e...”

A pessoa a quem o chefe da prisão telefonara era Logan Sanford. Este ouviu, desligou, deu algumas ordens e depois fez uma chamada pessoal para Alvin Dewey. Nessa noite, ao sair do seu

escritório no tribunal de Garden City, Dewey levava consigo um *dossier.*

Ao chegar a casa encontrou a mulher na cozinha a fazer o jantar. Mal o viu aparecer, começou a desfiar um rosário de queixas domésticas: o gato bulhara com o *cocker* dos vizinhos da frente e parece que o deixara quase cego de um olho; Paul, o filho de nove anos, caíra de uma árvore. Fora milagre não ter morrido. O mais velho, de doze anos e que tinha o nome do pai, lembrara-se de fazer uma fogueira no quintal para queimar lixo e ia deitando fogo ao quarteirão.

Alguém chegara mesmo a telefonar para os bombeiros - ela não sabia quem.

Enquanto a mulher lhe relatava estes sarilhos, Dewey ia enchendo duas chávenas de café. De repente Marie parou no meio de uma frase, a olhar para ele. Viu-o de faces coradas e teve a certeza de que vinha satisfeito.

Disse-lhe:

Alvin, meu querido, trazes boas notícias?

Ele entregou-lhe, sem comentários, o *dossier.* A mulher tinha as mãos molhadas. Enxugou-as e sentou-se em frente da mesa da cozinha, sorveu o café, abriu a pasta e tirou de lá as fotografias de um rapaz louro e de outro moreno e de cabelos negros, dois retratos antropométricos tirados na Polícia. Dois *dossiers,* escritos metade em código, acompanhavam as fotografias. O do louro rezava assim: *Hickock, Richard Eugene (WM)* 28. KBI97 093; *FBI* 859 273. *Morada: Edgerton, Kansas. Data do nascimento:* 6-6-31. *Naturalidade: K.* C, *Kans. Altura:* 5-10. *Peso:* 175. *Cabelos: louros. Olhos: azuis.*

Estatura: forte. Pele: corada. Profissão: pintor de automóveis. Crime: burla, roubo, cheques sem cobertura.

Solto sob fiança em 13-8-59. *Sul, K. S. K.*

A segunda ficha dizia:

Smith, Perry Ediuard (WM) 27-59. *Naturalidade: Nevada. Altura:* 5-4. *Peso:* 156. *Cabelos: castanho escuro.*

Crime: arrombamento e roubo. Preso em: (em branco). por: (em branco). Situação: enviado à KSP em 13-3-59.

Marie examinou as fotografias de frente e de perfil de Smith: um rosto arrogante, duro, mas não totalmente, pois notava-se uma certa finura; os lábios e o nariz pareciam bem desenhados e ela achou que os olhos, húmidos e de expressão sonhadora, eram bastante bonitos e, no género teatral, um pouco meigos. Meigos 156

e outra coisa ainda: ”maus”. Muito embora não tão maus como os do Richard Eugene Hickock. Marie, fascinada pelos olhos de Hickock, recordou-se de um

gato bravo que vira um dia apanhado por uma armadilha e de como, muito embora ela tivesse tido vontade de o soltar, os olhos do animal, cheios de dor e ódio, a haviam feito esquecer a piedade e enchido de terror.

- Quem são eles? - inquiriu ela.

Dewey contou-lhe a história de Floyd Wells e no fim declarou:

- Tem piada. Nestas últimas três semanas temos procurado investigar acerca de toda a gente que trabalhou para o Clutter. Mas, da maneira como o caso se apresentou, foi uma questão de sorte. Contudo acabaríamos por ir descobrir este Wells, daqui a alguns dias, indo procurá-lo à prisão. Nessa altura deveríamos saber a verdade. Não há dúvida nenhuma.

Talvez não seja ainda a verdade - observou Marie. Dewey e os dezoito homens que trabalhavam com ele haviam seguido dezenas de falsas pistas que a nada conduziam, e ela desejava precavê-lo contra novas desilusões, pois a saúde do marido preocupava-a. Andava num estado de espírito horrível, muito pálido e a fumar sessenta cigarros por dia.

- Não, talvez não seja - concordou Dewey. - Mas tenho cá um palpite.

O tom dele impressionou-a e olhou de novo as fotografias sobre a mesa.

- Imagina este... - disse ela colocando o dedo sobre o retrato de frente do rapaz louro. - Imagina estes olhos a aproximarem-se - depois meteu as fotografias no sobrescrito, confessando: Preferia que não mas tivesses mostrado.

Mais tarde, nessa mesma noite, outra mulher, numa cozinha diferente, pousou a meia que estava cosendo, tirou os óculos de aros de plástico e, apontando com eles para o seu hóspede, disse-lhe:

- Espero que o encontre, Mr. *Nye.* Para bem dele. Nós temos dois filhos e este é o mais velho. Somos muito amigos dele. Mas... Oh, eu percebi logo. Percebi que ele nunca se teria ido sem levar a mala, não teria fugido sem uma palavra para ninguém, nem ao pai, nem ao irmão, se não estivesse metido nalgum sarilho. porque teria ele feito isto? porquê ? - Olhou para a figura magra, sentada numa cadeira de balouço do outro lado da pequena sala que o fogão aquecia - Walter Hickock, mando dela e pai de Richard Eugene Era um homem de olhos desbotados, desiludidos,

e mãos. calosas; quando falava parecia que poucas vezes fazia uso da voz.

- O meu filho era perfeitamente normal, M r. Nye - declarou M r. Hickock. - Foi um atleta notável, sempre na primeira divisão do colégio. Basquetebol, beisebol, futebol! Dick era sempre o primeiro. E também um bom estudante, com notas altas em várias disciplinas: história, desenho de máquinas. Depois de tirar o diploma, em Junho de 1949, quis seguir para a Universidade estudar para engenheiro. Mas nós não tínhamos posses para isso. Claro que não dispúnhamos do dinheiro necessário. A nossa quinta mede apenas quarenta e quatro hectares, mal nos dá para comer. Creio que Dick nunca se conformou com isso, com o facto de não ter ido para a Universidade. O primeiro emprego que teve foi no Caminho-de-Ferro de Santa Fé, em Kansas Citv.

Ganhava setenta e cinco dólares por semana. Achou que era quanto bastava para se casar e por isso casou-se com a Carol. Ela tinha só dezasseis anos mas ele já fizera dezanove. Sempre achei que aquilo não daria bom resultado. Era já a minha opinião.

Mrs. Hickock, uma mulher gorducha, com um rosto liso e macio que uma vida inteira a trabalhar de manhã à

noite não conseguira estragar, rebateu:

- Três meninos encantadores, foi o resultado que aquilo deu, os nossos netos! E a Carol é uma óptima rapariga, não há nada a censurar-lhe.

Mr. Hickock prosseguiu:

- Ele e a Carol alugaram uma casa de tamanho razoável, compraram um carro vistoso e ficaram logo crivados de dívidas embora não tardasse que o Dick arranjasse um emprego mais rendoso, a conduzir a ambulância do hospital. Mais tarde, a Mark Buick Company, uma grande empresa do Kansas, contratou-o, como mecânico e pintor de automóveis. Mas o pior é que ele e a Carol faziam uma vida grande demais, sempre a comprarem coisas que não podiam pagar e o Dick a passar constantemente cheques. Eu ainda hoje penso ter sido o acidente que o levou a fazer falcatruas como esta. Deu uma pancada com a cabeça num choque de automóveis.

De então para cá nunca mais foi o mesmo rapaz. Passou a jogar e a passar cheques falsos. Coisas que nunca fazia antes. E foi também nessa altura que se meteu com a outra rapariga. por causa de quem se divorciou da Carol, a sua primeira mulher.

Mrs. Hickock interrompeu.

- Disso não teve ele culpa nenhuma. Lembra-te de como a Margaret o não largava.

- Mas lá porque uma mulher se atira a um homem segue-se

que ele se deva deixar prender? - interrogou Mr. Hickock. - pois bem, Mr. Nye, quero que o senhor fique a saber tudo a respeito do nosso rapaz. Sabe por que motivo o meteram na prisão, durante dezassete meses? Apenas porque foi buscar uma espingarda caçadeira a casa de um nosso vizinho.

Não era intenção dele roubá-la. Não acredito em nada do que digam a esse respeito. Mas isso foi a sua ruína. Quando voltou de Lansing, não era o mesmo rapaz. Não se podia falar-lhe. O mundo inteiro era seu inimigo, pensava ele. Até a segunda mulher o tinha abandonado, divorciara-se enquanto ele estava na cadeia. Seja como for, dali a algum tempo parecia ter querido assentar.

Trabalhava na loja do Bob Sands, em Olathe. Habitava aqui connosco, deitava-se cedo, não transgredia em nada a fiança. Garanto-lhe, Mr. Nye, pouco tempo me resta de vida; tenho um cancro, e o Dick sabe-o muito bem; de resto ele sabia que eu andava a passar mal, e ainda não há

um mês, pouco antes de ir embora, ele me dizia: ”Olha, pai, tu tens sido sempre bom para mim.

Nunca mais hei-de fazer nada que te dê desgosto.” Era sincero. Aquele rapaz tem muita coisa boa.

Se o senhor o visse alguma vez num campo de futebol, se o visse a brincar com os filhos, acreditava no que lhe digo. Meu Deus, só ele é que pode dizer o que lhe sucedeu, porque eu não sei!

A mulher objectou:

- Sei eu - voltara a massajar as meias, mas as lágrimas obrigaram-na a interromper o trabalho. - Foi aquele amigo! O que lhe sucedeu foi isso!

O visitante, o agente do F.B.I. Harold Nye, escrevia afanosamente num caderno de estenografia, já

razoavelmente preenchido com o resultado das verificações da história de Floyd Wells. Até à data, os factos confirmavam-na plenamente. A 20 de Novembro, o suspeito Richard Eugene Hickock fizera uma incursão pelas lojas de Kansas City, durante a qual distribuíra nada menos do que sete cheques sem cobertura. Nye, fora visitar todas as vítimas que constavam na lista - vendedores de máquinas de filmar, de aparelhos de rádio e de televisão, o proprietário de uma joalharia, um caixeiro de uma loja de fatos feitos, e quando cada um destes vira as fotografias de Hickock e de Perry Edward Smith identificara-os imediatamente, o primeiro como sendo o autor do cheque falso e o segundo como o seu silencioso cúmplice. (Um dos comerciantes burlados afirmara: ”Ele (Hickock) é que fazia o trabalho. Tinha um grande palavreado, muito convincente. O outro, pensei que fosse estrangeiro, talvez mexicano, e nunca abriu a boca”.) Nye dirigira-se depois a uma aldeia suburbana, Olathe, onde

entrevistara o último patrão de Hickock, o dono da Bob Sands Body Shop.

- Sim, ele esteve aqui empregado - afirmou M r. Sands - desde Agosto até... Bem, não voltei a vê-lo depois do dia 19 de Novembro, ou talvez 20, Foi se embora sem se despedir. Nem uma palavra. Não sei para onde foi e o pai dele também nada sabe. Se me admirei com o caso? Admirei, sim. Entendíamo-nos muito bem. O Dick tem um feitio muito especial. Quando quer, sabe fazer- se estimar. De vez em quando costumava ir a minha casa A verdade *é* que, uma semana antes de se ir embora, demos uma pequena festa e o Dick esteve lá com aquele seu amigo do Nevada, chamado Perry Smith. Esse tocava muito bem guitarra. Tocou e cantou algumas canções; ele e o Dick divertiram os meus convidados com uma sessão de levantamento de pesos. O Perry Smith é baixote, pouco mais de metro e meio de altura, mas tem força como um cavalo. Não, nenhum deles parecia nervoso. Pareceu-me mesmo que se tinham divertido. Qual a data exacta? Claro que sei. Foi no dia 13.

Sexta-feira, dia 13 de Novembro.

Dali, Nye dirigiu-se no seu carro para as estradas tortuosas do interior. Ao aproximar-se da quinta dos Hickock, ia parando nas herdades vizinhas, a fim de fazer perguntas sobre o caminho a seguir mas na realidade pretendia informar-se acerca do suspeito. Uma das mulheres a quem se dirigiu respondeu-lhe-

- O Dick Hickock? Nem me fale nesse tipo! É o diabo em pessoa! Se ele rouba? Era capaz de roubar os olhos a uma pessoa! Contudo a mãe, a Eunice, é uma boa criatura. Tem um coração de ouro. E o pai também.

Ambos são pessoas simples e honestas. *O* Dick podia ter sido preso vezes sem conta, mas a gente aqui em volta nunca quis fazer queixa dele, por respeito para com os pais A noite caíra quando Nye bateu à porta de Walter Hickock, uma casa de campo, escurecida pelo tempo, composta de quatro compartimentos. Era como se ali esperassem a sua visita. M r. Hickock convidou-o a entrar para a cozinha e Mrs Hickock ofereceu-lhe café. Talvez que se desconfiassem da verdadeira finalidade da visita, o acolhimento tivesse sido menos amável e mais reservado. Mas eles não sabiam e, durante o tempo que estiveram conversando, o nome de Cluter nunca foi mencionado, nem tão-pouco a palavra crime. Os pais aceitaram o que Nye dava a entender: que o motivo porque procurava o filho era a acusação de fraude e quebra de palavra.

- O Dick trouxe-o (Perry) aqui uma noite e disse tratar-se de um amigo que acabava de desembarcar do autocarro de Las Vegas. Perguntava se podia demorar-se aqui um pouco e ficar cá em 160

casa - disse Mrs. Hickock. - Não senhor! Eu não o quis cá em casa. Bastou-me olhar para ele. Com aquele perfume e o cabelo empastado, tornava-se claro como água o lugar onde Dick o conhecera. Segundo os termos da fiança, ele não devia acompanhar com ninguém que tivesse conhecido lá (em Lansing). Eu avisei o Dick, mas ele não me quis ouvir. Arranjou quarto para o amigo no Hotel Olathe, na cidade, e depois disto andou sempre com ele durante o tempo que tinha livre. A certa altura foram dar um passeio no fim-de-semana. Tão certo como eu estar aqui, Mr. Nye, foi esse tal Perry Smith quem lhe meteu em cabeça assinar os cheques falsos.

Nye fechou o livro de apontamentos, guardou a caneta e meteu as mãos nos bolsos, pois sentia que elas lhe tremiam de excitação.

- E nesse passeio de fim-de-semana, onde foram eles?

- A Fort Scott - informou Mr. Hickock, referindo-se a uma cidade do Kansas com passado histórico. - Pelo que fiquei a perceber, o Perry Smith tem uma irmã que vive lá. Parece que devia ao irmão uns dinheiros, falaram em mil e quinhentos dólares. Era essa a principal razão da vinda dele ao Kansas, receber o dinheiro que a irmã

lhe devia. Então o Dick levou-o lá. Demoraram-se só de um dia para o outro. No domingo, às 12 horas, estavam cá. Ainda vieram almoçar.

- Compreendo - disse Nye. - Só de um dia para o outro. Isso quer dizer que saíram daqui no sábado, a uma hora qualquer. Foi naquele sábado, 14 de Novembro?

O velho confirmou.

- E voltaram no domingo, dia 15?

- No domingo ao meio-dia.

Nye ponderou o problema de tempo e ficou animado ao chegar à conclusão de que, dentro de um espaço de vinte e quatro horas, os suspeitos poderiam ter feito um percurso de ida e volta de mais de oitocentas milhas, matando de passagem quatro pessoas.

- Agora, diga-me, Mr. Hickock - pediu Nye. - No domingo, quando o seu filho - voltou, vinha só? Ou Perry Smith regressou também com ele?

- Não, vinha só. Disse que o Perry ficara no Hotel Olathe.

Nye, cujo tom de voz normal era seco, nasalado e naturalmente intimidante, fazia neste momento um esforço para falar num timbre moderado, num estilo tranquilizador e intimo:

- Recorda-se de ter notado no seu filho... qualquer atitude menos normal? Qualquer diferença?

- Em quem?

- No seu filho.

- Quando?

- Quando voltou de Fort Scott. Mr. Hickock cogitou e depois disse:

- Pareceu-me na forma do costume. Mal chegou, sentou-se à mesa para almoçar. Vinha cheio de fome.

Começou a encher o prato até às bordas antes de eu acabar a oração. Fiz-lho notar e disse: ”Dick, estás a servir-te à toa. Não tencionas deixar nada para nós?” É certo que ele foi sempre um grande comilão. Só de *pickles* é capaz de comer um frasco de cada vez.

- E no fim do almoço que fez ele?

- Adormeceu - replicou Mr. Hickock, que parecia ele próprio um bocado surpreendido com a sua resposta.

Adormeceu logo. Talvez o senhor ache isto anormal. Tínhamo-nos reunido todos para assistirmos à

transmissão pela TV de um jogo de basquetebol. Eu, o Dick e o nosso outro filho. Não tardou que o Dick ressonasse como uma locomotiva e eu até disse para o irmão: ”Santo Deus, nunca julguei possível ver o Dick a dormir em frente de um jogo de basquetebol.” Mas foi assim mesmo. Dormiu todo o tempo. Só acordou para comer qualquer coisa fria ao jantar e foi logo para a cama.

Mrs. Hickock voltara a enfiar a agulha: o marido balouçava-se na cadeira, a chupar num cachimbo apagado.

Os olhos bem treinados do detective vasculhavam a sala modesta e bem limpa. Num canto via-se uma carabina encostada à parede: ele já reparara nela antes. Ao erguer-se pegou-lhe e inquiriu:

- Vai muito à caça, Mr. Hickock?

- Essa carabina é dele, do Dick. Ele e o David é que vão, de vez em quando, à

caça. Sobretudo aos coelhos.

Era de 12 milímetros, modelo 300: tinha como ornamento uma cena de caça ao faisão finamente cinzelada.

- Há quanto tempo tem ele esta carabina? A pergunta irritou Mrs. Hickock:

- Esta carabina custou mais de cem dólares. O Dick comprou-a a crédito e agora a loja não a quer receber, muito embora tenha sido comprada há menos de um mês e fosse usada uma vez apenas no princípio de Novembro, quando ele e David foram a Grinnel a uma caçada ao faisão. Ele serviu-se do nosso nome para a comprar, o pai deu-lhe licença e agora cá estamos nós para ficar responsáveis pelos pagamentos; o Walter assim doente, e nós a precisarmos de tanta coisa, a passarmos sem tudo... - susteve a respiração como quem quer dominar um ataque de soluços.

- Então não quer mesmo uma chávena de café, Mr. Nye? Não nos custa nada...

O detective encostou a arma à parede, largando-a apesar da certeza de que fora aquela a arma que matara toda a família Clutter.

- Obrigado, mas é tarde e ainda tenho de ir a Topeka - respondeu ele, acrescentando depois de consultar a agenda: - Só quero recapitular isto para ver se está tudo certo. Perry Smith chegou ao Kansas na quinta-feira, 12 de Novembro. O vosso filho declarou que ele viera ca para receber uns dinheiros de uma irmã residente em Fort Scott. Nesse sábado os dois foram de carro a Fort Scott, onde passaram a noite, provavelmente em casa dessa irmã?

Mr. Hickock declarou:

- Não, não conseguiram encontrá-la Parece que se tinha mudado dali.

Nye, sorriu:

- Não importa. Passaram lá a noite. E durante a semana que se seguiu, isto é, de quinze a vinte e um, Dick continuou a encontrar-se com o amigo Perry Smith. Fora isto, na vossa opinião, fazia a mesma vida do costume: vivia aqui em casa e ia para o trabalho todos os dias. No dia vinte e um desapareceu, bem como u

Perry Smith. Desde então não voltaram a saber dele; Nunca

vos escreveu *i*

- Tem medo - objectou a senhora Hickock. - Tem medo e vergonha.

- Vergonha ?

- Daquilo que fez. De nos ter de novo causado desgostos, tem medo porque julga que nós não lhe perdoamos como perdoámos das outras vezes. Mas o que faremos. O senhor tem filhos, Mr. Nye?

O detective acenou que sim.

- Então sabe como são estas coisas.

- Só mais uma pergunta. Os senhores tem alguma ideia, mesmo vaga, acerca do sítio onde ele possa encontrar-se?

- Abra um mapa respondeu Mr. Hickock Aponte com o dedo e pode ser que acerte.

Estava-se no fim da tarde e o motorista, um caixeiro viajante já de certa idade, a quem chamaremos aqui Mr.

Bell, sentia-se cansado. Desejara parar para dormir um sono No entanto, faltavam-lhe apenas umas cem milhas para chegar ao seu destino Omaha, no Nebrasca, sede da guinde companhia de carnes enlatadas para a qual trabalhava. Havia uma regra na companhia que proibia levar gente à boleia, mas Mr. Bell desobedecia Ihi. muitas vezes, sobretudo

quando se sentia cansado e sonolento, por isso, ao ver os dois rapazes na berma da estrada, travou imediatamente.

Pareceram-lhe ”rapazes fixes”. O mais alto dos dois, um tipo magro, de cabelos louro-sujo, cortados à

”magala”, tinha um sorriso cativante e maneiras delicadas. O ”atarracado”, que

tinha uma harmónica na mão direita e na outra uma mala de vime a abarrotar, ”pareceu-me envergonhado mas bastante simpático”. Fosse como fosse Mr. Bell, que nem por sombras descortinou as intenções dos seus passageiros, que consistiam, entre outras coisas, em o estrangular com um cinto, abandoná-lo, roubar-lhe o carro e o dinheiro, deixando-o depois a apodrecer num prado, ficou satisfeito por ter companhia, alguém com quem falar e que o ajudasse a manter-se acordado, até chegarem a Omaha.

Apresentou-se e perguntou-lhes os nomes. O mais amável dos dois, que se sentara junto dele no banco da frente, disse chamar-se Dick.

E aquele é o Perry disse piscando o olho na direcção do amigo, que tomara lugar mesmo atrás do motorista.

- Posso levá-los até Omaha. Dick respondeu:

- Muito obrigado. É mesmo para lá que nos dirigimos. Esperamos arranjar aí trabalho.

O viajante quis saber que emprego pretendiam, pois talvez pudesse ajudá-los. Dick respondeu:

- Eu sou um bom pintor de automóveis e também mecânico. Estou habituado a ganhar bem. Eu e o meu companheiro vimos do México. Era nossa intenção ficarmos por lá, mas não pagam nada que se veja. Com aqueles salários não se pode viver.

Ah, o México? Mr. Bell, contou-lhes que estivera lá durante a viagem de núpcias, em Cuernavaca.

- Temos sempre desejo de lá voltar, mas torna-se difícil viajar quando se tem cinco garotos.

Perry pensou logo, segundo confessou mais tarde: ”Cinco filhos! Pouca sorte!” E, ao ouvir a conversa despreocupada de Dick, que começara a falar do México e a contar as suas ”conquistas amorosas”, achou que ele era um rapaz ”estranho”, ”egomaníaco”. Imagine-se só, dar-se ao trabalho de impressionar um homem que ia liquidar dali a pouco, que não teria mais do que dez minutos de vida, se acaso o plano que ambos haviam elaborado fosse seguido à risca. E porque não? O local era estupendo, precisamente aquilo que procuravam de há

três dias para cá, desde que vinham viajando à boleia da Califórnia até ao Nevada, e dali pelo Wyoming até

ao Nebrasca. Mas por enquanto não haviam

encontrado uma única vítima aceitável. Mr, Bell era o primeiro viajante solitário com aspecto próspero a oferecer-lhes boleia. Os outros haviam sido motoristas ou soldados e um par de negros lutadores profissionais que viajavam num *Cadillac cor* de alfazema. porém este Mr. Bell estava mesmo a calhar. Perry apalpou o bolso interior do colete de cabedal que trazia vestido. Este bolso encontrava-se a abarrotar com um frasco de aspirina *Bayer, um* calhau pontiagudo, do tamanho de um polegar, embrulhado num lenço de c *owboy* de algodão amarelo. Desapertou o cinto, um cinto Navajo, de fivela de prata e cravejado de pedras azuis: tirou-o, dobrou-o e colocou-o sobre os joelhos. E esperou. Observava a planície do Nebrasca que se desenrolava diante dos seus olhos e pôs-se a tocar harmónica, à espera que Dick lhe lançasse o sinal combinado. ” Eh, Perry, passa-me daí um fósforo”. Nesta altura Dick apossar-se-ia do volante e ele, Perry, empunhando a pedra embrulhada no lenço, atacaria a cabeça do viajante, ”abrindo-lha”. Mais tarde, numa estrada secundária, entraria em acção o cinto cravejado de pedras azuis.

Entretanto, Dick e o homem condenado à morte contavam um ao outro piadas obscenas. O riso deles irritava Perry; aborreciam-no especialmente as gargalhadas de Mr. Bell - risadas francas que se assemelhavam muito as de Tex John Smith, o pai de Perry. A recordação do riso do pai aumentou lhe a tensão nervosa: doía-lhe a cabeça, bem como os joelhos. Chupou três aspirinas e engoliu-as a seco. Santo Deus! Julgou que vomitava ou ia desmaiar; achava que Dick estava a prolongar de mais ”a coisa”. A luz diminuía, a estrada seguia a direito, sem árvores nem casas à vista, nada a não ser a terra escurecida pelo Inverno e negra como uma chapa de ferro. Era a altura, agora! Olhou para Dick, como para lhe comunicar esta conclusão, que este percebera já

mediante uns certos sinais: uma tremura na pálpebra, o rosto coberto de gotas de suor - viu que Dick chegara também a mesma conclusão

E no entanto, quando falou de novo, foi apenas para largar outra piada:

- Sabe esta? Qual é a semelhança entre uma ida ao quarto de banho e uma ida

para o cemitério? - E ria. - Não adivinha”’

- Desisto.

- Quando temos de ir, temos de ir mesmo! Mr. Bell deu uma gargalhada.

- Eh, Perry, passa daí um fósforo!

Porém no momento em que Perry erguia a mão e o calhau estava prestes a descer sobre a cabeça da vítima, aconteceu uma coisa extraordinária, aquilo a que Perry chamou ”um milagre

diabólico”. Esse milagre foi a súbita aparição de um terceiro viajante a pedir boleia, um soldado negro, o que levou o caridoso M r. Bell a parar mais uma vez,

- Essa é muito boa! - repetia ele ainda a rir, enquanto o soldado se aproximava correndo. - Quando temos de ir, temos de ir mesmo!

Dia 16 de Novembro, em Las Vegas. Como o tempo e o sol haviam apagado a tabuleta onde outrora se lia PENSÃO VILA FLOR, apenas se lia esta elucidativa inscrição: PENSÃO VIL... que parecia bem apropriada ao edifício que designava e que Harold Nye descrevia no seu relatório oficial para o F. B. I. como sendo

”desmantelado e sórdido, do tipo mais inferior que se possa imaginar no género pensão ou casa de quartos de aluguer”. O relatório ’prosseguia: ”Até há poucos anos, segundo informações da Polícia de Las Vegas, foi um dos maiores bordéis do Oeste. O fogo destruiu o edifício principal e a parte restante foi convertida numa pensão barata.” O vestíbulo não continha mobiliário, a não ser uma planta de cacto com cerca de dois metros de altura e uma secretária improvisada para a recepção: encontrava-se sempre deserto. O detective bateu as palmas, até que uma voz de mulher, mas nada feminina, gritou de longe: ”Já lá vai!” Mas só dali a cinco minutos a mulher apareceu. Trazia um roupão cheio de nódoas, sandálias de salto alto de cabedal dourado. O

cabelo ralo e desbotado estava metido em bigudis. Tinha uma cara larga, musculosa, coberta de *rouge* e pó-de-arroz. Trazia na mão uma lata de cerveja *Miller High Life;* cheirava a cerveja, a tabaco e a verniz das unhas acabado de aplicar. Contava setenta e quatro anos, mas, na opinião de Nye, ”parecia mais

nova... talvez dez minutos". Olhou para ele, com o seu fato escuro impecável e o seu chapéu de abas curtas. Quando viu a insígnia, pareceu divertida: entreabriu a boca e Nye avistou duas filas de dentes postiços.

- Hum, hum! Já esperava por essa - declarou. - O. *K.* Diga lá1 Ele mostrou-lhe uma fotografia de Richard Hickock.

Conhece este?

A mulher resmungou uma negativa.

- E este?

Ela respondeu:

- Hum, hum! Esse esteve cá uns tempos. Mas agora não está. Saiu há um mês. Quer ver o registo?

Nye inclinou-se sobre a secretária e ficou-se a ver as unhas pintadas e compridas da senhoria a procurar numa página de nomes

escritos a lápis. Las Vegas era a primeira de três cidades que os superiores o tinham mandado visitar. Cada uma delas fora escolhida por estar relacionada com Perry Smith. As duas outras eram Reno, onde se julgava que vivia o pai, e S. Francisco, onde habitava a irmã, a quem chamaremos aqui Mrs. Frederic Johnson. Muito embora Nye projectasse entrevistar estes parentes e qualquer outra pessoa que lhe pudesse dar indicações acerca do paradeiro do suspeito, o seu principal objectivo era obter o auxílio das autoridades locais. Ao chegar a Las Vegas, por exemplo, discutira o caso Clutter com o tenente B. J. Handlon, chefe da Divisão dos Detectives do Departamento de Polícia de Las Vegas. O tenente escrevera uma ordem dirigida a todo o pessoal da Polícia para estar de prevenção a fim de ajudar na captura de Hickock e Smith: "Procurados no Kansas por violação da palavra e que se julga viajarem num *Chevrolet* de 1949, com matrícula do Kansas JO-58269. Estes homens encontram-se provavelmente armados e devem ser considerados perigosos." Hadlon nomeara também um detective para auxiliar Nye naquele "caso de penhoristas" ; segundo ele afirmara, "havia-os aos montes em todas as cidades capitais do jogo". Nye e o detective de Las Vegas tinham passado revista a todas as cautelas de penhores datadas do mês

anterior. Na realidade, Nye esperava encontrar alguma referente a um rádio portátil marca *Zenitb* roubado da casa dos Clutters na noite do crime. Mas nisso não teve sorte. Um dos penhoristas, no entanto, recordava-se de Smith. (”Ele tem aparecido por aí de vez em quando nestes últimos dez anos.”) E mostrou-lhe uma cautela de uma manta de pele de urso empenhada no passado mês de Novembro. Foi por essa cautela que Nye ficou sabendo a direcção da casa que alugava quartos.

- Entrou para aqui a 30 de Outubro - declarou a senhoria. E saiu a 11 de Novembro.

Nye olhou para a assinatura de Smith, com todas as suas complicações, curvas e floreados que o deixavam surpreendido. A velha percebeu por certo esta surpresa, porque acrescentou:

- E só queria que o ouvisse falar. Dizia palavras difíceis e muito compridas, numa voz a modos que sussurrada e cava. Era um bom ponto. Mas que mal fez ele, esse pobre diabo tão simpático?

- Falta de cumprimento da fiança.

- Hum, hum. E o senhor veio lá do Kansas atrás dele só por causa de uma coisa dessas! Ora bem, eu sou uma velha maluca, por isso acredito. Mas não vá contar essa às novas, porque ninguém a come. - Ergueu a lata da cerveja e esváziou-a de um trago. Depois ficou a fazê-la girar, com um ar pensativo, entre as 167

mãos engelhadas e cobertas de sardas. - Seja lá por que motivo for, não pode ser nada de importante . Não quero crer. O outro, nunca o vi, por isso não sei do que ele seria capaz. Mas este não passa de um patifório. O

maroto queria-me comer a renda da última semana que aqui passou! - e ria, provavelmente do absurdo de semelhante ideia.

O detective perguntou quanto era a renda do quarto de Smith.

O preço do costume, nove dólares por semana, mais um depósito de cinquenta cèntimos Ali bem contado. E

pago adiantadamente.

- Em que se ocupava ele enquanto aqui esteve? Tinha algum amigo?

O senhor acha que eu vou andar a vigiar todos os mecos que por aqui passam! - retorquiu a senhoria. - São vadios ou mariolas. Não me interessam. Eu cá tenho uma filha muito bem casada! - Depois acrescentou: -

Não, este não tinha amigos. Pelo menos nunca o vi andar por ai com ninguém de especial. Da última vez que aqui esteve passou a maior parte do tempo a consertar o automóvel. Tinha-o parado aqui na frente. Era um *Ford* muito velho. Devia ter sido fabricado antes de o dono nascer. Ele pintou-o todo. A parte de cima de preto e a de baixo prateado. Depois escreveu-lhe no pára-brisas ”Vende-se”. Um dia ouvi parar aqui um palerma que lhe ofereceu por ele quarenta dólares. O calhambeque não valia nem um. Mas ele declarou que não o podia vender por menos de noventa. Precisava do dinheiro para um bilhete de autocarro. Pouco antes de ele se ir embora ouvi contar que tinha vendido o carro a um preto.

- Ele disse que precisava do dinheiro paraum bilhete de au tocarro? Não sabe para onde?

A mulher cerrou os lábios, espetou entre eles um cigarro, sempre sem desfitar Nye.

- Ponha as cartas na mesa, se eu falar ganho alguma coisa com isso? Dão-me alguma recompensa - Esperou pela resposta, mas esta não veio. A velha pareceu ponderar os prós e os contras, decidiu-se a falar: - Tenho cá

uma ideia de que não tencionava demorar-se onde quer que seja. Tencionava voltar para aqui. Indicou com a cabeça o interior da casa - Venha daí, vou mostrar-lhe uma coisa que lhe explicará porque digo isto.

Escadas. Paredes enegrecidas. Nye aspirava vários cheiros tentando diferençá-los uns dos outros: desinfectante de casa de banho, álcool, cigarros apagados. Atrás de uma porta fechada um hóspede bêbedo ora gemia, ora cantava, tão depressa feliz como amargurado.

- Acaba com isso, Holandês! Cala-te, senão vais para o olho da rua! - gritou-lhe a mulher. - É aqui - disse para Nye, fazendo-o entrar num quarto escuro de arrumações. Acendeu a luz. Olhe aqui. É esta caixa. Ele pediu-me se lha guardava até voltar.

Tratava-se de uma caixa de cartão por embrulhar mas atada com um cordel. Sobre a tampa estava escrito a lápis um aviso no género daquela praga egípcia: *"Cuidado!* Isto pertence a Perry E. Smith. Cuidado!" Nye desatou o cordel; verificou com desgosto que o nó não era o mesmo que os assassinos haviam empregado para amarrar a família Clutter. Abriu as tampas. Lá de dentro saiu uma barata que a senhoria se apressou a esborrachar com o tacão da sandália dourada.

- Olha! - exclamou ela, enquanto o detective tirava e examinava com todo o cuidado os pertences de Smith. -

O ladrãozito! Esta toalha é minha!

Além da toalha, Nye ia assentando meticulosamente na sua agenda: "Uma almofada suja que tem escrito *Souvemr de Honolnlu;* um cobertor cor-de-rosa de bebé; um par de calças de caqui; uma sertã de alumínio com o respectivo garfo de voltar os fritos." Havia ainda outros objectos, como seja um livro de assentos cheio de recortes de revistas de cultura física (estudos ensebados sobre levantamento de pesos e seus praticantes e, dentro de uma caixa de sapatos, uma porção de remédios: bochechos e pós para combater a gengivite e também uma estranha quantidade de frascos de aspirina, pelo menos doze, alguns já vazios.

- porcarias - comentou a dona da casa. - Só sucata!

É certo que aquilo não apresentava o menor interesse, mesmo para um detective com falta de provas. No entanto Nye sentia-se satisfeito por ter visto cada um daqueles objectos: os remédios para as gengivas, a almofada ensebada, tudo lhe dava a impressão de ter ficado a conhecer melhor o herói daquela vida solitária e mesquinha.

No segundo dia passado em Reno, ao redigir as suas notas oficiais, Nye escrevia: "Às nove da manhã o autor deste relatório contactou com Mr. Bill Driscoll, chefe das investigações criminais, no gabinete do xerife, no condado de Washoe, Reno, Nevada. Ao ser posto ao corrente das circunstâncias deste caso,

forneceram-se igualmente a Mr. Driscoll as fotografias, as impressões digitais e outros indícios referentes a Hickock e a Smith. Foi dada ordem para deter estes dois indivíduos bem como o seu carro. Às dez e trinta o autor deste relatório contactou com o sargento Abe Feroah, detective da divisão do Departamento da Polícia de Reno, Nevada. O sargento Feroah e o autor deste relatório verificaram as fichas da polícia. Não constava delas nenhum

nome de Smith nem Hickock. Idêntica revista passada nas lojas de penhores também não deu qualquer resultado com respeito ao rádio roubado. As cautelas de penhores ficaram sob controlo permanente da polícia, para o caso de o rádio vir a ser empenhado aqui em Reno. O detective encarregado das casas de penhores mostrou fotografias de Smith e de Hickock a todos os penhoristas da cidade e deu uma busca a todas as casas de penhor em procura do rádio. Os penhoristas identificaram Smith como sendo seu conhecido, mas mostraram-se incapazes de fornecer mais qualquer informação."

Isto, quanto à manhã. Nessa mesma tarde, Nye partiu em busca de Tex John Smith. Mas logo na primeira paragem, ou seja nos Correios, o empregado da distribuição geral preveniu-o de que não valia a pena procurar mais, pelo menos no Nevada, porque "o indivíduo" saíra dali no mês de Agosto anterior e vivia agora nos arredores de Circle City, Alasca. Para aí, pelo menos, é que lhe enviavam o correio.

- Isso agora é mais difícil de dizer - respondeu o empregado quando o detective lhe pediu que fizesse uma descrição do pai de Smith.

- O tipo parece tirado de um livro. Chama-se a si próprio "Lobo Solitário". Grande parte do correio dele vem assim endereçado: "Lobo Solitário". Recebe poucas cartas, mas antes montes de catálogos e panfletos com anúncios. Não calcula a quantidade de pessoas que pedem coisas nesse género só para terem o prazer de receber correio, com toda a certeza. Que idade tem ele? Calculo que os seus sessenta anos. Veste à moda do Oeste: botas de *cowboy* de cano alto. Disse-me que dantes trabalhava nos *rodeos.* Eu costumav a conversar muito com ele. Nos últimos anos vinha sempre aqui quase todos os dias. De vez em quando desaparecia durante um mês ou dois, e explicava sempre que andara a fazer prospecções. Um dia, no passado mês de Agosto, apresentou-se um tipo aqui ao *guichet.* Dizia que vinha à procura do pai, Tex John Smith, e perguntou-me se eu

sabia onde ele parava. Não era nada parecido com o velhote: o Lobo tem os lábios finos e o tipo irlandês e o rapaz parecia quase de pura raça índia: cabelos negros como a graxa e olhos da mesma cor.

Mas na manhã seguinte veio cá o Lobo e disse que era verdade: que o filho acabava de deixar a tropa e que iam ambos para o Alasca. Ele é um velho explorador do Alasca. Acho que teve em tempos por lá um motel ou pousada de caça, não sei bem. Declarou que devia demorar-se uns dois anos. Não, depois disso nunca mais o vi. Nem a ele nem ao filho.

170

A família Johnson mudara-se havia pouco para aquele bairro de S. Francisco - um bairro de casas económicas, para a classe média, situado nas colinas ao norte da cidade. Na tarde de 18 de Dezembro de 1959, a jovem Mrs. Johnson esperava visitas; três *v* vizinhas que vinham tomar café

com bolos e possivelmente jogar às cartas. A rapariga estava nervosa. Era a primeira vez que recebia na sua nova casa. Neste momento, enquanto esperava que tocassem à porta, deu uma volta final, arranjando aqui uma haste de verdura compondo ali uma flor. A casa, tal como as outras daquela rua em ladeira, era do estilo convencional, tipo rancho, cómoda e vulgar. Mrs. Johnson gostava muito dela; adorava o lambrim de madeira avermelhada, as alcatifas, as janelas panorâmicas na frente e nas traseiras, a vista que dali se disfrutava; vales, colinas, o céu e o mar.

Fazia gosto no jardinzinho; o marido, agente de seguros e carpinteiro nas horas vagas, construíra-lhe em volta uma paliçada de ripas pintadas de branco, uma casota para o cão, uma caixa com areia para as crianças brincarem e balouços. Neste instante, todos quatro: o cão, dois rapazinhos e uma menina, andavam lá fora sob o céu ameno. A mãe esperava que se conservassem ali enquanto ela tivesse as visitas em casa. Quando a campainha tocou e Mrs. Johnson se dirigiu para a porta, levava o vestido que julgava favorecê-la mais do que todos os outros: de *tricot* amarelo, bastante justo, fazendo realçar-lhe o moreno da pele e o negro dos cabelos, curtos e encaracolados. Abriu a porta, pronta a mandar entrar as três vizinhas. Em lugar destas avistou dois desconhecidos, que levaram a mão aos chapéus e lhe mostraram as insígnias da Polícia dentro das carteiras de cabedal.

- E Mrs. Johnson? - inquiriu um deles. - Eu sou o inspector Nye. Este é o inspector Guthrie.

Trabalhamos de colaboração com a Polícia de S. Francisco e acabámos de receber um pedido de inquérito referente ao seu irmão Perry Edward Smith. Parece que ele deixou de comparecer no Comando da Polícia conforme constava da fiança *e* gostaríamos de saber' se a senhora nos poderia dar qualquer informação quanto ao seu paradeiro.

Mrs. Johnson não ficou perturbada e, ao cabo e ao resto, nada surpreendida com o facto de a polícia se mostrar mais uma vez interessada nas actividades do irmão. O que a preocupava era ter visitas que poderiam vir encontrá-la a contas com os detectives E respondeu:

- Não, não sei nada. Há anos que não vejo o Perry.

- Isto é um caso sério, Mrs. Johnson. Gostaríamos de conversar um pouco consigo - declarou Nye.

Não tendo outro remédio senão submeter-se, e depois de ter

mandado entrar os dois homens a quem ofereceu café, o qual ambos aceitaram, Mrs. Johnson declarou:

- Não vejo o Perry há quatro anos. Nem voltei a saber dele depois que foi solto. No Verão passado, a seguir a ter saído da prisão, ele veio visitar o meu pai a Reno. O meu pai contou-me numa carta que ia voltar para o Alasca e levava o Perry consigo. Depois escreveu de novo e mostrava-se muito zangado. Tinha-se incompatibilizado com o Perry e cada um fora para seu lado antes de chegarem à fronteira. O Perry voltou para trás. O meu pai prosseguiu sozinho para o Alasca.

- E ele não voltou a escrever-lhe depois disso? -Não.

- Então é possível que o seu irmão se lhe tenha ido juntar há pouco. No mês passado, por exemplo.

- Isso não sei nem me interessa.

- Estão de relações cortadas?

- Eu e o Perry? Sim, mais ou menos. Tenho medo dele.

Mas quando ele esteve em Lansing escreviam-se com frequência. Pelo menos foi o que nos disseram as autoridades de lá

- informou Nye. O outro, o inspector Guthrie, parecia dar-se por satisfeito com o seu papel de espectador.

- Eu desejava fazer alguma coisa por ele. Esperava que mudasse de ideias. Agora não estou para me ralar. Os direitos dos outros não interessam ao Perry. Não tem respeito por ninguém.

- E quanto a amigos, não faz ideia de algum com quem ele possa estar?

- O Joe James - disse ela. E explicou que esse tal James era um jovem lenhador índio que vivia na floresta perto de Bellingham, em Washington. Não, ela não o conhecia pessoalmente, mas ouvira dizer que ele e a sua família eram pessoas caridosas que haviam protegido Perry muitas vezes noutros tempos. A única pessoa amiga de Perry que realmente conhecera fora uma rapariga que lhe viera bater à porta em Junho de 1955, trazendo uma carta de Perry, na qual ele a apresentava como sua mulher. Afirmava que ele precisava de auxílio e pedia-lhe que tomasse conta dela enquanto ele a não mandava chamar. A rapariga aparentava vinte anos. Ao cabo e ao resto, só tinha catorze. E claro que não estavam nada casados! Mas nessa altura fui na fita.

Tive pena dela e convidei-a cá para casa. Ela ficou, mas não por muito tempo. E quando se foi embora levou consigo duas das nossas malas com tudo o que pôde meter-lhes dentro, roupas minhas e do meu marido, pratas e até o relógio da cozinha.

- Quando isso aconteceu onde viviam os senhores?

- Em Denvcr.

- Alguma vez habitou em Fort Scott, no Kansas?

- Nunca fui ao Kansas.

- Tem alguma irmã em Fort Scott?

- A minha irmã morreu. Não tenho outra. Nye, sorriu e disse:

Compreende, Mrs. Johnson, que fazemos isto na esperança de que o seu irmão venha a contactar consigo, escreva ou telefone ou apareça por aí.

- Deus queira que não! Na verdade *ele* nem sequer sabe que mudámos para aqui. Julga-me ainda em Denver. Peço-lhe por tudo, se acaso o encontrar, que não lhe dê a minha direcção, tenho medo dele.

- Quando diz isso é porque receia que ele lhe faça algum mal? Isto é, fisicamente?

Ela pensou um pouco, incapaz de discernir, até que afirmou não saber ao certo:

- Mas tenho medo dele. Sempre tive. Ele é capaz de se fingir muito compreensivo. Amável até.

Chora com muita facilidade. por vezes a música impressiona-o e quando era pequeno costumava chorar quando achava um pôr do Sol bonito. Ou então o luar. Oh, é muito capaz de lhes comer as papas na cabeça. Faz que tenham dó dele e depois...

A campainha da porta tocou. A relutância de Mrs. Johnson em responder traduzia o seu dilema e Nye (que mais tarde escreveria a respeito dela: ”Durante toda a entrevista mostrou-se sempre calma e graciosa. Uma pessoa de um carácter excepcional”) pegou no chapéu castanho de aba curta:

- Desculpe tê-la incomodado, Mrs. Johnson. Mas se souber alguma coisa de Perry espero que tenha o bom-senso de nos comunicar. Pergunte pelo inspector Guthrie.

Depois da partida dos detectives, a compostura que tanto impressionara Nye desapareceu por completo, dando lugar a um desespero já antigo. A rapariga tentou reagir, dominou-se até ao fim da tarde, depois de as amigas se terem ido embora. Deu o jantar às crianças, bem como o banho, ouviu estas fazerem as suas orações. Então a tristeza, tal como a névoa marítima que no Verão envolve,

à

noite, os candeeiros das ruas, abateu-se sobre ela. Afirmara ter medo de Perry e era verdade, mas seria apenas a pessoa dele que temia ou antes um todo de que o irmão fazia parte - aquele destino horrível que parecia inevitável a todos os filhos de Florence Buckskin e Tex John Smith? O mais velho, o seu irmão preferido, dera um tiro na cabeça; Fem caíra de uma janela, ou atirara-se: e Perry era dado à violência, um autêntico criminoso. Assim, num certo sentido, só escapava ela. E o que a

atormentava era a ideia de que viria o tempo em que também ela havia de sucumbir de endoidecer, de contrair uma doença incurável ou perder num incêndio tudo aquilo que amava: casa, marido e filhos.

O marido andava por fora, em viagem de negócios, e quando

estava sozinha ela nunca pensava em beber qualquer álcool. Mas nessa noite preparou uma bebida forte e depois deitou-se no sofá da sala com um álbum de fotografias aberto nos joelhos.

Na primeira página havia um retrato do pai, tirado num estúdio, em 1922, ano em que se casara com a jovem artista de *rodeo* Miss Florence Buckskin. Este retrato encantava sempre Mrs.

Johnson. Fazia-a compreender o motivo que levara a mãe a casar com ele, quando eram aparentemente tão diferentes um do outro. O jovem do retrato possuía uma vivacidade máscula extraordinária. Tudo, a inclinação da cabeça ruiva, o olho esquerdo ligeiramente pisco (como se estivesse sempre a apontar para o alvo), o pequeno lenço de *cowboy* atado ao pescoço, tudo isto o tornava atraente. Ao cabo e ao resto, a atitude de Mrs. Johnson em face do pai era ambivalente, porém uma coisa sempre respeitara nele: a sua coragem. Sabia perfeitamente como ele podia parecer excêntrico aos olhos dos outros, pois que também se lhe afigurava excêntrico a ela. Mesmo assim, era um ”verdadeiro homem”. Conseguia fazer inúmeras coisas com a maior facilidade. Era capaz de deitar abaixo uma árvore obrigando-a a cair precisamente onde queria. Sabia esfolar um urso, consertar um relógio, construir uma casa, fazer um bolo, remendar uma meia ou pescar uma truta com um alfinete dobrado e uma guita. Passara um Inverno inteiro sozinho, na desolação do Alasca.

Sozinhos: na opinião de Mrs. Johnson era assim que os homens daquela têmpera deviam viver.

Mulheres, filhos, uma vida

insípida, não eram coisas próprias para eles.

Voltou algumas páginas cheias de instantâneos da sua infância tirados em utha, no Nevada, no Idaho e no Oregon. A carreira

de ”Tex & Fio” terminara havia muito e a família, habitando um velho camião, percorria o país à

procura de trabalho, coisa difícil de encontrar em 1933. ”Tex John Smith e família apanhando amoras no Oregon em 1933”, era a legenda que se via sob um dos instantâneos representando quatro crianças descalças, de calções de ganga, com os rostos fatigados e contraídos. Amoras ou pão duro em sopas de leite condensado era a comida deles. Bárbara Johnson recordava-se de, a certa altura, terem apenas para se alimentar bananas sorvadas e de que em resultado disto Perry sofrera uma cólica: gritara a noite inteira enquanto Bobo, o nome que davam a Bárbara, chorava por julgar que ele ia morrer.

Bobo, três anos mais velha do que Perry, adorava-o: era ele o seu único brinquedo, um boneco que penteava e beijava e em quem por vezes batia. Havia um retrato dos dois juntos a tomarem banho nus num afluente do Colorado, de águas prateadas: o garoto, com uma barriga enorme, um cupido queimado pelo sol, a agarrar na mão da irmã e a rir como se o regato travesso tivesse dedos que lhe fizessem cócegas. Noutro instantâneo, Mrs. Johnson não tinha a certeza, mas julgava ter sido tirado num rancho distante do Nevada onde a família estivera alojada na altura em que se travara entre os pais a batalha final (uma luta terrível em que as armas empregadas haviam sido chicotes, água a ferver e candeeiros de petróleo), ela e Perry estão a cavalo num pónei que as armas empregadas haviam sido chicotes, agua a ferver e candeeiros de petróleo), ela e Perry estão a cavalo num pónei com as cabeças juntas e as faces a tocarem-se; atrás deles, as montanhas secas e escaldantes.

Mais tarde, quando a mãe e os filhos tinham ido viver para S. Francisco, o amor de Bobo pelo rapazinho diminuíra até se extinguir por completo. Deixara de ser

o seu menino para se transformar num bicho selvagem, um gatuno, um ladrão. O primeiro furto de que tinha memória datava do seu oitavo aniversário. Até que por fim, depois de vários internamentos em diversas instituições e centros penais infantis, foi entregue à guarda do pai e só dali a muitos anos Bobo voltou a vê-lo, a não ser em fotografias que Tex John mandava de vez em quando aos outros filhos, agora coladas por cima de inscrições escritas a tinta branca e que constituíam uma parte do conteúdo do álbum.

Havia uma intitulada: ”Perry, o Pai e o seu cão lanzudo”, ”Perry e o Pai pesquisando ouro”, ”Perry na caça do urso, no Alasca”. Nesta última via-se um rapaz d *e* quinze anos, com um gorro de peles *e* botas para a neve, no meio de árvores vestidas de branco, com uma espingarda debaixo do braço. O

seu rosto era sorumbático e os olhos tristes e cansados. E Mrs. Johnson, ao olhar para o retrato, recordou-se de uma ”cena” que Perry havia feito em sua casa, quando a visitou no Nevada. Fora esta, na verdade, a derradeira vez que ela o vira, na Primavera de 1955. Estavam a discutir a infância de ambos na companhia de Tex John, e Perry, que bebera bastante, empurrara-a de encontro a uma árvore e mantivera-a com força ali, dizendo:

- Eu era o escravo dele. Uma pessoa que se matava a trabalhar e a quem se não pagava um tostão.

Não, Bobo! Deixa-me falar! Cala-te, ou atiro contigo ao rio! Como daquela vez em que eu ia a atravessar uma ponte no Japão. No meio dela estava parado um tipo que eu nunca tinha visto mais gordo. Peguei nele e atirei-o ao rio.

”por favor, Bobo. Escuta-me! Julgas que gosto de ser como

sou? Oh, que grande homem eu poderia ter sido! Mas aquele canalha nunca me deu uma oportunidade. Nunca me deixou frequentar uma escola. E eu que tinha uma inteligência excepcional, fica sabendo! Uma grande inteligência e também talento! Mas não tive instrução porque ele nunca me deixou aprender nada, apenas a moirejar para ele. Mudo. Ignorante. Assim é que ele me queria, para que nunca lhe pudesse fugir. Mas tu, Bobo, tu, frequentaste a escola? Tu, o Jimmy e a Fem. Vocês todos, seus patifes, tiveram instrução. Todos, menos eu. E eu odeio-vos, do primeiro ao último, incluindo o pai!

Como se para os outros irmãos a vida tivesse sido uma maré de rosas! Só se ele considerasse uma felicidade limpar os vómitos da mãe bêbeda, nunca ter fatos bonitos para usar, nem comida suficiente para matar a fome.

Apesar disso, no entanto, era certo terem todos feito o liceu. Na verdade Jimmy fora mesmo o aluno mais distinto da sua turma, honra esta que ele devia unicamente à sua força de vontade. Fora precisamente isso o que tornara o suicídio dele tão trágico. Forte personalidade, coragem notável, persistência no trabalho - dava a impressão que nenhuma destas qualidades se podia considerar factor determinante na sorte de qualquer dos filhos de Tex John. Achavam-se todos sob um mau signo contra o qual a virtude não constituía defesa. Não que Perry fosse virtuoso, nem tão-pouco Fem. Quando tinha catorze anos, Fem mudou o nome e durante o resto da sua curta vida procurou justificar a substituição: passou a chamar-se Joy. Eras uma rapariga de génio agradável, "querida de todos", em demasia até, pois agradava-se particularmente dos homens, muito embora não tivesse muita sorte com eles. De certo modo, os homens que ela preferia não lhe ligavam nenhuma. A mãe morrera vítima do coma alcoólico e ela tinha medo à bebida. No entanto bebia. Antes dos vinte anos, Fem-Joy desjejuava-se já com uma garrafa de cerveja. Até que, numa bela noite de Verão, caiu da janela de um quarto de hotel. Na queda viera parar acima do toldo de um teatro, rebolara depois para o chão, ficando esmagada debaixo das rodas de um táxi. Lá em cima, no quarto vazio, a Polícia foi encontrar a carteira dela sem dinheiro, os sapatos e uma garrafa de *whisky* vazia.

Podíamos compreender o caso de Fem e perdoar-lhe, porém Jimmy era diferente. Mrs. Johnson contemplava naquele momento um retrato dele vestido de marinheiro. Durante a guerra servira nas forças armadas. Era um marujo pálido e jovem, de cara comprida e uma expressão vagamente seráfica, que se mostrava na foto com o braço em volta da cintura da rapariga com quem se casara, coisa que nunca deveria ter feito, na opinião de 176

Mrs. Johnson, pois nada tinham em comum entre si: aquele rapaz sério e aquela garota que andara com todos os marujos, cujos olhos lembravam contas de vidro onde há muito se extinguira o reflexo do sol. E, no entanto, aquilo que Jimmy sentira por ela ultrapassava o amor vulgar: era a paixão autêntica, uma paixão até certo ponto patológica. Quanto à rapariga, devia ter gostado dele, e gostado a valer, de contrário nunca teria feito o que fez. Se ao menos Jimmy tivesse acreditado nela! Se ele tivesse sido capaz de acreditar... Mas o ciúme cegava-o. Vivia mortificado com a ideia dos homens que haviam dormido com ela antes de

se casar; e estava convencido, além disso, de que ela continuava a portar-se mal, que todas as vezes que ele ia para o mar ou sequer a deixava sozinha durante um dia inteiro, ela o traía com uma multidão de amantes, cuja existência exigia que ela lhe confessasse. Até que a rapariga apontou uma espingarda entre os olhos e puxou o gatilho com o dedo do pé. Quando Jimmy deu com ela não chamou a polícia. Pegou-lhe ao colo, deitou-a na cama e estendeu-se ao lado dela. Pela madrugada voltou a carregar a espingarda e suicidou-se também.

Em face da fotografia de Jimmy e da mulher, via-se outra, de Perry fardado. Fora recortada de um jornal e vinha acompanhada por um bocado de texto: “Quartel-General do Exército dos Estados Unidos da América, Alasca. Soldado Perry E. Smith, o primeiro veterano do Exército de combate na Coreia que regressa a Anchorage, no Alasca, é condecorado pelo capitão Mason, oficial das Informações Públicas, ao chegar à Base da Força Aérea de Elmendorf. Smith serviu quinze meses na 24.a Divisão como mecânico de combate. A sua viagem de Seattle até Anchorage foi um prémio da linha aérea Pacific Northern Airlines. Miss Lynn Marquis, hospedeira do ar, mostra-lhe um sorriso de boas-vindas. (Foto oficial do Exército dos E. U.)» O capitão Mason, de mão estendida, olhava para o soldado Smith, mas este ourava só para a objectiva. Na sua expressão, Mrs. Johnson via ou julgava ver não gratidão mas sim arrogância e, em lugar de orgulho, uma vaidade intensa.

Não custava a acreditar que ele tivesse encontrado um homem sobre uma ponte e fosse capaz de o atirar ao rio. Claro que o fizera, disso não tinha ela a menor dúvida!

Fechou o álbum e ligou a televisão, mas esta não a distraiu. Suponhamos que ele vinha ter com ela? Os detectives haviam descoberto o seu endereço. Porque não o descobriria ele também? Mas que não esperasse da sua parte o menor auxílio. Nem sequer o deixaria entrar. A porta da frente estava trancada, mas não a do jardim. Este, todo branco, envolto em nevoeiro, parecia coalhado de fantasmas. A mãe, o Jimmy e a Fem.

Quando foi

trancar a porta, Mrs. Johnson sentia tanto receio dos mortos como dos vivos.

Uma tromba de água. Chuva a potes. Dick desatou a correr. , Perry corria

também, mas não com a mesma pressa; as suas pernas eram mais curtas e transportava a mala. Dick abrigou-se muito antes dele num palheiro à beira do caminho. Ao deixar Omaha, depois de dormirem uma noite no abrigo do Exército da ” Salvação, um motorista de camião dera-lhes boleia para passarem a fronteira do Nebrasca para o lowa. Contudo, durante as últimas horas haviam viajado a pé. A chuva desabara no momento em que se encontravam a dezasseis milhas ao norte de uma aldeia ’. do lowa chamada Tenville Junction.

No palheiro fazia escuro. Perry chamou: -Dick!

- Estou aqui! - respondeu Dick. Estendera-se sobre a palha. Perry, todo encharcado e a tremer, deixou-se cair ao seu lado:

- Estou cheio de frio - declarou enterrando-se na palha. - Tenho tanto frio que não se me dava se isto pegasse fogo e eu fosse queimado vivo! - Também sentia fome. Uma fome mortal. Na noi *te* anterior tinham ceado a malga de sopa do Exército de Salvação e naquele dia o único alimento de ambos fora umas barras de chocolate e goma elástica que Perry furtara no balcão de um café.

- Ainda há chocolate? - perguntou Perry.

Acabara-se, mas tinham *çhicklets.* Dividiram-nos e começaram ambos a chupar,- cada qual dois quadrados e meio de hortelã-pimenta, o paladar preferido de Dick (Perry gostava mais de sumo de fruta). O dinheiro não era problema. A sorte extraordinária que os bafejara ultimamente levara Dick a tentar aquilo que Perry considerava ”uma coisa de louco”: o regresso a Kansas City.

Quando Dick falara pela primeira vez na necessidade dessa viagem de regresso, Perry respondera:

- Não estás bom da cabeça!

Agora, aninhados ambos na escuridão, ouvindo lá fora cair a chuva fria, reataram a discussão.

Perry evocara de novo os perigos de semelhante passo, pois certamente a estas horas Dick andaria já a ser procurado por não se ter apresentado na Polícia, ”quando não fosse outro o motivo...” Mas Dick não desarmava. Kansas City, teimava ele de novo, era o único lugar onde poderia, com êxito distribuir mais uma porção de cheques falsos. ”Que diabo, devemos ter cautela. Sei que nos

devem ter dado ordem de prisão. por causa dos cheques que assinámos. Mas nós andaremos depressa.

Basta-nos um dia. Se amealharmos o suficiente,

talvez, possamos experimentar ir até à Florida. Passar o Natal em Miarru, ficar lá o Inverno se a coisa nos agradar.”

Contudo Perry continuava a chupar o *chiklet,* a tremer de frio e muito mal humorado. Dick perguntou-lhe:

- Que é isso, rapaz? Ainda te estás a lembrar daquilo? porque diabo não esqueces tudo? Eles nunca ligarão uma coisa à outra. Não são capazes disso!

Perry contestou:

- Podes muito bem enganar-te. E, se tal suceder, isso significa o ”canto”.

Nenhum deles se referira ainda até então à pena máxima do estado do Kansas, a forca, ou morte no ”canto”, como os habitantes da Penitenciária do Estado do Kansas chamam ao barracão que alberga a aparelhagem necessária para enforcar um homem,

Dick respondeu:

- Que gracinha. Estás a assustar-me.

Acendeu um fósforo com a intenção de fumar um cigarro, mas aquilo que viu à luz da chama fê-lo pôr-se imediatamente de pé e atravessar o telheiro até a um curral que ficava a seguir. Dentro deste estava um automóvel, um *Chevrolet* preto e branco de duas portas, modelo 1956 A chave via-se metida no *tablier.*

Dewey estava resolvido a ocultar ”à população civil” qualquer notícia de importância relativa ao caso Clutter.

Tão decidido que resolveu pedir segredo aos dois divulgadores profissionais de notícias de Garden City: Bill Brow o editor do *Telegram* de Garden City e Robcrt Wells, director da estação de rádio local, a KfUL. Ao fazer um apanhado

geral da situação, Dewey apontou as razões que tinha para invocar o segredo indispensável: ”Lembrem-se de que existe uma possibilidade de estes homens estarem inocentes.”

Tratava-se de uma hipótese demasiado válida para se por de lado. O informador. Floyd Wells, podia muito bem ter inventado toda a história; semelhantes patranhas são moeda corrente entre os prisioneiros que pretendem obter favores especiais ou atrair a atenção dos superiores. Mas ainda que as palavras do homem fossem verdades como punhos, Dewey e os colegas não haviam conseguido ainda desenterrar uma só prova importante, ”válida em tribunal”. Que tinham eles descoberto que não pudesse ser interpretado como coincidência, muito embora extraordinária? Só porque Smith viera ao Kansas de visita ao amigo Hickock, e porque este possuía uma carabina de calibre

igual à arma do crime, e porque os suspeitos possuíam um álibi falso para explicar os seus movimentos na noite de 14 de Novembro, isso não significava forçosamente que se tratasse dos assassinos.

- No entanto, estamos mais do que convencidos de que foram eles. Somos todos da mesma opinião. Se assim não fosse nunca teríamos posto em estado de alerta dezassete estados, desde o Arkansas até ao Oregon. Mas notem bem: podemos levar anos a apanhá-los. É possível que já se tenham separado ou até deixado o país. Há

uma possibilidade de terem ido para o Alasca, não é difícil uma pessoa perder-se por lá. Quanto mais tempo eles andarem em liberdade, menos fácil se torna para nós a sua captura. Francamente, no ponto em que as coisas estão, dispomos de poucas probabilidades. Podemos agarrar amanhã mesmo esses filhos-da-mãe e não conseguirmos provar nada contra eles.

Dewey não exagerava. Com excepção de duas impressões de solas, uma com um desenho em estrela, a outra com cinco saliências, os assassinos não haviam deixado um único indício. Visto serem tão cuidadosos, certamente há muito se teriam desfeito das botas. Assim como do rádio, partindo do princípio que haviam sido eles quem o roubara, coisa de que Dewey duvidava ainda, pois afigurava-se-lhe ”muito improvável”. Dada a importância do crime e a esperteza manifestada pelos criminosos, achava ”inconcebível” terem estes entrado

naquela casa à espera de encontrarem um cofre a abarrotar de dinheiro e, ao cabo e ao resto, como não o descobrissem, achassem por bem assassinar toda a família, talvez por causa apenas de uns míseros dólares e de um aparelho de rádio portátil.

- Sem a confissão deles nunca conseguiremos uma condenação - declarava ele. - É este o meu parecer. E é por isso que temos de usar de todas as cautelas. Eles julgam-se seguros. pois bem, deixemo-los continuar nessa certeza. Quanto mais confiantes eles estiverem, mais depressa lhes deitaremos a mão.

porém os segredos são um luxo desusado em cidades do tamanho de Garden City. Quem visitasse o escritório do xerife, que se compunha de três compartimentos mal mobilados e atravancados, no terceiro andar do edifício do tribunal, sentia logo uma atmosfera estranha e quase sinistra. A azáfama, os murmúrios azedos das primeiras semanas haviam desaparecido; o local encontrava-se agora envolto numa quietude expectante. Mrs.

Richardson, a secretária, pessoa muito terra-à-terra, adquirira de um dia para o outro o hábito de falar em segredo e andar em bicos de pés, ao passo que os homens que ela auxiliava, o xerife e os seus colaboradores, Dewey e os agentes do K. B. J. andavam por

ali a conversar' uns com os outros em voz baixa. Era como se se tratasse de caçadores numa floresta, escondidos, com receio de que qualquer som ou movimento brusco pudesse espantar os animais que se aproximavam

O *povo* começou a falar. O Trail Room, que era o café pertencente ao Warren Hotel, considerado pelos homens de Garden City como uma espécie de clube particular, era um antro de murmurações e boatos. Estavam prestes a prender um cidadão importante, afirmava alguém. Dizia-se por outro lado que o crime fora obra de bandidos a soldo dos inimigos da Associação dos Produtores de Trigo do Kansas, organização progressiva na qual Mr. Clutter desempenhara importante papel.

Das muitas histórias que circulavam, a que se achava mais perto da verdade era contada por um notável negociante de automóveis (que se recusava a revelar-lhe a origem): "Parece que apareceu um tipo, trabalhador lá na quinta do Herb aí por volta de 47 ou 48, um assalariado qualquer, que mais tarde foi preso e depois na

cadeia se pôs a cogitar que o Herb era um tipo rico a valer. E

então, mal se apanhou cá fora, aqui ha um mês, o seu primeiro acto foi vir aqui e roubar e assassinar aquela gente toda.”

porém a sete milhas a oeste dali, na aldeia de Holcomb, não transparecera nada destas notícias sensacionais e uma das razões disto era o facto de o assunto Clutter ter sido banido das conversas nos dois centros principais de reunião: *o* Correio e o Hartman’1; Café.

Cá por mim não quero ouvir falar mais sobre o caso - declarara Mrs. Hartman. - Já lhes disse. Não se pode continuar assim, a desconfiar de toda a gente e a viver-se num pavor mortal. Só digo que quem quiser falar do assunto não entra cá.

Myrt Clarc adoptou uma posição tão intransigente comoesta:

- Vêm aqui algumas pessoas comprar um selo dos mais baratos e no entanto julgam-se no direito de ficar durante três horas e trinta e três minutos a dar a língua e a devassar a vida dos Clutters.

Fazem as criaturas em pedaços. Coscuvilheiros de uma figa! Eu não tenho tempo para os aturar.

Estou aqui a cumprir o meu dever. Sou uma representante do Governo dos Estados Unidos. E, seja como for, isto *é* doentio! O Al Dewey e toda essa malta de Topeka e de Kansas City, que se julgam espertos como ratos.. Mas creio bem que ninguém tem ilusões quanto a esperar que eles apanhem algum dia o assassino’ por isso, na minha opinião, o mais acertado é não se falar no assunto. Só se morre quando se tem de morrer e não interessa saber como. Quem morreu, morreu. por isso, de que serve andarmos com cara de enterro só porque

cortaram o pescoço ao Herb Clutter? É uma coisa doentia. Sabem quem é a Polly Stringer, a mestra dos miúdos? pois a Polly Stringer esteve aqui esta manhã e disse que só hoje é que os garotos começaram a acalmar. E eu então cogitei; imaginem o que sucederia se prendessem alguém! Se tal acontecer, decerto será

alguma pessoa nossa conhecida. E isso iria atear o rastilho, deitar lenha no fogo

precisamente quando ele começava a apagar-se. Se querem que lhes diga, acho que já houve rebuliço a mais!

Era ainda *cedo,* não tinham dado as nove horas, e Perry fora o primeiro cliente da lavandaria automática.

Abriu a pesada mala de vime e tirou de lá uma trouxa de cuecas, meias e camisas umas dele, outras do Dick), enfiou-as num dos depósitos, e meteu na máquina uma ficha de chumbo, das muitas que comprara no México.

Perry estava familiarizado com o manejo de semelhantes engenhocas, visto ter se servido delas muitas vezes, e sempre com satisfação, pois achava muito calmante estar ali sentado a ver lavar as roupas. Mas não naquele dia. Sentia-se demasiado apreensivo. Apesar dos seus avisos, o Dick teimara na sua. Cá estavam eles, de volta a Kansas City, sem vintém e, além disso, viajando num carro roubado! Durante toda a noite haviam corrido à

desfilada no *Chevrolet* encontrado em Iowa, debaixo de uma chuva contínua. Tinham parado duas vezes para chupar gasolina de carros estacionados em ruas desertas de pequenas cidades adormecidas. (Isto era a especialidade de Perry. uma tarefa em que se considerava ”absolutamente mestre. Aquele bocado de tubo de borracha é o meu passaporte de viagem”. Quando chegaram a Kansas City, ao nascer do Sol, os

viajantes tinham-se dirigido em primeiro lugar ao aeródromo, onde, nos *toilettes* dos homens, se haviam lavado, barbeado e escovado os dentes; duas horas mais tarde, após terem dormido um pouco na sala de espera do aeródromo, voltaram à cidade. Foi nessa altura que Dick largou o companheiro na lavandaria, prometendo vir buscá-lo dali a uma hora.

Depois da roupa lavada e seca, Perry voltou a metê-la na mala. Passava das dez. Dick que devia andar por aí, ”

a distribuir papelinhos”, estava atrasado. Perry sentou-se à espera dele, depois de localizar uma carteira de senhora, mesmo a tentar a mão dele. porém a chegada da dona, a mais avantajada de todas as mulheres que neste momento aproveitavam as comodidades do estabelecimento, deixou-o descoroçoado. Noutros tempos, 182

quando era uma criança vadia na cidade de S. Francisco, ele e um garoto chinês

(seria o Tommy Chan ou o Tommy Lee?) haviam trabalhado juntos como ”carteiristas”. Perry divertia-se, animava-se, ao recordar algumas aventuras desse tempo.

”Como daquela vez em que roubámos a carteira a uma velhota, mesmo muito velha. O Tommy deitara-lhe a mão, mas a senhora não havia maneira de a largar, parecia uma fera. Até que me avistou, começando a gritar: Ajuda-me! Ajuda-me aqui! e então respondi-lhe: Eu ajudo-o mas é a ele! - e bifámos-lhe a mala, deixando-a caída no chão. Noventa cèntimos era precisamente o que a bolsa continha, lembro-me muito bem. Fomos a um restaurante chinês e comemos até caírmos para debaixo da mesa.”

As coisas não haviam mudado muito. Perry era mais velho vinte anos e pesava mais vinte quilos, no entanto a sua situação material não melhorara nada. Continuava a ser (coisa incrível, tratando-se de uma pessoa com a sua inteligência a aptidões) um garoto que vivia por assim dizer à custa dos patacos roubados.

O relógio pendurado na parede em frente atraía-lhe constantemente a vista. Às dez e meia começou a afligir-se; às onze as pernas latejavam-lhe de dor, o que nele era sinal certo de um próximo pânico; ”o sangue a ferver”, dizia ele. Tomou uma aspirina e tentou apagar, pelo menos desvanecer, a cavalgada de imagens que lhe passava pelo cérebro: Dick nas mãos da polícia, provavelmente apanhado a preencher um cheque falso, ou por causa de uma simples transgressão às regras de trânsito (ao volante de um carro roubado). Provavelmente neste mesmo instante, Dick encontrava-se encerrado no meio de um círculo de polícias de cachaço vermelho. E não discutiam trivialidades, tais como cheques falsos ou automóveis roubados. O assunto da discussão era o assassínio, pois provavelmente aquela relação, que Dick afirmava impossível de descobrir, tinha sido descoberta. E neste instante exacto uma carrada de polícias de Kansas City vinha a caminho da lavandaria.

Mas não, era tudo imaginação sua! Dick nunca daria com a língua nos dentes. Quantas vezes o não ouvira dizer: ”Podem matar-me com pancada, mas nunca lhes direi seja o que for!” Dick era um

”fala-barato” ; a sua valentia, já Perry descobrira, só existia quando ele estava numa situação de superioridade. Felizmente que, de súbito, começou a lembrar-se de outras razões para a demora de Dick. Fora decerto visitar os pais. Coisa

arriscada, é certo, mas Dick era muito amigo deles ou fingia sê-lo, e ainda na noite passada, durante aquela interminável viagem debaixo de chuva, ele afirmara a Perry:

- Gostava muito de ir ver os meus pais. Eles não seriam capazes de me denunciar, ao funcionário da Polícia, digo eu. Nunca diriam nada que nos prejudicasse. Mas tenho vergonha de lá ir. Receio o que o meu pai dirá

por causa dos cheques. E também por nos termos posto a andar daquela maneira. Mas gostaria de podei falar-lhes pelo telefone e saber como estão.

Contudo, isto era impossível, visto que em casa dos pais de Dick não havia telefone; se houvesse, Perry já teria telefonado a saber dele.

Dali a poucos minutos, convencera se de novo de que Dick fora preso. A dor nas pernas aumentou subitamente, trespassou-lhe o corpo todo, *e* o cheiro a barrela, aquele cheiro a vapor pestilento, começou a agoniá-lo, obrigando-o a levantar-se e a sair a correr pela porta. Parou no passeio, aos arrancos, como um bêbedo atacado de vómitos secos, Kansas City! Bem sabia que aquela terra lhe dava azar! Tanto que pedira a Dick para não irem para lá! Quem sabe se agora, neste momento, Dick não lamentava já não lhe ter dado ouvidos. E perguntava a si próprio: Então que há-de ser de mim? ”Sem vintém, apenas com um punhado de fichas de chumbo no bolso?” Para onde iria? Quem o poderia auxiliar? Bobo? Nem pensar nisso! Mas o marido, esse, sim. Se acaso Alfred Johnson não houvesse dado ouvidos a mulher, tinha-lhe arranjado emprego à saída da cadeia, ajudando-o assim a obter a fiança. Mas Bobo não consentiia; afirmara que isso os iria meter em trabalhos e possivelmente acarretar-lhes-ia perigos. E escrevera a Perry a dizer-lhe precisamente isso. Ela ainda um dia havia de pagar-lhe tudo! Iria gozar à brava a descrever-lhe todas as suas habilidades, a descrever em pormenor tudo aquilo que era capaz de fazer a pessoas como ela, pessoas respeitáveis, que viviam tranquilas e cheias de conforto como Bobo. Sim, ela precisava de saber que um tipo perigoso se trata com cautela. Isto valia bem uma viagem a Denver. Era isso mesmo o que ele ia fazer, visitar os Johnsons em Denver. Fred Johnson era muito capaz de lhe arranjar um encaixe. Não teria outro remédio se queria ver-se livre dele.

Nesta altura, Dick surgiu ao seu encóntro pelo passeio fora:

- Olá, Perry. Estás doente?

O som da voz de Dick foi como a injecção de um narcótico potente, uma droga que, introduzindo-se-lhe nas veias, produzisse um delírio de sensações desencontradas: tensão e alívio, fúria e afeição, Avançou para Dick, de punhos cerrados:

- Seu filho de uma cabra! - exclamou.

Dick riu-se e disse:

- Anda daí. Vamos outra vez comer.

Mas era preciso dar explicações e também desculpas, coisa a que Dick se não recusou, enquanto saboreavam a comida apimentada de um restaurante barato que ele preferia em Kansas City, o Eagle Buffet.

- Desculpa, rapaz. Eu calculava que apanhasses um susto. Já me julgavas caçado. Mas eu estava com uma tal sorte que achei por bem esgotá-la até ao fim. - Explicou que se dirigira à Markl Buick Company, a firma onde estivera empregado noutros tempos, na esperança de encontrar um par de chapas de matrícula para substituir a perigosa numeração do *Chevrolet* roubado. Ninguém me viu entrar nem sair. A Markl costumava fazer muito negócio de sucata. Efectivamente encontrei logo um *De Sotto* todo amachucado com matrícula do Kansas. E

sabes onde estão agora essas chapas? No nosso calhambeque!

Depois de efectuar a substituição, Dick fora deitar as placas de lowa na estrumeira municipal. Depois parara numa estação de serviço onde trabalhava um amigo, outrora seu colega do liceu, chamado Steve, e persuadira este a pagar-lhe um cheque de cinquenta dólares coisa que nunca fizera até ali: ”roubar um camarada”. Bem, nunca mais voltaria a ver o Steve. Ia ”limpar os pés” de Kansas City, desta vez para sempre. Nesse caso, porque não havia de ”esmifrar” alguns velhos amigos? Com isto na ideia, foi procurar outro antigo colega de estudos, hoje caixeiro num *drugstore*. Este golpe valeu-lhe mais uns setenta e cinco dólares:

- Esta tarde vamos fazer subir a soma para uns duzentos dólares. Fiz uma lista dos lugares onde devemos operar. São seis ou sete, a começar por aqui - dizia isto referindo-se ao Eagle Buffet, onde todos, do empregado do bar aos criados de mesa, o conheciam, estimavam e lhe chamavam *Pickles* (em atenção à sua iguaria preferida). - Depois, toca a andar para a Florida. Que dizes a isto, pá?! Eu não te tinha prometido que havíamos de ir lá passar o Natal, como fazem todos os milionários?

Dewey e o seu colega do K. B. I, o agente Clarcnce Duntz, esperavam que vagasse uma mesa no Trail Room.

Olhando em volta as caras conhecidas da hora do almoço - homens de negócios de pele delicada, rancheiros queimados pelo sol e de faces coradas -, Dewey cumprimentava alguns conhecidos em especial: o *coroner* do condado, o doutor Fenton; o director da Warren, Tom Mahar; Harrison Smith, que se candidatara a *attorney* no ano anterior e perdera a eleição em favor de Duane West; e também Flerbert W. Clutter, dono da quinta de River Valley e membro da Escola Dominical de Dewey. Mas esperem Lá! O Clutter não tinha

morrido? E não havia ele, Dewey, assistido ao seu enterro? Sim, mas lá estava ele sentado no reservado de canto do Trail Room, com os seus olhos vivos e castanhos, a maxila quadrada e o seu ar bem disposto que a morte não alterara. Mas Herb não se encontrava só. À sua mesa viam-se dois rapazes, e Dewey, ao reconhecê-los, deu uma cotovelada no agente Duntz.

- Olha ali!

- Onde?

No canto.

- Diabos me levem!

Hickock e Smith! Mas também eles deram pelo facto de terem sido reconhecidos. Farejavam o perigo. Atiraram-se ambos através do vidro da montra do Trail Room, desataram a correr pela rua fora, passaram em frente da Joalharia Palmer, na Norris Drugs, de Garden Café, dobraram a esquina, ultrapassaram os armazéns do caminho-de-ferro e, como no jogo das escondidas,

puseram-se a correr por entre os silos brancos do cereal. Dewey sacou da pistola e Duntz imitou-o; porém, ao quererem dar ao gatilho, interveio o sobrenatural. Súbita e misteriosamente (como num sonho!), ficaram todos a nadar: os perseguidores, os perseguidos, no meio daquela vastidão de água que a Câmara do Comércio da Cidade de Garden City qualifica como a ”Maior Piscina Gratuita do Mundo”. No momento em que os detectives iam para alcançar as presas, a cena mudou novamente (Como poderia isto acontecer? Estariam a sonhar?) e viram-se no meio de outra paisagem: o Cemitério de Valley View, aquela ilha verde e cinzenta com túmulos e árvores e alamedas floridas, um oásis frondoso e sussurrante que lembrava a sombra de uma nuvem no meio das planícies luminosas dos trigais ao norte da cidade. Mas neste momento Duntz desaparecera já, e Dewey encontrava-se sozinho a perseguir os fugitivos. Muito embora não conseguisse avistá-los, estava certo de que se achavam escondidos atrás de um túmulo, provavelmente do seu próprio pai: ”Alvin Adams Dewey, 6 de Setembro de 1879 -26 de Janeiro de 1948”. De pistola aperrada, Dewey seguiu ao longo das solenes alamedas, seguindo o som de um riso, até que viu Hickcok e Smith, já não escondidos atrás da pedra, mas sim de pernas abertas sobre a sepultura ainda sem dístico de Herb, Bonnie, Nancy e Kenyon Clutter. Encontravam-se de pé, pernas alargadas e mãos nos bolsos, de cabeça atirada para trás, a rir. Dewey disparou... uma... duas... três vezes. Nenhum deles caiu, muito embora as balas os tivessem atravessado lado a lado no sítio do coração, por três vezes: tornaram-se apenas transparentes, foram ficando invisíveis pouco a pouco, evaporaram-se no meio de risadas, até que Dewey

se curvou perante o facto, desatou ”a fugir, tomado de um desespero tão furioso e intenso que o despertou.

Acordou como uma criança cheia de febre, assustado, com os cabelos empastados de suor, a camisa colada ao corpo. A sala um gabinete que fazia parte dos escritórios do xerife, onde se fechara antes de adormecer, sentado à secretária - estava quase envolta na escuridão. Apurando o ouvido, escutou o telefone da senhora Richardson a tocar na sala ao lado Mas ela não estava lá para responder, visto não serem horas de trabalho. A caminho da porta, Dewey passou com propositada indiferença diante do telefone que tocava. Depois hesitou.

Podia ser a Marie, a perguntar se se demorava ou se devia esperar por ele para jantar

-Mr. A. R. Dewey, atenda, por favor. Kansas City ao telefone.

- Daqui fala Mr. Dewey.

- Fale, Kansas City. Mr. Dewey está a responder.

- Al? Daqui fala o irmão Nye.

- Olá, irmão Nye!

- Prepara-te para ouvir grandes novidades. - Diz lá!

- Os nossos amigos estão aqui, mesmo em Kansas City.

- Como é que sabes?

- Bem, é que eles não se escondem mesmo nada O Hickock andou a distribuir cheques de uma ponta à outra da cidade. E assinados com o seu próprio nome.

- Com o seu nome? Isso deve significar que não tencionam demorar-se muito por essas paragens... ou então que está muito seguro de si. E o Smith, continua a acompanhá-lo?

- Andam juntos, sim, mas trazem um carro diferente. Um *Chevrolet* modelo 1956, preto e branco, de duas portas.

Matrícula do Kansas?

- Matrícula do Kansas. E escuta, Aí. Nisso tivemos sorte. Compraram um aparelho de televisão. O Hickock deu ao vendedor um cheque. No momento da partida, o homem teve o bom senso de anotar a matrícula do carro, nas costas do cheque. Matrícula de Johnson County 16212

- Verificaram a quem pertence?

- Adivinha a quem?

- É um carro roubado.

- Claro. Mas as chapas tinham sido substituídas. Os nossos amigos tiraram-nas a um *De Sotto* espatifado que estava numa garagem de Kansas Citv.

- Sabe se quando?

- Ontem de manhã. O patrão (Logan Sanford) mandou um aviso com a nova matrícula e a descrição do carro

187

- E quanto à casa do Hickock? Se continuam nessas paragens, acho que mais cedo ou mais tarde acabarão por ir lá.

- Não te preocupes. Nós cá estamos, Olha, Al... -Diz...

- Só queria este presente de Natal. Não queria mais nada! Acabar com isto de uma vez e dormir até ao dia de Ano Novo. Não achas que era um presente bestial?

- Sim, espero que o consigas!

- Bem, espero que o consigamos ambos.

Depois disto, Dewey atravessou o pátio às escuras, saltando com ar absorto por cima dos montículos de terra e das folhas mortas por varrer, intrigado com a sua falta de entusiasmo. Que diabo, agora que perdera o receio de os suspeitos se haverem sumido nos confins do Alasca, do México ou de Timbuctoo, quando se poderia efectuar a captura de um momento para o outro, porque não sentiria ele a excitação que seria de esperar? O

culpado disto era o sonho que tivera, pois a complicação deste continuava a obcecá-lo e a fazê-lo duvidar das afirmações de Nye e a descrer delas, até certo ponto. Não se convencia de que Hickock e Smith se deixassem prender em Kansas City. Considerava-os invulneráveis.

Praia de Miami, 335, Ocean Drive, é a direcção do Hotel Somerset, um pequeno edifício quadrado, mais ou menos pintado de branco com frisos alfazema e uma tabuleta da mesma cor onde se lia: ”QUARTOS PARA ALUGAR - PRAIA PRIVATIVA BRISA MARINHA”. Fazia parte de uma fila de edifícios caiados de uma rua melancólica. Em Dezembro de 1959, essa ”Praia Privativa” resumia-se a dois chapéus-de-sol espetados numa nesga de areia nas traseiras do hotel. Um dos chapéus, o cor-de-rosa, tinha escrito por cima: ”Serve-se creme Valentine”. Às doze horas do dia de Natal, encontravam-se quatro mulheres

deitadas em redor de um rádio transístor. O segundo chapéu, azul e ostentando o reclamo ”Bronzeie-se com Coppertone”, abrigava Dick e Perry, que há cinco dias habitavam o Somerset, rum quarto de casal cujo preço era de dezoito dólares por semana.

Perry declarou:

- Ainda me não deste as boas-festas?

- Boas-festas, pá! Feliz ano novo!

Dick estava de calções de banho, porém Perry, tal como em Acapulco, recusava-se a mostrar as pernas aleijadas. Receava que avista destas pudesse ”impressionar” os outros banhistas. Andava, portanto, inteiramente vestido, incluindo meias e sapatos. No

entanto mostrava-se relativamente satisfeito e quando Dick começou a fazer exercícios de pino sobre a areia, para chamar a atenção das senhoras que estavam debaixo do chapéu cor-de-rosa, ele entregou -se à leitura do *Herald* de Miami. A certa altura, deparou com uma história numa das páginas secundárias que lhe captou inteiramente a atenção. Tratava-se de um crime, o assassínio de uma família da Florida, um tal Mr. Clifford, e da mulher, um filho de quatro anos e uma filha de dois. Cada uma das vítimas, embora não tivesse sido amordaçada nem amarrada, fora morta com um tiro na cabeça, disparado por uma carabina calibre 22. Este crime, do qual não havia provas e que, segundo parecia, fora cometido sem motivo, tivera lugar na noite de sábado, 19 de Dezembro, na herdade Walker, um rancho de criação de gado perto de Tallahassee.

Perry interrompeu as exibições atléticas de Dick para lhe ler a história em voz alta, e inquiriu depois:

- Onde estávamos nós no Sábado passado?

- Em Tallahassee?

- Estou a perguntar,

Dick pôs-se a pensar. Na quinta-feira, guiando o carro à vez, tinham vindo do

Kansas, atravessado o Missouri até ao Arkansas. Tinham transposto as montanhas Ozaiks até Louisiana, onde a bateria avariada os detivera sexta-feira de manhã cedo. (Substituíram-na por uma em segunda mão, comprada em Shreveport, por vinte e dois dólares e meio. Nessa noite dormiram no carro, estacionado algures, na berma da estrada, perto da fronteira Alabama-Florida. No dia seguinte haviam viajado sem pressas, tendo visitado um rancho de lagartos e outro de cobras cascavéis, passeado num barco de fundo de vidro num lago de águas prateadas, almoçado tardíssimo, comendo lagosta num restaurante de estrada. Que dia maravilhoso! Mas estavam ambos exaustos quando chegaram a Tallahassee e resolveram passar ali a noite.

- Sim, estávamos em Tallahassee - confirmou Dick.

-- Tem piada! - e Perry voltou a ler o artigo. - Sabes o que não me admiraria nada? Se isto tivesse sido obra de um louco. Um maluco que lesse o que aconteceu no Kansas.

Uma vez que não lhe agradava ouvir Perry ”discorrer sobre aquele assunto”, encolheu os ombros, sorriu e correu para a beira-mar. Passeou sobre a areia molhada, parando aqui e ali, para apanhar uma concha. Em pequeno sentira uma inveja louca de um rapazito seu vizinho que fora passar as férias a Costa do Golfo e regressara trazendo uma caixa cheia de conchinhas e odiara-o tanto por isso que lhas roubara e as esmagara todas, uma por

uma, com um martelo. A inveja sempre o atormentara, a ponto que considerava seu inimigo todo aquele que fosse aquilo que ele desejaria ser, ou possuísse aquilo que ele desejaria possuir.

Por exemplo, o homem que vira há dias junto à piscina no Fontaenbleau. A muitas milhas de distância, envolto na neblina do calor e do reflexo do mar, via ainda as torres dos hotéis caros: o Fontainebleau, o Éden Rock, o Roney Praza. No segundo dia da sua estada em Miami, sugerira a Perry que visitassem aqueles antros de prazer.

- Poderíamos arranjar por lá umas tipas ricas - disse.

Perry mostrara-se relutante; pensava que as pessoas deviam estranhar o aspecto deles, com calças de caqui e camisas abertas. A verdade é que a sua incursão nos

faustosos arredores do Fontainebleau passou despercebida, no meio de todos aqueles homens que se passeavam de bermudas e camisas de seda crua às riscas e de mulheres em fato de banho e ao mesmo tempo com estolas de arminho. Os dois estranhos tinham-se demorado no átrio, passeado no jardim, visitado a piscina. Fora aí que Dick avistara o tal homem, mais ou menos da sua idade, vinte e oito ou trinta anos. Podia muito bem ser um ”jogador profissional, um advogado, ou um *gangster* de Chicago”. Fosse quem fosse, devia possuir todas as vantagens do dinheiro e do poder. Uma loira parecida com a Marilyn Monroe estava a untá-lo com creme para o sol, enquanto ele estendia a mão bronzeada para um copo de sumo de laranja gelado. Tudo aquilo devia pertencer a ele, Dick, mas nunca lhe pertenceria. porque raio havia aquele filho-da-mãe de possuir tudo, ao passo que ele nada tinha? porque iria a sorte toda para safados como ele? Com uma faca na mão, ele próprio, Dick, não tinha medo de ninguém. Os tipos daquela espécie deviam ter um bocado de cautela, senão ele podia muito bem ”abri-los de alto a baixo e deixar-lhes a sorte a escorrer para o chão”. porém *o* dia ficara estragado Aquela bela loira a esfregar o homem dera cabo dele. F, declarou a Perry:

- Vamos embora desta porcaria!

Neste momento uma garotinha dos seus doze anos fazia riscos na areia com um pau, desenhando caras enormes e grotescas. Fingindo admirar-lhe a habilidade, Dick ofereceu-lhe as conchas que apanhara. A criança aceitou e Dick sorriu-lhe, piscou-lhe o olho. Tinha pena de ser assim, pois o seu interesse sexual pelas rapariguinhas ainda crianças constituía um defeito de que se ”envergonhava sinceramente”, um segredo que nunca confessara a ninguém e que esperava ninguém viesse a descobrir (muito embora suspeitasse de que Perry já tinha razões para isso), pois os outros podiam julgá-lo ”anormal”. Mas ele considerava-se absolutamente

”normal”. Seduzir raparigas apenas adolescentes, como fizera ”oito ou nove” vezes nos últimos anos, não provava o contrário, pois, se todas as verdades fossem conhecidas, a maioria dos homens considerados mais másculos sentia os mesmos desejos. Pegou na mão da pequena e disse: Tu és a minha menina. És a minha namorada.

porém a garota reagiu. A mão dela, presa na dele, estorceu-se como um peixe no

anzol e ele reconheceu a expressão admirada dos olhos dela, que já vira noutras ocasiões anteriores da sua carreira. Largou-a, com um riso despreocupado, afirmando:

- Era a brincar. Não gostas de brincadeiras?

Perry, ainda deitado debaixo do guarda-sol azul, observara a cena e percebera logo os intuitos de Dick, o que lhe causara repulsa. Não sentia ”respeito pelas pessoas que não sabem controlar-se sexualmente”, sobretudo quando essa falta de domínio incluía o que ele chamava ”perversão”, ”meter-se com miúdas”, ”coisas esquisitas”, violações. Julgara ter tornado bem claro a Dick o seu ponto de vista. Na verdade, quase haviam chegado a vias de facto uma vez que ele evitara que Dick violasse uma rapariguinha aterrorizada. No entanto, ele não estava nada desejoso de repetir a façanha. E ficou aliviado quando viu a criança afastar-se de Dick.

Ouviam-se no ar os cânticos do Natal; vinham do rádio pertencente às quatro senhoras e contrastavam estranhamente com o sol de Miami e os gritos das gaivotas turbulentas e irrequietas. ”Oh, vamos adorá-lo! Oh, vamos adorá-lo!”, cantava o coro de uma catedral que comovia Perry até às lágrimas, as quais se recusavam a deixar de correr mesmo depois de a música se calar. E, segundo o costume destas ocasiões em que se sentia assim atormentado, encarava uma possibilidade que exercia sobre ele ”uma tremenda fascinação”: o suicídio.

Em criança pensara muitas vezes em se matar, mas isso eram divagações sentimentais filhas de um desejo de castigar o pai e a mãe ou outros inimigos. Depois de homem, contudo, a perspectiva de acabar com a vida fora perdendo cada vez mais as suas características de fantasia. Essa, não devia esquecer, fora a solução do Jimmy, e também a da Fem. E ultimamente surgia-lhe não como uma alternativa, mas antes como a morte específica que o aguardava.

Fosse como fosse, não lhe parecia ter ”muitos motivos para viver”. As ilhas cálidas, o oiro escondido, uma vida passada a mergulhar num mar azul à cata de um tesoiro - tudo isso eram sonhos desfeitos. Desaparecera igualmente ”Perry OTarsons”, nome inventado para usar nos seus triunfos no palco e no ecrã que esperava, meio a sério meio a brincar, alcançar um dia. Perry

OTarsons morrera sem ter chegado a viver. Que lhe restava pois na vida? Ele e

Dick estavam “disputando uma corrida sem meta de chegada”, só agora se apercebera disso. E ao cabo de uma semana passada em Miami, a longa corrida estava a terminar. Dick, que trabalhara outrora na companhia de automóveis de aluguer ABC, por sessenta e cinco cêntimos à hora, declarara-lhe:

- Miami ainda é pior do que no México. Sessenta e cinco céntimos! Não estou para isso. Não sou nenhum escravo!

por isso, no dia seguinte, restando-lhes apenas por junto vinte e sete dólares do dinheiro recolhido em Kansas city, iam seguir de novo do Texas para o Nevada, procurando um ”poiso definido”.

Dick, que andara a fazer Corridas nas ondas, regressava. Deixou-se cair, a escorrer água, sobre a areia pegajosa

- Que tal estava a água? Estupenda!

O facto de calhar perto do Natal, logo a seguir ao Ano Novo, o aniversário de Nancy Clutter sempre criara problemas ao seu namorado Bobby Rupp. Dava voltas à cabeça, em busca de presentes apropriados para duas ocasiões tão próximas. Mas todos os anos, com o dinheiro ganho a trabalhar durante as férias na plantação de borracha do pai, conseguira sempre arranjar-se e, na manhã do Natal, costumava correr para casa dos Clutter, com um embrulho que as irmãs lhe haviam ajudado a fazer, destinado a despertar uma agradável surpresa a Nancy. No ano anterior tinha-lhe dado uma medalha de oiro do feitio de um coração. Este ano, com grande antecedência, comoera seu costume, hesitava entre os perfumes estrangeiros em exposição na Drogaria Norris e um par de botas de montar. Mas entretanto Nancy morrera.

Na manhã de Natal, em lugar de se dirigir a cavalo para a quinta de River Valley, ficara em casa, e mais tarde tomara parte, com toda à família, no esplêndido jantar que a mãe levara uma semana a preparar. Toda a gente da casa, tanto os pais como os seis irmãos, o haviam tratado com toda a gentileza desde o dia da tragédia.

Apesar disso, a hora das refeições, repetiam-lhe vezes sem conta que era preciso comer. Ninguém compreendia que ele estava na verdade doente, que isso se devia ao desgosto, que este criara um círculo à sua volta do qual não podia fugir e onde os outros não tinham entrada, a não ser talvez a Sue. Até a morte de Nancy ele não apreciara verdadeiramente Sue nem se sentira muito à vontade na

presença da rapariga. Ela era muito diferente dele. tomava demasiado a sério coisas a que mesmo as raparigas 192

não costumam ligar muita importância : a pintura, os poemas, as músicas que tocava no piano. E

tinha ciúmes dela, claro, da posição que ocupava no conceito de Nancy, que, muito embora com outro aspecto, era igual à sua. Mas era por isso mesmo que ela agora estava à altura de compreender o desgosto que sentia. Se não fosse a Sue, a constante presença dela, como poderia ter suportado aquela avalancha de embates: o próprio crime, as entrevistas com Mr. Dewey, a trágica ironia de ter sido durante uns tempos o suspeito número um?

Até que, ao cabo de cerca de um mês, essa amizade alterou-se. Bobby começou a ir com menos frequência a casa de Sue, sentar-se na sua salinha confortável e, quando ainda o fazia, a pequena parecia recebê-lo com menos afabilidade. O caso é que ambos recordavam um ao outro e continuavam a chorar um desgosto que, cada um por seu lado, procuravam já esquecer. As vezes Bobby conseguia-o: quando estava a jogar basebol ou conduzia o seu carro a oitenta milhas à hora pela estrada fora, ou quando, cumprindo o programa atlético que se impusera a si próprio (era sua ambição vir a ser monitor de ginástica), efectuava longos percursos a pé através dos campos amarelos e planos. Neste momento, após ter ajudado a levantar da mesa festiva todos aqueles pratos especiais, foi o que resolveu fazer: vestir uma camisa de desporto e ir fazer uma corrida.

O tempo estava maravilhoso. Até mesmo naquela zona ocidental do Kansas, conhecida pelo seu prolongado Verão de São Martinho, o caso daquele ano parecia nunca visto: ar seco, um sol claro, o céu azul. Os lavradores optimistas profetizavam um ”Inverno descoberto” - uma estação de tal modo suave que o gado poderia pastar cá fora durante todo o tempo. Invernos assim eram raros, porém Bobby recordava-se de um, no ano em que começara a namorar a Nancy. Tinham ambos doze anos e no fim das aulas ele costumava levar-lhe os livros e a sacola durante a milha de caminho que separava a escola do rancho do pai dela. Muitas vezes, quando o dia estava quente e soalheiro, paravam e sentavam-se à beira do rio, um trecho do Arkansas que corria escuro e vagaroso aos seus pés. Certo dia Nancy dissera-lhe:

- Um Verão que estivemos no Colorado, vi onde começa o Arkansas. O lugar exacto. Custa a acreditar que seja o nosso rio. Não é da mesma cor, mas a água é

pura, pode beber-se. Corre depressa, cheia de redemoinhos. O meu pai pescou uma truta...

Bobby nunca mais esquecera esta recordação da nascente do rio e, depois da morte da rapariga...

Bem, não sabia explicar, mas sempre que olhava para a corrente lamacenta do Arkansas, via-a

por um instante tal como Nancy a descrevera: uma torrente do Colorado, gelada, cristalina, povoada de trutas, a correr vertiginosamente por entre as encostas de um vale da montanha. Fora assim a Nancy: enérgica, cheia de vivacidade e alegria.

No entanto, os Invernos do Kansas obrigavam geralmente as pessoas a recolher a casa, e o gelo que cobria os campos e os ventos cortantes alteravam o clima ainda antes do fim de Dezembro. Alguns anos antes caíra constantemente neve na véspera do Natal, e quando Bobby partira na manhã seguinte para se dirigir a casa dos Clutter, a três milhas de distância, fez o percurso sob uma avalancha de espessos flocos. Mas valera a pena; apesar de lá ter chegado entorpecido e cheio de fadiga, o acolhimento que lhe dispensaram reanimou-o por completo. Nancy mostrou-se surpreendida e contente, a mãe, sempre tão tímida e reservada, abraçou-o e beijou-o, teimando em o envolver numa manta e obrigando-o a sentar-se à lareira da sala. Enquanto as mulheres se afadigavam na cozinha, ele, o Kenyon e Mr. Clutter tinham ficado sentados ao lume, a partir nozes e amêndoas. E Mr. Clutter declarara que aquele Natal lhe recordava outros dos seus tempos de rapaz, da idade do Kenyon.

- Nós éramos sete. A minha mãe, o meu pai, duas raparigas e três rapazes. Vivíamos numa quinta bastante longe da cidade. por esse motivo era costume fazermos as compras do Natal todas de uma assentada. Uma só

viagem e pronto. Nesse ano de que estou a falar, na manhã em que tencionávamos ir à cidade, a neve estava tão espessa como hoje, ou mais ainda, e continuava a cair, em flocos do tamanho de pires. Dava a impressão que íamos passar o Natal isolados, sem presentes debaixo da árvore. A minha mãe e as raparigas estavam tristíssimas. Eu então tive uma ideia.

Lembrei-me de selar o mais rápido dos cavalos da lavoura e de ir fazer as compras de todos à cidade. A família concordou. Cada um me entregou o seu dinheiro e a lista das coisas que desejava: quatro metros de chita, uma bola, uma alfineteira, cartuchos de espingarda... uma nota de encomendas que levou até à noite a executar.”

No regresso a casa, com as compras bem resguardadas num alforje, ele sentia-se grato ao pai por o ter obrigado a levar uma lanterna e também pelo facto de os arreios do cavalo estarem guarnecidos de guizos, porque o seu tilintar alegre, bem como a luz mortiça do petróleo, serviam-lhe de conforto na escuridão.

”A ida para lá foi na verdade fácil. Mas na volta a estrada desaparecera, bem como todos os pontos de referência. Tanto a terra como o ar, tudo era neve. O cavalo, enterrado até aos artelhos, 194

escorregava. Deixei cair a lanterna. Estávamos perdidos na noite. Era uma questão de tempo adormecermos e ficarmos gelados. Sim, tive medo a valer! Mas também rezei. E senti a presença de Deus...”

Os cães uivavam. Ele seguira na direcção desse ruído e acabara por avistar as janelas iluminadas de uma herdade.

- Devia lá ter parado. Mas lembrei-me da família, imaginei a minha mãe lavada em lágrimas. O

meu pai e irmãos a organizarem uma busca. por isso continuei a viagem. Já vêem como fiquei desapontado quando cheguei a casa e vi tudo às escuras. As portastrancadas. Haviam ido todos para a cama, esquecendo-se completamente de mim. Ninguém compreendeu a minha indignação. O meu pai disse-me: ”Estávamos certos de que passarias a noite na cidade. Caramba, rapaz! Quem diria que farias a burrice de te meteres a caminho no meio de uma tempestade destas?”

O cheiro fermentado a maçãs podres. Macieiras e pereiras, pessegueiros e cerejeiras: o pomar de Mr. Clutter, aquele tão querido conjunto de árvores de fruto que ele próprio plantara. Na sua corrida sem destino, Bobby não tencionara ir até ali, ou a qualquer outra parte da quinta de River Valley. Foi uma coisa inexplicável e quis ir-se embora, mas voltou de novo para junto da casa, branca, sólida e espaçosa. Ela sempre o impressionara e sentia prazer em pensar que a rapariga que namorava vivia ali. Agora, porém, privada dos cuidados dos

falecidos donos, começava a mostrar os primeiros sinais, muito ténues ainda, da decadência. Na alameda jazia caído um ancinho a enferrujar-se; a relva estava manchada e demasiado crescida. Naquele domingo fatídico em que o xerife mandara vir as ambulâncias para levar a família assassinada, estas haviam passado por cima da relva, indo até à porta da entrada, e as marcas dos pneus conservavam-se ainda visíveis.

A casa do trabalhador encontrava-se vazia também; este arranjara cómodos para ele e para a família perto de Holcomb, e ninguém se admirava disso, pois ultimamente, muito embora o tempo se apresentasse radioso, a propriedade dos Clutters a todos se afigurava lúgubre e sombria... porém, ao passar em frente dos currais do gado, junto do palheiro, Bobby ouviu o sacudir da cauda de um animal. Era a *Babe,* a velha e obediente égua malhada de Nancy, com a sua frondosa crina platinada e os olhos roxos como enormes amores-perfeitos. Bobby agarrou-lhe nas crinas e encostou-lhe a cara ao pescoço, tal como Nancy costumava fazer. E a *Babe* relinchou. Ainda no domingo passado, da última

vez que estivera em casa das Kidwell, a mãe de Sue falara na *Babe.* Mrs. Kidwell era uma criatura cheia de imaginação. Encontrava-se à janela a ver o crepúsculo estender-se lá fora por cima dos campos. De repente, sem vir nada a propósito, dissera:

- Susan, sabes o que me parece estar sempre a ver? A Nancy, a cavalo na *Babe*, a dirigir-se cá para casa.

Foi Perry quem primeiro os avistou - dois a pedirem boleia, um rapazinho e um velho, ambos transportando sacolas feitas à mão, e, apesar do vento que fazia um vendaval como é costume no Texas -, vestidos apenas com calças de ganga e camisas de riscado.

- Vamos dar-lhes boleia disse Perry. Dick não concordava lá muito com isso; não por ser contra o facto de se dar boleia, mas porque só gostava de o fazer a quem tivesse aspecto de poder pagar a viagem, ”pelo menos uma percentagem quando metessem gasolina”. Mas Perry, com o seu conhecido altruísmo estava sempre pronto a transportar as pessoas mais miseráveis e estranhas que encontrassem. Dick acedeu por fim em parar o carro.

O garoto, um fedelho entroncado, de olho vivo, falador e desembaraçado para os

seus doze anos, mostrou-se exuberantemente agradecido, mas o velho, de rosto amarelo, entrou com dificuldade para dentro do carro onde se deixou cair em silêncio. O rapaz declarou:

- Estamos muito gratos a vocês porque o Johnny estava mesmo a cair. Não conseguimos ninguém que nos desse boleia desde Galveston.

Perry e Dick tinham passado por esse porto de mar havia uma hora, depois de terem gasto a manhã a tentarem empregar-se nos escritórios marítimos que contratavam marinheiros. Uma companhia oferecia-lhes trabalho num navio-tanque que seguia imediatamente para o Brasil e, àquela hora, podiam ambos ir já pelo mar fora se não se desse a circunstância de nem um nem outro possuírem passaporte nem papéis de identificação. Caso estranho, o desapontamento de Dick foi ainda maior do que o de Perry:

- O Brasil! É lá que andam a construir uma nova capital onde dantes não havia nada. Imaginem só, assistirmos a uma coisa dessas! Aí qualquer palerma pode fazer fortuna!

- Para onde vão vocês? - perguntou Perry ao rapazito. Dirigiam-se para algures, no Texas.

- Cá o Johnny é meu avô. Tem uma irmã que vive em Sweetwater. Pelo menos eu peço a todos os santos que ela ainda lá viva.

Julgávamos que ela vivia em Jasper, no Texas. Mas quando lá chegámos houve quem nos dissesse que se havia mudado para Galvestone. Mas também aí a não encontrámos. Disse-nos uma senhora que ela tinha ido para Sweetwater. Só peço a Deus que ela lá esteja declarou o pequeno, esfregando as mãos do avô, como que para as aquecer. - Estás a ouvir, Johnny? Vamos num belo *Chevrolet com* aquecimento, modelo 1956!

O velho deu uma tossidela, moveu ligeiramente a cabeça e revirou os olhos, tossiu de novo.

Dick inquiriu:

- Diz lá, rapaz. Que tem ele?

É a mudança de clima - retorquiu o pequeno. E a caminhada. Andamos na estrada já desde antes do Natal.

Percorremos a maior parte do Texas. - Com a voz mais natural deste mundo, sempre sem deixar de massajar as mãos do velho, o rapaz informou que, até encetarem a viagem, tinham vivido todos três, ele, o avô e uma tia solteira, numa quinta perto de Shreveport, na Louisiana. Essa tia morrera havia pouco. O Johnny anda adoentado de há um ano para cá e a tia tinha de fazer tudo sozinha, só eu é que a ajudava. Andávamos a rachar lenha para o fogão. A cortar um toro. A certa altura, a tia disse que já não podia mais. Vocês já viram um cavalo que cai para nunca mais se levantar! Eu já vi. pois foi o que aconteceu à minha tia. Poucos dias antes do Natal, o homem a quem o pai dela arrendara a quinta pôs-nos dali para fora - prosseguiu o rapaz. - Foi por isso que resolvemos meter pés a caminho do Texas, à procura de Mrs. Jackson. Eu cá nunca a vi, mas ela é a única irmã do Johnny. E alguém tem de nos acolher. Ele já não vai longe. A noite passada choveu-nos em cima.

O carro parou. Perry perguntou a Dick a razão disto.

- Este homem está muito doente - respondeu Dick.

Bem, e que queres tu fazer-lhe? Largá-lo na estrada?

- Vê se reflectes, ao menos por esta vez.

- Na verdade ainda és mais patife do que eu supunha. Imagina que ele morre?

O garoto observou:

- Não morre nada. Aguentou até aqui, não vai morrer agora! Dick teimava: Imagina que ele morre. Sabes o que nos aconteceria? Éramos interrogados.

- Francamente, quero lá saber! Queres pô-los lá fora? Pelo amor de Deus! - Perry olhou para o inválido, sempre a dormitar, surdo e inconsciente, olhou para o rapazito que lhe sustentou com firmeza o olhar, sem súplicas, ”sem lhe pedir nada”, e Perry

recordou-se do que fora naquela idade, quando andava a vaguear com um velho,

também: - Anda, põe-nos lá

fora, mas nesse caso eu saio!

- O. *K., O. K., O. K.!* - exclamou Dick. - Mas depois não te esqueças de que foi por tua culpa!

Dick engatou o carro e este pôs-se de novo em marcha. Nesse momento o rapaz gritou:

- Pare um momento! e, saltando para o chão, correu ao longo da berma da estrada, parou, curvou-se, e começou a apanhar uma, duas, três, quatro garrafas vazias de coca-cola, voltou a correr para o carro, a sorrir, todo satisfeito, e declarou: - As garrafas dão dinheiro! E, dirigindo-se a Dick prosseguiu: - Olhe, se o senhor quisesse ir devagar garanto-lhe que arranjávamos uma boa maquia. É com isto que eu e o Johnny nos temos sustentado.

Dick achou graça, mas a coisa interessou-o e, quando o rapaz voltou a pedir-lhe que parasse, obedeceu imediatamente. A ordem de parar tornou-se tão frequente que gastaram uma hora a percorrer cinco milhas, mas valeu a pena. O garoto tinha ”uma habilidade dos diabos” para descobrir, na valeta, entre as pedras e o lixo, o brilho escuro das garrafas de cerveja atiradas fora, as outras verde-esmeralda que tinham contido 7-Up ou Canadá Dry. Perry não tardou também a revelar os seus dotes de descobridor de garrafas. A princípio limitava-se a indicar ao rapaz o que avistara; achava pouco digno ir a correr apanhá-las pessoalmente. Aquilo era um ”disparate, mesmo ideias de garotos”. No entanto, a coisa transformou-se numa espécie de caça ao tesouro e ele acabou por tomar uma parte activa naquela busca entusiástica de garrafas vazias. O mesmo sucedeu a Dick, mas esse tomava o caso a sério. por pouco que fosse, aquilo representava uma maneira de fazer dinheiro, pelo menos uns cobres, e tanto ele como Perry bem precisavam disso; os dois não possuíam mais do que cinco dólares.

Agora todos três saltavam do carro, Dick, Perry e o garoto, sem a mínima vergonha, e disputavam amigavelmente os respectivos achados. Certa vez, Dick descobriu um esconderijo de garrafas de vinho e *whisky*, no fundo de um poço, e ficou desolado ao saber que estas nada valiam.

- Eles não compram garrafas de álcool vazias - informou o pequeno. - Até mesmo algumas de cerveja não prestam para negócio. Com essas não perco

tempo. Só guardo as que se vendem de certeza: Dr. Pepper, Pepsi, Cok, White Rock, Nehi.

Dick perguntou-lhe:

- Como te chamas tu?

- Bill - respondeu a criança.

198

- Muito bem, Bill. Sabes imensas coisas.

Caíra a noite, o que obrigara os nossos caçadores a interromper a faina, isso e a falta de espaço, pois haviam recolhido tantas garrafas que o carro não comportava mais. A mala estava cheia, o assento de trás era uma pilha de vidro; o velhote doente quase nem se via, esquecido até pelo próprio neto, sob aquela massa que tilintava ameaçadoramente.

Dick observou:

Tinha piada se tivéssemos um choque.

Um aglomerado de luzes indicava o Novo Motel, que se transformou à vista dos nossos viajantes um impressionante grupo de *chalets*, uma garagem, um restaurante e uma sala de *cocktails.*

Assumindo o comando das operações, o rapaz ordenou a Dick:

- Pare aí. Talvez possamos fazer negócio. Mas deixe-me falar a mim. Já tenho experiência disto.

Eles às vezes querem levar-nos. Perry não conseguia imaginar alguém capaz de ”levar um espertalhão daqueles”, segundo declarou mais tarde.

Ele não teve a mínima vergonha de entrar por ali dentro com toda aquela garrafaria. Eu cá nunca me atreveria, tinha acanhamento. Mas os proprietários do Motel foram simpáticos e riram-se para ele. Ao cabo e ao resto, as garrafas valiam doze dólares e sessenta cêntimos.

O rapaz dividiu o dinheiro por igual, metade para ele e a outra metade para os dois sócios, e declarou:

Sabem uma coisa? Vou encher a barriga, mais o meu velho. Vocês não têm fome?

Como sempre, Dick estava esfomeado. E ao fim de tanta actividade despendida, o mesmo se dava até com Perry. Segundo relatou depois: ”Levei o velho ao colo para dentro do restaurante e sentei-o a uma mesa. O estado dele era o mesmo: um estado tanatóide! Nunca disse uma palavra. Mas só

queria que vissem o que ele metia para o bucho! O garoto mandou-lhe servir panquecas, acompanhadas por duas libras de manteiga e um quarto de melaço. Foi ele que destinou. Para si queria batatas fritas e gelados, mas também ajudou o velho a comer a sua ração. Não sei onde ele meteu tanta coisa!”

Durante o jantar, Dick, que estivera a estudar o mapa, declarou que Sweetwater ficava a cem milhas ou mais para oeste da estrada que seguiam, a qual os levaria através do Novo México e do Arizona, até ao Nevada e a Las Vegas. Muito embora isto fosse verdade, Perry percebeu perfeitamente que o intuito de Dick era ver-se livre do velho e do garoto. Este também assim o compreendeu, mas não se deu por achado e disse delicadamente:

- Não se preocupem connosco. Passa aqui muito carro e alguém nos há-de levar.

Foi acompanhá-los ao automóvel, deixando o avô a devorar nova dose de panquecas. Apertou a mão a Dick e a Perry e desejou-lhes um feliz ano novo. Depois ficou no escuro, a acenar com a mão.

A noite de quarta-feira, 30 de Dezembro, foi memorável para a família do agente A. A. Dewey. Ao recordá-la mais tarde, a mulher deste declarou:

- O Alvin estava a cantar na banheira, ”Rosa Amarela do Texas”. Os garotos viam televisão. E eu andava a pôr a mesa. O jantar ia ser valente. Eu nasci em Nova Orleães e gosto de cozinhar e receber amigos em casa. A minha mãe acabava de nos mandar um caixote de abacates e ervilhas, enfim, uma porção de coisas boas. por isso resolvi: vamos convidar alguns amigos para jantar: os Murray, o Cliff e a Dodie Hope. O Alvin não queria mas eu teimei. Santo Deus!

Este caso podia prolongar-se indefinidamente, e ele não descansara por assim dizer um minuto desde que ele principiara. portanto estava eu a pôr a mesa quando ouvimos o telefone e eu pedi a um dos garotos que fosse atender. Foi o Paul e disse que a chamada era para o papá; respondi: ”Diz-lhe que o pai está a tomar banho”, mas o Paul achava melhor não dizer isso porque se tratava de M r. Sanford e estava a falar de Topeka. Era o patrão do Alvin. O Alvin veio atender só com uma toalha atada à cintura. Eu fiquei furiosa porque ele deixava pingos por todos os lados. Mas quando ia para trazer a serapilheira, vi outra coisa ainda pior: o gato, o malandro do *Pete,* em cima da mesa da cozinha, a devorar a minha salada de camarão. O recheio dos abacates!

”Mas nisto o Alvin veio direito a mim, a abraçar-me, a apertar-me, e eu gritava ”Alvin Dewey, tu estarás louco?” Pode-se ter uma brincadeira, mas ele estava todo a escorrer água e dava-me cabo do vestido, pois já

me preparara para receber as visitas. Mas imaginem o que significava para o Alvin saber que aqueles dois homens tinham sido presos. Em Las Vegas. Disse que ia partir imediatamente para Las Vegas e eu disse-lhe que ao menos vestisse alguma coisa. O Alvin estava muito excitado, no entanto disse: Que maçada, querida, parece-me que te estraguei a festa! Cá por mim acho que não podia haver melhor maneira de estragar uma festa, tanto mais que isso significava que dali a um ou dois dias se daria o regresso à vida normal. O Alvin ria e não calculam como era bom ouvi-lo rir de novo. Quero dizer que as duas últimas semanas tinham sido insuportáveis. Os dois homens

haviam-se lembrado de voltar a Kansas City antes do Natal. Estiveram lá e foram-se embora sem que ninguém os prendesse. Nunca vi o Alvin tão deprimido como depois disso, a não ser quando o nosso filho mais velho esteve no hospital, com encefalite, e pensávamos que íamos ficar sem ele.

”Fui fazer-lhe café e levei-lho ao quarto, onde pensava que ele estivesse a arranjar-se. Mas não. Dei com ele sentado na borda da cama, com a cabeça entre as mãos, como se lhe doesse. Nem sequer calçara ao menos uma meia: ”Que estás tu para aí a fazer? Queres apanhar uma pneumonia?” Ele olhou para mim e disse-me:

”Marie, escuta. Devem ser estes tipos, não há dúvida nenhuma. É a única

solução lógica.” O Alvin é um homem estranho. Da primeira vez que se candidatou a xerife de Finney County, já depois de feita a contagem dos votos e de se saber praticamente que ganhara, não havia a menor dúvida, ainda ele continuava a repetir:

”Bem, só se sabe quando for a última volta!” Até me apetecia estrangulá-lo.

”Eu gritei-lhe: ”Então, Alvin, não comeces com isso. Claro que foram eles!” E ele replicou: ”Mas onde estão as provas? Não podemos provar que eles tenham posto alguma vez os pés em casa dos Clutter!” Mas a mim parecia-me que era precisamente isso que eles melhor podiam provar. Tinham marcas de solas! Não seria isto verdade? porém o Alvin teimava: ”Hão-de valer de uma grande coisa, a não ser que eles ainda andem com as mesmas botas! Marcas de solas sem mais nada não valem um pataco furado!” Eu então respondi: ”Está bem, querido. Bebe o teu café e vou ajudar-te a fazer a mala.” Há ocasiões em que não se pode discutir com o Alvin. Pela maneira de ele falar, eu estava já meio convencida de que o Hickock e o Smith estavam inocentes ou, se o não estavam, nunca confessariam, e se nunca confessassem não poderiam ser condenados. As provas eram apenas circunstanciais. O que mais o preocupava, no entanto, era que tudo isto transparecesse e que os homens viessem a saber a verdade antes que o K. B. I. os interrogasse. Até à data eles estavam convencidos de que haviam sido presos por falta de cumprimento da fiança e por passarem cheques falsos. E Alvin considerava importantíssimo que eles continuassem nessa ilusão. E declarava: ”O nome de Clutter deve cair-lhes em cima de chofre, como um golpe inesperado!”

”O Paul, que eu tinha mandado buscar umas meias do Alvin, ficou-se a ver-me fazer a mala. Queria saber para onde ia o pai. Este pegou nele ao colo e disse-lhe: ”És capaz de guardar um segredo, Paulinho?” Nem era preciso perguntar isso, pois ambos os garotos sabem que não devem falar acerca do trabalho do pai, daquilo que ouvem nas conversas em casa. Então disse ao filho: ”Lembras-te daqueles dois tipos de que andávamos à

procura?

pois bem, já sabemos onde eles estão e agora o paizinho vai buscá-los e trazê-los aqui para Garden City.” Mas o Paulinho começou a choramingar: ”Não faças

isso, papá! Não os tragas para aqui!”

Estava assustado, o que não admira numa criança de nove anos. O Alvin deu-lhe um beijo e disse:

”Não há perigo, Paulinho. Nós não os deixaremos fazer final a ninguém. Eles nunca mais poderão fazer mal seja a quem for!”

nunca

Nessa tarde, às cinco horas e vinte minutos depois de o *Chevrolet* roubado chegar à cidade de Las Vegas, após atravessar o deserto, a longa jornada findou. Mas não antes de Perry ter parado no Correio Geral de Las Vegas, para levantar a enorme caixa de papelão que despachara do México e segurara por cem dólares, soma esta que excedia em grande escala o seu mísero conteúdo composto de óleos solares e calções de riscado, cuecas, camisas usadas e dois pares de botas com fivela prateada. Enquanto esperava Perry cá fora, Dick sentia-se extraordinariamente bem disposto; tomara uma decisão que decerto viria pôr cobro às suas dificuldades presentes e o colocaria num caminho novo, com um novo objectivo em vista. Essa decisão consistia em assumir a personalidade de um oficial da Força Aérea. Tratava-se de um projecto que acalentava havia muito, e Las Vegas era o lugar ideal para o pôr em prática. Escolhera já o nome e a patente do oficial, isto inspirado num antigo conhecimento, um rapaz que era guarda da penitenciária do estado do Kansas: Tracy Hand. Na pele do capitão Tracy Hand, impecavelmente vestido com uma farda feita por medida, Dick tencionava ”correr de ponta a ponta” a rua de Las Vegas onde os casinos nunca fecham. Luxuosos ou rascas, o Sands, o Stardust, tencionava percorrê-los a todos, distribuindo pelo caminho ”uma mão-cheia de papelinhos”. Assinando cheques sem cobertura durante um dia inteiro, esperava recolher três ou quatro mil dólares em vinte e quatro horas. Isto era metade do plano: a outra consistia em desenvencilhar-se de Perry. Dick estava farto dele: da sua harmónica, das suas doenças e padecimentos, das suas superstições, dos seus olhos femininos e lacrimosos, da sua voz rouca e irritante. Desconfiado, com a mania de que tinha sempre razão, cheio de despeitos, parecia uma mulher de quem teria de se separar. E só havia uma maneira: não dizer nada e pôr-se a andar.

Absorvido nos seus planos, Dick não reparou num carro patrulha que passou por ele muito devagar, a observá-lo. Outro tanto sucedeu a Perry, que descia as

escadas do correio com a caixa mexicana sobre o ombro.

202

Os agentes Ocie Pigford e Francis Macauley, entre várias coisas que haviam fixado, lembravam-se da descrição de um *Chevrolet* preto modelo 1956, com placa do Kansas nº JO-16212. Nem Perry nem Dick deram pela presença do carro da polícia que os seguiu, ao deixarem o correio. Com Dick ao volante e Perry a indicar o caminho, percorreram cinco quarteirões na direcção do norte, voltaram à esquerda e pararam em frente de uma palmeira moribunda e de uma tabuleta semiapagada na qual se liam apenas as palavras:

”PENSÃO VIL...”

- É aqui? - inquiriu Dick.

Perry fez que sim com a cabeça, enquanto o carro da polícia parava junto ao deles.

A Divisão de Detectives da cidade de Las Vegas compunha-se de duas salas para interrogatórios - iluminadas a luz fluorescente, medindo dez metros por doze, com as paredes e o tecto de celotex. Em cada um dos compartimentos, além de uma ventoinha eléctrica, uma mesa de metal e cadeiras de dobrar a condizer, havia microfones, gravadores ocultos e um postigo de observação com um dispositivo de espelhos instalado numa das portas. Naquele sábado, o segundo dia do ano de 1960, ambas as salas estavam reservadas para as duas horas da tarde, hora que os detectives do Kansas haviam marcado para a primeira entrevista com Hickock e Smith.

Pouco antes desse momento, os quatro detectives do K. B. I. os agentes Harold Nye, Roy Church, Alvin Dewey e Clarence Duntz encontravam-se no corredor cá fora. Nye estava cheio de febre.

- Em parte era gripe, mas sobretudo sofria de excitação - declarou ele mais tarde a um jornalista. - Mas a verdade é que eu já estava à espera em Las Vegas havia dois dias, tinha tomado o avião logo que a notícia chegara ao nosso quartel-general de Topeka. O resto da equipa, o Al, o Roy e o Clarence vieram depois de automóvel. E fizeram uma viagem tormentosa. Um tempo desgraçado. Passaram a véspera do Ano Novo bloqueados pela neve num motel em Albuquerque. Caramba, quando aqui chegaram mereciam bem um w *hisky* e algumas notícias

satisfatórias. Fui eu quem lhes forneceu as duas coisas. Os nossos patifes haviam ambos assinado uma desistência de pedido de extradição. Melhor ainda: tínhamos em nosso poder as botas, os dois pares, as solas de umas com cinco saliências e as outras com um desenho em estrela, adaptando-se perfeitamente às fotografias em tamanho natural das marcas encontradas na casa dos Clutter. As

botas estavam numa caixa de objectos que os dois rapazes tinham ido buscar ao correio precisamente na altura em que caiu o pano sobre a tragédia. Eu já disse ao Al Dewey: ”Imaginem que os tínhamos agarrado cinco minutos antes!”

”Mesmo assim a nossa acusação era muito duvidosa, capaz de ser reduzida a nada. Mas eu lembro-me de que enquanto esperava no corredor, apesar de me sentir nervoso e febril como o diabo, sentia confiança. O mesmo se dava com os camaradas; sentíamos que estávamos à beira de descobrir a verdade. A minha tarefa, minha e do Church, foi arrancá-la ao Hickock. O Smith ficou para o Al e para o velho Duntz. Nessa altura ainda eu não tinha visto os suspeitos, limitara-me a revistar-lhes a bagagem e a preparar as desistências de extradição.

Nunca tinha posto os olhos em cima do Hickock até ele ser levado para a sala do interrogatório. Julgava-o mais alto e mais moreno. Não um lingrinhas como é. Tinha vinte e oito anos, parecia um garoto esfomeado e era magro como um esqueleto. Vestia camisa azul e calças de ganga, meias brancas e sapatos pretos.

Apertámos a mão um ao outro; a mão dele estava mais seca do que a minha. Limpo, bem educado, com uma voz agradável, boa pronúncia, um tipo mesmo simpático, com um sorriso encantador, de que a princípio fez largo uso.

”Eu disse-lhe: ”Mr. Hickock, eu chamo-me Harold Nye e este senhor é Mr. Roy Church. Somos agentes especiais do Kansas Bureau of Investigation e viemos aqui para falarmos da sua desobediência à fiança. Claro que o senhor não é obrigado a responder às nossas perguntas e tudo o que disser pode ser utilizado contra si.

Tem direito em qualquer altura de exigir a presença de um advogado. Não nos serviremos da força, nem de ameaças, nem lhe faremos promessas.” Ele mostrava-se o mais calmo possível.

-Já sei essa cantiga - respondeu Dick. - Não é a primeira vez que me interrogam.

- Diga-me, Mr. Hickock...

Chame-me Dick.

- Diga lá então, Dick, em que ocupou o seu tempo desde que o libertaram sob fiança. Segundo estamos informados, o senhor fez pelo menos duas largas distribuições de cheques falsos em Kansas City.

- Sim, distribuí por lá alguns.

Poderá fornecer-nos uma lista?

O prisioneiro, sem dúvida orgulhoso por possuir uma memória tão extraordinária, recitou os nomes e direcções de vinte estabelecimentos de Kansas City, cafés e garagens, relatando com 204

todos os pormenores a natureza da ”compra” e indicando o montante do cheque.

- Gostava de saber, Dick, por que razão essa gente aceitava os seus cheques. Gostaria que me explicasse esse segredo.

- O segredo é este: as pessoas são estúpidas. Roy Church respondeu:

- Bravo, Dick. Isso tem muita piada. Mas de momento esqueçamos esses cheques. - Muito embora fale como se tivesse a garganta forrada de cerdas de porco e tenha uns punhos capazes de partir pedras a murro (o que constitui na verdade o seu passatempo favorito), tem havido quem tome Church por um sujeitinho amável, um solteirão rosado e careca. - Dick, gostaria que nos contasse alguma coisa acerca do seu meio familiar.

O prisioneiro satisfez o que lhe pediam. Certo dia quando tinha oito ou nove anos, o pai adoeceu. ”Com um bocado de febre, mas a doença durou meses, durante os quais a família foi sustentada pela assistência pública e pela caridade dos vizinhos, ”de contrário teríamos morrido de fome.” Pondo de parte este episódio, a sua infância fora normal. ”Nunca tivemos muito dinheiro, mas também nunca estivemos na miséria, confessara Hickock. ”Sempre dispusemos de roupa lavada para vestir e de alguma coisa para comer. No entanto, o meu pai era muito severo. Só estava contente quando fazia os outros trabalhar. Mas dávamo-nos bem. Nunca tivemos discussões graves. De resto, os meus pais nunca discutiam. Não me recordo de uma única questão entre eles. A minha mãe

é uma jóia. O meu pai também é um bom tipo. Direi mesmo que ambos fizeram por mim tudo o que puderam. Se fui à escola?”

Dick considerava que teria sido um aluno excepcional se dedicasse aos estudos uma parcela do tempo que gastava com o desporto. ”Futebol, basebol, fiz parte de todas as equipas. A seguir ao liceu, poderia ter entrado para a Universidade, com uma bolsa de estudo do futebol. Queria estudar engenharia, mas mesmo com a bolsa gasta-se muito dinheiro. Não sei como foi, mas julguei mais seguro empregar-me.”

Antes de fazer vinte e um anos, Hickock já trabalhara como operário da via férrea, fora condutor de uma ambulância, pintor de automóveis e mecânico numa garagem; casara também com uma rapariga de dezasseis anos. ”A Carol. O pai dela era padre protestante. Tinha-me um ódio tremendo. Afirmava que eu não prestava para nada. Fez-me todo o mal que pôde. Mas eu era maluco com a Carol. Ainda sou. Ela é uma verdadeira princesa. O diabo é que... tivemos três garotos. Todos rapazes. E éramos novos demais para mantermos três filhos. O mal todo foi ficarmos

a dever tanto dinheiro. Se eu ganhasse mais qualquer coisa... Bem, tentei”.

Experimentara o jogo e depois começara a assinar cheques falsos e a praticar outras formas de roubo. Em 1958 fora condenado por assalto a domicílio. O tribunal de Johnson County condenara-o a cinco anos de prisão na penitenciária do estado do Kansas. Nessa altura já Carol o deixara e ele estava noivo de outra rapariga também de dezasseis anos.

- Era má como o diabo. Ela e toda a família. Divorciou-se de mim quando ainda estava preso. Não me lamento disso. No passado mês de Agosto, quando saí da cadeia, pensava que tinha todas as probabilidades de começar vida nova. Arranjei trabalho em Olathe, fui viver com a minha família e passava os serões em casa. portava-me lindamente...

- Até que chegou o dia vinte de Novembro - interrompeu Nye. Hickock pareceu não compreender. -

Nesse dia deixaste de te portar bem e começaste a distribuir cheques falsos. porquê ?

Hickock suspirou e disse:

- Isso dava um romance. - Depois, enquanto ia fumando um cigarro que Nye lhe oferecera e Church amavelmente lhe acendera, foi dizendo: - O Perry, o meu camarada, Perry Smith, foi liberto sob fiança na Primavera. Mais tarde, quando eu saí, ele escreveu-me. A carta trazia carimbo do Idaho. Vinha lembrar-me o negócio de que havíamos falado tanto. Relativo ao México. A nossa ideia era irmos até Acapulco ou outro lugar semelhante, comprarmos um barco que nós próprios tripularíamos, para alugarmos aos turistas que quisessem pescar no alto mar.

Nye inquiriu:

- E quanto calculavam vocês dar pelo barco?

-Já lá vamos - respondeu Hickock. - Ora ouça. O Perry escreveu-me a dizer que tinha uma irmã que vivia em Fort Scott e lhe devia uns dinheiros. Alguns milhares de dólares. Da chelpa com que o pai lhe ficara, produto da venda de uma propriedade no Alasca. Afirmava-me que vinha ao Kansas para receber a massa.

- E combinaram ambos empregá-la na compra de um barco.

- Exacto.

- Mas nada disso se passou.

- O que se passou foi que o Perry só apareceu talvez dali a um mês. Fui encontrar-me com ele na estação dos autocarros de Kansas City.

- Quando? Em que dia da semana? - interrogou Church.

- Numa quinta-feira.

- E quando foram a Fort Scott?

-Nesse sábado.

- Catorze de Novembro.

Os olhos de Hickock brilharam de surpresa. Via-se que estava perguntando a si próprio como poderia Church estar tanto a par da data; mas imediatamente, visto ser ainda demasiado cedo para levantar suspeitas, o detective acrescentou:

- E a que horas partiram para Fort Scott?

- Nessa mesma tarde. Estivemos a arranjar o meu carro e comemos um prato de chili no Café West Side. Deviam ser umas três horas.

Umas três horas. E a irmã de Perry esperava a vossa visita?

- Não, visto que o Perry perdera a direcção, imagine-se. E ela não tinha telefone.

- Então como conseguiram encontrá-la?

Fomos indagar aos Correios. -Tu?

- Não, o Perry. Disseram-nos que se tinha mudado dali. Fora para o Oregon, julgavam eles. A verdade é que não deixara a morada.

- Vocês ficaram desolados. Depois de estarem a contar com esse dinheiro todo...

Hickock concordou:

- Sim, porque... bem, nós estávamos mais do que resolvidos a ir para o México. De contrário eu nunca teria assinado aqueles cheques. Mas tinha esperança... Escutem, eu estou a dizer a verdade.

Pensava que uma vez no México e a ganhar dinheiro, poderia pagar tudo. Esses tais cheques.

Nye interveio:

- Um momento, Dick. - Nye é um homem baixo, de génio vivo, que tem dificuldade em moderar os seus impulsos, tem uma língua pronta e diz logo tudo o que pensa: Eu gostaria que me explicasses melhor essa tal viagem a Fort Scott - declarou num tom melífluo. - Quando viram que não encontravam a irmã do Perry Smith, que fizeram vocês?

- Demos uma volta por ali. Bebemos uma cerveja e viemo-nos embora.

- Para casa, queres tu dizer?

Não, para Kansas City. Parámos no parque de automóveis Zesto e comemos uns cachorros-quentes.

Depois fomos até à Avenida das Cerejeiras.

Tanto Nye como Church nunca tinham ouvido falar na Avenida das Cerejeiras. Hickock estranhou:

- Estão a brincar? Todos os gajos do Kansas a conhecem.

E ao ver que os detectives continuavam a confessar a sua ignorância, explicou tratar- se de uma zona do parque onde se encontravam quase só prostitutas. - E acrescentou: Mas também lá vão muitas amadoras.

Enfermeiras, secretárias, etc. Eu costumo ter lá muita sorte.

- E nessa noite? Tiveste sorte?

- Foi do pior. Acabámos por arranjar um par de coiros.

- Como se chamavam?

- Mildred. A outra, a do Perry, creio que era Joan.

- Descreve-as lá.

- Deviam ser irmãs. Ambas louras e gordas. Não me recordo bem. Já vê, tínhamos comprado duas garrafas de *cocktail* Flor de Laranja, já preparado, sumo de laranja misturado com *vodka, e* eu estava um bocado grosso.

Demos umas coisas a beber às garotas e levámo-las para o Fun Haven. Calculo que os senhores também não sabem o que é o Fun Haven?

Não sabiam.

Hickock sorriu e encolheu os ombros.

- Fica na Estrada de Blue Ridge. A oito milhas ao sul de Kansas City. Um misto de clube nocturno e motel.

Pagam-se dez dólares pela chave de uma cabana.

Prosseguindo, descreveu a cabana onde afirmava terem estado os quatro: duas camas iguais, um velho calendário com um reclame à coca-cola, um rádio que só trabalhava se lhe enfiassem uma moeda de um quarto de dólar. O seu à-vontade, todas estas explicações, a rápida descrição de tantos pormenores verificáveis, tudo impressionava Nye, muito embora, claro, ele soubesse que o rapaz estava a mentir. Ou não estaria? Ou fosse devido à gripe e à febre ou a uma súbita quebra de confiança, o certo é que Nye sentiu-se de repente coberto de suores frios.

- Na manhã seguinte, ao acordar, verificámos que as tipas nos tinham roubado e se haviam posto ao fresco -

declarou Hickock.

- Eu pouco tinha a perder, mas o Perry ficou sem a carteira que continha quarenta ou cinquenta dólares.

- E que fizeram vocês então? Não havia nada a fazer.

- Podiam ter-se queixado à polícia.

- Não faltava mais nada! Se não sabem fiquem sabendo que um tipo solto sob fiança não tem licença de se embebedar. Nem de acompanhar com os antigos camaradas da choça...

- Tens razão, Dick. Era domingo. Quinze de Novembro. Diz-nos o que fizeram vocês a partir do momento em que saíram de Fun Haven.

- Bem, almoçámos num restaurante de camionagem perto de

Happy Hill. Depois seguimos para Olathe e deixei o Perry no hotel onde se hospedara. Deviam ser umas onze horas. A seguir fui para casa e almocei com a

minha família. Como era costume aos domingos. Fiquei a ver a TV, um jogo de basquetebol, ou talvez fosse futebol. Eu vinha muito cansado. Quando voltaste a ver o Perry Smith?

- Na segunda-feira. Ele foi ter comigo ao emprego, à loja do Bob Sands.

- E de que falaram? Acerca do México?

- Bem, não tínhamos ainda abandonado a ideia, muito embora não dispuséssemos do dinheiro necessário para a pôr em prática. Mas tencionávamos ir para lá e valia a pena correr o risco.

- O risco de outra estadia em Lansing?

- Não supunha essa hipótese. Nunca pensámos em voltar aos Estados Unidos.

Nye, que estivera a gatafunhar notas numa agenda, disse então:

- No dia a seguir àquela chuva de cheques - devia ser no dia vinte e um, - tu e o teu amigo desapareceram.

Vamos, Dick, vais fazer o favor de nos descrever as vossas actividades entre esse dia e a vossa prisão aqui em Las Vegas. Só um apanhado geral.

Hickock assobiou e revirou os olhos:

- Huuu! - exclamou. Depois, apelando para o seu talento e como quem está a fazer uma reconstituição total, começou a narrativa daquela longa jornada, cerca de dez mil milhas, que ele e Smith tinham realizado nas últimas semanas. Falou durante uma hora e vinte e cinco minutos, das duas e cinquenta até às quatro e quinze, referindo-se, enquanto Nye tentava tomar notas na sua agenda, a uma série de auto-estradas, hotéis e motéis, rios, cidades, citando uma infinidade de nomes prestigiosos: Apacbe, El Paso, Corpus Christi, Santillo, San Luis Potosí, Acapulco, San Diego, Dálias, Omaha, Sweetwater, Stillwater, Tenville Junction, Tallahassee, Needles, Miami, Hotel Nuevo Waldorf, Hotel Simone, Arrowhead Motel, Cherokee Motel, e muitos, muitos mais. Disse-lhes também o nome do homem a quem tinham vendido, no México, um velho *Chevrolet* de 1949, e confessou ter roubado um modelo mais recente em lowa. Descreveu pessoas que ele e o sócio haviam conhecido: uma viúva mexicana, rica e provocante; Otto, um ”milionário” alemão; um par de negros lutadores profissionais que viajavam

num ”espada” cor de alfazema; o proprietário cego de uma herdade de cobras cascavéis; um velho moribundo e o seu neto; e muitos outros. No fim, sentou-se de braços cruzados e com um sorriso agradável nos lábios, como se esperasse ser elogiado pela sinceridade, pela graça e Clareza da sua história.

209

porém, Nye, no decorrer da narrativa, fizera voar a caneta sobre o papel, ao passo que Church ia batendo vagarosamente com o punho fechado sobre a palma da outra mão aberta, sem dizer nada, até que de repente exclamou:

- Calculo que saibas a razão por que aqui estamos!

A boca de Hickock endureceu assim como a sua posição.

- Deves imaginar que não percorremos este caminho todo até ao Nevada só para conversar com uma parelha de falsificadores de cheques!

Nye fechara a agenda. Também ele fitava o prisioneiro e observara uma rede de veias que lhe aparecera na têmpora esquerda.

- Achas que sim, Dick? -Acho o quê?

- Que viemos até aqui para falar acerca de uns míseros cheques?

- Não vejo outra razão.

Nye colocou uma marca na agenda e entretanto ia dizendo:

- Diz-me uma coisa, Dick. Já ouviste falar no crime Clutter?

- Acerca deste momento, escreveu ele mais tarde no relatório oficial do interrogatório: ”O suspeito sofreu uma reacção notável. Fez-se verde e começou a tremer com os olhos.”

Hickock exclamou:

- Alto lá. Espere aí! Eu cá não sou nenhum assassino.

- O que eu perguntei rectificou Church - foi se ouviste falar no caso Clutter.

- Devo ter lido qualquer coisa - respondeu Dick.

- Um crime repelente. Repelente e cobarde - disse Church.

- E quase perfeito - acrescentou Nye. - Mas tu cometeste dois erros, Dick. Um foi deixares uma testemunha viva. Que irá prestar declarações no tribunal. Que irá afirmar diante dos jurados que Richard Hickock e Perry Smith amarraram, amordaçaram e assassinaram quatro pessoas indefesas!

A cara de Hickock fez-se muito vermelha:

- Uma testemunha viva? Não pode ser!

- porque julgavas ter acabado com todos?

- Eu não disse nada disso! Ninguém me pode relacionar seja com que crime for. Cheques, uns roubozitos, ainda vá. Mas eu cá não sou assassino!

- Mas então - exclamou vivamente Nye - porque nos estiveste a mentir?

- O que eu disse foi a pura verdade!

- Num ou noutro ponto. Nem sempre. por exemplo, quando falaste na tarde de sábado, catorze de Novembro, disseste que tinhas ido a Fort Scott.

- pois disse.

- E que, uma vez ali, tinham estado nos Correios. Sim.

- A perguntar a direcção da irmã do Perry Smith.

- Exactamente.

Nye ergueu-se. Passou para trás da cadeira de Hickock e colocando as mãos no espaldar desta imclinou-se como se fosse segredar-lhe alguma coisa ao ouvido:

- Perry Smith não tem irmã nenhuma que tivesse vivido em Fort Scott. Nem nunca teve. E nos sábados à tarde os Correios de Fort Scott estão fechados. - Depois acrescentou: - Pensa bem, Dick. por hoje é tudo.

Voltaremos a falar mais tarde.

Depois de haverem despedido Hickock, Nye e Church atravessaram o corredor e, espreitando pelo postigo de observação instalado na porta da sala, ficaram a observar o interrogatório de Perry, uma cena muda para eles.

Nye, que via Smith pela primeira vez, sentia-se fascinado pelos pés dele, pelo facto de as suas pernas serem tão curtas que os pés, do tamanho dos de uma criança, não conseguiam pousar no chão. A cabeça de Smith, de cabelos lisos como os de um índio - uma mistura de irlandês e índio, de feições descaradas - recordavam-lhe a bela irmã do suspeito, Mrs. Johnson. porém, este homem-criança mal constituído nada tinha de bonito: a ponta rosada da sua língua, que lhe espreitava da boca, lembrava a de um lagarto. Naquele momento fumava um cigarro e pela calma das fumaças que exalava via-se estar ainda ”virgem”, quer dizer, que não fora ainda informado da finalidade da entrevista.

Nye tinha razão, porque Dewey e Duntz, pacientes por dever de ofício, haviam, pouco a pouco, circunscrito a história da vida do prisioneiro aos acontecimentos das últimas sete semanas, até à recapitulação daquele crucial fim-de-semana de sábado ao meio-dia à mesma hora de domingo, 14 a 15 de Novembro. Depois de passarem três horas a preparar o caminho, já não estavam longe do fim.

Dewey disse então:

- Perry, vamos lá analisar a tua posição. Quando te libertaram sob fiança foi com a condição de não voltares ao Kansas.

- O estado do Girassol.1 Não me consolava disso.

- Se assim era porque te foste embora? Devias ter tido uma razão muito forte.

1. Nome dado ao tstado do Kansas. *(N da T.)*

-Já lhe disse. Foi para ir procurar a minha irmã. Para receber o meu dinheiro que ela lá tinha.

- Oh, sim. A irmã que tu e o Hickock queriam encontrar em Fort Scott. Perry, a que distância fica Fort Scott de Kansas City?

Smith sacudiu a cabeça. Não sabia.

- Bem, que tempo levaram a chegar lá? Nada de resposta.

- Uma hora? Duas? Três? Quatro? O preso disse que não se lembrava.

- Claro. Não te lembras porque nunca na tua vida foste a Fort Scott.

Até então nenhum dos detectives pusera em dúvida qualquer afirmação de Perry. Este inteiriçou-se na cadeira e, com a ponta da língua, humedeceu os lábios.

- A verdade é que nada do que disseste é verdade. Nunca puseste os pés em Fort Scott. Vocês nunca se encontraram com duas raparigas nem as levaram para nenhum motel...

- Isso é que levámos. Não estou a brincar.

- Como se chamavam?

- Não lhes perguntei.

- Tu e o Hickock passaram a noite com essas duas mulheres sem lhes perguntarem o nome?

- Eram apenas duas prostitutas.

Diz-nos o nome do motel.

- Perguntem ao Dick. Eu cá nunca me lembro dessas bagatelas. Dewey voltou-se para o colega:

- Clarence, acho que são alturas de lhe darmos uma sacudidela! Duntz curvou-se para a frente. Tinha a corpulência de um

peso-pesado e a agilidade de um lutador, porém os seus olhos eram velados pelas pálpebras descidas e preguiçosas. Falava com voz pausada, formando cada palavra lentamente e pronunciando-as com um sotaque arrastado:

- pois claro. Já não é sem tempo.

- Escuta bem, Perry. Mr. Duntz vai dizer-te onde estavas e o que fizeste.

Duntz declarou:

- Foste matar a família Clutter.

Smith engoliu em seco e começou a friccionar os joelhos.

- Estavas em Holcomb, no Kansas. Em casa de Mr. Herbert W. Clutter. E antes de saíres dela mataste toda a gente que lá se encontrava.

- Nunca! Isso nunca!

O que é que tu nunca fizeste?

- Nunca conheci ninguém com esse nome, Clutter.

Dewey chamou-lhe mentiroso e depois, puxando de uma carta que os quatro polícias haviam previamente combinado guardar para o fim, exclamou:

- Nós temos uma testemunha, Perry. Houve uma pessoa que vocês não viram.

Decorreu um minuto e Dewey regozijou-se com o silêncio de Smith, porque um inocente teria perguntado logo quem era essa testemunha, quem eram esses Clutters e porque imaginavam ter sido ele o seu assassino. De qualquer modo teria dito fosse o que fosse. Mas Smith ficou calado, a apertar os joelhos.

- Então, Perry?

- Tem uma aspirina? Tiraram-me as minhas. Dói-te alguma coisa?

- Doem-me as pernas.

Eram cinco e meia. Dewey, intencionalmente brusco, terminou a entrevista, dizendo:

- Bem, continuaremos a entrevista amanhã. A propósito acrescentou. - Sabes que dia é amanhã? O

aniversário de Nancy Clutter. Ia fazer dezassete anos.

”Ia fazer dezassete anos.” Perry, desperto na madrugada, cogitava (segundo mais tarde recorda) se seria realmente aquele o dia de aniversário da rapariga, e concluiu que se tratava de mais um truque para o desmoralizar, como aquela idiotice da testemunha, ”uma testemunha viva”. Não era possível. Ou quereriam eles dizer... Se ao menos pudesse conversar com o Dick! Mas tinham-nos separado: Dick estava numa cela de outro andar. ”Escuta, Perry. Mr. Duntz vai dizer-te onde realmente estiveste...” A meio do interrogatório, depois de reparar na quantidade de alusões a um certo fim-de-semana de Novembro, preparara-se para o que desse e viesse. No entanto, quando chegou a altura, quando aquele enorme *cowboy* com a sua voz sonolenta lhe declarou: ”Tinhas ido matar a família Clutter”, quase se sentira morrer. Pronto! Devia ter perdido dez libras de peso em dois segundos. Graças a Deus nada dera a perceber. Ou pelo menos assim o esperava. E o Dick?

Provavelmente haviam-lhe pregado a mesma partida. Dick era esperto, um actor consumado, mas a coragem dele não era de inspirar confiança, assustava-se facilmente. Mesmo assim, e por mais que o apertassem, Perry tinha a certeza de que Dick se aguentaria. A não ser que estivesse disposto a deixar-se enforcar ”E antes de saíres daquela casa mataste toda a gente que lá se encontrava.” Não se admirava de que todos os antigos reclusos do Kansas tivessem ouvido aquelas

palavras. Deviam ter interrogado centenas de homens e sem dúvida acusado dezenas deles: ele e o Dick eram apenas mais dois. por outro lado... ora vejamos: Teriam mandado do Kansas quatro agentes especiais a mil milhas de distância para deitar a mão a um par de míseros transgressores da fiança? Talvez, efectivamente, tivessem descoberto qualquer coisa ou alguém... ”Uma testemunha viva”. Mas isso era impossível. A não ser que... Daria um braço ou uma perna para poder falar com o Dick a sós durante alguns instantes.

E este, acordado na sua cela no andar abaixo daquele, sentia-se (segundo mais tarde veio a afirmar) igualmente desejoso de conversar com Perry, para descobrir o que aquele idiota lhes dissera. Santo Deus! Não se podia ter confiança nele, nem sequer para se lembrar das linhas gerais daquele álibi do Fun Haven, muito embora o tivessem discutido vezes sem conta. E quando aqueles filhos-da-mãe o ameaçaram com uma testemunha! Apostava a cabeça em como aquele palerma acreditara na existência dessa testemunha ocular! Ao passo que ele, Dick, vira logo quem era a tal famosa testemunha: o Floyd Wells, o seu ex-amigo e

companheiro de cela. Quando estava a cumprir as últimas semanas da pena, Dick projectara apunhalar o Floyd, espetar-lhe o coração com uma

”naifa” feita por ele. E que louco fora em não ter levado por diante esse projecto! Com excepção de Perry, Floyd Wells era o único ser humano capaz de ligar os nomes de Hickock e Clutter. Floyd, com os seus ombros descaídos e queixo metido para dentro, parecia a Dick demasiado medroso para o acusar. Aquele grande safado devia esperar grande recompensa: a libertação sob fiança ou dinheiro, ou então ambas as coisas. O palavreado de um preso não constituía prova. Provas são pegadas, impressões digitais, testemunhas, uma confissão. Que diabo! Se esses estúpidos *cowboys* não dispunham de mais nada além da história contada pelo Floyd Wells, não tinha razão para se preocupar. Bem vistas as coisas, o Floyd não era tão perigoso como o Perry. Este, se acaso perdesse a cabeça e se descosesse, podia muito bem levá-lo ao ”canto”. E, de repente, compreendeu: era o *Perry* que ele devia ter feito calar! Numa estrada de montanha no México, ou quando seguiam a pé no meio do deserto de Mojave. porque não se lembrara disso antes? Agora...

agora era demasiado tarde.

Finalmente, às três e cinco da tarde, Smith admitiu ser falsa a história da viagem a Fort Scott. ”Isso foi uma patranha que o Dick inventou para contar à família, de modo a poder passar 214

a noite fora e beber umas coisas. Bem vêem, o pai do Dick andava sempre em cima dele, com medo de que transgredisse a fiança. por isso arranjámos aquela desculpa da minha irmã. Só para intrujar Mr. Hickock.” De resto, repetiu a história vezes sem conta e por mais que Duntz e Dewey o obrigassem a contá-la não conseguiram que a alterasse; apenas lhe acrescentava novos pormenores. Os nomes das prostitutas, lembrara-se de repente, eram Mildred e Jane (ou Joan). ”Comeram-nos as papas na cabeça”, recordava. ”Levaram-nos a massa toda enquanto estávamos a dormir”. E, muito embora até o próprio Duntz tivesse perdido a compostura

- ao despir o casaco e ao tirar a gravata abandonara-o um pouco da sua sonolenta dignidade -, o suspeito continuava sereno e tranquilo; não saía dali. Nunca ouvira falar nos Clutters, ou em Hoicomb ou mesmo em Garden City. Do outro lado do átrio, no gabinete cheio de fumo onde Hickock estava sendo sujeito ao segundo interrogatório, Church e Nye aplicavam-lhe uma táctica mais eficaz.

Durante esta entrevista que se prolongava havia quase três horas, nenhum deles mencionara ainda a palavra assassínio, omissão esta que mantinha o preso numa expectativa enervante. Discutiram tudo: a filosofia religiosa de Hickock (”Sei que existe o Inferno.

Já lá estive. Talvez também exista um Paraíso. Há muito quem acredite nele”); a sua história sexual (”Procedi sempre como um homem cem por cento normal”) E, mais uma vez, fez a narrativa da odisseia de ambos através de todo o país (”A única razão de andarmos de um lado para o outro era querermos arranjar trabalho”).

porém o centro do interesse era aquilo que não se mencionava, aquilo que tornava Dick assim nervoso e preocupado. Até que fechou os olhos e pousou sobre as pálpebras os dedos trémulos. Então Church inquiriu:

- Sentes-te mal?

- Dor de cabeça. Costumo tê-las realmente fortes. Church ordenou:

- Olha para mim, Dick!

Hickock obedeceu com uma expressão que o detective interpretou como um pedido para dizer qualquer coisa, acusar, colocá-lo na posição defensiva da negação sistemática.

- Quando discutimos ontem o assunto, lembras-te de eu ter dito que o caso Clutter fora quase um crime perfeito? Mas os assassinos cometeram dois erros. O primeiro foi terem deixado uma testemunha. O

segundo... bem, vou-te mostrar. - Levantou-se, foi a um canto buscar uma caixa e uma pasta, objectos esses que trouxera para o gabinete logo no princípio do interrogatório. Da pasta, tirou uma enorme fotografia, declarando ao pousá-la sobre a mesa:

- Isto é uma reprodução em tamanho natural das marcas de solas encontradas junto do corpo de Mr. Clutter. E

isto abriu a caixa - são as botas que a fizeram. As tuas, Dick.

Hickock, depois de olhar desviou a vista. Apoiando os cotovelos nos joelhos, pousou a cabeça nas mãos.

- O Smith acrescentou Nye - foi ainda mais descuidado. Estamos em posse das botas dele, que correspondem perfeitamente às outras que têm manchas de sangue.

E Church rematou:

- O que te vai suceder é o seguinte, Hickock. Vamos levar-te para o Kansas. Vais ser acusado do assassínio em primeiro grau de quatro pessoas. Primeira acusação: no dia 15 de Novembro de 1959, um tal Richard Eugene Hickock assassinou, com premeditação e requintes de malvadez, Herbert W.

Clutter. Segunda acusação: o citado Richard Eugene Hickock, no mesmo dia 15 de Novembro de 1959...

Então Hickock declarou:

- Quem matou os Clutters foi o Perry Smith! - ergueu a cabeça e, lentamente, endireitou o corpo todo na cadeira, como um lutador que faz um esforço para se manter de pé. - Foi o Perry Smith. Não consegui dominá-lo. Matou-os a todos.

A empregada dos correios, Mrs. Clarc, que fora tomar um café no intervalo do serviço ao Hatman's Café, queixou-se de que o rádio estava muito baixo e pediu:

- Aumente o som.

O aparelho estava sintonizado para a estação de Garden City, Rádio KIUL, e Mrs. Clarc ouviu esta frase: "...depois de ter confessado por entre dramáticos soluços, Hickock saiu da sala dos interrogatórios e desmaiou no átrio. Os agentes do K. B. I. levantaram-no do chão. Declararam eles que, segundo as afirmações de Hickock, ele e Smith tinham penetrado na casa dos Clutter na esperança de encontrarem um cofre contendo pelo menos dez mil dólares. Mas tal cofre não existia e então eles amarraram todos os membros da família e mataram-nos a tiro um por um. Smith não confirmou nem negou ter tomado parte no crime. Ao ser-lhe participado que Hickock assinara uma confissão, Smith dissera: "Muito gostava de ler as declarações do meu companheiro." porém o seu pedido foi indeferido. A polícia recusa-se a revelar se foi Hickock ou Smith quem na verdade disparou os tiros. Acentuaram que a afirmação representava

simplesmente a versão de Hickock. O

pessoal do K. B. I, que regressa ao Kansas de automóvel levando consigo os dois acusados, 216

já abandonou Las Vegas. Espera-se que chegue a Garden City na quarta-feira ao fim da tarde.

Entretanto, o *attorney* do condado, Duane West...”

- Um por um! - exclamou Mrs. Hartman. - Imaginem só. Não me admira nada que o patife tenha desmaiado.

Outras pessoas presentes, como a Mrs. Clarc, Mabel Helm e um jovem e alentado camponês, que entrara para comprar um pacote de tabaco de mascar Brown’s Mule, começaram a murmurar em voz baixa. Mrs. Helm limpava os olhos ao pano da loiça e declarava:

- Não quero ouvir mais. Não posso nem quero!

”...a notícia pouca reacção produziu na cidade de Holcomb, a meia milha de distância da casa dos Clutters. De um modo geral, os habitantes da comunidade, que se compõe de duzentos e setenta habitantes, exprimiram o seu alívio...”

O jovem camponês observou, irritado:

- Alívio! Sabem o que fez a minha mulher quando ontem à noite ouvimos a notícia na televisão?

Pôs-se a chorar como uma criancinha.

- Calem-se, estão a falar em mim! - exclamou Mrs. Clarc.

”...e a empregada dos correios de Holcomb, Mrs. Myrtle Clarc, declarou que os cidadãos se sentem satisfeitos por ver este caso terminado, mas que há ainda quem imagine haver mais gente envolvida nele. Afirmou que muitas pessoas conservam ainda as portastrancadas e as espingardas a postos...”

Mrs. Hartman desatou a rir:

- Oh, Myrtle, a quem disseste tu estas coisas?

- A um repórter do *Telegram.*

Quase todos os homens das relações de Mrs. Clarc a tratavam como se ela fosse um homem também. O camponês deu-lhe uma palmada nas costas e exclamou:

- Caramba, Myrtle! Ena pá! Então ainda pensas que algum de nós, qualquer pessoa daqui, possa ter alguma coisa a ver com isto?

Era precisamente o que ela pensava e, muito embora mais ninguém partilhasse tal opinião no início, isso não sucedia agora, porque a maior parte da população de Holcomb, tendo vivido durante sete semanas no meio dos boatos mais contraditórios, de suspeitas e desconfianças, parecia desapontada ao saber que o assassino não era ninguém dali. Na verdade, uma grande percentagem de pessoas recusava-se a acreditar no facto de os únicos responsáveis pelo crime haverem sido dois desconhecidos, dois ladrões totalmente estranhos ao meio. Mrs. Clarc, observava agora:

-Talvez fossem esses dois tipos. Mas aí deve haver mais qualquer coisa. Esperem e verão. Algum dia hão-de descobrir o fundo ao saco e então saber-se-á quem estava por detrás de tudo. Aquele a quem convinha ver-se livre do Clutter. O *cérebro* de tudo isto!

Mrs. Hartman suspirou. Desejava que a Myrtle estivesse enganada. Mrs. Helm declarou:

- O que eu espero é só isto: que os ponham o mais depressa possível atrás das grades. Não me sinto tranquila enquanto souber que estão aqui perto.

- Oh, acho que não tem razão para receios observou o lavrador. - Neste momento esses dois gajos devem ter muito mais medo de nós do que nós temos deles!

Numa auto-estrada do Arizona segue uma caravana composta por dois automóveis que percorre a toda a velocidade aquela planície coberta de salva-a ”mesa” povoada de mochos, de cobras cascavéis e semeada de altas rochas vermelhas. É Dewey quem vai ao volante, com Perry Smith a seu lado e Duntz no assento de trás.

Smith segue algemado e as algemas estão presas a um cinto de segurança por uma corrente curta, um dispositivo de tal ordem que ele nem sequer pode fumar sem ajuda. Quando pede um cigarro, Dewey tem de lho acender e meter-lho entre os lábios, trabalho este que o detective considera ”nojento”, por o considerar um acto íntimo - coisa que só fazia quando namorava a mulher.

De um modo geral, o preso não faz caso dos guardas e das suas ocasionais tentativas no sentido de o apanhar em falso, repetindo-lhe trechos da confissão gravada de Hickock, que durara uma hora.

”Ele diz que tentou opor-se a você, Smith, mas que o não conseguiu. Receava levar também um tiro.” Ou então: ”Sim, Perry. O culpado de tudo é você. O Hickock afirma ser incapaz de fazer mal a uma mosca.”

Nada disto, pelo menos exteriormente, perturba Smith. Continua a contemplar o cenário, a ler os anúncios, a contar as carcaças dos coiotes mortos a tiro que ornamentavam as vedações dos ranchos.

Dewey, sem esperar qualquer reacção especial, disse:

- O Hickock afirmou-nos que eras um assassino nato. Que essas coisas para ti são como beber um copo de água. Contou-nos que, certo dia, em Las Vegas, tinhas morto um preto com uma corrente de bicicleta, à

pancada, só por prazer.

Com grande surpresa de Dewey, o preso sobressaltou-se. Torceu-se no assento até poder avistar, através do vidro traseiro o segundo carro da caravana e quem ia lá dentro:

- O valentão! - exclamou. Voltando-se de novo, ficou a contemplar a fita negra da auto-estrada deserta. -

Pensei que se tratasse de uma armadilha, essa história de o Dick ter dado à língua. O valentão! Oh, um tipo realmente duro! Com que então ele não faz mal a uma mosca! Mas atropela os cães! - deu uma cuspidela. - Eu cá nunca matei nenhum preto. - Duntz concordou, pois tendo estudado todos os casos por resolver relativos a pessoas desaparecidas em Las Vegas, sabia Perry inocente

deste crime. Nunca matei pretos na minha vida.

Ele julgava que sim, aí é que está. Sempre pensei que se acaso fôssemos apanhados, se algum dia o Dick acabasse por falar, pondo tudo a claro, iria logo contar a história do preto. Cuspiu de novo Então o Dick teve medo de mim? Tem piada. Tem mesmo um piadão! O que ele não sabe é que estive mesmo para lhe pregar um tiro!

Dewey acendeu dois cigarros. Um para ele outro para o preso:

Conta lá isso, Perry.

Perry pôs-se a fumar de olhos fechados e explicou:

- Deixem-me pensar. Quero recordar-me bem de tudo tal e qual se passou. - Calou-se durante um bom bocado.

- Bem, isto começou com uma carta que recebi em Buhl, no Idaho. Foi em Setembro ou Outubro. A carta era do Dick e dizia nela que tinha em vista um projecto que era mesmo canja. Garantido. Não lhe respondi mas escreveu outra vez, pedindo-me com insistência que voltasse ao Kansas para trabalharmos de sociedade.

Nunca disse que espécie de trabalho tinha em mente. Apenas que era uma coisa ”garantida”. Acontecia que eu tinha outra razão para desejar vir ao Kansas nessa altura. Um assunto pessoal que nada tem a ver com este caso e que, de momento, prefiro não revelar. Só falo nele porque, de contrário, nunca cá teria vindo. Mas vim.

E o Dick foi esperar-me à estação de Kansas City. Fomos para a quinta dele, a quinta dos pais. Mas eles não me queriam lá. Eu sou muito sensível e habitualmente percebo logo os sentimentos das pessoas. Como sucede com o senhor. - Referia-se a Dewey, mas sem olhar para ele. - O senhor detesta dar-me um cigarro. Está no seu papel. Não o censuro. Como também não censuro a mãe do Dick. Na verdade é até muito simpática. Mas ela sabia quem eu era, um amigo da choça e não me queria em sua casa. Santo Deus, fiquei satisfeito por sair dali e ir para um hotel, em Olathe. Comprámos umas cervejas e levámo-las para o quarto e foi aí que Dick me expôs o que idealizara. Contou-me que, depois de eu ter saído de Lansing, estivera numa cela juntamente

com um tipo que trabalhara em tempos para um rico plantador de trigo no Kansas Ocidental, Mr. Clutter. Dick fez-me um esquema da casa do Clutter. Sabia onde ficava tudo: portas, vestíbulos, quartos de dormir. Disse que um dos compartimentos do rés-do-chão era utilizado como escritório e que havia lá um cofre, metido na parede. Informou-me de que Mr. Clutter precisava dele porque tinha sempre à mão grandes somas de dinheiro em notas. Nunca menos de dez mil dólares. O projecto era roubar o cofre e, se acaso alguém nos visse, bem, quem quer que nos visse tinha de desaparecer. Dick deve ter-me dito isso um milhão de vezes: ”Não pode haver testemunhas.” Dewey observou:

- Quantas testemunhas julgava ele que encontraria? Isto é, quantas pessoas esperava que houvesse na casa dos Cluters?

- Isso também eu quis saber, mas ele não tinha a certeza. Quatro, pelo menos. Provavelmente seis. Era possível que houvesse hóspedes. Achou que devíamos ir preparados para enfrentar doze.

Dewey resmungou qualquer coisa, Duntz deu um assobio, e Smith, com um sorriso amarelo, acrescentou:

- Eu também achei que era exagero. Doze pessoas. Mas Dick garantiu-me que era canja. Afirmou-me: ”Até

nas paredes havemos de deixar cabelos agarrados”. Eu estava com uma tal disposição de espírito que me deixei levar imediatamente. Mas, para dizer a verdade, também tinha confiança no Dick. Julgava-o um espírito prático, muito másculo, e eu precisava tanto do dinheiro como ele. Queria-o para ir até ao México. Mas esperava consegui-lo sem violência. Achava que isso seria possível se levássemos máscaras. Discutimos a coisa. No caminho para cá, para Holcomb, quis parar para comprar umas meias pretas que enfiaríamos na cabeça. Mas o Dick foi de opinião que, mesmo com as meias, poderíamos ser identificados. por causa do olho torto dele. Mesmo assim fomos a Emporia...

Duntz interrompeu:

- Espera aí, Perry. Estás a passar à frente. Voltemos a Olathe. A que horas saíram de lá?

- Uma hora. Uma e meia. Partimos logo depois do almoço e fomos até Emporia. Aí comprámos luvas de borracha e um rolo de corda. A faca, a carabina e as balas, isso trouxera o Dick de casa. Mas não quis ir à

procura das meias pretas. Chegámos a zangar-nos por causa disso. Perto de Emporia, passámos por um hospital católico e eu convenci-o a parar e a ir lá dentro ver se as freiras seriam capazes de nos vender umas meias pretas. Eu sabia que elas costumavam usá-las. Mas entrou só para me enganar.

Voltou e disse-me que não tinham querido vendê-las. Eu tinha a certeza de que ele nem sequer tentara; confessou-me que achava a minha ideia disparatada, que as freiras haviam de julgar que ele estava doido. por isso não voltámos a parar até Gread Bend. Foi aí que comprámos o adesivo. Jantámos lá, num jantar formidável. Fez-me sono. Quando acordei estávamos a chegar a Garden City. Tive e impressão de entrar numa terra morta. Parámos numa bomba para meter gasolina...

Dewey perguntou se ele se lembrava de qual era a bomba.

Acho que foi numa Phillips 66.

-A que horas?

- Cerca da meia-noite. Dick afirmou que Holcomb ficava a sete milhas dali. Durante o resto do caminho foi a falar sozinho, a dizer que devia ser ali, que não podia deixar de ser ali... segundo as instruções que fixara na memória. Mal dei pela passagem em Holcomb. É uma terra muito pequenina. Atravessámos uma passagem de nível. De súbito, Dick exclamou: ”É aqui. Tem de ser aqui mesmo!” Via-se o começo de uma estrada particular, ladeada de árvores. Fomos andando devagarinho, com as luzes apagadas. Não eram precisas, com tanto luar. O céu estava completamente limpo. Nem uma nuvem. Era Lua Cheia. Quando entrámos na estrada, parecia dia claro. E então o Dick exclamou: ”Olha-me só para o comprimento desta quinta! Estes estábulos!

Esta casa! Não me digas que o tipo não tem massa com fartura! Contudo, eu não gostei do ambiente, achei-o demasiado impressionante. Parámos o carro à sombra de uma árvore. Enquanto estávamos ainda sentados dentro do carro, acendeu-se uma luz, não na casa principal, mas numa outra que deve ficar talvez

a cem metros para a esquerda. Dick pensava que seria a casa do trabalhador da quinta; sabia isso por causa do esquema que tinha feito. Mas achava que era muito mais perto da casa do Clutter do que imaginara. Depois a luz apagou-se. M r. Dewey... essa testemunha de que falou... era o trabalhador?

- Não. Esse não ouviu nada. A mulher estava a tratar de um filho doente. Ele disse que andaram levantados toda a noite.

- Um filho doente? Bem, talvez fosse isso. Enquanto estávamos sentados no carro, a coisa repetiu-se, a luz voltou a acender-se e a apagar-se. E isso assustou-me deveras. Disse ao Dick que não contasse comigo. Se estava resolvido a ir até ao fim, teria de se arranjar sozinho. Ele pôs o carro a andar e eu pensei: graças a Deus!

Sempre me fiei nas minhas intuições e isso salvou-me a vida por mais de uma vez. porém, a meio caminho da estrada, o Dick parou. Estava danado. Era como se eu lesse no seu pensamento: Então eu planeei este golpe tão bem, fizemos uma viagem

tão longa e agora este safado quer meter-me medo! E disse: ”Tu deves julgar que eu não tenho coragem para fazer a coisa sozinho. Mas hei-de mostrar-te, diabos te levem, quem é que tem coragem.” Levávamos uma garrafa no carro. Cada qual bebeu uns tragos e eu então disse-lhe: ”Está bem, Dick. Eu ajudo!” Voltámos pois para trás. Parámos onde tínhamos estado antes, à sombra de uma árvore. Dick calçou as luvas: eu já tinha posto as minhas. Ele levava a faca e uma lanterna eléctrica, eu a carabina. A casa tinha um aspecto terrível ao luar. Parecia abandonada. Recordo-me de ter desejado que não se encontrasse ninguém lá dentro...

Dewey interrompeu:

- Mas viram um cão? -Não.

- Eles tinham um velho cão que fugia das espingardas. Nunca compreendemos por que razão ele não ladrou. A não ser que tivesse visto a carabina apontada.

- Bem, nós não vimos nada nem ninguém. Foi por isso que não acreditei nessa história da testemunha ocular.

- Não se trata de uma testemunha ocular. Testemunha, simplesmente. Alguém cujas afirmações o relacionam com o Hickock neste caso.

- Oh, hum, hum! Foi ele! E o Dick sempre a dizer que não era capaz disso, que tinha medo! Ah!

Duntz, que não queria diversões, lembrou-lhe:

- O Hickock tinha a faca e tu a carabina. Como é que entraram em casa?

- A porta não estava fechada. A porta lateral dava entrada para o escritório de Mr. Clutter. Ficámos aí a esperar, às escuras, de ouvido à escuta. Mas só se ouvia o vento. Fazia um certo vento lá fora. As árvores agitavam-se e ouvíamos bulir as folhas. A única janela tinha gelosia, mas o luar coava-se através dela. Eu fechei bem as gelosias e o Dick acendeu a lanterna. Vimos a secretária. O cofre devia estar na parede mesmo por detrás desta, mas não conseguíamos descobri-lo. A parede era apainelada e tinha prateleiras de livros e mapas encaixilhados, e eu vi numa estante um esplêndido binóculo. Resolvi levá-lo comigo ao partir.

- E levaste? - inquiriu Dewey, pois o binóculo não fazia parte da lista dos objectos desaparecidos da casa.

Smith acenou com a cabeça:

- Vendemo-lo no México.

- Desculpa, continua.

- Então, visto não conseguirmos descobrir o cofre, Dick apagou a lanterna e saímos do escritório, atravessando um compartimento

e depois a sala comum. Dick ordenou-me em voz baixa que fizesse menos barulho a andar. Mas ele fazia tanto como eu. Cada passo ressoava que eu sei lá. Chegámos a um átrio com uma porta, e Dick, recordando-se da planta da casa, afirmou que era um quarto. Acendeu a pilha e abriu a porta. Um homem disse: ”Querida!”

Estava a dormir e abriu os olhos piscos, dizendo outra vez: ”És tu, querida?”

Então Dick perguntou-lhe: ”O

senhor é o Clutter?” Ele acordou por completo e respondeu: ”Quem é você? Que está a fazer aqui?” Dick declarou-lhe, muito delicadamente, como se fossem dois negociantes e bons vizinhos que estivessem a conversar: ”Preciso de falar com o senhor. Preferia que fosse no escritório.” Mr. Clutter, descalço e em pijama, foi connosco para o escritório e abriu as luzes.

”Até essa altura não tinha conseguido ver-nos bem. Acho que aquilo que observou lhe causou muita impressão. O Dick começou: ”O que lhe queremos pedir é que nos diga onde está esse cofre.” Mas Mr. Clutter interrompeu: ”Qual cofre?” E disse que não tinha cofre nenhum. Eu vi logo que ele estava a dizer a verdade.

Mas o Dick pôs-se a gritar: ”Não minta, seu filho de uma cabra! Eu sei perfeitamente que você tem um cofre!”

Compreendi que nunca ninguém tinha falado naquele tom a Mr. Clutter. Ele porém limitou-se a olhar para Dick bem de frente e a dizerlhe com muito bons modos que desculpasse mas não tinha cofre nenhum. O Dick pôs-se a bater-lhe com a faca no peito e a dizer: ”Mostre-nos lá onde está o cofre, senão vai arrepender-se.”

Contudo Mr. Clutter embora se visse que estava assustado, mas sempre com a voz serena e firme, continuou a afirmar que não tinha cofre nenhum.

”A certa altura reparei no telefone, o do escritório, e arranquei os fios. Perguntei a Mr. Clutter se não havia mais telefones na casa. Ele respondeu que sim, havia outro na cozinha, que ficava bastante longe do escritório.

Quando dei com ele, retirei o auscultador do descanso e cortei os fios com um alicate. Voltei para trás e nessa altura ouvi um barulho, uns estalidos lá em cima. Parei ao fundo das escadas que levavam ao segundo andar.

Estava escuro e não me atrevi a acender a lanterna, mas iria jurar que estava ali alguém. Ao cimo das escadas, recortado no vão claro da janela, via-se um vulto. Depois desapareceu.”

Dewey calculou que devia tratar-se de Nancy. Imaginara muitas vezes, partindo do relógio escondido na biqueira do sapato dentro do armário dela, que Nancy

devia ter acordado, sentindo que havia gente em casa, e, pensando tratar-se de ladrões, tratara de esconder o relógio, a coisa de maior estimação que possuía.

223

- Nesse momento - prosseguiu Smith - lembrei-me de que podia tratar-se de alguém armado, mas o Dick não fazia caso do que eu lhe dizia. Entusiasmara-se com o seu papel de ”valentão” e dava ordens a Mr. Clutter. Fizera-o voltar ao quarto de dormir e estava a contar o dinheiro que ele tinha na carteira. Quando muito uns trinta dólares. Atirou com a carteira para cima da cama e afirmou: Deve ter mais dinheiro cá em casa, um homem rico como o senhor, que vive numa quinta deste tamanho! Mr. Clutter tornou a afirmar que não tinha mais nada e explicou que fazia todas as transacções por meio de cheques. Propôs assinar um para nós, mas Dick recusou logo: Julga que somos alguns anjinhos? Só me parecia que queria esmagá-lo ali mesmo, por isso intervi: Escuta, Dick. Julgo que está alguém acordado lá em cima. Mr. Clutter informou-nos de que as únicas pessoas da casa eram a mulher, o filho e a filha. Dick queria saber se a mulher teria algum dinheiro e Mr. Clutter declarou que, se assim fosse, seriam apenas alguns dólares, e pediu-nos, com um ar de facto vencido, o favor de não a incomodarmos porque era uma inválida, estivera muito doente durante bastante tempo. Dick, no entanto, teimou em ir lá acima e obrigou Mr. Clutter a seguir à

sua frente.

”Ao fundo das escadas, Mr. Clutter acendeu as luzes do átrio lá de cima e, enquanto subia, ia dizendo: ”Não percebo por que razão vocês teimam numa coisa destas. Nunca vos fiz mal nenhum.

Nunca vos vi na minha vida.” Foi então que o Dick lhe ordenou: ”Cale a boca. Quando quisermos que fale diremos.” No átrio de cima, não estava ninguém e todas as portas se achavam fechadas.

Mr. Clutter indicou-nos os quartos do filho e da filha e depois abriu o da mulher. Acendeu o candeeiro da mesinha e disse: ”Não te assustes, minha querida. Estes homens só querem dinheiro.”

Ela era uma mulher muito magra, com uma camisa de noite comprida e branca. Mal abriu os olhos, começou logo a chorar, afirmando ao marido: ”Mas eu não tenho dinheiro nenhum, meu querido!”

Ele pegou-lhe na mão e dava-lhe palmadinhas, enquanto a sossegava: ”Não chores, minha querida.

Não há motivo para teres medo. Já lhes dei tudo quanto tinha, mas querem mais. Pensam que há

um cofre cá em casa. Já lhes disse que não.” Dick ergueu a mão como se fosse bater-lhe na boca, repetindo: ”Não o mandei já estar calado?” Mrs. Clutter então exclamou: ”O meu marido falou verdade. Não temos cofre nenhum cá em casa!” O Dick tornou: ”Sei perfeitamente que têm um cofre. E hei-de descobri-lo antes de sair daqui. Descansem que o descubro!” Depois perguntou onde tinha ela a carteira. Estava numa gaveta da escrivaninha. Dick voltou-a do avesso e encontrou apenas um ou dois dólares e alguns trocos. Eu fiz-lhe sinal

que viesse até ao átrio. Queria discutir com ele a situação. por isso saímos e eu disse...”

Duntz interrompeu-o para perguntar se Mr. Clutter podia ouvir a conversa deles.

- Não, nós estávamos mesmo ao pé da porta, a fim de podermos vigiá-los, mas falámos em voz baixa. Disse ao Dick: ”Esta gente está a falar verdade. Quem mentiu foi o teu amigo Floyd Wells.

Não há cofre nenhum, portanto vamos embora daqui!” Contudo, o Dick sentia-se demasiado vexado para admitir o fracasso. Afirmou-me que só acreditaria depois de dar volta à casa toda. A ideia de ter toda aquela gente à sua mercê excitava-o ao máximo. Havia uma casa de banho junto do quarto de Mrs. Clutter. O nosso plano era fechar ali os pais, depois ir acordar os filhos um por cada vez, e prendê-los também noutros compartimentos da casa. E no fim, afirmava Dick, depois de termos descoberto o cofre, cortávamos o pescoço a todos. Não podíamos dar-lhes tiros, afirmava ele, porque isso fazia muito barulho.

Perry encrespou as sobrancelhas e começou a esfregar os joelhos com as mãos algemadas.

Deixe-me pensar um minuto, porque a partir daqui as coisas complicaram-se. Já me recordo. Sim, foi isso. Peguei numa cadeira que estava no átrio e meti-a na casa de banho, para Mrs. Clutter se sentar, uma vez que era doente. Enquanto a

fechávamos à chave, Mrs. Clutter gritava: ”Não lhes façam mal! Pelo amor de Deus, não façam mal aos meus filhos!” O marido abraçava-a e dizia:

”Minha querida, estes rapazes não pretendem fazer mal a ninguém. Só querem dinheiro.”

”Dirigimo-nos ao quarto do rapaz. Ele já estava acordado, na cama, como se o medo o impedisse de se mover. Dick mandou-o levantar-se mas ele ou ficou quieto ou não se mexeu tão depressa como Dick queria, porque este deu-lhe um soco e puxou-o da cama para fora. Eu disse-lhe:

”Escusas de lhe bater, Dick”, e ordenei ao rapaz, que estava apenas com uma camisa aberta, que enfiasse as calças. Ele vestiu umas de ganga e tínhamos acabado de o fechar na casa de banho quando apareceu a rapariga, a sair do seu quarto. Vinha completamente vestida, como se tivesse acordado já há tempo. Quero dizer que trazia meias e chinelos, um quimono e o cabelo seguro por uma *bandelette.* Esforçava-se por sorrir e exclamou: ”Santo Deus, que é isto aqui? Que brincadeira é esta?” Custa-me a crer que ela tomasse aquilo como uma brincadeira. Sobretudo depois de o Dick ter aberto a porta da casa de banho, empurrando-a lá para dentro...”

Dewey imaginava a cena: a família cativa, encolhida e receosa, mas desconhecendo ainda o destino que a esperava. O Herb nem

sequer lhe passara uma coisa dessas pela cabeça, de contrário teria lutado. Era um homem de génio manso, mas muito forte e nada cobarde. Alvin Dewey tinha a certeza absoluta de que o seu amigo Herb teria lutado até à morte para defender a vida de Bonnie e dos filhos!

- O Dick ficou de guarda à porta dos quartos de banho enquanto eu ia passar uma busca. Revistei o quarto da rapariga. Achei uma bolsinha pequena, parecia de boneca. Lá dentro havia um dólar de prata. Deixei-o cair e ele rolou pelo chão fora, para debaixo de uma cadeira. Tive de me pôr de joelhos. Nessa altura foi como se me visse por fora. Como se me estivesse a contemplar num filme absurdo. E senti-me mal. Enojado com aquilo tudo. Dick, mais as suas conversas acerca do cofre do homem!... E eu ali de gatas para conseguir agarrar um dólar de prata que roubara a uma criança! Um dólar! Eu de gatas para o agarrar!

Perry esfregou os joelhos e pediu uma aspirina ao detective, agradeceu a Duntz quando este lhe estendeu um comprimido, engoliu-o e prosseguiu na narrativa:

”Mas era assim mesmo. Apanhava-se o que se encontrava à mão. Revistei também o quarto do rapaz. Nem um cêntimo. O que lá vi foi o rádio portátil e resolvi levá-lo. Depois lembrei-me do binóculo que vira no quarto de Mr. Clutter e fui lá abaixo buscá-lo. Levei tudo para o carro. Estava frio e a frescura do vento soube-me bem.

O luar era tão claro que se via a uma grande distância. E eu pensei: porque não me ponho eu a andar? Vou até

à auto-estrada e peço uma boleia. Posso jurar por tudo que não me agradava nada voltar a entrar naquela casa.

No entanto... como hei-de explicar isto? Era como se não fosse eu a agir, como se estivesse a ler uma história.

E tinha de saber como acabaria tudo aquilo. O fim. por isso subi de novo as escadas. E então, deixem-me ver...

hum, hum! Foi nessa altura que os amarrámos. Primeiro Mr. Clutter. Dissemos-lhe que saísse da casa de banho e atámos-lhe as mãos. Depois levei-o dali para a cave...

- Tu sozinho, e desarmado? - inquiriu Dewey.

- Levava a faca.

E Dewey perguntou ainda:

- Mas o Hickock ficou de guarda lá em cima?

- Para os manter calados. Fosse como fosse, eu não precisava de auxílio. Toda a minha vida soube lidar com cordas.

Dewey quis saber:

- Acendeste a lanterna ou abriste as luzes da cave?

- Acendi as luzes. A cave está dividida em duas partes. Uma pareceu-me uma sala de jogos. Levei-o para a outra secção, a casa da fornalha. Vi lá uma grande caixa de papelão encostada à parede.

A embalagem de um colchão. Bem, achei que não devia mandá-lo deitar no chão frio, por isso puxei a caixa, alisei-a e disse-lhe que se deitasse lá dentro.

O homem que seguia ao volante olhou para o colega através do retrovisor, atraiu-lhe a atenção, e Duntz acenou de leve com a cabeça. Dewey sempre afirmara que a caixa do colchão fora utilizada para comodidade de Mr. Clutter e, mediante outros indícios semelhantes, outras manifestações esporádicas de uma compaixão irónica e estranha, o detective concluíra que pelo menos um dos assassinos não era de todo destituído de piedade.

”Atei-lhe os pés, depois liguei-lhe as mãos aos pés e perguntei-lhe se a corda estava apertada demais e ele disse que não. Mas pediu que deixássemos em páz a mulher. Não havia necessidade de a amarrar. Ela não ia pôr-se a gritar nem fugiria. Contou-me que estava doente havia muitos anos e começava agora precisamente a melhorar, mas um incidente como este podia ocasionar uma recaída. Sei que não é caso para rir, mas não pude deixar de o fazer ao ouvi-lo falar em ”recaída”.

”A seguir fui buscar o rapaz. Primeiro deixei-o ao pé do pai, com as mãos atadas a um cano de aquecimento que ficava por cima. Depois lembrei-me de que não era seguro. Ele podia soltar-se e ir libertar o pai, ou vice-versa. por isso cortei-lhe as cordas e levei-o para a sala de jogos onde havia um sofá com aspecto confortável. Amarrei-lhe os pés às pernas do sofá, atei-lhe as mãos e depois passei-lhe a corda pelo pescoço, de modo que, se lutasse para se soltar, estrangulava-se. A certa altura, enquanto trabalhava, pousei a faca sobre uma... bem, tratava-se de uma arca de cedro acabada de envernizar, ainda cheirava a verniz e ele pediu-me que não pousasse ali a faca. A arca era um presente que ele fizera para dar a uma pessoa que se ia casar. Creio que falou numa irmã.

Quando eu ia a sair, teve um ataque de tosse, por isso meti-lhe uma almofada atrás da cabeça.

Depois apaguei as luzes...”

Dewey observou:

- Mas então não lhe tapaste a boca com adesivo?

- Não, isso foi mais tarde, depois de ter amarrado as duas mulheres nos quartos delas. Mrs. Clutter continuava a chorar ao mesmo tempo que me fazia perguntas acerca do Dick. Não tinha confiança nele, mas achava que eu devia ser um rapaz decente. ”Tenho a certeza de que é assim”, afirmava ela. E fez-me prometer que não deixaria o Dick fazer mal a ninguém. Penso que ela se referia particularmente à filha. Eu próprio estava preocupado com isso. Desconfiava de que o Dick tinha lá

os seus planos, coisa que eu não admitiria de maneira nenhuma. Quando acabei de amarrar Mrs.

Clutter, descobri, efectivamente, que ele já levara

a rapariga para o quarto de dormir. Estava deitada sobre a cama e ele, sentado na borda, a falar com ela.

Interrompi logo a conversa e disse-lhe que fosse procurar o cofre enquanto eu a amarrava. Depois de ele se ir embora atei-lhe os pés e depois as mãos atrás das costas. Em seguida puxei a roupa para cima, deixando só a cabeça de fora. Havia uma pequena cadeira de repouso junto da cama e achei que me podia ali sentar a descansar um pouco; sentia as pernas em fogo, depois de subir as escadas tantas vezes e de ter andado sobre os joelhos. Perguntei a Nancy se ela tinha algum namorado e ela respondeu que sim. Fazia um esforço enorme para se mostrar valente e despreocupada. Gostei mesmo dela. Era muito simpática. Uma bonita rapariga e nada amimada nem tola. Falou-me muito da sua vida, contou-me coisas do colégio e disse que tencionava matricular-se na Universidade para estudar música e arte. Também falou de cavalos. Do que mais gostava a seguir à música e à dança era de galopar, e então eu contei-lhe que a minha mãe era campeã de rodeo.

”Falámos também do Dick; eu tinha curiosidade de saber, compreendem?, o que ele lhe estivera a dizer. Ela perguntara-lhe porque andava ele a roubar as pessoas. O Dick então pusera-se a armar ao trágico, contando-lhe que fora educado num orfanato, que nunca ninguém gostara dele, que a única pessoa da sua família era

uma irmã que vivia com homens sem ser casada com nenhum. Durante todo este tempo ouvíamos aquele doido cá

em baixo a revolver tudo à procura do cofre. Até procurava atrás dos quadros. Batia nas paredes. Pum, pum, pum! Parecia um picapau. Quando regressou, perguntei-lhe só por maldade se tinha encontrado o cofre. Não, claro, mas descobrira outra carteira na cozinha, com sete dólares."

Duntz interrompeu:

- Há quanto tempo estavam vocês lá em casa, neste momento? - Talvez uma hora.

Duntz inquiriu:

- E em que altura aplicaram os adesivos?

- Precisamente nesta altura. Começámos por Mrs. Clutter. Fiz com que o Dick me fosse ajudar... porque não queria deixá-lo só com a rapariga. Cortei o adesivo em tiras compridas e o Dick enrolou-as em volta da cabeça de Mrs. Clutter como quem liga uma múmia. Ele perguntou: "porque está a senhora sempre a chorar?

Ninguém lhe fez mal!" Depois fechou a luz da mesinha e disse: "Boa noite, Mrs. Clutter. Durma bem!"

Depois declarou-me enquanto seguíamos pelo corredor fora: "Vou violar a garota!" Eu respondi: "Está bem, mas antes terás de me matar." Ele olhou para mim como quem não acreditava 228

no que ouvia. Depois respondeu: "Isso que te importa? A seguir podes ir tu." Ora se há coisa que me revolte é uma pessoa não saber controlar-se sexualmente. Caramba, não posso com isso. Disse-lhe logo ali: "Deixa-a em paz. De contrário vai ser uma bulha tremenda." Isto danou-o, mas compreendeu que não eram alturas de levantar um pé-de-vento. por isso respondeu: "Tá bem, pá, se assim queres..." E por causa disto nem sequer lhe pusemos os adesivos. Apagámos as luzes do átrio e voltámos à cave.

Perry hesitou. A frase era uma pergunta, mas ele pronunciou-a como afirmação Aposto que ele nunca disse nada acerca do seu desejo de violar a rapariga.

Dewey confirmou, mas acrescentou que, à parte ser uma versão de certo modo favorecida no que se referia à sua própria actuação, a história de Dick adaptava-se perfeitamente à de Smith. Os pormenores variavam, o diálogo não era idêntico, mas no todo as duas narrativas, pelo menos até à

data, coincidiam uma com a outra.

- Podia ser, mas eu teria apostado a camisa em como ele não falaria no caso da rapariga.

Duntz observou:

- Perry, eu tenho estado atento à questão das luzes. Segundo os meus cálculos, quando vocês vinham a descer para a cave, ficou tudo apagado, não é assim?

- Exacto. E nunca mais acendemos as luzes, a não ser a lanterna eléctrica. Dick tinha-a na mão quando pusemos os adesivos a Mr. Clutter e ao rapaz. Quando ia para fazer isto ao Clutter, este perguntou-me - e foram essas as suas últimas palavras como estava a mulher, se ficara bem e eu disse-lhe que estava óptima, que a deixara preparada para dormir. Já pouco faltava para ser manhã, e então alguém viria dar com eles. Nessa altura, eu e o Dick não passaríamos de um sonho para todos. Não estava a brincar. Eu não queria fazer mal ao homem. Achei que era uma boa pessoa, muito delicado. Pensava isso mesmo no momento em que estava a cortar-lhe o pescoço.

”Espere aí. Não estou a contar bem. - Perry fez uma careta irritada. Esfregou as pernas e as algemas tilintaram. - Estão a ver? Depois de lhes termos colado os adesivos, eu e o Dick retirámo-nos para um canto a conversar. Lembram-se de que nesse momento estávamos fulos um com o outro. Dava-me volta ao estômago só a ideia de que sentira admiração por ele e concordara com toda aquela sujeira. E disse-lhe: ”Então, Dick. Estás com remorsos?” Ele não me respondeu.

Continuei: ”Se os deixas com

vida, não apanhamos uma pena leve, podes estar certo! Pelo menos dez anos! - Ele não respondeu. Continuava com a faca na mão. Eu pedi-lha e ele entregou-ma; insistiu: Muito bem, Dick. Então, vamos a isto! Mas eu não estava a falar a

sério. Pretendia apenas desmascará-lo, obrigá-lo a discutir o caso comigo, confessar que era um farsante e um cobarde. Compreende, tratava-se de um desafio entre mim e ele. Ajoelhei-me junto de Mr.

Clutter e a dor que senti nos joelhos recordou-me o dólar de prata. Aquele maldito dólar. O vexame, a desilusão que aquilo tudo me causara. *Eles,* bem me tinham dito que não voltasse ao Kansas! Mas não tive a consciência do que fizera senão quando ouvi o som. Como se alguém se estivesse a afogar, gritando debaixo de água. Passei a faca ao Dick. E disse-lhe: ”Anda, acaba com ele. Ficas mais satisfeito! Dick experimentou, ou fingiu.” Mas aquele homem tinha força por dez, estava quase a soltar-se das cordas, já tinha as mãos livres.

Dick perdeu a cabeça. Só pensava em pôr-se a andar dali para fora. Mas eu não consenti. O homem morreria de qualquer forma, mas eu é que não podia abandoná-lo naquele estado. Mandei que o Dick segurasse na lanterna e a apontasse para ele. Depois apontei a carabina. Foi como se a casa tivesse explodido. Ficou tudo azul, até cegava. Cos diabos! Nunca percebi como é que ninguém ouviu o estampido num raio de vinte milhas!”

Dewey ainda sentia os ouvidos a zunir - com esse estampido que quase o fizera deixar de perceber o sussurro abafado da voz de Perry. Mas este continuava a evocar uma catadupa de sons e imagens: ”Hickock a procurar freneticamente a cápsula vazia; depressa, depressa! A cabeça de Kenyon num círculo de luz, o murmúrio de súplicas abafadas, depois Hickock de novo em cata da bala vazia; o quarto de Nancy, esta de ouvido à escuta, ouvindo o ruído das botas deles na escada, o ranger dos degraus à medida que eles se aproximavam, os olhos de Nancy, Nancy a ver o foco da lanterna eléctrica *a.* procura do alvo, (”Ela gritou: Oh, pelo amor de Deus!

Não! Não! Não! Não! Não façam isso! por Deus! Não! Entreguei a carabina ao Dick e disse-lhe que já tinha feito tudo quanto podia. Ele apontou a arma e a pequena virou a cara para a parede”); o átrio escuro, os assassinos dirigindo-se a toda a pressa para a última porta. Talvez que, depois de acabar de ouvir aquilo que ouvira, Bonnie esperasse ansiosamente a vinda deles!

- Aquela última cápsula foi o diabo para se encontrar. O Dick enfiou-se debaixo da cama para lhe chegar.

Depois fechámos a porta do quarto de Mrs. Clutter e descemos para o escritório

Ficámos ali a esperar como sucedera à chegada. Espreitámos através

das persianas para ver se o trabalhador da casa andava por ali a espiar ou qualquer pessoa que tivesse ouvido os tiros. Mas tudo estava calmo como antes, não se ouvia um som. Só o vento e o Dick a resfolegar, como se fosse perseguido por uma matilha de lobos. Foi ali mesmo, poucos segundos antes de deitarmos a correr para o carro, que me pus a pensar se não faria melhor em dar também um tiro no Dick. Ele repetira-me vezes sem conta, sempre a martelar no mesmo: Nada de *testemunhas,*. E eu pensava: *Ele é* uma testemunha. Não sei o que me deteve. E era o que eu devia ter feito. Dar cabo dele ali mesmo. Depois meter-me no carro e só parar no México.

Seguiu-se um silêncio. Durante dez milhas nenhum dos três homens falou.

O desgosto e uma profunda fadiga explicavam o mutismo de Dewey. Desejara ardentemente saber

”ao certo o que acontecera na casa nessa noite”. Ouvira agora a história duas vezes, em duas versões muito semelhantes, com a única diferença, aliás importante , de Hickock atribuir as quatro mortes a Perry, ao passo que este afirmava ter sido Dick quem assassinara as duas mulheres. porém as confissões, muito embora explicassem o como e o porquê , não conseguiam satisfazer a sensação que experimentava de uma ausência de significado válido para aqueles actos. O crime fora um acidente psicológico, virtualmente um acto impessoal; era como se as vítimas tivessem sido mortas por um raio. Salvo numa coisa: haviam sofrido um terror prolongado, uma lenta agonia. E Dewey não se conseguia abstrair disso. No entanto era capaz de olhar para o homem sentado ao seu lado sem ódio, antes com uma certa dose de simpatia - porque a vida de Perry Smith não fora nenhuma maré de rosas, mas antes um doloroso, um triste e lamentável percurso de uma ilusão para outra. A piedade por Dick, no entanto, não era bastante profunda para se tornar compatível com o esquecimento ou o perdão. Desejava ver Perry e o companheiro enforcados -

enforcados costas com costas.

Duntz perguntou a Smith:

- Tudo somado, quanto levaram vocês em dinheiro de casa dos Clutters?

- Entre quarenta a cinquenta dólares.

Dos animais que habitam Garden City fazem parte dois gatos cinzentos que andam sempre juntos, magros e sujos; este par de vadios, com hábitos estranhos, é muito inteligente. Executam a sua principal tarefa ao lusco-fusco. Primeiro seguem ao longo da

rua principal, espreitando para as grelhas dos motores dos carros estacionados em frente dos dois hotéis, o Windsor e o Warren, porque os ditos carros, na sua maioria propriedade de viajantes que vêm de longe, contêm habitualmente o que os dois esqueléticos bichos metodicamente procuram: pássaros mortos - corvos, mejengras e pardais suficientemente estúpidos para se terem atravessado à frente dos carros. Utilizando as patas como se fossem instrumentos cirúrgicos, os gatos extraem de dentro das grelhas todos os bocadinhos das vítimas. Depois de percorrerem a rua principal, dobram geralmente a esquina desta para a Rua Grant, em seguida bamboleiam-se até ao largo do Tribunal, outro dos seus terrenos de caça, um dos mais fecundos naquela tarde de quarta-feira, 6 de Janeiro, pois a zona encontrava-se pejada de carros de todo o Finney County, que haviam conduzido à cidade parte da multidão que enchia a praça.

Esta começara a povoar-se cerca das quatro da tarde, hora que o *attorney* do condado indicara como sendo a provável para a chegada de Hickock e Smith. Desde que no domingo à tarde fora tornada pública a confissão de Hickock, os jornalistas de todas as espécies haviam acorrido a Garden Citv: representantes das maiores agências telegráficas, fotógrafos, operadores de actualidades do cinema e da televisão, repórteres do Missouri, do Nebrasca, de Oklahoma, do Texas e, claro, dos principais jornais do Kansas, vinte ou vinte e cinco homens ao todo. Muitos destes tinham estado à espera três dias sem fazerem mais nada além de entrevistar o empregado da estação de serviço James Spor, que, depois de ter visto publicadas as fotografias dos assassinos, os identificara como sendo os clientes a quem vendera três dólares e seis cêntimos de gasolina na noite da tragédia de Holcomb.

Era a chegada de Hickock *e* Smith que estes espectadores profissionais ali estavam a aguardar. O capitão Gerald Murray, da Polícia de Trânsito, reservara-lhes um vasto recinto no passeio em que teriam de subir para darem entrada na cadeia. Esta ocupava o andar superior do edifício de quatro pisos. Um dos

repórteres, Richard Parr, do *Star* de Kansas City, adquirira um exemplar do *Sun* de domingo, de Las Vegas. O cabeçalho do jornal provocara gargalhadas, pois rezava assim: RECEÍA-SE QUE A MULTIDÃO TENTE LINCHAR

OS SUSPEITOS AUTORES DO CRIME À SUA CHEGADA. O capitão Murray observou:

- Vocês não me parecem nada dispostos a enforcar gente.

Na realidade, os curiosos que aguardavam no largo podiam muito bem, pelo seu aspecto, estar à espera de ver uma parada militar ou um desfile da polícia. Estudantes do liceu, entre os 232

quais se encontravam antigos colegas de Nancy e Kenyon Clutter, cantavam canções alegres, mascavam goma elástica, devoravam cachorros-quentes e bebiam gasosas. As mães tentavam acalmar os bebés impacientes que choravam. Alguns homens passeavam com os filhos às cavalitas. Os escuteiros estavam presentes, o grupo inteiro. E por fim as senhoras de meia-idade, sócias do clube de brídege, chegaram em massa. O senhor J. P.

(Jap) Adams, chefe da Comissão dos Veteranos, surgiu envergando uma vestimenta de lã de fantasia, de tal modo esquisita que um amigo lhe gritou:

- Eh!, Jap! Que fazes tu por aqui vestido de mulher?

É que Mr. Adams, com a pressa de se dirigir ao local da chegada, enfiara, por distracção, o casaco da secretária. Um repórter da rádio que por ali andava entrevistou diversas pessoas da cidade, perguntando-lhes qual seria, na opinião delas, o castigo adequado ”para os autores de tão repelente acto” e, ao passo que a maioria das pessoas se limitavam a soltar exclamações sem sentido, um estudante declarou: Eu acho que os deviam encerrar a ambos na mesma cela para o resto da vida. Nem sequer teriam licença para receber visitas. Sozinhos em frente um do outro até à morte.

E um homenzinho duro e rígido disse o seguinte:

- Eu sou pela pena máxima. A Bíblia bem o diz: ”Olho por olho”, e mesmo assim ficavam a dever dois pares deles!

Enquanto o sol brilhara, o dia estivera claro e tépido, um clima de Outubro no mês de Janeiro. porém mal ele se inclinou para o ocaso, quando as sombras das gigantescas árvores da praça se juntaram e sobrepuseram umas às outras, o frio e também o escuro começaram a deprimir a multidão que enchia o largo. A deprimi-la e a fazê-la debandar. Cerca das seis horas não restavam mais de trezentas pessoas. Os jornalistas, vociferando contra a demora, batiam com os pés no chão e esfregavam as orelhas geladas com as mãos sem luvas, igualmente frias. De súbito, elevou-se um murmúrio do lado sul do largo. Os carros vinham a chegar.

Muito embora nenhum dos jornalistas esperasse qualquer acção violenta, muitos deles julgavam que a multidão iria manifestar-se ruidosamente. Mas quando todos avistaram os assassinos com a sua escolta de polícias das estradas envergando farda azul, reinou o silêncio, como se todos tivessem ficado empedrados ao verificarem que os bandidos tinham forma humana. Os dois homens algemados, pálidos e de olhos a piscar, eram postos em destaque pelos fulgores das explosões do magnésio e pelo clarão dos focos. Os operadores de cinema, seguindo os prisioneiros

e a polícia dentro do tribunal e pelas escadas acima, até ao alto dos três andares, acabaram por fotografar a porta da cadeia no momento em que esta se fechava na sua frente.

Ninguém mais se demorou por ali. Nem os membros da imprensa nem os habitantes da cidade.

Chamavam-nos as casas aquecidas, o jantar quente, e enquanto se dirigiam apressadamente para os seus domicílios, deixando o largo desconfortável por conta dos dois gatos, aquele milagroso Outono despedia-se também e começavam a cair os primeiros flocos de neve do ano.

IV

O ”canto”

A aridez burocrática e o conforto doméstico habitam simultaneamente no quarto andar do Tribunal de Fmney County. A presença da cadeia é responsável pelo primeiro aspecto, ao passo que a residência do xerife, uma simpática habitação separada da cadeiapropriamente dita por dois portões de aço, explica o segundo.

Em Janeiro de 1960, a residência do xerife não era, de facto, ocupada por este, Earl Robinson, mas sim pelo subxerife e sua mulher, Wendle e Josephine (”Josie”) Meier. Os Meiers, casados havia mais de vinte anos, eram muito parecidos um com o outro: ambos altos, pesados, fortes, com mãos grandes, rosto quadrado, calmos e simpáticos, sobretudo Mrs. Meier, mulher franca e prática que apesar disso dá a impressão de estar rodeada por uma auréola de mística serenidade. As suas funções de ajudante do subchefe deixam-lhe muito tempo livre: desde as cinco da manhã, hora a que começa o dia com a leitura da Bíblia, até às 10 da noite, quando vai para a cama, cozinha e cose a roupa dos presos, remenda, lava a roupa deles, cuida lindamente do marido e trata dos cinco compartimentos que compõem a sua casa, uma mistura *gemuthch* de fofos tamboretes, maples profundos e cortinas de renda creme. Os Meiers têm uma filha única, casada e residente em Kansas City, por isso o casal vive só, ou antes, no dizer de Mrs. Meier: ”Vivemos sós, não falando em quem calha estar na cadeia.”

Esta compõe-se de seis celas. A sexta, reservada as mulheres, fica separada das outras e situa-se dentro da residência dos Meiers, mesmo junto da cozinha.

- Mas isso não me preocupa - afirma Josie Meier. - Gosto de estar acompanhada, de ter alguém com quem conversar enquanto cozinho as refeições. Acabamos geralmente por ter dó das mulheres que para ali vão.

Tiveram sempre um azar na vida, a verdade é essa. Claro que o caso do Hickock e do Smith era diferente. Que eu saiba, o Perry Smith foi o primeiro homem a habitar a cela das mulheres. A razão disto foi o xerife querer mantê-los

inteiramente separados um do outro até à data do julgamento. No dia em que para aqui entraram, fiz seis tortas de maçã e cozi pão, mas durante todo esse tempo nunca deixei de estar de atalaia ao que se passava no largo. A janela da minha cozinha deita para lá; vê-se tudo o que ali se passa. Não sei bem avaliar as multidões, mas creio que deviam encontrar-se presentes muitas centenas de

pessoas, à espera de verem os rapazes que haviam assassinado a família Clutter. Eu não conhecia pessoalmente nenhum dos Clutters, mas por tudo quanto tenho ouvido contar deviam ser excelentes pessoas. É difícil esquecer o que lhes fizeram e eu sabia que o Wendle estava receoso quanto à

atitude da multidão quando avistasse o Hickock e o Smith. Tinha medo de que tentassem atirar-se a eles. Estava por isso com o coração a tremer quando vi chegar os carros, e os repórteres e os homens das actualidades começarem a correr e a empurrar-se uns aos outros; mas nessa altura já

fazia escuro, passava das seis, o frio era de rachar e mais de metade das pessoas tinham desistido de esperar. Os que restavam não disseram nem pio. Limitaram se a olhar.

”Depois, quando trouxeram os rapazes cá para cima, o primeiro que eu vi foi o Hickock. Trazia umas calças muito finas e uma camisa velha de fazenda. Admira-me que não tivesse apanhado uma pneumonia, com o frio que estava. Que o aspecto dele era de um doente. Parecia um espectro.

Bem, deve ter sido terrível sentir-se observado por uma multidão de estranhos, passar pelo meio deles, sabendo todos quem ele era e o que fizera. Depois trouxeram o Smith. Eu tinha a ceia pronta para lhes servir nas celas. Sopa quente, café, sanduíches e empadão. Habitualmente damos-lhes de comer duas vezes ao dia, sendo a refeição principal às quatro e meia. Mas eu não queria que aqueles tipos fossem para a cama com a barriga vazia; achava que já se deviam sentir bastante infelizes sem isso. Mas quando fui levar a ceia ao Smith, num tabuleiro, ele declarou-me que não tinha fome. Estava a olhar para fora da janela da cela das mulheres. Tem a mesma vista que a da minha cozinha, vêem-se as árvores do largo e os telhados das casas. Eu disse-lhe: ”Prove ao menos a sopa. É de legumes frescos, não é de pacote. Fui eu que a fiz, assim como o empadão.” Dali a uma hora fui buscar o tabuleiro e ele não tinha tocado numa migalha só que fosse. Continuava à

janela, como se não houvesse feito um único movimento. Estava a nevar e recordo-me de lhe ter dito que era a primeira neve do ano e que o Outono, até à data, fora maravilhoso. Agora chegara a neve. Perguntei-lhe então se tinha algum prato preferido; se assim fosse tentaria arranjar-lho no dia seguinte. Ele voltou-se e olhou para

mim, desconfiado, como se eu estivesse a entrar com ele. Depois disse qualquer coisa relacionada com um filme. Tinha uma maneira de falar muito sumida, quase num murmúrio. Queria saber se eu tinha já visto um certo filme. Não me lembro do nome, mas fosse lá qual fosse, eu não tinha visto. Sempre fui pouco ao cinema.

Ele disse-me que se tratava de um filme dos tempos bíblicos e que havia uma cena em que atiravam com um homem de uma varanda abaixo para o meio da multidão e que esta o fazia em pedaços. Acrescentou que fora isso o que lhe viera à ideia ao ver o ajuntamento do largo, lembrara-se desse homem a ser despedaçado e que era isso que provavelmente lhe fariam a ele. Sentira tamanho susto que ainda lhe doía o estômago. por isso é

que não conseguia comer. Claro que estava enganado e eu afirmei-lhe que ninguém ia fazer-lhe mal, por causa do crime que praticara. A nossa gente por aqui não é desse género.

”Falámos durante um bocado, ele era muito tímido, mas passado um pedaço declarou: ”A única coisa de que gosto verdadeiramente é de arroz à espanhola.” Então eu prometi-lhe que o faria e ele sorriu como se... enfim, como se não fosse o maior facínora que vi na minha vida. Foi isso o que eu disse nessa noite ao meu marido depois de estarmos deitados. Mas o Wendle torceu o nariz. O Wendle foi um dos primeiros a chegar à cena do crime quando este foi descoberto. Disse-me que eu precisava de ter assistido à descoberta dos cadáveres para poder fazer um juízo da *simpatia* de Mr. Smith. Dele e do seu amigo Hickock. Afirmou-me que eram capazes de nos arrancar o coração sem pestanejar. Disso não podia haver a menor dúvida, depois daquelas quatro mortes. E eu fiquei acordada, a pensar se essa ideia lhes causaria remorsos, a qualquer deles - a recordação daquelas quatro campas...

Decorreu um mês e mais outro; a neve caiu quase todos os dias. Nevou a ponto de atapetar de branco os campos cobertos pelos caules cortados do trigo, de se amontoar nas ruas da cidade, tornando-as silenciosas.

Os topos dos álamos carregados de neve roçavam nas vidraças da cela das mulheres. Sobre essas árvores viviam esquilos e após semanas e semanas de haver tentado cativá-los com as migalhas dos restos do almoço, Perry conseguiu

que um se introduzisse pelas grades e saltasse para o parapeito da janela. Era um macho de pelagem cor de canela. Ele pôs-lhe o nome de *Vermelho,* e o bicho não tardou a adaptar-se, dando mostras de se sentir bem na companhia do seu companheiro de cárcere. Perry ensinou-lhe 238

várias habilidades: a brincar com uma bola de papel, a pedir, a empoleirar-se no seu ombro. Tudo isto o ajudava a passar o tempo, no entanto restavam ainda longas horas vazias. Não lhe consentiam que lesse jornais e as revistas que Mrs. Meier lhe emprestava aborreciam-no: antigos números da revista *Good Housekeeping* ou da *MacCalfs.* Mas descobriu alguns passatempos: limar as unhas com uma lima de esmeril e poli-las até ficarem rosadas e brilhantes; pentear e escovar os cabelos encharcados em loção e perfume; lavar os dentes três e quatro vezes por dia: tomar chuveiro e barbear-se quase outras tantas. E mantinha a cela, que continha um W. C., um chuveiro, um catre, uma cadeira e uma mesa, tão limpa como a sua pessoa. Sentia-se orgulhoso com um elogio que Mrs. Meier um dia lhe fizera. ”Pode-se jogar aos dados sobre a cama.” Mas era à mesa que passava a maior parte do tempo; comia sobre ela as refeições, ficava sentado à sua frente para desenhar retratos do esquilo, pintar flores, o rosto de Cristo ou caras e troncos de mulheres imaginárias: era também ali que, em folhas de papel pautado e ordinário, escrevia as suas notas quotidianas, registando os acontecimentos do dia-a-dia. *Quinta-feira, 7 de Janeiro. Esteve cá o Dewey. Trouxe-me uma caixa de cigarros e também alguns exemplares dactilografados da minha confissão para eu assinar. Recusei.*

A ”Confissão”, documento de setenta e oito páginas que ele ditara a um estenógrafo do tribunal de Finney County, repetia afirmações já feitas a Alvin Dewey e a Clarcnce Duntz. Dewey, falando do seu encontro com Perry Smith naquele célebre dia, lembrou-se de que ficara muito surpreendido quando Perry se recusara a assinar a confissão.

- Não tinha importância de maior, visto que eu podia testemunhar em tribunal a confissão que ele fez diante de mim e do Duntz. O Hickock, está claro, dera-nos já uma confissão assinada quando estávamos ainda em Las Vegas, aquela em que ele acusava Smith de ter cometido os quatro assassínios. Mas eu estava intrigado. Perguntei ao Perry por que mudara de ideias. E ele respondeu-me: ”Na minha confissão está tudo certo menos dois pontos. Se me deixarem corrigir esses pormenores então assinarei.” Ora bem, eu calculava quais eram esses pormenores a que ele se referia. porque a única diferença entre a história de Smith e a de Hickock era o facto de ele negar ter cometido os assassínios

sozinho. Até então jurara sempre que Hickock matara Nancy e a mãe.

”Não me enganava! Era precisamente isso que ele pretendia, confessar que Hickock dissera a verdade e que fora ele, Perry, quem matara a tiro a família inteira. Declarou que mentira porque

239 ”queria amolar o Dick por ser tão cobarde, indo-se abaixo daquela maneira.” E vinha agora fazer a rectificação, não por sentir uma súbita simpatia pelo Dick. Segundo declarava, procedia assim apenas por consideração pelos pais de Dick, e confessou ter pena da mãe dele. ”Ela é mesmo muito boa pessoa. Dar-lhe-á

uma certa consolação saber que não foi o Dick quem puxou o gatilho. Nada disto teria acontecido sem ele, de certo modo foi o principal culpado, mas nem por isso deixa de ser verdade que quem os matou a todos fui eu.”

porém eu não tinha a certeza de poder acreditá-lo. Pelo menos até ao ponto de o deixar alterar a confissão.

Como já afirmara, achava que não estávamos dependentes de uma confissão formal da parte de Smith para provar fosse o que fosse acerca do caso. Assinasse ou não a confissão, tínhamos matéria para o enforcar três vezes.”

Entre as provas em que Dewey depositava tanta confiança contava-se o binóculo, bem como o rádio que os bandidos haviam roubado e depois vendido no México (onde o agente do K. B I, Harold Nye, que lá fora expressamente de avião, os descobrira numa casa de penhores). Além disto, Smith, ao ditar a sua confissão, descrevera o cenário com uma Clareza convincente: ”Chegámos à auto-estrada e dirigimo-nos para leste” -

declarara ao contar o que ele e Hickock haviam feito depois de fugirem da cena do crime. ”Seguimos numa velocidade louca, indo o Dick ao volante. Acho que ambos nos sentíamos muito eufóricos, e ao mesmo tempo muito aliviados. Nenhum de nós parava de rir. De repente, tudo nos pareceu muito cómico, não sei porquê, mas era assim mesmo. A carabina pingava sangue e o meu fato estava todo manchado; até tinha sangue nos cabelos. por isso cortámos para uma estrada secundária e seguimos por ali adiante durante umas seis milhas, até nos encontrarmos em pleno campo. Ouviam-se os coiotes. Fumámos um cigarro e o Dick continuou a gracejar acerca do que acabava de acontecer. Eu saí do carro, chupei alguma água do radiador e lavei o sangue do cano da carabina. Depois escavei um buraco no chão com a faca de mato do Dick, aquela de que me

servira para degolar Mr. Clutter, e enterrei as cápsulas vazias e o resto da corda de *nylon* e do adesivo. Depois disso seguimos até à Estrada Nacional 83 e encaminhámo-nos para Kansas City e Olathe. Pela madrugada, Dick parou num acampamento, aquilo a que chamam áreas de repouso, onde há fogões ao ar livre. Acendemos uma fogueira e queimámos umas coisas, as luvas que tínhamos calçado e a minha camisa. Dick declarou que só

queria ter ali um boi para assar, pois nunca sentira tamanha fome na sua vida. Era quase meio-dia quando chegámos a Olathe. Dick Foi deixar-me no hotel e dirigiu-se

a casa para almoçar com os pais. Sim, levou consigo a faca e também a carabina."

Os agentes do K. B. I. enviados a casa de Hickock, encontraram a faca dentro de uma caixa com material de pesca e a carabina encostada a um canto da cozinha. (O pai de Hickock, recusando-se a acreditar que o seu

"rapaz" estivesse envolvido num "crime tão medonho", teimava em como a carabina não saíra ali de casa desde a primeira semana de Novembro, e portanto não podia ser ela o instrumento de morte.) Quanto às balas vazias, a corda e o adesivo, foram encontrados graças ao auxílio de um empregado das estradas, o qual, servindo-se de um tractor dos serviços da área indicada por Perry, escavou a terra palmo a palmo, até

descobrir os objectos enterrados. Assim se reconstituíram os últimos elos da cadeia; o K. B. I. reunira agora provas irrefutáveis, pois os testes tinham provado que as balas haviam sido disparadas pela carabina de Dick e os restos de corda e de adesivo eram idênticos ao material usado para amarrar e amordaçar as vítimas.

Segunda-feira, 11 de Janeiro. Tenho um advogado, Mr. Fleming. Um velho com uma gravata encarnada.

Informado pelos acusados de que estes não possuíam recursos para pagar a defensores, o tribunal, representado pelo juiz Roland H. Tate, nomeou seus representantes dois advogados da terra. Mr. Arthur Fleming e Mr.

Harrison Smith. Fleming, um velho de setenta e um anos, antigo ”maior” de Garden City, um homem baixo que anima o seu aspecto vulgar com gravatas vistosas, tentou negar-se: Não faço o menor empenho em tomar conta deste caso, declarou ao juiz. - Mas se o Tribunal mo ordena não há outro remédio. - O advogado de Hickock, Harrison Smith, de quarenta e cinco anos, um metro e oitenta de altura, jogador de golfe, tipo exaltado, aceitou o encargo com resignação: ”Alguém tem de o fazer e vou esforçar-me ao máximo. Muito embora duvide que isso me torne simpático cá na região.”

*Sexta-feira, 15 de Janeiro, Mrs. meier tinha o rádio a trabalhar na cozinha e eu ouvi um homem dizer que o delegado ia pedir a pena de morte. ”*Os *ricos nunca são enforcados, apenas os pobres e os desamparados.”*

Ao fazer esta declaração o delegado Duane West, jovem ambicioso, imponente de figura, contando vinte e oito anos, mas com ar de quarenta e às vezes de cinquenta, declarou aos jornalistas:

- Se o caso for submetido a um júri e os réus forem considerados culpados, exigirei para eles a pena de morte.

Se estes dispensarem

o júri e reconhecerem a culpa que lhes cabe perante o juiz, exigirei igualmente a pena de morte. Eu sabia que teria de tomar uma decisão e não o fiz de ânimo leve. Entendo que, em face da violência do crime e da crueldade manifestada para com as vítimas, a única maneira de proteger o público é a aplicação da pena de morte aos culpados. Isto afigura-se-me tanto mais justo quanto é certo não existir no estado do Kansas a pena de prisão perpétua sem possibilidade de libertação. Os criminosos condenados a prisão perpétua em geral não cumprem mais do que quinze anos.

Quarta-feira, 20 de Janeiro. Convidaram-me a sujeitar-me à prova do *detector de mentiras* por *causa do caso Walker.*

Um crime como este, de tamanha magnitude, desperta em geral o interesse dos advogados de toda a parte, particularmente dos que se vêem a braços com casos insolúveis mas semelhantes, pois é

sempre possível que a solução de um mistério venha resolver outro. Entre os vários magistrados que se interessavam pelos acontecimentos de Garden City, contava-se o xerife do condado de Sarasota, na Florida, que abrange Osprey, uma aldeia de pescadores perto de Tampa e que fora teatro, pouco mais de um mês depois da tragédia dos Clutters, do assassínio de quatro pessoas num rancho isolado, cuja notícia Perry lera no jornal, em Miami, no dia de Natal. As vítimas eram igualmente membros de uma família: um jovem casal, Mr. e Mrs. Clifford Walker, e os dois filhos, um rapaz e uma rapariga, todos mortos com um tiro de carabina na cabeça. Visto que os assassinos dos Clutters haviam passado a noite de 19 de Dezembro num hotel de Tallahassee, o xerife de Osprey, que não dispunha de outros indícios, mostrava-se, como não é de surpreender, ansioso por interrogar os dois rapazes e submetê-los ao detector de mentiras. Hickock consentiu em sujeitar-se à prova, bem como Perry, que declarou às autoridades do Kansas:

- Eu reparei neste caso e até disse ao Dick: ”Quem quer que fez isto tinha lido o que acontecera aqui no Kansas. É uma estupidez!”

Os resultados da experiência, com grande desapontamento do xerife de Osprey, bem como de Alvin Dewey que se recusava a acreditar em coincidências estranhas, foram totalmente negativos.

O mistério do assassínio da família Walker ficou por resolver.

Domingo, 31 de Janeiro. O pai do *Dick veio cá visitá-lo. Disse-lhe adeus quando o vi passar* (em frente da porta da cela), *mas ele seguiu adiante. Soube* por *Mrs. M.* (Meier) *que Mrs.* H. (Hickock) *não viera* por *se sentir muito mal. Neva fortemente. A noite*

passada sonhei que estava, no Alasca com o meu pai. Acordei numa poça de urina gelada!”

Mr. Hickock passou três horas junto do filho. No fim caminhou pela neve até à estação dos caminhos-de-ferro de Garden City. O excesso de trabalho envelhecera-o, dobrara-o e estava emagrecido pelo cancro que o liquidaria dali a meses. Na estação, enquanto esperava por um comboio de regresso, falou a um repórter:

- Fui ver o Dick. Conversámos durante muito tempo. Garanto-lhe que ele não é como dizem, nem tal como o pintam nos jornais. Os rapazes não tinham ido àquela casa com intuitos de violência.

Pelo menos o meu. Pode ter os seus aspectos maus, mas não vai a esse ponto. Dick declarou-me que não fazia ideia de nada até ver o Smith atacar o homem (Mr. Clutter) e cortar-lhe o pescoço. O

Dick nem sequer se encontrava no mesmo quarto quando isso se deu. Foi a correr quando ouviu os dois a lutar. O Dick levava a carabina. O meu rapaz conta assim: ”O Smith pegou na minha carabina e rebentou a cabeça ao homem.” E afirmou-me: ”Olhe, pai. Só me apeteceu agarrar na carabina e matá-lo logo ali! Matá-lo antes que ele desse cabo do resto da família. Se o tivesse feito não estaria tão encravado como estou agora.” E eu penso o mesmo. Tal como estão as coisas, com a opinião pública contra ele, não tem a mínima probabilidade de se safar. Vão enforcá-los a ambos.

E saber-se que um filho vai ser enforcado - acrescentou com a derrota e a fadiga a transparecer-lhe nos olhos -, é a pior coisa que pode acontecer a um homem!

Nem o pai nem a irmã de Perry Smith escreveram nem vieram visitá-lo. Tex John Smith devia estar a pesquisar ouro algures no Alasca, embora as autoridades, por muito que se esforçassem, o não tivessem conseguido localizar. A irmã declarara aos investigadores que tinha medo do irmão e pedira que não comunicassem a este a sua morada actual. (Ao ser informado disto, Smith sorrira de leve e afirmara: ” Só queria que ela se tivesse encontrado naquela casa na célebre noite. Que cena deliciosa!”)

Salvo o esquilo, Meier e uma ou outra entrevista com o advogado, Mr. Fleming, Perry estava sempre só. Sentia a falta de Dick. *Lembro-me muito do Dick,* escrevia ele um dia no seu simulacro de diário. Desde que estavam presos não haviam voltado a comunicar um com o outro, e era isto o que ele mais desejava - conversar com Dick, estar de novo com ele. Dick não era afinal o ”duro”

que imaginara: ”pragmático”, ”viril”, ” um tipo de ferro”. Afinal revelara-se ”bastante fraco e fútil”, um ”cobardola”. No entanto, de todas as pessoas do mundo era dele que se sentia mais próximo neste momento; é que, ao menos, eram os

dois da mesma espécie, irmãos de Caim; separado dele, Perry sentia-se ”solitário. Como alguém que estivesse coberto de chagas. Alguém que só um tremendo louco desejaria ter por companheiro.”

Até que, certa manhã de meados de Fevereiro, Perry recebeu uma carta. Vinha carimbada de Readings, Massachusetts, e rezava assim:

Meu caro Perry, fiquei desolado ao saber da triste situação em que te encontras e resolvi escrever para te afirmar que me lembro muito de ti e gostaria, de te ajudar na medida das minhas forças. Caso não te recordes de mim, sou Don Cullivan e envio-te uma fotografia tirada na altura em que nos conhecemos. Quando li no jornal o que acontecera fiquei espantado e depois comecei a lembrar-me dos tempos em que convivemos.

Muito embora nunca tivéssemos sido amigos íntimos, tenho-te mais presente no espírito do que à maioria dos tipos que conheci na tropa. Isso começou talvez no Outono de 1951, quando fazias parte da companhia de Artilharia ligeira do Fort Leiais, em Washington. Tu eras baixo (eu também não sou alto), entroncado, moreno, com espessos cabelos pretos e um sorriso quase permanente. por *teres vivido no Alasca quase todos os camaradas te chamavam o ”Esquimó”. Uma das primeiras recordações que conservo a teu respeito está*

relacionada com uma inspecção na nossa Companhia, durante a qual os cacifos foram abertos e revistados.

Se bem me recordo, todos estavam em ordem, inclusive o teu, salvo o facto de estar forrado com fotografias de mulheres. Ficámos todos convencidos de que ias ter sarilhos. porém o oficial-inspector não tomou a coisa a sério e depois de ele se ter ido embora, todos nós achámos que tu eras um tipo bestialmente corajoso. Lembro-me de que jogavas razoavelmente o bilhar e parece que estou a ver-te na sala da nossa Companhia. Eras um dos melhores condutores de camiões da unidade. Lembras-te dos problemas de terreno que tínhamos de resolver nos exercícios? Num dos percursos que realizámos nesse Inverno recordo-me de que cada um de nós era responsável por *um camião durante todo o exercício. Na nossa unidade, os camiões não tinham aquecimento e fazia lá dentro um frio de rachar. Lembro-me de que tu abriste um buraco nas tábuas do chão afim de aproveitar o calor do motor. A razão de nunca me ter esquecido disto foi o que senti* por *saber que o*

”dano” causado a qualquer artigo pertencente ao exército constituía um crime pelo qual podias ser severamente punido. Claro que eu era um novato

e por *isso mesmo tinha receio de transgredir as leis, ainda que fosse na mais pequena coisa, mas lembro-me de te ver sorrir (muito quentinho) enquanto eu. me preocupava (e ia morrendo de frio). Recordo-me ainda de teres comprado uma motocicleta e conservo a vaga lembrança de haver surgido qualquer contratempo com ela - algum sarilho com a polícia? Desastre? Fosse o que fosse, só então tive consciência de que havia uma ponta, de loucura na tua personalidade. É natural que algumas das minhas recordações não sejam exactas; isto passou-se já lá vão mais de oito anos e só te conheci durante cerca de oito meses. Se bem me recordo, no entanto, entendíamo-nos os dois muito bem e eu simpatizava contigo. Sempre me pareceste alegre e atrevido, cumprias bem o serviço da tropa e não me recordo de teres dado muito que falar. Claro que eras completamente desaparafusado, mas eu não tinha grande intimidade contigo para saber tudo. O que sei agora é que estás verdadeiramente em maus lençóis. Tento imaginar o que és hoje; como pensas. Quando li o que sucedera contigo fiquei passado, podes crer. Depois larguei o jornal e distraí-me com outra coisa. Mas não me saías da ideia.* Não *me sentia bem tentando esquecer. Sou (ou antes, esforço-me verdadeiramente* por *o ser) religioso católico. Dantes não o era. Deixava correr e não me preocupava, afinal, com a única coisa que existe. Nunca pensava na morte ou na possibilidade da vida para além desta. Vivia intensamente: carros, Universidade, encontros com raparigas, etc. Mas a certa altura o meu irmão mais novo morreu com leucemia apenas com dezassete anos. Ele sabia que ia morrer e mais tarde pus-me a cogitar no que pensaria ele acerca disso. Neste momento penso em ti e cogito naquilo que poderás sentir. Não era capaz de encontrar palavras para dizer ao meu irmão nas últimas semanas que precederam a sua morte. Hoje, porém, sei o que lhe diria.*

E é por *isso que aqui me tens a escrever-te:* porque *foste feito* por *Deus, tal como eu, e, segundo o pouco que sabemos dos desígnios de Deus, o que te sucedeu a ti podia ter sucedido a mim.*

Do teu antigo Don Cullivan.

O nome não dizia nada a Perry, mas reconheceu imediatamente o rosto da fotografia como sendo o de um jovem soldado de cabelos cortados à escovinha e

uns olhos redondos e honestos. Leu a carta diversas vezes; muito embora achasse as alusões

religiosas pouco persuasivas (”tentei acreditar, mas não posso, não consigo, não vale a pena fingir”), sentiu-se abalado. Ali estava uma pessoa a oferecer-lhe auxílio, um homem lúcido e respeitável que outrora o conhecera e estimara, um homem que se assinava seu *amigo.* Sentindo-se grato, começou logo a responder-lhe:

Meu caro Don, se me lembro de ti! Caramba, Don Culhvan...

A cela de Hickock não tinha janela; dava para um largo corredor e para as fachadas das outras celas. Mas ele não estava isolado, tinha pessoas com quem conversar, uma cambada de vagabundos e bêbedos, falsários e tipos que espancavam as mulheres ou vadios mexicanos; e Dick, com o seu palavreado de ”aldrabão”, as suas anedotas obscenas e piadas jocosas, tornava-se popular junto dos companheiros de cárcere (muito embora entre estes houvesse um com quem nunca conseguira meter-se, um velho que lhe atirava constantemente à cara a palavra: ”Assassino! Assassino!” e que uma *vez* o encharcou atirando-lhe um balde de água suja).

Exteriormente, Hickock parecia a todos um jovem extraordinariamente despreocupado. Quando não estava a conversar ou a dormir, deitava-se no catre a fumar ou mascando goma elástica e a ler revistas desportivas ou livros de cordel. Muitas vezes limitava-se a ficar estendido e a assobiar velhas melodias muito conhecidas *(Devias ter sido um lindo bebé, Põe-te a andar para Búfalo)* e a fitar a lâmpada sem resguardo, acesa dia e noite no tecto da cela. Odiava aquela vigilância monótona da lâmpada; perturbava-lhe o sono e, mais concretamente, comprometia o êxito de um plano secreto que forjara: fugir. Na verdade, este preso não era tão despreocupado como parecia, nem tão resignado; tencionava dar todos os passos ao seu alcance para evitar ” o grande balouço”.

Convencido de que essa cerimónia não podia deixar de constituir o resultado do seu julgamento, pelo menos de qualquer julgamento no estado do Kansas, resolvera ”cavar dali para fora”. Roubar um carro e ”pôr-se na alheta”. Mas primeiro precisava de uma arma; e andava já havia semanas a fabricar um ”espeto”, certo instrumento muito semelhante a um quebra-gelo, algo que se

poderia enterrar com mortífera precisão entre os ombros do subxerife Meier. O material da arma, um bocado de madeira e um bocado de arame duro, fazia outrora parte de uma vassoura que ele confiscara, desmanchara e escondera debaixo do

colchão. Na noite anterior, quando o único ruído que se ouvia era o ressonar, a tosse dos presos e os dolentes gemidos dos comboios de Santa Fé que atravessavam a cidade às escuras, ele limava o arame no cimento do chão da cela. E, enquanto trabalhava, ia cogitando.

No primeiro Inverno após ter terminado o liceu, Hickock viajara à boleia através do Colorado e do Kansas: ”Foi na altura em que andava à procura de emprego. Certa vez em que seguia num camião, eu e o motorista começámos a discutir já não me recordo bem porquê ; ele bateu-me e pôs-me fora.

Deixou-me para ali, longe como burro, nas Montanhas Rochosas. Chuviscava e eu tive de andar milhas e milhas com o nariz a sangrar como uma torneira. Até que cheguei a um grupo de cabanas numa encosta arborizada. Cabanas de Verão, naquela altura fechadas e desertas. Arrombei uma delas. Havia ali dentro lenha e latas de conservas e até algum *whisky.* Fiquei lá uma semana e foi um dos melhores tempos da minha vida. Apesar de me doer o nariz e de ter os olhos inflamadíssimos. Quando a neve deixou de cair surgiu o sol e eu nunca vi um céu como aquele.

Igual ao do México, se lá o clima fosse frio. Percorri as outras cabanas e encontrei alguns presuntos fumados, um rádio e uma carabina. Era bestial! Andar todo o dia à caça com a carabina. À noite, comia feijões e presunto frito, enrolava-me num cobertor junto do lume e adormecia a ouvir a música do rádio. Não aparecia por ali ninguém. Acho que teria sido capaz de lá ficar até à

Primavera.” Se a fuga resultasse, era para aí que Dick contava dirigir-se, para as montanhas do Colorado, à procura de uma cabana para se esconder até à Primavera (sozinho, claro; o futuro de Perry já não o interessava). A perspectiva de tão edénico estágio, aliada à secreta inspiração com que trabalhava faziam com que o estilete fosse aguçado com todo o cuidado.

Quinta-feira, 10 de Março. O xerife teve hoje um choque. Revistou todas as celas e descobriu um estilete escondido debaixo da cama do D. Que teria ele na

ideia! (sorri).

Não que Perry achasse realmente o caso para rir; Dick, empunhando uma arma perigosa, podia desempenhar um papel decisivo nos planos que ele próprio estava formando. A medida que decorriam as semanas, Perry familiarizara-se com a vida na Praça do Tribunal, os seus frequentadores e os hábitos destes. Os gatos, por exemplo: os dois bichanos cinzentos e esqueléticos que apareciam ao cair da noite a rondar a praça, detendo-se para examinar as frentes dos automóveis parados em volta, procedimento este que o intrigava, até que Mrs. Meier lhe explicou que andavam à caça dos pássaros entalados nas grelhas dos veículos.

247

Dali em diante aquele espectáculo foi-lhe doloroso: ”A maior parte da minha vida tinha sido aquilo mesmo.

Ou coisa semelhante.”

Havia um velho que dava particularmente na vista a Perry, um sujeito alto e robusto, de cabeleira branca como um capacete de prata: o rosto cheio, de queixo firme, era de certo modo carrancudo quando em repouso, com a boca descaída, como se andasse mergulhado num soturno devaneio o vivo retrato da dureza implacável. E no entanto esta impressão era parcialmente falsa, porque de quando em quando o preso via-o parar e falar com outros homens, gracejar com eles e rir; nessas alturas parecia despreocupado, jovial e generoso: ”A espécie de homem capaz de apreciar humanamente as coisas. - qualidade esta de suma importância na personagem, pois tratava-se de Roland H. Tate, juiz do 32º Distrito Judicial, o magistrado que devia presidir ao julgamento do estado do Kansas contra Smith e Hickock. Tate, conforme Perry não tardou a saber, era um nome há muito temido no Kansas Ocidental. O juiz era um homem rico, criador de cavalos, senhor de vastas terras, e cuja mulher diziam ser muito bonita. Tivera dois filhos, mas o mais velho morrera, tragédia essa que afectara grandemente os pais e os levara a adoptar um rapazinho que ali aparecera abandonado e sem família. ”Parece um sujeito compassivo”, disse um dia Perry a Mrs. Meier. ”Talvez nos dê sorte.”

Mas não era essa realmente a convicção de Perry; acreditava naquilo que escrevera a Don Culhvan, com quem agora se correspondia regularmente: o seu

crime era ”imperdoável” e pensava sinceramente que acabaria por

”subir aqueles treze degraus”. No entanto ainda não desesperara por completo, pois também ele planeara a fuga. Esta dependia de dois jovens que muitas vezes surpreendera a observá-lo. Um era ruivo, outro de cabelos negros. Era frequente porem-se debaixo da árvore cujo cimo tocava na janela da prisão a sorrir-lhe ou a fazer-lhe sinais, pelo menos assim o imaginava. Nunca lhe haviam dito nada e, passado um minuto talvez, desandavam dali. Mas Perry convencera-se de que os jovens, movidos provavelmente por um desejo de aventura, pretendiam ajudá-lo na fuga. Em vista disso, desenhou um mapa do largo, indicando o ponto onde devia estacionar ”um carro para fugir”. por baixo do mapa escreveu: *Preciso de um serrote nº 5. Nada mais.*

Mas já pensaram na consequência se forem apanhados? (caso afirmativo, acenem com a cabeça). Isso poderá

acarretar-vos uma longa estada na prisão. Ou até a morte. E tudo por *causa de uma pessoa que não conhecem. É MELHOR REFLECTIREM!! Muito a sério! De resto como hei-de saber que* 248

posso ter confiança em vocês? E quanto ao Hickock? Todos os preparativos lhe dizem igualmente respeito.

Perry conservava este documento na sua mesa, amassado numa bola e pronto a ser atirado pela janela da próxima vez que visse aparecer os dois jovens. Mas isso nunca mais sucedeu. Não voltou a pôr-lhes a vista em cima. Acabou por pensar que tudo fora produto da sua imaginação (a ideia de que poderia não estar ”normal, talvez mesmo louco”, perturbava-o. ”Já acontecia o mesmo em pequeno, quando as irmãs troçavam dele por gostar da Lua. Ia esconder-se no escuro a ver o luar”.) Quer fossem fantasmas ou não, a verdade é que deixou de ver os dois rapazes. Outra forma de evasão, o suicídio, viera substituí-los nas suas cogitações: e, apesar dos cuidados do carcereiro (ausência de espelho, de cinto, gravata ou atacadores), descobrira um meio de o pôr em prática. Também na cela dele havia uma lâmpada permanentemente acesa. Mas, ao contrário do que sucedia com Hickock, dispunha de uma vassoura e com o auxílio desta era possível desatarrachar a lâmpada. Certa noite sonhou que conseguira deitar-lhe a mão. Partira-a em seguida e, com os vidros, cortara as veias dos pulsos e dos tornozelos. ”Sentia que me faltava a vista e a respiração”, descreveu ele mais tarde. ” As paredes da cela desapareciam, o céu abatia-se sobre mim e via surgir

o grande pássaro amarelo.”

Durante toda a sua vida - quando era ainda uma criança maltratada, depois um jovem vadio, agora um prisioneiro - o pássaro amarelo, enorme, com rosto de papagaio, pairara nos sonhos de Perry, qual anjo vingador que massacrava os inimigos ou então, como agora, vinha salvá-lo em momentos de perigo mortal.

”Ele levou-me como se eu fosse mais leve do que um rato e começou a subir; a subir cada vez mais, enquanto eu via lá em baixo, na praça, os homens a correr e a gritar, o xerife a disparar contra ele, todos furiosos por verem que eu estava livre, a voar céus fora, em melhor situação do que a deles.”

O julgamento foi marcado para o dia 22 de Março de 1960. Durante as semanas que precederam esta data os advogados de defesa iam constantemente consultar os réus. As vantagens de requerer o julgamento noutra localidade’ eram muito discutíveis, pois o advogado mais idoso, Mr. Fleming, avisou o seu cliente de 1 Em inglês *change ofvenue,* significa requerer que o julgamento se faça noutra localidade diferente daquela onde foi praticado o crime, por se recear que os magistrados e os jurados não julguem imparcialmente. *(N da T)*

que o facto de o julgamento se realizar nesta ou naquela região do Kansas não interessava. Os sentimentos do público eram os mesmos por toda a parte. Talvez o melhor lugar ainda fosse Garden City. A comunidade era muito religiosa. Onze mil habitantes e vinte e duas igrejas. A maioria dos padres opunha-se à pena de morte, por a considerarem imoral e anticristã; até mesmo o reverendo Cowan, ministro da congregação a que pertencia Mr. Clutter e grande amigo da família, pregara contra a pena de morte, referindo-se precisamente a este caso. ”Lembrem-se de que a única coisa que poderemos tentar *é* poupar-vos a vida. E para isso temos tantas probabilidades aqui como em qualquer outro sítio.”

Logo a seguir à primeira acusação de Smith e Hickock, os advogados apresentaram-se ao juiz Tate, a fim de lhe entregarem um requerimento onde se pedia um exame psiquiátrico dos acusados. Requeria-se que os dois réus fossem internados no hospital do Estado em Larned, no Kansas, estabelecimento de doenças mentais dispondo da máxima segurança, com o fim de averiguar se qualquer deles ou os dois eram ”loucos, imbecis ou idiotas, incapazes de compreender a sua situação e de ajudar a defesa”.

Larned fica a cem milhas a leste de Garden City; o advogado de Hickock, Harrison Smith, informou o tribunal de que estivera no hospital na véspera e conferenciara com alguns membros da direcção: ”Nós não temos psiquiatras capazes na nossa terra. De facto, Larned é o único local dentro de um raio de duzentas e vinte e cinco milhas onde poderemos encontrar essas pessoas, isto é, médicos treinados para poderem dar a sua opinião em matéria psiquiátrica. Isso leva tempo. Entre quatro e oito semanas. Mas as pessoas com quem contactei mostram-se dispostas a começar o trabalho desde já; e, como a instituição pertence ao Estado, claro que não custará um real ao Condado.”

Este projecto foi contrariado pelo assistente especial do acusador, Logan Green, o qual, certo de que os seus oponentes iriam invocar em tribunal ”um estado de loucura momentânea”, receava que o resultado da proposta fosse, tal como previra numa conversa particular, a exibição na barra das testemunhas de um ”rebanho de médicos de malucos”, simpatizantes com os réus (”esses tipos estão sempre prontos a chorar pelos assassinos e nunca pensam nas vítimas”.) Numa palavra, Green, que era muito teimoso, ou não fosse natural do Kentucky, começou por lembrar ao tribunal que a lei do Kansas, no que se refere a sanidade mental, segue a lei de M’Naghten, que noutros tempos importámos da Inglaterra, a qual determina que, se o acusado reconhece a natureza do seu acto, se sabe o que fez mal, então é mentalmente 250

são e responsável pelas suas acções. Mais ainda, afirmava Green, não existia nada nos estatutos do Kansas que determinasse quais as habilitações dos médicos escolhidos para determinar as condições mentais de um acusado: ”Refere-se simplesmente a médicos. Médicos de clínica geral, é tudo quanto a lei exige. Todos os anos temos neste condado juntas médicas para internar gente nas instituições públicas. Nunca se chamou ninguém de Larned nem de qualquer outro hospital psiquiátrico. Bastam-nos os médicos cá da terra. Não se torna muito difícil averiguar se um homem é idiota, louco ou imbecil... Reputo inteiramente desnecessário e uma perda de tempo enviar os nossos réus para Larned.”

Na contestação, o advogado Smith afirmava que o caso presente era ”muito mais grave do que um simples exame de sanidade mental para efeito de julgamento. Estão em jogo duas vidas. Fosse qual fosse o seu crime, estes homens têm todo o direito a ser examinados por pessoas de saber e experiência. A psiquiatria”, acrescentava, dirigindo-se directamente ao juiz, ” fez grandes progressos nestes últimos vinte anos. Os tribunais federais começam a trabalhar de acordo com

esta ciência quando se trata de pessoas acusadas de actos criminosos. A mim afigura-se ser esta uma esplêndida oportunidade de nos mostrarmos actualizados em face dos novos conceitos desta matéria."

Mas o juiz preferiu desprezar tal oportunidade, pois, segundo observara uma vez certo jurista, "Tate é aquilo que se pode chamar um magistrado que julga ao pé da letra, nunca vai em experiências, agarra-se sempre ao texto"; porém o mesmo crítico acrescentava: "Se eu estivesse inocente seria ele a primeira pessoa por quem desejaria ser julgado. Se estivesse culpado, a última." O juiz Tate não rejeitou inteiramente a petição: fez antes precisamente aquilo que a lei mandava, nomeando uma comissão de três médicos de Garden City e ordenando-lhes que dessem o seu parecer acerca das capacidades mentais dos prisioneiros. (Na devida altura, os três médicos examinaram os acusados e, ao cabo de cerca de uma hora de conversa, declararam que nenhum deles sofria de qualquer perturbação mental. Quando lhe deram parte do diagnóstico, Perry Smith exclamou: "Como podem eles saber uma coisa dessas? Eles o que queriam era divertir-se, ouvir todos os pormenores do crime dos lábios perversos dos assassinos. Até os olhos se lhes riam!" O advogado de Hickock mostrou-se também furioso: dirigiu-se mais uma vez ao Hospital do Estado, em Larned, onde requereu os serviços gratuitos de um psiquiatra que estivesse disposto a ir a Garden City entrevistar os acusados. O único que se prontificou a isso, o doutor W. Mitchell Tones, possuía uma competência excepcional; não fizera ainda trinta

anos, era um especialista ultramoderno em psicologia criminal e loucura criminosa: trabalhara e estudara na Europa, bem como nos Estados Unidos. Concordou em examinar Smith e Hickock e, caso o seu diagnóstico fosse positivo, serviria de testemunha de defesa.)

Na manhã de 14 de Março, compareceram de novo perante o juiz os advogados de defesa, desta vez a fim de pedirem um adiamento do julgamento, para o qual faltavam apenas oito dias. Para isso invocavam duas razões: em primeiro lugar afirmavam que uma testemunha "de importância vital", o pai de Hickock, estava nessa altura demasiado doente para vir depor. A segunda razão era mais subtil. Na semana anterior, começaram a aparecer nas montras da cidade, bem como nos cafés, restaurantes e na estação do caminho-de- ferro certos anúncios que diziam o seguinte: VENDA EM HASTA PÚBLICA DA HERANÇA DE H. W. CLUTTER 21

DE MARÇO DE 1960 NA QUINTA DA FAMÍLIA. ”Ora”, dizia Harrison Smith, dirigindo-se ao juiz, ”eu compreendo que se torna quase impossível provar que este facto pode prejudicar os réus. porém a venda em hasta pública da herança das vítimas terá lugar dentro de uma semana - por outras palavras, no próprio dia em que começa a audiência. Se isto é ou não prejudicial para os acusados, não o posso afirmar.

Mas estes avisos, além dos anúncios dos jornais e da rádio, recordam constantemente o crime a todos os cidadãos, dos quais cento e cinquenta foram convocados como possíveis jurados.”

O juiz Tate não se deixou impressionar. Recusou a petição sem dar explicações.

No princípio do ano, Hideo Ashida, o japonês vizinho de Mr. Clutter, vendera as suas alfaias agrícolas e mudara-se para o Nebrasca. A venda dos Ashida, que fora considerada um êxito, não chegara a atrair cem compradores. A dos Clutters reuniu um pouco mais de cinco mil. Os cidadãos de Holcomb esperavam um ajuntamento desusado. O Clube Feminino da Congregação Cristã de Holcomb transformara um dos telheiros da quinta em bufete, fornecido com duzentos empadões de confecção caseira, duzentas e cinquenta libras de carne picada, sessenta libras de presunto em fatias. Mas ninguém estava preparado para receber a maior afluência de pessoas registada na história do Kansas. Acorreram a Holcomb automóveis de metade dos condados daquele estado, bem como de Oklahoma, Colorado, Texas e Nebrasca. Seguiam aos solavancos pela vereda que conduzia à quinta de River Valley.

Era a primeira vez que o público tinha licença de visitar a casa dos Clutters depois dos crimes, circunstância esta que explicava a presença de pelo menos um terço da enorme assembleia - aqueles que tinham ali vindo por curiosidade apenas. É claro que o tempo contribuíra também favoravelmente, pois em meados de Março as grandes neves do Inverno haviam-se derretido já, deixando a descoberto sucessivos hectares de lama funda; os lavradores nada tinham à fazer enquanto o solo não endurecesse.

- A terra está de tal modo húmida e desagradável - afirmava a senhora Bill Ramsey, mulher de um lavrador -

que ninguém pode fazer nada. por isso lembrámo-nos de vir ver o leilão.

Na verdade, o dia estava bonito, primaveril. Muito embora a lama cobrisse tudo, o sol, durante tanto tempo oculto pela neve e pelas nuvens, parecia novo em folha e as árvores - e pomar de macieiras e pereiras de Mr.

Clutter e os álamos que ensombravam a alameda - viam-se ligeiramente nimbados de uma auréola de luz esverdeada. O belo relvado que rodeava a casa dos Clutters apresentava-se também com um tom de verde-novo e os intrusos que o calcavam, sobretudo mulheres, desejosas de espreitar pelas janelas da casa desabitada, invadiam o recinto, como que esperançadas e ao mesmo tempo receosas de divisar na penumbra que reinava para lá das cortinas floridas alguma sinistra aparição.

Em voz gritante, o leiloeiro fazia o elogio dos artigos: tractores, carroças, carrinhos de mão, medidas de pregos, maços, vigas novas, baldes para o leite, ferros de marcar, cavalos, ferraduras, tudo quanto era necessário ao funcionamento de uma quinta, desde as cordas até aos arreios, desde as pias até às bacias de lata.

A perspectiva de adquirir estas mercadorias por preços módicos fora o móbil que atraíra ali a maior parte das pessoas. porém as mãos dos compradores tremiam de receio - mãos calosas do trabalho que sentiam dificuldade em se separar das notas tão penosamente ganhas; no entanto, nada ficou por vender, houve até

alguém suficientemente interessado para comprar um molho de chaves ferrugentas e um jovem *cowboy* de botas amarelo-claro ficou com o ”carro dos coiotes” de Kenyon, o velho calhambeque que o infeliz rapazinho utilizava para ir à caça nas noites de luar.

Os ajudantes da venda, aqueles que traziam e levavam os artigos mais pequenos à mesa do leiloeiro, eram Paul Helm, Vic Hirsik e Âlfred Stocklein, todos eles antigos e dedicados serviçais do falecido Herbert Clutter.

Ajudar na venda dos seus pertences constituía para eles um derradeiro serviço, pois era este o último dia que passavam em River Valley; a propriedade fora alugada

a um rancheiro de Oklahoma e de futuro seriam como estranhos, embora voltassem a trabalhar ali. A medida que prosseguia a venda e que os bens de Mr.

Clutter diminuíam e desapareciam gradualmente, Paul Helm, ao recordar o funeral da família assassinada, declarava: ”Era como que um segundo enterro.”

A última coisa a vender-se foi o gado dos currais, constituído sobretudo por cavalos, entre eles a égua de Nancy, a velha e gorda *Babe*, que foi à praça por muito menos do que o seu valor. Estava-se no fim da tarde, as aulas haviam terminado, e entre os espectadores encontravam-se vários colegas de Nancy. Foi então que se deu início à venda dos cavalos; Susan Kidwell era uma das espectadoras. Sue, que adoptara um dos animais de estimação da amiga, o gato, desejaria ter ficado também com a égua, pois amava o velho bicho e sabia quanto Nancy estimara. As duas jovens tinham muitas vezes montado juntas no animal, galopando pelo meio dos campos de trigo nas tardes quentes de Verão, seguindo até à margem do rio e metendo-se em seguida dentro de água. A égua caminhava contra a corrente, até ficarem todas três, na expressão de Sue, ”frias que nem peixes”. porém Sue não tinha lugar em casa para a égua.

- Está em cinquenta... sessenta e cinco... setenta... - Os lances eram demorados, ninguém parecia realmente interessado na *Babe,* e o homem que ficou por fim com ela, um lavrador de Mcnnonite, disse que iria utilizá-la na lavoura e arrematou-a por setenta e cinco dólares. No momento em que a conduzia para fora do curral, Sue Kidwell correu para o animal, ergueu a mão, como se fosse dizer-lhe adeus, mas arrependeu-se e tapou a boca.

O *Telegram* de Garden City, na véspera do início da audiência, publicou o seguinte editorial: ”Pode haver quem pense que os olhos do país inteiro estão postos em Garden City durante este sensacional julgamento.

Mas não é assim. Mesmo a cem milhas a Oeste, no Colorado, poucas pessoas se lembram do caso; quando muito recordam-se do assassínio de todos os membros de uma família muito conhecida. Isto constitui um triste comentário ao modo comoo crime está vulgarizado nesta nação. Desde que os quatro membros da família Clutter foram mortos no passado Outono, vários assassínios múltiplos tiveram lugar em diversos pontos do condado. Precisamente nestes dias que precederam o julgamento, mais três casos de assassínios colectivos foram anunciados nos cabeçalhos dos jornais. portanto, este crime e este julgamento não são mais do que um entre tantos dos casos que lemos ultimamente e já esquecemos... ”

Muito embora os olhos da nação não estivessem fixos nelas, a atitude das principais personagens do acontecimento, desde o escrivão até ao juiz, revelava preocupação na manhã da primeira audiência no tribunal.

Os quatro advogados exibiam fatos novos; os sapatos que o delegado do Ministério Público ostentava nos pés enormes estalavam e rangiam a cada passo. Também Hickock se apresentava impecavelmente vestido com roupas fornecidas pelos pais: calças de sarja azul, camisa branca e gravata estreita azul-escura. Apenas Perry Smith, que não tinha gravata nem casaco, parecia ali deslocado, do ponto de vista da indumentária. Trazia uma camisa aberta, (que lhe emprestara Mr. Meier), e calças de ganga enroladas em baixo; parecia tão estranho como uma gaivota num campo de trigo.

A sala de audiência, um compartimento despretensioso situado no terceiro andar do Tribunal de Finney County, tinha as paredes caiadas e o mobiliário encerado de escuro. As bancadas dos espectadores comportavam quando muito umas cento e setenta pessoas. Na manhã de terça-feira, 22 de Março, os bancos estavam ocupados exclusivamente por todos os candidatos a jurados de Finney County, entre os quais iria ser escolhido o júri. Poucos se mostravam desejosos de desempenhar tal função (um deles, em conversa com outro, dizia: ”Não me podem nomear. Ouço mal.” Ao que o amigo, após alguns momentos de manhosa reflexão, replicou: ”Se vamos a isso, também eu não ouço lá muito bem”), e era opinião geral de que a escolha dos jurados iria demorar vários dias. Ao cabo e ao resto, porém, gastaram-se apenas quatro horas; além disso, o júri, incluindo os dois membros suplentes, foi escolhido entre os primeiros quarenta e quatro candidatos.

Sete foram rejeitados pela defesa e três dispensados a pedido da acusação; outros vinte viram-se excluídos pelo facto de se oporem à pena capital ou então por confessarem que haviam formado já uma opinião firme acerca da culpabilidade dos acusados.

Os catorze homens que por fim foram nomeados incluíam meia dúzia de lavradores, um farmacêutico, o director de uma creche, um empregado do aeroporto, um perfurador de poços, dois caixeiros-viajantes, um maquinista e o gerente da pista de *bowling*. Todos eles eram chefes de família (alguns tinham cinco filhos ou mais) e convictos prosélitos de uma ou outra das igrejas locais. Durante o exame prévio, quatro deles informaram o tribunal de que haviam tido relações, embora não muito íntimas, com Mr. Cluter. porém, após o

interrogatório, cada um deles declarou que tal facto em nada diminuiria a sua capacidade de proferir uma sentença imparcial. O empregado do aeroporto, um

sujeito de meia-idade que se chamava N. L. Dunnan, afirmou, ao ser-lhe pedida a opinião acerca da pena de morte: ”Habitualmente sou contra ela. Mas, neste caso, não” - declaração esta que pareceu a algumas pessoas presentes indicar claramente a existência de um preconceito. No entanto, este homem foi aceite como jurado.

Os réus assistiam distraídos à cerimónia da escolha. No dia anterior, o doutor Jones, o psiquiatra que se prontificara a examiná-los, tinha-os entrevistado separadamente durante cerca de duas horas: no fim das entrevistas, alvitrara que cada um deles lhe fizesse uma declaração autobiográfica, e foi a redacção deste documento que ocupou os acusados durante as horas consumidas na escolha do júri. Ao fundo da mesa dos seus patronos, Hickock escrevia com uma caneta e Smith com um lápis.

Este último declarou:

O *meu nome é Perry Edward Smith, nasci a 27 de Outubro de 1928, em Huntington, no condado de Elko, Nevada, que fica* por *assim dizer no fim do mundo. Recordo-me de que em 1929 a nossa família se tinha aventurado a ir até juneau, no Alasca. Na minha família éramos o meu irmão Tex J r. (mais tarde mudou o nome para James,* por *achar ridículo o nome de Tex, e penso que também* por *detestar o meu pai-influenciado pela minha mãe, a minha irmã Fem (esta também mudou o nome para Joy), a minha irmã Bárbara e eu... Em Juneau, o meu pai fazia contrabando de álcool. Acho que* foi *durante este período que a minha mãe começou a beber. A mamã e o papá começaram então a ter discussões. Recordo-me que a minha mãe ”esteve” com alguns marinheiros durante a ausência do meu pai. Quando ele regressou a casa, seguiu-se uma discussão e, depois de violenta luta, o meu pai pôs fora os marinheiros e começou a bater na minha mãe.. Eu apanhei um susto tremendo. Na verdade todos nós estávamos aterrados. Chorávamos. Eu assustei-me* porque *pensei que o meu pai me ia fazer mal, e também* por el *e estar a bater na minha mãe. Não compreendi realmente o motivo de tudo isto, mas sentia que ela devia ter feito qualquer coisa de mal... Aquilo de que me lembro vagamente a seguir é de viver em Fort Bragg, Califórnia. Tinham dado ao meu irmão uma espingarda*

B. B. Ele matara um passarinho e no fim ficara muito triste por *isso. Eu pedi-lhe que me deixasse dar um tiro com a espingarda.*

Ele empurrou-me dizendo que eu era pequeno demais para fazer isso. Fiquei tão furioso que desatei a chorar.

No fim de chorar, senti-me mais furioso ainda, e nessa tarde, 256

quando a espingarda estava atrás da cadeira do meu irmão, agarrei-a, encostei-lha ao ouvido e gritei: Pum!

O meu pai (ou a minha mãe) bateu-me e obrigou-me a pedir desculpa. O meu irmão costumava, atirar contra um grande cavalo branco em que um vizinho nosso montava, para ir à cidade. O homem descobriu-nos a mim e a meu irmão escondidos nas silvas e levou-nos à presença do meu pai; eu apanhei uma tareia e o meu irmão ficou sem a espingarda. Senti-me feliz com isso... Não me lembro de mais nada enquanto vivemos em Fort Bragg. (Oh, nós, garotos, costumávamos saltar de um palheiro, com um chapéu-de-chuva aberto, para cima de um monte de palha que estava no chão)... A seguir só me lembro de muitos anos mais tarde, quando vivíamos na Califórnia ou no Nevada? Não tenho a certeza. Recordo-me de um episódio horrível passado entre a minha mãe e um negro. Nós, as crianças, dormíamos num alpendre, no Verão. Uma das nossas camas ficava precisamente por *baixo da janela dos meus pais. Todos nós tínhamos já espreitado através das cortinas semiabertas para ver o que se passava lá dentro. O pai tinha contratado um preto (o Sam) para trabalhar na quinta ou no rancho, enquanto ele próprio trabalhava mais longe. Ele costumava vir tarde para casa à noite, na furgoneta modelo A. Não me recordo bem do que sucedeu depois, mas calculo que o pai tinha sabido ou desconfiado do que se passava. Isso deu como resultado a separação do pai e da mãe e esta, levou-nos para S.*

Francisco. Fugiu com a furgoneta dopai e todas as coisas que ele trouxera do Alasca. Acho que isto se passava em 1935 (f)... Em S. Francisco eu estava continuamente metido em sarilhos. Comecei a andar com um grupo de rapazes todos mais velhos do que eu. A minha mãe estava sempre bêbeda e nunca em condições de cuidar ou tomar conta de nós. Eu andava à solta como um coiote. Não conhecia regra nem disciplina nem nada que me indicasse o que era mal e o que era bem. Ia para onde me apetecia, até que me meti pela primeira vez em sarilhos. Andava sempre a ser internado em reformatarias por *fugir de casa e*

por *roubar.*

Recordo-me de um lugar para onde me mandaram. Eu sofria dos rins e molhava a cama todas as noites.

Sentia-me humilhado com isso, mas não conseguia dominar-me. A vigilante do meu pavilhão batia-me furiosamente e mandava os outros fazer troça de mim e chamar-me nomes. Costumava vir a qualquer hora da noite levantar-me a roupa para ver se eu tinha a cama molhada e batia-me com raiva com um grande cinto de cabedal preto. Tirava-me da cama pelos cabelos, arrastava-me para o quarto de banho, mergulhava-me numa.

257

banheira de água fria e mandava-me lavar os lençóis. Cada noite era para mim um verdadeiro pesadelo.

Depois começou a achar divertido pôr uma certa pomada no meu pénis e este ardia-me de uma maneira quase intolerável. Mais tarde ela foi demitida do lugar. Mas isso em nada alterou o que eu sentia em relação a ela e a todos os que fizeram pouco de mim.

Em seguida, visto o doutor Jones lhe ter dito que queria o relatório nessa mesma tarde, Smith saltou para a adolescência e para o período em que ele e o pai haviam vivido juntos, vagueando pelo Far West, a pesquisar ouro, a caçar peles e a exercer toda a espécie de empregos:

Eu amava o meu pai mas havia momentos em que este afecto que sentia, por *ele se escoava do meu coração como água, suja. Isto sucedia quando ele se revelava incapaz de compreender os meus problemas, de me dar um pouco de consideração, de me deixar exprimir, ou me negava responsabilidade. Nessas alturas tinha de me afastar dele. Aos dezasseis anos alistei-me na Marinha Mercante. Em 1948 fuipara a tropa. O oficial da recruta prejudicou-me nas provas. Dali em diante comecei a compreender a importância da instrução. Cada vez sentia mais ódio e inveja dos outros. Comecei a ulhar a torto e a direito. Atirei com um polícia japonês de uma ponte abaixo. Fui julgado em Conselho de Guerra* por *ter destruído o café de um japonês. Fui de novo julgado em Kyoto, no Japão,* por *roubar um táxi. Estive na tropa cerca de quatro anos. Tinha fúrias terríveis enquanto servi no Japão e na Coreia. Estive quinze meses na Coreia, fui transferido e mandado regressar aos Estados Unidos, e tive*

honras especiais visto ser o primeiro veterano que regressava da Coreia ao Alasca.

Escreveram parangonas nos jornais, publicaram o meu retrato e pagaram-me a viagem até ao Alasca de avião, etc., etc. Terminei o meu serviço militar em Fort Leveis, Washington.

O lápis de Smith passava a escrever umas letras quase indecifráveis, com a pressa de chegar ao fim da história; o acidente de mota que o inutilizara, o roubo cometido em Phillipsburg, no Kansas, e lhe valera a sua primeira condenação.

258

... Fui condenado em 5 a 10 anos por *roubo grave, falsificação e fuga da cadeia. Achei que tinham sido injustos para mim. Enquanto estive na prisão tornei-me um revoltado. Quando saí disse que ia para o Alasca ter com o meu pai, mas não fui, trabalhei durante uns tempos no Nevada e no Idaho, segui para Las Vegas e fui para o Kansas onde arranjei a situação presente. Não tenho tempo para mais.*

Assinava e acrescentava um pós-escrito:

Gostaria de conversar de novo com o senhor doutor. Há muitas coisas que lhe interessam e ainda não disse. Sempre senti um prazer extraordinário em estar junto de pessoas dotadas de boa vontade e dedicação. Notei isto quando me encontrei na sua presença.

Hickock não escreveu com o mesmo entusiasmo do companheiro. Parava muitas vezes para escutar o interrogatório de um futuro jurado ou para olhar os rostos à sua volta - particularmente e com especial desagrado a cara musculosa do delegado do condado. Duane West, que tinha a mesma idade dele, vinte e oito anos. porém o seu relatório, escrito com uma letra estilizada e oblíqua, que lembrava a chuva a cair, terminou antes que o tribunal encerrasse a sessão: *Vou tentar relatar-lhe tudo aquilo de que me lembrar acerca da minha pessoa, muito embora parte da minha infância não passe de uma vaga recordação, pelo menos até aos dez anos.* O *meu tempo de escola foi igual ao da maioria dos rapazes da minha idade. Tive as minhas bulhas, encontros com raparigas e sucederam-me outros factos próprios da adolescência. A minha vida familiar também era normal, mas, como já disse, poucas vezes tinha licença para sair do pátio e ir brincar com os companheiros. O meu pai foi sempre muito severo connosco (ele*

e o irmão) nesse capítulo.

Também tinha de ajudar o meu pai nos trabalhos da casa.... Só me lembro de os meus pais terem tido uma discussão sem consequência. Qual o motivo, não me recordo.

...O meu pai comprou-me um dia uma bicicleta e eu julguei-me o rapaz mais feliz da cidade. Era uma bicicleta de rapariga, mas o meu pai transformou-a, pintou-a e ficou como

nova. Tive também muitos outros brinquedos, muitos, para a nossa condição económica. Sempre fomos o que se pode chamar remediados. Nunca falimos, mas estávamos sempre arriscados a isso. O meu pai era muito trabalhador e fazia o possível por *nos manter. A minha mãe trabalhava também muito. Trazia a casa sempre em ordem e tínhamos abundância de roupa para mudar. Lembro-me de o meu pai usar daqueles bonés antiquados de copa alta e obrigava-me a usá-los também; eu não gostava nada... Fui realmente bom aluno no liceu, obtive notas acima da média no primeiro e segundo ano. Depois desci um pouco. Tive uma namorada* por *essa altura. Era uma rapariga simpática e nunca tentei tocar-lhe; apenas lhe dava de vez em quando um beijo. Foi realmente um namoro sério... Durante os anos de liceu participei em todos os desportos e recebi ao todo nove prémios. Basquetebol, futebol, basebol, atletismo, etc. O meu melhor ano foi o último. Nunca tive uma namorada certa, aproveitava todas. Foi* por *essa altura que tive pela primeira vez relações com uma mulher. Claro, dizia aos camaradas que isso já sucedera montes de vezes... Recebi convite de duas universidades para jogar futebol* por *elas, mas não aceitei. Depois de acabar o liceu fui trabalhar para os caminhos-de-ferro de Santa Fé, onde fiquei até ao ano seguinte, pois despediram-me. Na Primavera arranjei emprego na Roark Motor Company. Trabalhava lá havia quatro meses quando tive um desastre de automóvel com um carro da casa. Passei muitos dias no hospital com ferimentos de gravidade muito extensos na cabeça.*

Enquanto assim estive, não pude arranjar emprego, por *isso fiquei desempregado durante quase todo o Inverno. Entretanto conheci uma rapariga e apaixonei-me* por *ela.* O *pai era prestador baptista e não queria que andássemos juntos. Casámos em Julho. O pai deu* por *paus e* por *pedras, até saber que ela estava grávida.*

Mas nunca pôde comigo e por *isso as coisas correram sempre mal entre nós. Depois de casarmos, empreguei-me numa estação de serviço perto de Kansas Cit". Trabalhava das oito da noite ás oito da manhã.* por *vezes a minha mulher ficava lá comigo durante toda a noite, com receio de que eu me deixasse adormecer, e* por *isso ia ajudar-me. Depois tive uma oferta para trabalhar na Perry Pontiac, que aceitei com satisfação. Gostava do emprego,*

muito embora não ganhasse por *aí além, 75 dólares* por *semana. Dava-me bem com os colegas e os patrões estimavam-me. Fiquei lá cinco anos... Durante esse tempo passaram-se algumas das coisas de que mais me envergonho.*

260

Hickock revela a seguir as suas tendências pedófilas e, depois de descrever algumas experiências elucidativas, prossegue:

Sei que procedia mal. Mas nessa altura nunca pensava se a coisa estava certa ou não. Dava-se o mesmo com o roubo. Parece-me que se tratava de um impulso. Há uma coisa de que nunca lhe falei relacionada com este caso. Antes de entrar em casa dos Clutters, eu sabia que vivia lá uma rapariga. Acho que a principal razão por *que lá fui não era o roubo mas sim violar a rapariga.*

Estava sempre a pensar nela. Foi por *isso que nunca quis vir embora depois de lá ter entrado.*

Mesmo vendo que não existia cofre nenhum. Enquanto lá estive fiz algumas tentativas junto da rapariga. Mas o Perry não me deixou levar nada por *diante. Espero que ninguém saiba disto senão o senhor, nem sequer o disse ao meu advogado. Há outras coisas que também gostaria de lhe dizer, mas tenho receio de que os meus pais as venham a descobrir. Tenho mais vergonha de ter feito essas coisas do que de ser enforcado... Estive doente. Em consequência do desastre de automóvel, creio. Crises de desmaios e* por *vezes hemorragias do nariz e do ouvido esquerdo. Uma delas sucedeu em casa de uma gente de nome Crist, que vivia ao sul da quinta dos meus pais.*

Ainda não há muito saiu-me da cabeça uma lasca de vidro. Foi o meu pai quem ma ajudou a tirar... Acho que devo contar-lhe as circunstâncias que determinaram o meu divórcio e a minha prisão. Tudo começou nos princípios de 1957. Eu e minha mulher vivíamos num apartamento em Kansas City. Eu tinha deixado o emprego na companhia de automóveis e começara a explorar uma

garagem por *minha conta. A mulher a quem eu alugara a garagem tinha uma enteada de nome Margaret. Conheci-a uma vez em que estava a trabalhar e fui tomar com ela um café. O marido dela estava na Marinha. Para encurtar razões, comecei a andar metido com ela. A minha mulher pediu o divórcio. Comecei apensar que realmente nunca devia ter gostado da minha mulher, pois se assim fosse nunca teria feito muitas das coisas que fiz.* por *isso nunca contestei o divórcio. Pus-me a beber e andei bêbedo um mês. Descurei o trabalho, gastei mais dinheiro do que tinha, assinei cheques falsos e acabei* por *me transformar num ladrão... Foi* por *isso que me mandaram para a penitenciária... O meu advogado aconselhou-me a ser sincero para com o senhor, pois poderia ajudar-me. E, como sabe, bem preciso de ajuda,.*

261

No dia seguinte, quarta-feira, começava verdadeiramente a audiência; era também o primeiro dia em que admitiam espectadores na sala, a qual era muito diminuta para conter uma pequena percentagem daqueles que iam à porta requerer entrada. Os melhores lugares tinham sido reservados para vinte membros da imprensa e para individualidades especiais, como os pais de Hickock e Donald Cullivan (o qual, a pedido do advogado de Smith, viera de Massachusetts para ser testemunha abonatória do seu antigo camarada do exército). Correra o boato de que as duas filhas de Mr. Clutter que restavam estariam presentes; não compareceram nesse dia nem em outro qualquer. A família estava representada pelo irmão mais novo de Mr. Clutter, Arthur, que se deslocara da terra onde vivia, a cem milhas dali. Declarou aos jornalistas:

- Só quero ver-lhes bem as caras (de Smith e de Hickock). Pretendo averiguar a espécie de animais que são. Tenho-lhes uma vontade que me sinto capaz de os desfazer!

Sentou-se mesmo atrás dos réus e fitava-os com tamanha intensidade que parecia querer desenhar-lhes os retratos de memória. A certa altura, como que obedecendo a um desejo de Arthur Clutter, Perry Smith voltou-se para trás e fitou-o; reconheceu então nele a cara do homem que assassinara -

os mesmos olhos suaves, lábios delgados, queixo firme. Perry, que estava a mascar goma elástica, imobilizou os queixos. Baixou os olhos e só dali a um minuto voltou a mastigar. Com excepção deste momento, Smith e Hickock assumiram no tribunal uma atitude de distracção e desinteresse absoluto;

mascavam goma elástica e batiam com os pés com lânguida impaciência enquanto o contínuo chamava a primeira testemunha.

Nancy Ewalt. E depois de Nancy, Susan Kidwell. As raparigas descreveram o que tinham visto ao entrarem na casa dos Clutters naquele domingo, 15 de Novembro: os quartos silenciosos, uma carteira vazia no chão da cozinha e um quarto de dormir cheio de sol onde jazia a sua colega Nancy Clutter, num mar de sangue. A defesa requereu a acareação, táctica essa que empregou também em relação às três testemunhas que se seguiram (o pai de Nancy Ewalt, Clarcnce, o xerife Earl Robinson e o *coroner* do condado, o doutor Robert Fenton), cada uma das quais fez a narrativa dos acontecimentos ocorridos naquela soalheira manhã de Novembro: a descoberta, por fim, de todas as vítimas, a descrição do aspecto destas e, da parte do doutor Fenton, um diagnóstico clínico:

”graves lesões no cérebro e na estrutura craniana provocadas por um tiro.”

Depois, Richard G. Robleder levantou-se para depor

Rohleder é investigador-chefe do Departamento de Polícia de Garden City. Tem a paixão da fotografia em que é mestre. Foi ele quem tirou aquelas que revelaram a existência das pegadas de Hickock no chão da cave dos Clutters, marcas que a objectiva registou mas que eram invisíveis a olho nu. Fora ele quem fotografara os cadáveres, essas cenas de morte que Alvin Dewey estudara sem cessar enquanto não vira descobertos os crimes. O objectivo do testemunho de Rohleder era provar que fora ele quem tirara essas fotografias, coisa que a acusação desejava acentuar. porém o advogado de Hickock objectou:

- Só o facto de as fotografias serem apresentadas em tribunal constitui um prejuízo e pode influenciar os jurados.

O juiz Tate não atendeu à objecção e as fotografias foram apresentadas aos jurados.

Enquanto isto se passava, o pai de Hickock dirigindo-se a um jornalista que estava a seu lado, disse:

- Isto é que é um juiz! Nunca vi um homem tão parcial. Assim não vale a pena haver julgamento, com ele a presidir. Pudera! Ele era um dos que ia às borlas no

enterro?... (A verdade é que Tate mal conhecia as vítimas e não assistira sequer ao funeral.)

porém, Mr. Hickock era a única voz que se erguia na sala extraordinariamente silenciosa. Ao todo, havia dezassete cópias e, à medida que passavam de mão em mão, os rostos dos jurados reflectiam o choque causado pelas fotografias - as faces de um coravam, como se lhe tivessem dado uma bofetada, as de outros, depois do primeiro olhar angustiado, mostravam que não tinham coragem para ver mais; era como se as fotografias lhes tivessem aberto os olhos do raciocínio obrigando-os finalmente a ver aquela coisa horrorosa e verdadeira que sucedera a um dos seus vizinhos e a toda a família. Parecia terem ficado espantados com o facto, e alguns deles - o farmacêutico e o gerente da pista de *bowling* - fitaram os réus com uma expressão de absoluta repulsa.

O pai de Hickock abanava tristemente a cabeça e repetia num

murmúrio:

- Assim, não. Isto não é maneira de fazer um julgamento!

A acusação anunciara que iria apresentar, como testemunha final daquele dia, ”o homem mistério”.

O autor da informação que levara à captura dos criminosos: Floyd Wells, o antigo companheiro de cela de Hickock. Visto estar ainda a cumprir pena, e portanto em risco de sofrer represálias da parte dos outros presos da penitenciária do estado do Kansas, Wells nunca fora identificado publicamente como informador. Agora, a fim de poder prestar declarações sem perigo perante o tribunal, fora mudado para uma pequena cadeia de um condado vizinho. No entanto,

a passagem de Wells pelo meio da sala da audiência, em direcção ao estrado das testemunhas, revelou uma atitude furtiva, como se receasse encontrar um assassino pelo caminho. Ao passar junto de Hickock, este arreganhou os lábios e proferiu alguns horríveis palavrões. Wells fingiu não dar por isso; mais, tal como um cavalo que ouve o rastejar de uma cobra cascavel, esquivou-se para o lado, fugindo à proximidade perigosa do homem que traíra. Ao ocupar o estrado, mantinha os olhos fixos na sua frente. Era um tipo de queixo retraído, com um ar

de aldeão, envergando um fato azul-escuro muito decente que a penitenciária lhe fornecera para a circunstância, pois o Estado empenhara-se em que a sua principal testemunha de acusação se apresentasse com um ar respeitável, a fim de merecer crédito.

As declarações de Wells, que havia sido previamente bem ensaiado, foram tão correctas como o aspecto da testemunha. Animado pelos incitamentos amáveis de Logan Green, confirmou haver trabalhado durante cerca de um ano como auxiliar agrícola na quinta de River Valley; volvidos dez anos, depois de ter sido condenado por roubo, veio a travar conhecimento com outro preso, Richard Hickock, a quem descrevera a quinta dos Clutters, bem como a família.

Green perguntou:

- Ora diga lá: durante essas conversas com Mr. Hickock, que disseram vocês acerca dos Clutters?

- Bem, falámos de Mr. Clutter. O Hickock disse-me que ia ser posto em liberdade e fazia tenções de se dirigir para o oeste, à procura de trabalho; talvez passasse pela quinta de Mr. Clutter, e pedisse trabalho. Eu disse-lhe então que Mr. Clutter era muito rico.

- O Hickock mostrou-se interessado por esse facto?

- Bem, ele perguntou-me se Mr. Clutter não tinha um cofre lá em casa.

- Mr. Wells, o senhor estava convencido de que havia um cofre em casa de Mr. Clutter?

- Bem, já se passara muito tempo depois que eu lá tinha estado a trabalhar. Mas eu julgava que sim. Pelo menos um cacifo em qualquer parte... Logo a seguir, ele (Hickock) começou a falar em roubar Mr. Clutter.

- Ele descreveu-lhe a maneira como tencionava proceder?

- Declarou-me que, se o fizesse, não deixaria viva nenhuma testemunha.

- E não disse o que tencionava fazer às testemunhas?

- Disse, sim. Provavelmente iria amarrá-las e, depois de cometer o roubo,

tencionava matá-las.

Após haver assim provado a premeditação em primeiro grau,

Green entregou a testemunha à defesa. O velho Mr. Fleming que era um clássico advogado da província, mais à vontade em questões de terrenos do que em casos de crime, iniciou o contra-interrogatório. A finalidade das perguntas, como logo deu a entender, era introduzir no debate uma matéria que a acusação evitara até aí propositadamente: o papel de Wells no plano dos crimes e a sua idoneidade moral.

- Então o senhor não disse uma palavra ao Hickock - começou Mr. Fleming, indo direito ao fim -

para o dissuadir de roubar e matar toda a família Clutter?

- Não. É coisa que não se costuma fazer ali (na penitenciária do Estado do Kansas). Não ligamos ao que dizem uns e outros, porque pensamos que é tudo palavreado.

- Quer você dizer que costumam ter conversas desse género, que não correspondem a nada? Então você não quis convencê-lo de que Mr. Clutter possuía um cofre? Era isso que o senhor tinha em vista, não é verdade?

Com o seu processo calmo, Fleming fazia com que Wells passasse um mau bocado; a testemunha puxava pela gravata, como se esta de repente tivesse começado a apertar-lhe.

- E o senhor deu-lhe a entender também que ele era muito

- rico, não é verdade?

- Sim, eu disse-lhe que Mr. Clutter tinha muito dinheiro. Fleming levou-o a fazer mais uma vez a descrição de como

Hickock informara Wells dos seus planos criminosos em relação à família Clutter. Então, como que acabrunhado de desgosto, o advogado inquiriu tragicamente:

- E nem assim o senhor tentou nada para o dissuadir?

- Nunca acreditei que ele o fizesse.

- Não acreditou! Então por que motivo, assim que soube a notícia do crime, pensou ser ele o culpado?

Wells, replicou enfaticamente:

- porque a coisa fora executada exactamente como ele a descrevera!

Harrison Smith, advogado de defesa mais novo, tomou a palavra. Com um ar agressivo e sobranceiro, que parecia forçado, pois na realidade ele era um homem pacífico e tolerante, perguntou ao depoente se acaso não era conhecido por qualquer alcunha.

- Não, chamam-me simplesmente Floyd. O advogado inquiriu sarcástico:

- Não passaram a chamar-lhe ”linguarudo”? Ou talvez ”cão polícia”?

- Só me tratam por ”Floyd” - repetiu Wells, um tanto casmurro.

- Quantas vezes esteve preso?

- Três.

- Nenhuma delas por falso testemunho?

Wells negou, declarando que uma vez fora preso por guiar sem carta de condução, a segunda por roubo e a terceira pena, noventa dias de cadeia, fora-lhe aplicada durante o serviço militar:

- Andávamos numa patrulha de treino. Bebemos de mais e demos uns tiros nuns candeeiros e numas janelas iluminadas.

Toda a gente riu, com excepção dos réus (Hickock cuspiu para o chão) e de Harrison, que perguntou a Wells por que motivo, após a tragédia de Holcomb, esperara algumas semanas antes de contar às autoridades aquilo que sabia:

- Não estaria você à espera de qualquer coisa? O anúncio de um prémio, por exemplo?

-Não.

- Nunca ouviu falar numa recompensa?

O advogado referia-se à recompensa de mil dólares oferecida pelo jornal *News,* de Hutchinson, em troca de qualquer informação que conduzisse à captura dos criminosos do caso Clutter.

- Li isso nos jornais.

- Antes de se dirigir às autoridades, não é verdade? - E depois de a testemunha concordar que fora assim, Smith prosseguiu com ares de triunfo: - Que imunidades lhe ofereceu o procurador do condado em troca de você vir aqui prestar declarações?

Logan Green, porém, interveio:

- Protesto contra essa pergunta, senhor doutor juiz!

A objecção foi atendida e mandaram embora a testemunha. No momento em que esta deixava o estrado, Hickock exclamou para quem quis ouvir:

- Grande filho da mãe! Se alguém merece ser enforcado é ele! Olhem só para aquilo! Vai-se daqui, ganha as massas e põem-no em liberdade!

Esta previsão cumpriu-se, pois Wells não tardou a receber a recompensa, bem como a soltura sob fiança. porém, foi de pouca duração a maré de sorte. Não tardou a meter-se de novo em sarilhos.

No decorrer dos anos, sofreu muitas vicissitudes e presentemente reside na prisão do Estado de Mississipi, onde está a cumprir uma pena de trinta anos por roubo à mão armada.

Na sexta-feira, quando o tribunal encerrou para o fim-de-semana, as testemunhas de acusação tinham sido todas ouvidas, entre elas quatro agentes especiais do Federal Bureau of Investigation, 266

de Washington, Estes eram técnicos de laboratório especializados em várias categorias de investigação científica criminal, tinham estudado as provas materiais relacionadas com a acusação dos réus (amostras de sangue, pegadas, cápsulas vazias, a corda e o adesivo), e cada um deles garantiu a validade das provas. por fim, os quatro agentes do Kansas Bureau of Investigation forneceram relatórios de entrevistas com os presos e das confissões que estes haviam acabado por fazer. Ao interrogarem o pessoal do K. B. I, os advogados da defesa, vendo-se cercados por todos os lados, objectaram que tais confissões haviam sido obtidas por meios impróprios, tais como interrogatórios forçados em gabinetes abafados, com focos eléctricos, etc. Esta falsa acusação irritou os detectives que negaram de forma convincente. (Mais tarde, em resposta a um repórter que lhe perguntava por que motivo ele tinha ido tão longe na sua defesa infundada, o advogado de Hickock retorquiu de mau humor: ”Mas qual era o meu papel? Que diabo, eu não tinha o mínimo trunfo na mão. Mas também não podia estar para ali sentado como um boneco. A certa altura uma pessoa diz aquilo que não deve!”).

A testemunha de acusação mais eficaz foi Alvin Dewey; o seu testemunho, o primeiro relato público dos acontecimentos descritos na confissão de Perry Smith, mereceu a honra dos mais floreados cabeçalhos dos jornais (MUDA REVELAÇÃO DO HORRÍVEL ASSASSÍNIO - FACTOS HORRIPILANTES) e chocou os ouvintes, o mesmo sucedendo quanto a Richard Hickock, o qual passou a escutar com uma atenção que denotava surpresa e pesar as declarações de Dewey. Este prosseguia:

- Houve um incidente que Smith me descreveu, o qual ainda não referi. Depois de a família Clutter estar toda amarrada, Hickock declarou-lhe achar a pequena Nancy Clutter muito bem feita e comunicou-lhe a sua intenção de a violar. Smith dissera a Hickock que não consentiria em semelhante coisa. Afirmou-me que não tolerava pessoas incapazes de controlar os seus desejos sexuais e que lutaria com Hickock, se fosse preciso, antes de permitir que ele violasse a rapariga.

Até então Hickock ignorara que o companheiro havia revelado à polícia o seu projectado estupro; assim como não sabia também que Perry, num acesso de boas intenções, alterara a sua primeira versão dos factos, declarando-se autor da morte das quatro vítimas, facto este revelado por Dewey no fim do seu testemunho:

- Perry Smith declarou-me que desejava alterar dois pontos da confissão que nos

fizera. Afirmou ser verdade tudo o resto, com excepção destas duas coisas: o facto de ter sido ele e não

Hickock o autor dos assassínios de Mrs. Clutter e de Nancy Clutter. Afirmou-me também que não queria morrer deixando a mãe do Hickock convencida de que o filho matara qualquer dos membros da família Clutter. Afirmou ainda que os pais de Hickock eram boas pessoas. por isso mais valia apresentar assim os factos.

Ao ouvir isto, Mrs. Hickock desatou a chorar. Durante todo o julgamento mantivera-se em silêncio, sentada ao pé do marido, sempre a torcer entre as mãos um lenço todo amarfanhado. Sempre que podia captar o olhar do filho, acenava-lhe com a cabeça e tentava esboçar um sorriso, embora sem convicção, mas no qual exprimia toda a sua lealdade. Mas via-se claramente que já não podia dominar-se mais e começou a chorar. Alguns dos espectadores olharam para ela e desviaram a vista; os outros pareciam alheios àquele terrível lamento que acompanhava o relatório de Dewey; até o marido, talvez por considerar pouco digno de um homem reparar nisso, permanecia impassível. por fim, uma jornalista, a única presente, levou Mrs. Hickock para fora do tribunal, conduzindo-a à sala das mulheres.

Uma vez dominada a crise de angústia, Mrs. Hickock mostrou necessidade de se expandir:

- Não tenho ninguém com quem desabafar - declarou à sua companheira. - Não digo que as pessoas não sejam todas muito amáveis comigo, vizinhos e tudo, até estranhos. Temos recebido cartas de desconhecidos dizendo que compreendem o nosso desgosto e o sentem connosco. Nunca ninguém nos dirigiu uma palavra de ofensa, nem a mim nem ao Walter. Até mesmo aqui, onde isso não seria de surpreender. Todos se mostraram o mais simpáticos possível. A criada da pensão aonde vamos comer até nos põe creme gelado sobre a torta e não leva nada por isso. Eu digo-lhe que não vale a pena, porque não sou capaz de a comer, mas ela insiste. Só por amabilidade para connosco.

Chama-se Sheila. Diz que nós não temos culpa nenhuma disto. Mas a mim parece-me que toda a gente olha e pensa lá consigo: bem, ela em parte deve ser responsável. Refiro-me à maneira como eduquei o Dick. Talvez tivesse

procedido mal, mas não percebo em quê, por mais voltas que dê à

cabeça. Éramos umas pessoas simples, gente da aldeia, que levávamos uma vida igual à dos outros.

por vezes tínhamos horas felizes lá em casa. Fui eu que ensinei ao Dick a dançar o *fox-trot.* Sempre adorei dançar, não pensava noutra coisa quando era rapariga; havia nesse tempo um rapaz...

dançava que era uma maravilha, meu Deus! E ganhámos uma taça de prata os dois, a dançar a valsa. Durante muito tempo tínhamos o projecto de fugir e irmos dançar para o teatro, para a 268

revista. Era o nosso sonho. Sonhos de garotos!... Mas ele foi-se embora lá da terra e mais tarde casei com o Walter. Mas o Walter não era capaz de dar um passo de dança sequer. Dizia que se eu queria um trotador era melhor ter casado com um cavalo. Desde então nunca mais dancei até que ensinei ao Dick. Ele nunca ficou a saber bem, bem, mas era um amor de rapaz. O Dick foi a criança mais bondosa que se possa imaginar.

Mrs. Hickock tirou os óculos e limpou as lentes embaciadas, tornando a colocá-las no rosto redondo e agradável.

- O Dick tem muitos aspectos melhores do que aqueles que foram revelados aqui no tribunal. Só o acusam de coisas terríveis, não lhe reconhecem nenhuma coisa boa. Eu cá não o posso desculpar por aquilo que fez, pela parte que tomou em tudo isto. Não posso esquecer aquela pobre família.

Todas as noites rezo por eles. Mas também rezo pelo Dick e por esse rapaz, o Perry. Seria mal da minha parte odiá-lo; só me resta lamentá-lo também. E sabe uma coisa? Estou certo de que Mrs.

Clutter havia de sentir o mesmo que eu, visto ser como dizem.

A audiência fora suspensa; ouviam-se os ruídos dos espectadores a saírem, para lá da porta dos *toilettes.* Mrs. Hickock declarou que ia ter com o marido:

- Ele está mesmo pronto. Acho que já nem se importa com coisa nenhuma!

Muitos dos espectadores do julgamento ficaram espantados com aquele estranho

vindo de Boston, Donald Cullivan. Não conseguiam compreender como é que este circunspecto engenheiro que se formara em Harvard, jovem e católico, casado e pai de três filhos, viera propositadamente de tão longe, como amigo de um tipo sem educação, um assassino que mal conhecera e não via há nove anos. O próprio Cullivan afirmara:

- A minha mulher também não compreende isto. A minha vinda aqui representa um grande sacrifício. Perco uma semana de férias e o dinheiro da viagem faz-me muita falta para outras coisas de que necessitamos. por outro lado, não podia de modo algum deixar de ter vindo. O advogado do Perry escreveu-me a pedir para eu ser sua testemunha abonatória: assim que recebi a carta, compreendi que não podia deixar de vir, pois tinha oferecido a este homem a minha amizade. E

também porque... acredito na vida eterna. Todas as almas podem ser salvas por Deus.

A salvação de uma alma, sobretudo a de Perry Smith, era um empreendimento que o subxerife e a mulher, ambos profundamente católicos, se mostravam muito dispostos a ajudar, embora

Mrs. Meier tivesse recebido um acolhimento muito desfavorável da parte de Perry ao sugerir-lhe uma entrevista com o padre Goubeau, pároco da terra. (Perry retorquira: ”Os padres e as freiras já

se divertiram comigo por uma vez. Ainda tenho cicatrizes que o podem provar.”) portanto, aproveitando o intervalo do fim-de-semana, Mrs. Meier convidou Cullivan para almoçar com o preso no domingo, na cela deste.

A oportunidade de receber o seu amigo, fazendo as honras da casa, encantou sobremaneira Perry, e a elaboração da ementa pato bravo estufado e recheado, com molho grosso e puré, feijão verde, salada com geleia, bolachas quentes, leite frio, torta de cereja, queijo e café - parecia interessá-lo mais do que o resultado do julgamento (que, pelos vistos, não considerava assunto discutível:

”Estes aldeãos estúpidos vão votar a condenação à forca mais depressa do que um poico engole a lavagem. Olhem só para os olhos deles. Diabos me levem se sou eu o único assassino dentro daquela sala!”) Durante toda a manhã de domingo ocupou-se nos preparativos para receber o convidado. O dia estava

quente, um pouco ventoso, e a sombra das folhas, as emanações subtis que vinham da árvore, a roçarem-se contra a janela da prisão, atraíam o esquilo domesticado de Perry.

O *Vermelho* corria atrás das sombras enquanto o dono varria e limpava o pó, esfregava o chão, areava o W. C., desembaraçava a mesa da papelada que a cobria. Era sobre ela que deviam almoçar e, logo que Perry acabou de a pôr, ficou com um aspecto deveras convidativo, pois Mrs. Meier emprestara-lhe uma toalha de linho, guardanapos engomados, a sua louça mais fina e os melhores talheres.

Cullivan mostrou-se impressionado, assobiou quando as iguarias chegaram dentro de tabuleiros que foram colocados sobre a mesa e, antes de se sentar, perguntou ao amigo se podia fazer a oração da bênção. Este, de cabeça erguida, fez estalar as articulações, enquanto Cullivan, com a sua curvada, proferia: ”Abençoai, Senhor, os alimentos que vamos receber em virtude da Tua misericórdia, por Cristo Nosso Senhor, Amen”. Perry observou em voz baixa que a quem se devia agradecer era a Mrs. Meier: - Foi ela que fez tudo. - E depois, enchendo o prato do amigo: - Ora bem, gosto muito de estar contigo, Don. Acho-te precisamente na mesma. Não mudaste absolutamente nada!

Cullivan, cuja aparência exterior era a de um empregado de banco meticuloso, com os cabelos ralos e um rosto difícil de fixar, concordou que, externamente, pouco mudara. Mas o seu interior, o ser invisível, isso era outra coisa:

- Eu andava à deriva. Conhecer a Deus é a única realidade.

Uma vez que se compreenda isso, tudo o resto se resolve. A vida passa a ter significado bem como a morte, Eh pá! Tu comes sempre petiscos destes ? Perry desatou a rir:

- Mrs. Meier é uma cozinheira de estalo. Só queria que provasses o arroz à espanhola feito por ela.

Aumentei cinco quilos desde que aqui estou. Claro que eu estava esquelético. Emagreci imenso enquanto andei com o Dick mais ou menos a monte, comendo sabe Deus o quê e nunca uma refeição completa. Vivíamos quase como animais. O Dick passava a vida a roubar latas de conserva das mercearias. Feijões cozidos

e *espaguetti.* Abriam-se no carro e comia-se tudo frio. Tal e qual como animais. O Dick gosta de roubar. É nele uma questão emocional, uma doença. Eu cá

também sou ladrão, mas só quando não tenho dinheiro para pagar. O Dick, esse, ainda que tivesse milhares de dólares no bolso, havia de roubar nem que fosse uma pastilha de goma elástica!

Mais tarde, quando já estavam nos cigarros e no café, Perry voltou ao assunto do roubo:

- O meu amigo Willie-Jay costumava afirmar que todos os outros crimes não são mais do que variantes do roubo. Inclusive o assassínio. Quando se mata um homem rouba-se-lhe a vida.

Acho que esta teoria faz de mim um ladrão de alto coturno. porque tu bem vês, Don, fui eu que os matei a todos. Lá no tribunal esse tipo, o Dewey, apresentou as coisas como se o criminoso fosse eu só, por causa da mãe do Dick. pois bem, não foi assim. O Dick ajudou-me. Ele é que segurou na lanterna eléctrica e depois procurou as cápsulas vazias. E a ideia, além disso, partiu dele. Mas o Dick não era capaz de dar os tiros, não tinha coragem, só sabe ser valente quando se trata de atropelar um cão. O que eu queria saber é por que diabo fiz uma coisa destas? -

Franzia os sobrolhos, como se o problema só agora lhe tivesse surgido, como se houvesse desenterrado uma pedra de cor surpreendente e ainda por qualificar: - Não sei como aquilo sucedeu prosseguiu, como quem a levanta contra a luz, observando-a de todos os ângulos. -

Estava furioso com o Dick. O valentão! Mas não foi por causa dele. Nem pelo medo de ser identificado. Apeteceu-me arriscar no jogo. Também não foi em virtude de coisa nenhuma que tivessem feito os Clutters. Nunca me prejudicaram em nada, como esses que sempre foram malandros para mim durante a vida inteira. Talvez os Clutters estivessem destinados a pagar pelos outros...

Cullivan fez uma sondagem, como que a tentar medir a profundidade do arrependimento de Perry.

Este devia sentir sem dúvida

remorsos suficientemente profundos para alcançar o perdão e a misericórdia de Deus? Perry respondeu-lhe:

- Se estou arrependido? Se é isso o que queres saber podes crer que não. Não sinto nada que se relacione com isso. Desejaria sentir. Mas a verdade é que a coisa não me preocupa. Meia hora depois do caso passado, Dick estava a dizer piadas e eu a rir-me com elas. Talvez sejamos ambos desumanos. Mas eu sou suficientemente humano para sentir pena de mim próprio. Pena de não poder sair daqui para fora contigo quando te fores embora. Mais nada.

Cullivan mal podia acreditar nesta atitude tão despreocupada: Perry estava confundido, enganava-se, não era possível haver alguém de tal modo destituído de consciência ou de compaixão. Mas Perry objectou:

- porquê ? Os soldados matam e isso não lhes tira o sono. Assassinam e recebem medalhas por isso.

Esta boa gente do Kansas quer-me assassinar e deve haver um carrasco que ficará todo satisfeito por fazer esse serviço. Matar é fácil. Fica sabendo, é muito mais fácil do que passar um cheque falso. Mas lembra-te: eu só conheci os Clutters durante uma hora. Se os tivesse conhecido há mais tempo aposto que sentiria de maneira diferente. Acho que nunca perdoaria a mim próprio. Mas, assim, era como atirar ao alvo numa barraca de feira.

Cullivan calou-se e o seu silêncio perturbava Perry, que parecia interpretá-lo como uma desaprovação muda:

- Caramba, Don! Não me obrigues a fazer de hipócrita na tua frente. Despejar para aí uma série de frases como estas: ”Estou muito arrependido! Só me resta pôr-me de joelhos e rezar!” Isso não é

comigo! Não posso aceitar de um dia para o outro aquilo que reneguei toda a vida. A verdade é que tu fizeste muito mais por mim do que aquele a quem chamas Deus nunca fará! Escrevendo-me, assinando ”teu amigo”, quando eu não tinha amigos. A não ser o Joe James.

O Joe James, explicou ele a Cullivan, era um jovem lenhador índio com quem vivera em tempos na floresta, perto de Bellingham, Washington.

- Fica muito longe de Garden City. Umas boas duas mil milhas. Mandei-lhe dizer

a situação em que me achava e ele prometeu vir cá ainda que tivesse de fazer a viagem a pé. Até hoje não apareceu e talvez nem apareça, mas eu quero crer que sim. O Joe sempre gostou de mim. E tu, Don, gostas de mim?

- Gosto, gosto de ti.

A resposta firme e suave de Cullivan agradou a Perry e animou-o. Sorriu e disse:
272

- Então deves ser meio pírulas! - e erguendo-se de chofre atravessou a cela, agarrando na vassoura:

- Não sei por que hei-de morrer no meio de estranhos. De deixar que um bando de labregos esteja em volta a ver-me estrangular. Merda! Devia matar-me antes disso. - Ergueu a vassoura e comprimiu os pêlos contra a lâmpada do tecto. - Bastava desaparafusar a lâmpada, parti-la e cortar os pulsos. Era o que eu devia fazer. Enquanto tu aqui estás. Junto de alguém que se interessa um pouco por mim.

A audiência recomeçou na segunda-feira às dez da manhã. Noventa minutos mais tarde encerrava-se de novo, porque a defesa terminara nesse breve espaço de tempo. Os réus recusaram testemunhar a seu próprio favor e portanto não se pôs a questão de ter sido Smith ou Hickock o assassino da família Clutter.

Das cinco testemunhas convocadas, a primeira foi Mr. Hickock. De olhos cavados, embora falando com uma Clareza digna e amarga, só conseguiu depor no sentido de se poder alegar a favor do filho um estado de loucura ocasional. O seu rapaz, afirmou ele, sofrera ferimentos na cabeça num acidente de automóvel, em Julho de 1950. Antes, desse desastre, Dick fora sempre um rapaz

”folgazão”, dera boa conta de si nos estudos, era estimado pelos colegas e respeitava os pais. ”Não causava preocupações a ninguém.”

Harrison Smith, conduzindo habilmente o depoimento da testemunha, inquiriu:

- Pergunto se depois de Julho de 1950 o senhor observou qualquer mudança na personalidade, hábitos e reacções do seu filho Richard?

- Nunca mais voltou a ser o mesmo rapaz.

A última afirmação foi prontamente posta em dúvida por Logan Green, que encetou o contra-interrogatório:

- Mr. Hickock, o senhor disse que só teve sarilhos com o seu filho a partir de 1950?

- ... Acho que foi preso em 1949.

Um sorriso sibilino curvou os lábios de Green:

- Recorda-se de qual foi o motivo da prisão?

- Acusaram-no de ter arrombado um *drugstore.*

- Acusaram-no? Então,ele não confessou ter arrombado o estabelecimento?

- Confessou, sim, senhor.

- Isso foi em 1949. E no entanto o senhor acaba de nos dizer que ele mudou de atitude a partir de 1950. Quer dizer com isso que passou a ser um bom rapaz?

Tossidelas fundas, agitavam o velho; cuspiu no lenço:

- Não - respondeu observando o escarro. - Não é isso que eu quero dizer.

Então qual foi a mudança que se verificou?

- Bem, isso seria muito difícil de explicar. Não procedia como dantes.

- Quer o senhor dizer que perdera as tendências criminosas? Esta saída do advogado provocou fungadelas na assistência,

um tumulto que o duro olhar do juiz Tate prontamente extinguiu. Mr. Hickock foi mandado sentar e substituído no estrado pelo doutor W. Mitchell Jones.

O doutor Jones identificou-se como sendo ”médico especializado no campo da psiquiatria” e, em abono das suas capacidades, afirmou ter visto mil e quinhentos doentes desde o ano de 1956, quando entrara como psiquiatra interno no Hospital do Estado de Topeka, no Kansas. Durante dois anos fizera parte do

corpo clínico do Hospital do Estado de Larned, onde tinha a seu cargo o pavilhão Dilloi, a secção reservada aos loucos criminosos.

Harrison Smith perguntou à testemunha:

- De quantos casos de assassínio se ocupou até hoje, mais ou menos?

- Cerca de vinte e cinco.

- Doutor, gostaria de lhe perguntar se conhece o meu constituinte, Richard Eugene Hickock?

- Conheço, sim, senhor,

- Teve ocasião de o examinar do ponto de vista psiquiátrico?

- Sim, fiz um exame psiquiátrico a Mr. Hickock.

- Baseado nesse exame poderá dizer-nos se sim ou não Richard Eugene Hickock distinguia o bem do mal no momento de cometer os crimes?

A testemunha, um homenzarrão de vinte e oito anos, com uma cara de Lua Cheia, mas de expressão inteligente, subtil e delicada, tomou uma funda inspiração, como que a preparar-se para uma resposta prolongada; porém o juiz avisou-o logo:

- Deve responder sim ou não à pergunta, doutor. Limite a sua resposta a um sim ou a um não.

- Muito bem.

- E qual é a sua opinião?

- Acho que, dentro dos conceitos habituais, Hickock sabia distinguir o bem do mal.

Assim entaipado pela lei M’Naghten (”as definições habituais”), fórmula esta em que eram quase nulas as gradações entre o branco e o preto, o doutor Jones não podia responder de outra 274

maneira. Mas claro que esta resposta era uma derrota para o advogado de

Hickock, que insistiu, desesperado:

- Pode fazer o favor de esclarecer essa resposta?

Era um beco sem saída, pois muito embora o doutor Jones estivesse disposto a colaborar, a acusação tinha o direito de levantar objecções, e fê-lo, citando o facto de que a lei do Kansas não permitia mais do que um sim ou um não a perguntas directas. A objecção foi atendida e despediram a testemunha. No entanto, se acaso o doutor Jones tivesse podido prestar mais esclarecimentos, aqui está o que ele teria dito: ”Richard Hickock classifica-se acima da média em inteligência, apreende novas ideias e possui largos conhecimentos. Está atento a tudo o que se passa à sua volta e não dá indícios de confusão mental nem de desorientação. O seu pensamento está bem organizado, é lógico e parece tomar bom contacto com as realidades. Muito embora eu não encontre nele os vulgares indícios de lesões cerebrais orgânicas - perda de memória, perturbações na formação dos conceitos concretos, deformações intelectuais - nada disto pode de modo algum ser posto fora de causa. Ele sofreu uma lesão grave traumática na cabeça, ficando algumas horas em estado de coma, no ano de 1950. Isto verifiquei eu nos relatórios do hospital. Ele afirma sofrer de ataques de amnésia e de dores de cabeça de tempos a tempos, e grande parte do seu procedimento anti-social surge a partir dessa época. Nunca foi sujeito aos exames médicos que definitivamente provariam ou negariam a existência de qualquer resíduo dos ferimentos. Estão indicados exames médicos definitivos antes de se emitir um juízo completo... Hickock dá mostras de anormalidade emocional. Que soubesse o que estava a fazer e teimasse em o levar a cabo é a prova mais cabal deste facto. Trata-se de uma pessoa impulsiva na acção, capaz de fazer coisas sem pensar nas consequências ou nos futuros contratempos que elas lhe poderão acarretar para si ou para os outros. Não parece capaz de aprender pela experiência e apresenta períodos intermitentes de actividade produtiva, seguidos de acções nitidamente irresponsáveis. Não pode suportar como qualquer pessoa normal um sentimento de frustração e é quase incapaz de se libertar desses sentimentos, a não ser por meio de actos anti-sociais... O respeito que nutre por si próprio é muito reduzido e sente-se secretamente inferior aos outros e sexualmente insatisfeito. Estes sentimentos parecem ser superados por meio de sonhos de riqueza e importância, mercê de uma tendência para alardear as suas proezas, para esbanjar sempre o dinheiro que possui, não se satisfazendo com o aumento vagaroso que é de esperar nos empregos que arranja... tem dificuldades nas suas relações

com os outros e possui uma incapacidade patológica para arranjar e manter relações pessoais. Muito embora professe em teoria o código da moral comum, não parece ser influenciado por ele nas suas acções. Numa palavra, dá claros indícios daquilo que se chama em psiquiatria uma profunda desordem de carácter. É

importante tomar as medidas necessárias para averiguar se existem lesões cerebrais orgânicas, pois, no caso afirmativo, poderiam estas ter tido influência no procedimento do acusado durante os últimos anos e também na altura do crime."

À parte um apelo formal feito ao júri, que só teria lugar no dia seguinte, o testemunho do psiquiatra pôs termo à defesa de Hickock. A seguir, era a vez de Arthur Fleming, o advogado de Smith. Este apresentou quatro testemunhas: o reverendo James E. Post, capelão protestante da penitenciária de Kansas City; o amigo índio de Perry, Joe James, que acabara por chegar de autocarro nessa mesma manhã, depois de uma viagem que durara dois dias e duas noites, desde os confins do longínquo Nordeste; Donald Cullivan; e, uma vez mais, o doutor Jones. Com excepção deste último, os outros eram apresentados como "testemunhas abonatórias" - que ali vinham com o fim de declarar que o acusado era possuidor de algumas virtudes humanas. Não foram lá muito bem sucedidos, embora todos tentassem fazer certas afirmações mal alinhavadas, até que a acusação as fez calar e as pôs de parte, classificando-as de "incompetentes, descabidas e despropositadas".

por exemplo, Joe James, com os seus cabelos negros, de pele ainda mais escura do que a de Smith, muito magro, de camisa de caça toda desbotada e pés calçados de mocassinas, parecia ter saído naquele momento dalguma floresta. Limitou-se a dizer ao tribunal que o acusado vivera em sua casa durante mais de dois anos.

"Perry era um bom rapaz, estimado por toda a vizinhança, nunca fez nada de repreensível, que eu saiba." O

procurador não o deixou ir mais além; outro tanto se deu com Cullivan, depois de este ter afirmado: "Enquanto foi meu companheiro na tropa, o Perry mostrou sempre ser um tipo estimável."

O reverendo Post conseguiu alongar-se um pouco mais, pois não fez a mais pequena tentativa para elogiar o preso, antes descreveu de maneira caridosa o contacto que tivera com ele em Lansing.

- Vi pela primeira vez o Perry Smith quando ele veio ao meu gabinete, na capela da prisão, mostrar um desenho que fizera: um busto de Jesus Cristo pintado a pastel. Ofereceu-mo para o colocar na capela. Desde então encontra-se pendurado na parede do meu gabinete.

Fleming inquiriu:

- Tem consigo alguma fotografia desse desenho?

O ministro trazia um envelope cheio delas. Mas quando ia abri-lo, evidentemente para proceder a uma distribuição, Logan Green saltou de lá:

- Senhor doutor juiz! Isto passa das marcas!

O juiz achou realmente que passava das marcas e o caso ficou por ali.

O doutor Jones foi de novo chamado a depor e depois dos preliminares que haviam precedido a sua primeira actuação, Fleming fez-lhe a pergunta crucial:

- Depois de conversar com Perry Smith e de o examinar, sabe-nos dizer se ele seria *capaz* de distinguir o bem do mal no momento do crime de que é acusado? O senhor doutor tem alguma opinião a esse respeito?

- Não, senhor!

No meio de murmúrios de surpresa, Fleming, também surpreendido, retorquiu:

- Peço o favor de nos explicar por que motivo não tem qualquer opinião a tal respeito?

. Green objectou:

- O homem não tem opinião e está tudo explicado. Legalmente, era assim mesmo.

Se, porém, o doutor Jones tivesse podido explicar a causa da sua indecisão, teria dito o seguinte:

”Perry Smith dá mostras evidentes de profunda doença mental. A sua infância, de que ele fez o relato cuja exactidão verifiquei por meio de relatórios prisionais, foi caracterizada pela brutalidade e pela falta de interesse dos pais, tanto de um como de outro. Pelos vistos, cresceu sem qualquer orientação e sem ter absorvido qualquer noção dos valores morais... É atilado, presta uma extraordinária atenção a tudo o que se passa à sua volta e não dá indícios de confusão mental.

Possui uma inteligência acima do vulgar e adquiriu um certo número de conhecimentos que surpreendem, tendo em vista a sua pouca instrução... Há duas facetas da sua personalidade que se nos apresentam como particularmente patológicas. A primeira é a sua visão ”paranóica” do mundo.

Desconfia e suspeita de toda a gente, julga-se prejudicado pelos outros, pensa que são injustos para com ele e que o não compreendem. E apercebe-se imediatamente se lhe falarem com pouca consideração ou lhe dirigirem algum insulto e muitas vezes acontece interpretar mal atitudes bem-intencionadas. Sente grande necessidade de amizade e compreensão, mas tem relutância em se confiar aos outros, *e* quando o faz está sempre à espera

de ser mal compreendido ou até atraiçoado. A sua capacidade para avaliar as intenções e os sentimentos dos outros e para distinguir as situações reais daquelas criadas pela sua imaginação é

bastante fraca. Muitas vezes julga os outros em globo, considerando-os hipócritas, hostis e merecedores de tudo aquilo que ele se sente capaz de lhes fazer. Relacionado com este aspecto da sua personalidade, existe um outro: uma raiva latente e mal controlada, que facilmente se desencadeia em virtude de qualquer sentimento de desconsideração ou de inferioridade perante os outros. Na maioria das vezes, as suas fúrias no passado têm sido dirigidas contra qualquer representante da autoridade: pai, irmão mais velho, sargento do exército, oficial da justiça e isto por várias vezes o levou a atitudes violentas e agressivas. Tanto ele como os que lhe estão próximos têm tido conhecimento dessas fúrias, que, segundo afirma, ”sobem por ele acima”, e do fraco domínio

que revela para as controlar. Quando por acaso se voltam contra ele mesmo, essas fúrias assumem a forma de intenções suicidas. Esta extraordinária força da raiva, esta falta de capacidade para a dominar ou canalizar, reflecte uma fraqueza primária da estrutura da personalidade.

”... A acrescentar a estas características, o sujeito apresenta certas perturbações no processo de raciocínio. Possui pouca capacidade para organizar o pensamento, afigura-se-nos incapaz de o explicar ou esquematizar, envolve-se e por vezes perde-se em pormenores, e grande parte das suas cogitações reflectem um carácter ”mágico”, um certo desprezo pela realidade... Poucas relações emocionais tem mantido com outras pessoas e essas poucas não souberam resistir a pequenas crises. Interessa-se muito pouco pelos outros para além de um círculo de amigos muito reduzido e não atribui grande valor à vida humana. Este desprendimento emocional, este vazio em certas áreas, constitui outra prova da sua anormalidade mental. Seria necessário um exame mais aprofundado para elaborar um diagnóstico psiquiátrico mais exacto, porém a sua actual estrutura da personalidade está muito perto das reacções de um esquizofrénico e paranóico.”

É muito significativo o facto de que um veterano altamente respeitado no campo de psiquiatria forense, o doutor Joseph Satten, da Clínica Menninger, de Topeka, Kansas, tenha conferenciado com o doutor Jones e apoiado inteiramente a sua opinião acerca de Hickock e Smith. O doutor Satten, que depois prestou ao caso a sua melhor atenção, afirma que, muito embora o crime tenha sido cometido apenas em virtude de um certo despique entre os dois criminosos, este foi essencialmente obra de Perry

Smith, o qual, na sua opinião, representa um tipo de assassino descrito por ele num artigo intitulado

”Crime sem motivo aparente. - Um estudo da desorganização da personalidade.”

Este artigo, publicado na revista *The American Journal of Psychiatry* (Julho de 1960) e escrito de colaboração com outros colegas, Karl Menninger, Irving Rosen e Martin Mayman, define o seu objectivo no seguinte parágrafo: ”Ao, tentar atribuir responsabilidade criminosa aos assassinos, a lei tenta dividi-los (bem como a todos os malfeitores) em dois grupos: os ”lúcidos” e os ”loucos”.

Crê-se que o assassino ”lúcido” procede de acordo com motivos racionais que podem ser compreendidos, muito embora condenados, e que o ”louco” é apenas movido por causas irracionais e sem sentido. Quando os motivos racionais são evidentes (por exemplo, quando um homem mata para alcançar um lucro pessoal) ou quando os motivos irracionais são acompanhados de ilusões ou alucinações (por exemplo, um doente paranóico mata o seu perseguidor imaginário), a situação poucos problemas oferece ao psiquiatra. porém os crimes que se nos afiguram racionais, coerentes e controlados, e no entanto em que o acto homicida possui como característica a falta de móbil aparente, esses levantam um problema difícil quando o tribunal não concorda e apresenta opiniões diferentes. É nossa convicção que a psicopatologia de tais crimes constitui pelo menos um síndroma específico que passaremos a descrever. De um modo geral, estes indivíduos estão predispostos a importantes lapsos do seu ego-controlo, os quais permitem a expansão plena da primitiva violência, nascida de experiências traumáticas prévias e já esquecidas.”

Os autores, como parte de um processo de apelação, tinham examinado quatro homens condenados por assassínio aparentemente sem motivo. Todos eles haviam sido examinados antes do julgamento e considerados ”sem psicoses” e ”lúcidos”. Três deles haviam sido condenados à morte e o quarto a uma longa pena de prisão. Em cada um destes casos fora requerida uma observação psiquiátrica mais minuciosa, porque alguém - advogado, parente ou amigo - se considerava insatisfeito com as explicações psiquiátricas previamente dadas e, com efeito, perguntava: ”Como pode alguém, aparentemente são de espírito como este homem, cometer um acto tão estúpido como aquele por que foi condenado?” Depois de descreverem os quatro criminosos e os seus crimes (um soldado negro que mutilara e desmembrara uma prostituta, um lavrador que estrangulara um rapazinho de catorze anos quando este recusara as suas propostas sexuais, um cabo do exército que matara à

martelada outro rapaz por imaginar que este

estava a fazer troça dele e uma criada de hospital que afogara uma criança de nove anos mantendo-lhe a cabeça debaixo de água), os autores mostravam as semelhanças existentes em todos eles. Os próprios criminosos se declaravam ignorantes acerca do motivo por que haviam assassinado as suas vítimas, que eram para eles quase desconhecidas, e em todos os casos o criminoso parecia ter

caído num estado de transe, um meio sonho dissociativo do qual acordou para, de repente, dar consigo a assassinar a vítima. ”O facto mais comum e talvez mais significativo era a existência de um longo período, por vezes uma vida inteira, durante o qual o criminoso dominara, mas de forma intermitente, os seus impulsos agressivos. por exemplo, três deles haviam passado a vida envolvidos em lutas que transcendiam a simples altercação, as quais teriam ido até ao ponto do homicídio se não fosse a intervenção de terceiros.”

Aqui estão, em resumo, muitas outras observações contidas neste estudo: ”A despeito da violência que caracteriza as suas vidas, todos estes homens se consideravam a si próprios fisicamente inferiores, fracos e desadaptados. As suas histórias revelam que cada um deles sofria em alto grau de inibição sexual. Para todos eles, as mulheres adultas eram criaturas assustadoras e em dois casos verificava-se uma nítida perversão sexual. Também todos eles haviam sido tidos durante os primeiros anos da adolescência como ”mariquinhas”, pequenos de mais ou enfezados... Nos quatro casos existiam provas históricas de estados de alteração de consciência, frequentemente relacionados com acessos de violência. Dois dos homens haviam caído em graves estados de transe durante os quais revelavam um procedimento estranho e cruel, ao passo que os outros dois haviam sofrido certos estados menos graves de amnésia. Em certos momentos particularmente violentos sentiam-se como que isolados, separados de si próprios, como se estivessem a observar coisas passadas com outra pessoa... Verificava-se também nos antecedentes de todos eles a existência de uma infância extremamente dura, por culpa dos pais... Um declarava que ”era chicoteado por tudo e por nada”... Outro apanhava tareias medonhas para lhe acabar com a gaguez e com ”as birras”, bem como para o curar daquilo a que chamavam o seu ”mau comportamento”. Os antecedentes relacionados com extrema violência, quer imaginária, quer observada e realmente experimentada pela criança, condizem com a hipótese psicanalítica de que uma criança sujeita a estímulos demasiado violentos, numa idade em que os não pode ainda dominar, fica intimamente ligada a defeitos na sua formação interior e, mais tarde, a graves perturbações no controlo dos seus impulsos. Em

todos os casos se verificavam provas de grandes privações na primeira infância. Estas privações poderiam concretizar-se por uma ausência frequente ou prolongada dos pais, uma vida familiar confusa em que eles não conheciam os pais, ou um abandono total de um ou de ambos os progenitores, durante o qual a

criança era criada por estranhos... Verificava-se uma perturbação na organização afectiva. Na maioria dos casos, o sujeito manifestava tendência para não sentir cólera ou raiva associada ao acto de violência. Nenhum confessa ter sentido rancor no momento de cometer o crime nem qualquer espécie de raiva de natureza violenta ou duradoira, muito embora qualquer deles fosse capaz de cometer uma agressão tremenda e brutal... As suas relações com o semelhante eram de natureza fria e superficial, que conferia a esses homens uma característica de isolamento e solidão. Os outros, para eles, quase não tinham realidade, no sentido de lhes despertar sensações de amizade (ou até de aversão)... Os três homens condenados à morte experimentavam sentimentos pouco profundos em relação ao seu próprio destino e ao das suas vítimas. Sensação de culpa, estados depressivos e de remorso eram coisas para eles desconhecidas... Tais indivíduos podem ser considerados assassinos em potência, quer no sentido de trazerem em si uma sobrecarga de energia agressiva, quer por possuírem um sistema instável de autodefesa que permite de tempos a tempos o surto dessa energia. O potencial assassino pode entrar em acção, especialmente se se verifica já qualquer desequilíbrio, quando a futura vítima surge inconscientemente como figura-chave de qualquer alucinação pós-traumática. O comportamento ou mesmo a simples presença desta figura causam um desgaste a este instável equilíbrio de forças, o qual se traduz por uma súbita descarga de violência, semelhante à explosão que se verifica quando um detonador faz deflagrar uma carga de dinamite... A hipótese do motivo inconsciente explica a razão por que o assassino considera as vítimas inofensivas e na maioria dos casos quase desconhecidas como provocadoras e portanto alvos merecedores de uma agressão. Mas porquê assassinar? A maioria das pessoas, felizmente, não responde com violência assassina mesmo às provocações mais evidentes. Os casos que descrevemos, por outro lado, apresentavam importantes lapsos no contacto com a realidade e uma fraqueza extrema no impulso de controlo durante períodos de tensão intensa e desorganização. Em tais ocasiões, um conhecido de momento ou até um estranho podiam facilmente perder o seu significado ”real” e assumir uma identidade na ilusão traumática inconsciente. O ”antigo” conflito era reactivado e a agressão assumia rapidamente proporções de crime...

Quando surgem estes crimes sem sentido, verifica-se constituírem o resultado final de um período de tensão crescente e de desorganização mental da parte do criminoso, período este que começa antes do contacto com a vítima, a qual,

adaptando-se aos conflitos inconscientes do assassino, serve involuntariamente para pôr em movimento o seu potencial homicida."

Em virtude dos múltiplos pontos de contacto existentes entre Perry Smith e os objectos deste estudo, o doutor Satten sentiu-se em condições de o classificar junto deles. Além disso, as circunstâncias do crime afiguravam-se-lhe capazes de se adaptarem com exactidão ao conceito de

"crime sem motivo aparente". Não há dúvida de que três dos crimes cometidos por Smith possuíam um motivo lógico: Nancy, Kenyon e a mãe tinham de ser mortos pelo facto de Mr. Clutter ter sido morto já. Mas é opinião do doutor Satten que só o primeiro crime conta psicologicamente e que, quando Smith atacou Mr. Clutter, se encontrava sob um eclipse mental, mergulhado numa escuridão esquizofrénica, pois não se tratava apenas de um homem de carne e osso que ele "se encontrava subitamente a destruir", mas sim "da figura chave de uma ilusão pós-traumática": o pai? as freiras do orfanato que escarneciam dele e lhe batiam? o odiado sargento do exército? o oficial da justiça que lhe ordenou: "não voltes ao Kansas"? Nenhum destes, ou todos eles.

Na sua confissão, Smith afirmava: "Eu não queria fazer mal ao homem. Achava-o um sujeito até

muito simpático. Delicado. Não tinha mudado de opinião no momento de lhe cortar o pescoço." Ao mesmo tempo, falando com Donald Cullivan, Smith confessara: "Eles (os Clutters) nunca me tinham feito mal nenhum. O que não aconteceu com os outros durante toda a vida. Talvez fosse por isso que eles tiveram de pagar."

E assim se verifica que, muito embora por caminhos diferentes, tanto o psicanalista profissional como o amador chegaram a conclusões de certo modo semelhantes.

A aristocracia de Finney County tinha-se mostrado desinteressada do julgamento.

- Não é bonito - declarara a esposa de um abastado rancheiro - mostrar-se curiosidade acerca de uma coisa destas.

No entanto, a última sessão levara um razoável número de membros da Igreja Oficial a sentar-se junto dos vulgares cidadãos. A sua presença constituía um

gesto cortês para com o juiz Tate e para com Logan Green, seus dignos pares. Também um largo contingente de advogados de fora, muitos dos quais de

longe, ocupavam vários bancos; estavam ali sobretudo para ouvirem o último discurso de Logan Green dirigido ao júri, Green, um septuagenário delicadamente duro, desfrutava de elevada consideração entre os colegas, que admiravam a sua arte de representar, as suas qualidades de actor, que incluía um sentido de oportunidade tão agudo como o de qualquer actriz de clube nocturno. Na sua qualidade de advogado especialista no crime, o seu papel habitual é de defensor, porém neste caso o Ministério Público nomeara-o como ajudante especial de Duane West, pois o jovem procurador era ainda demasiado inexperiente para levar a questão a cabo sem ajuda.

Assim como sucede com a maioria das estrelas, a actuação de Green ficara para o fim do programa.

Precederam a sua entrada em cena as calmas e ponderadas instruções do juiz Tate dirigidas ao júri, bem como a exortação do procurador do condado:

- Poderá subsistir na vossa mente uma única dúvida quanto à culpabilidade dos réus? Não! Sem nos importar saber qual dos dois puxou o gatilho da carabina de Richard Eugene Hickock, temos de os considerar a ambos igualmente culpados. Só existe um meio de nos certificarmos de que estes homens nunca mais infestarão as cidades e as aldeias deste país. Exigimos para eles a pena máxima, a pena de morte. Este pedido não é feito com espírito de vingança, mas antes em toda a humildade...

Tinham de ser ouvidos em seguida os discursos dos advogados de defesa. O de Fleming, qualificado por um jornalista como ”chalado”, parecia um sermão de igreja:

- O homem não é um animal. Possui um corpo e possui uma alma que vive eternamente. Não creio que ninguém tenha o direito de destruir essa habitação, esse templo da alma...

Harrison Smith, muito embora dirigisse também um apelo ao espírito cristão dos jurados, escolheu como tema principal os inconvenientes da pena maior:

- Ela constitui um resto de barbarismo. A lei diz-nos que é crime tirar a vida a outrem e em seguida faz o contrário, dá-nos o mau exemplo! Isto é quase tão perverso como o crime que pretende castigar. O Estado não tem o direito de proceder assim. Não resulta. Não evita o crime, limita-se a fazer pouco da vida humana e a dar lugar a novos crimes. Só pedimos piedade. Certamente que a prisão perpétua não constitui um pedido exagerado...

Nem todos lhe prestavam atenção; um dos jurados, como se estivesse contagiado pelos numerosos bocejos doentios que pairavam no ar, mantinha-se de olhos mortiços e com a boca muito aberta.

Green encarregou-se de o acordar:

- Meus senhores - começou ele, falando sem ênfase. - Acabámos de ouvir duas enérgicas defesas pedindo misericórdia para os acusados. Acho que foi, quanto a mim, uma felicidade, que estes dois ilustres causídicos, o doutor Fleming e o doutor Smith, se não encontrassem em casa dos Clutters, naquela noite fatídica. Foi uma felicidade que eles lá não tivessem estado a pedir misericórdia para aquela malfadada família. porque, nesse caso, se eles lá estivessem... bem, na manhã seguinte, não encontraríamos apenas quatro cadáveres.

Em pequeno, lá no Kentucky, que era a sua terra natal, Green tinha a alcunha do ”Coradinho”, em virtude da sua cor de sardento: neste momento, enquanto se aprumava em frente do júri, o esforço afogueava-lhe a cara e cobria-lha de manchas escarlates.

- Não é minha intenção encetar aqui um debate teológico. Mas estou a ver que a ilustre defesa tenciona invocar a Bíblia Sagrada como argumento contra a pena de morte. Já todos ouviram citá-la. Mas eu também sei ler! - Abriu então um exemplar do Velho Testamento: - Aqui estão algumas frases que o livro de Deus contém sobre o assunto. No Êxodus Vinte, Versículo Treze, encontramos um dos Dez Mandamentos: ”Não matarás”.

Isto refere-se à morte *ilegal.* Sem dúvida, porque no capítulo seguinte, Versículo Doze, quando se trata do castigo pela desobediência aos Dez Mandamentos, lemos: ”Aquele que atacar outro de modo a que ele morra deve morrer também.” Ora, Mr. Fleming, o senhor pode objectar que tudo isto mudou com a vinda de Cristo?

Mas não é assim. porque Cristo diz: ”Não julgueis que eu vim para destruir a lei nem os profetas: eu não vim para destruir; mas sim para edificar” e, finalmente... - Green procurou apressadamente e depois deu a impressão de que fechava o livro sem querer. Nesta altura os homens de leis vindos de fora sorriram e tocaram com os cotovelos uns nos outros, pois este era um velho truque de oratória: o advogado, ao ler as Escrituras, finge que se perdeu e depois prossegue, como fez Green neste momento: - Não interessa. Creio ser capaz de repetir de cor. No Géneses, Nove, Versículo Seis: ”Quem derramar sangue humano, verá o seu sangue derramado pela mão do homem.”

”Mas - prosseguiu Green - não acho que exista vantagem em discutir a Bíblia. O nosso Estado ordena que o castigo por assassínio em primeiro grau seja a prisão perpétua ou a morte por enforcamento. Esta é a lei. E

vós, meus senhores, estais aqui para a fazer cumprir. E se há circunstância em que se justifique a pena máxima, eis-nos em face de uma delas. Estes crimes foram estranhos e cruéis. Quatro dos nossos concidadãos morreram

como animais num curral. E por que motivo? Não por vingança nem por ódio. Mas sim por dinheiro. *Dinheiro.* O cálculo feito friamente: tantos gramas de prata por tantos gramas de sangue.

E que baixo foi o preço dessas vidas! O espólio valia apenas quarenta dólares! - Voltou-se, apontando com o indicador, que se movia para a frente e para trás, na direcção de Hickock e de Smith: - Iam armados com uma carabina e com um *punhal.* Iam com a intenção de roubar e matar...

- A voz dele tremeu, subiu de tom, sumiu-se, como que, estrangulado pelo desprezo que sentia perante aqueles réus indiferentes, que não paravam de mascar goma elástica. Voltando-se de novo para o júri, inquiriu com voz rouca: - Que vão os senhores fazer agora? Que destino vão dar a estes homens que ligaram outro homem de pés e mãos para lhe cortarem o pescoço e lhe estoirarem os miolos? Vão-lhes dar a pena mínima? Sim, e isto é apenas um dos crimes. Que diremos de Kenyon Clutter, um jovem com a vida toda à sua frente, reduzido à impotência, a assistir à luta de morte que travava o pai? Ou a Nancy Clutter, ouvindo os tiros e sabendo que a sua vez era a seguir!

Nancy, que suplicou: ”Não! Não! Não! por favor!” Que agonia! Que tortura

indescritível! E resta ainda a mãe, a qual, também amarrada e amordaçada, teve de ouvir o estertor do marido e dos filhos estremecidos, um por um assassinados. Até que por fim os algozes, esses réus que aí estão na vossa frente, entraram no quarto dela, apontaram-lhe uma lanterna eléctrica para os olhos e, com um derradeiro tiro, acabaram com a vida de uma família inteira.

Fazendo uma pausa, Green apalpou uma bolha infectada que tinha atrás, no pescoço, já madura, e que, tal como o fogoso procurador, parecia prestes a rebentar:

- Então, meus senhores? Que ides fazer? Aplicar-lhe a pena mínima? Mandá-los para a penitenciária, arriscando-vos a que venham de novo cá para fora, soltos sob fiança? Da próxima vez a família assassinada pode muito bem ser a vossa. Atentem bem no que vos digo! - declarou solenemente, fitando o friso inteiro, de modo a parecer que fixava e lançava um desafio a cada um de per si. - Alguns dos nossos maiores crimes só foram cometidos porque um grupo de jurados de coração sensível não foi capaz de cumprir o seu dever. Agora, meus senhores, deixo o caso às vossas consciências.

Sentou-se. West segredou-lhe:

- Magistral, Doutor!

porém alguns dos ouvintes não se mostravam tão entusiastas; e, depois de o júri se haver retirado para discutir o veredicto, um deles, jovem repórter de Oklahoma, trocou uma série de palavras

azedas com Richard Parr, do *Star,* de Kansas City. No entender do primeiro, o discurso de Green havia sido ”demagógico, brutal”.

- Só disse a verdade - observou Parr. - E a verdade às vezes é dura, passe o lugar-comum.

- Mas não tinha necessidade de insistir nàquele ponto. Não foi justo.

- O que é que não foi justo?

- Todo o julgamento. Os tipos não tinham escapatória nenhuma.

- Tinham tanta como aquela que deram a Nancy Clutter.

- O Perry Smith, meu Deus! Que vida levada do diabo teve o pobre tipo!

Parr observou:

- Há mais quem tenha sofrido neste mundo como o Perry Smith. Eu, por exemplo. Posso beber de mais às vezes, isso sim. Mas nunca me deu para matar quatro pessoas a sangue frio.

- Sim, e o enforcamento do tipo? Também vai ser feito a sangue frio, não é verdade?

O reverendo Post, que escutara a conversa, juntou-se a ambos, dizendo, enquanto lhes mostrava uma reprodução do retrato de Jesus feita por Perry Smith:

- Bem, a pessoa que pintou este retrato não pode ser cem por cento má. A pena capital está fora de questão: não deixa ao pecador o tempo suficiente para fazer as pazes com Deus. Chegamos por vezes a desesperar! - E mostrava um rosto jovial, com uns

poucos de dentes obturados a ouro, e a abanar um topete de cabelos brancos de neve, enquanto repetia: - Uma pessoa chega a desesperar. por vezes penso que quem estava na razão era o velho Doe Savage. (O Doe Savage a quem ele se referia era um herói popular da ficção entre os jovens leitores de livros de cordel da geração anterior.) - Não sei se vocês se recordam, o Doe Savage era uma espécie de super-homem. Tornou-se perito em todos os campos da arte e da ciência; medicina, filosofia, etc. Não havia nada que o sujeito não soubesse ou não fosse capaz de fazer. Um dos seus projectos era libertar o mundo de criminosos. Primeiro comprara uma ilha no meio do oceano.

Depois, ele e os seus assistentes - tinha um exército de auxiliares competentes - raptavam todos os criminosos do mundo e levavam-nos para a ilha. Aí, o Doe Savage operava-os ao cérebro. Tirava-lhes a parte onde se localizavam as ideias criminosas. E, depois, ficavam todos transformados em cidadãos pacíficos. Já não podiam cometer crimes porque lhes faltava aquela parte do cérebro.

Neste momento afigura-se-me que a cirurgia, neste capítulo, seria a solução ideal para...

Ouviu-se uma campainha a anunciar o regresso dos jurados, o que veio interromper a conversa. As deliberações haviam demorado quarenta minutos. Muitos espectadores, calculando que a decisão seria rápida, não haviam abandonado a sala. No entanto, foi preciso ir buscar o juiz Tate à quinta onde tinha ido para dar de comer aos cavalos. Quando por fim chegou, trazia a toga negra ainda mal enfiada, mas foi, no entanto, com uma calma e uma dignidade impressionantes que inquiriu:

- Senhores jurados, haveis chegado a um acordo ? O presidente dos jurados replicou:

- Sim, senhor doutor juiz!

Então o contínuo do tribunal levou os veredictos selados para a mesa do juiz.

O som dos apitos de comboios e da fanfarra do Expresso de Santa Fé, que se aproximava, chegavam até à sala do tribunal. A voz grossa de Tate intercalava-se com os silvos da locomotiva enquanto ia lendo:

- Primeiro caso: O júri considera o réu Richard Eugene Hickock culpado de assassínio em primeiro grau e o seu castigo deve ser a morte. - Nesta altura, como se tivesse curiosidade de ver a reacção deles, ergueu os olhos para os presos que se viam na sua frente, algemados aos polícias; os acusados sustentaram-lhe o olhar, ambos impassíveis, até que ele voltou à leitura dos sete pontos que se seguiam: mais três condenações para Hickock e quatro para Smith.

”... *e* o seu castigo deve ser a morte”. De cada vez que pronunciava a sentença, o juiz Tate fazia-o com uma voz cava e soturna que parecia condizer com o eco do fúnebre e já longínquo apelo do comboio. Depois agradeceu e despediu o júri (dizendo-lhe que ”tinham cumprido corajosamente o seu dever”.) Os condenados foram levados da sala para fora. À porta, Smith disse para Hickock:

- Os jurados não se deixaram comover, hem?!

Soltaram ambos uma gargalhada e houve um repórter que lhes registou a expressão. A fotografia apareceu por cima de um cabeçalho intitulado: ”A Última Gargalhada?”

Dali a uma semana, Mrs. Meier encontrava-se na sua sala, conversando com uma amiga. Dizia:

- Sim, isto por aqui sossegou. Acho que nos devemos todos regozijar com isso. Mas eu, por mim, ainda não me sinto bem de todo. Nunca tive grandes contactos com o Hickock, mas fiquei a conhecer melhor o Perry Smith. Na tarde em que leram a sentença,

quando o trouxeram para aqui, fechei-me na cozinha para o não ver. Sentei-me à janela a observar a multidão que saía do tribunal. Mr. Cullivan avistou-me e disse-me adeus com a mão. **Os** Hickocks também. Ia-se tudo embora. Ainda esta manhã recebi uma carta muito bonita de Mrs. Hickock. Veio visitar-me várias vezes enquanto durou a audiência e muito gostaria de ter podido fazer alguma coisa por ela, mas que há-de uma pessoa dizer em situações como esta? Depois de todos se terem ido embora, estava eu a lavar pratos, ouvi-o chorar. Liguei o rádio para o não escutar, mas era impossível. Chorava como uma criança. Nunca até então dera parte de fraco na mais pequena coisa. Bem, fui ter com ele. Quis que lhe pegasse na mão e foi o que fiz.

Peguei-lhe na mão e ele só dizia: ”Estou coberto de vergonha!” Quis ir chamar o padre Goubeaux, prometi que no dia seguinte lhe havia de fazer arroz à espanhola, mas ele só me apertava a mão cada vez com mais força.

”E logo nessa noite tínhamos que o deixar só. Eu e o Wendle nunca saíamos, mas tínhamos um compromisso já de há muito, e o Wendle não quis faltar. Mas hei-de sentir sempre remorsos de o ter deixado sozinho. No dia seguinte lá lhe fiz o arroz mas ele, não lhe tocou. Mal me falava. Odiava toda a gente. Contudo, na manhã

em que vieram buscá-lo para ir para a penitenciária, agradeceu-me e ofereceu-me o retrato. Um retrato tirado aos dezasseis anos. Disse-me que queria ficar assim na minha lembrança, como aquele rapazinho do retrato.

”O mais difícil era despedir-me dele, sabendo para onde ia e o que lhe ia acontecer. O esquilo sente a falta dele, não há dúvida nenhuma. Continua a vir à cela à procura de Perry. Já tentei dar-lhe de comer mas ele não quer nada comigo. Só gostava do dono.”

As prisões constituem a parte mais importante do condado de Lavenworth, no Kansas. As duas penitenciárias do Estado, uma para cada sexo, ficam ali situadas. por isso Lavenworth é a maior prisão federal, e em Forte Lavenworth fica situada a principal prisão militar da região, os Quartéis Disciplinares do Exército dos Estados Unidos e da Força Aérea. Se todos os habitantes dessas instituições fossem postos em liberdade, chegariam para povoar uma pequena cidade.

A prisão mais antiga é a penitenciária do Estado do Kansas. para homens, um casarão preto e branco, cheio de torreões, única característica dessa cidade rural que de resto nada tem que a distinga. Lansing, edificada durante a Guerra Civil, recebeu os

seus primeiros hóspedes em 1864. Presentemente, os condenados ali residentes ascendem a dois mil; o actual director, Sherman H. Crouse, mantém em dia um mapa com a lista de todos os presos classificados por raças (assim: 1405 brancos, 360 negros, 12 mexicanos, 6 índios). Seja qual for a raça, cada condenado é cidadão daquela comunidade de pedra, que existe dentro dos muros altos, defendidos por metralhadoras - doze hectares cinzentos de ruas cimentadas, blocos de celas e oficinas.

Na parte sul dos edifícios, existe um mais pequeno, muito curioso: uma construção negra, de dois andares, com a forma de um caixão. Este edifício, oficialmente chamado a Casa de Segregação e Isolamento, constitui uma prisão dentro de outra prisão... Entre os presos, o andar inferior é denominado ”O Buraco”, local onde os desordeiros ”renitentes” são encerrados de vez em quando. Para subir ao andar superior, segue-se por uma escada de caracol em ferro. Lá no alto fica a Ala da Morte.

A primeira vez que os assassinos da família Clutter subiram essa escada foi no fim de uma chuvosa tarde de Abril. Tendo chegado a Lansing ao cabo de uma viagem de oito horas de automóvel, durante a qual haviam percorrido quatrocentas milhas, desde Garden City, os recém-vindos foram despojados dos seus fatos; tomaram um chuveiro, cortaram-lhes o cabelo à escovinha e ambos receberam fardas grosseiras de riscado e alpercatas (em muitas prisões americanas este calçado é o adoptado para os presos). Depois, entre uma escolta armada, conduziram-nos, através do húmido crepúsculo, para o edifício em

forma de caixão; fizeram-nos subir a escada de caracol e meteram-nos em duas das doze celas que se encontram aos pares e formam a Ala da Morte da Penitenciária de Lansing.

Estas celas são todas idênticas. Medem dois por três metros e têm como único mobiliário um catre, uma retrete, um lavatório e uma lâmpada no tecto, acesa dia e noite. As janelas são muito estreitas, e não só

defendidas por barras de ferro, mas ainda cobertas por uma rede de arame muito apertada e tão negra como um véu de viúva; assim, o rosto dos condenados mal se distingue cá de fora. Os cativos, esses, podem ver para o exterior; o que dali avistam é um espaço vazio que serve no Verão de campo de basebol, e para lá deste um troço da parede da prisão e por cima um bocado de céu.

A parede é de pedra bruta e as pombas fazem ninho nos interstícios destas. Uma porta de ferro negra de ferrugem, situada na parte da parede visível para os ocupantes da Ala da Morte, assusta as pombas todas as vezes que alguém a abre, obrigando-as a fugir espavoridas, em bandos, de tal maneira os gonzos rangem

e chiam. Guardam-se ali dentro diversos objectos: uma reserva de chapas metálicas utilizadas pelos presos para fabricar placas de numeração para automóveis, madeira, máquinas velhas, equipamento de basebol... e também uma forca de madeira por pintar que cheira vagamente a resina. E esta a câmara de execução do Estado. Quando um homem é trazido para ali a fim de ser enforcado, os outros prisioneiros dizem que ”foi até ao Canto” ou então que ”foi fazer uma visita à arrecadação”.

De acordo com a sentença do tribunal, Smith e Hickock deviam ir para a arrecadação dali a seis semanas: um minuto antes da meia-noite de sexta-feira, dia 13 de Maio, de 1960.

O estado do Kansas aboliu a pena de morte em 1907; no ano de 1935, em virtude de uma súbita avalancha de criminosos profissionais que surgiu no Midwest (Alvin o ”Velho Langão”, Karpis, Charles o ”Cara Linda” Floyd, Clyde Barrow e a sua amiga assassina, Bonnie Parker), os legisladores do Estado votaram à sua restauração. No entanto, foi só em 1944 que um carrasco teve ensejo de exercer a sua arte; nos dez anos seguintes, o caso repetiu-se nove vezes. Mas durante seis anos, ou seja desde 1954, não se pagaram ordenados a nenhum carrasco no

estado do Kansas (a não ser no Quartel Disciplinar do Exército e da Força Aérea, que tem também a sua forca). O falecido George Docking, governador do Kansas de 1957 a 1960, foi o responsável por esse intervalo, pois opunha-se abertamente à pena de morte (”Sou contra isso de matar pessoas”).

Nesta altura, em Abril de 1960, havia portanto nas prisões dos Estados Unidos cento e noventa pessoas à espera da execução; cinco, incluindo os assassinos dos Clutters, encontravam-se alojados em Lansing. Em certas alturas, visitantes oficiais de categoria são convidados a ”dar uma espreitadela à Ala da Morte”, na expressão de um alto funcionário. Aqueles que aceitam levam consigo um guarda, o qual, enquanto conduz os turistas ao longo do corredor guarnecido de grades em frente das celas, vai apresentando a estes os condenados, com uma espécie de formalismo cómico:

- Este - dizia ele a um visitante em 1960 - é Mr. Perro Edward Smith. Na porta a seguir reside o companheiro, Mr. Richard Eugene Hickock. Ali, temos Mr. Earl Wilson. Depois de Mr. Wilson, apresento-lhe Mr. Bobby Joe Spencer. E por último, como decerto já reconheceu, encontra-se o famoso Mr. Lowell Lee Andrews.

Earl Wilson, um negro forte, que cantava bem, fora condenado

à morte por haver raptado, violado e torturado uma rapariga branca: a vítima, muito embora tivesse escapado com vida, ficara estropiada. Bobby Joe Spencer, um jovem branco e efeminado, confessara haver assassinado uma velhota de Kansas City, dona de uma casa de hóspedes onde ele habitava. Antes de se reformar, em Janeiro de 1961, o governador Docking, que fora derrotado na reeleição (em grande parte devido à sua atitude em face da pena capital), comutara as sentenças destes dois homens em prisão perpétua, o que geralmente significava que podiam requerer a liberdade condicional dentro de sete anos. No entanto, Bobby Joe Spencer não tardou a matar de novo: apunhalou com um estilete outro jovem detido, seu rival no afecto de um condenado mais idoso (como explicava um funcionário da cadeia, ”eram duas p... à bulha por causa de um estivador”). Este feito valeu a Spencer outra condenação à morte. O público, porém, não se interessava muito por Wilson ou por Spencer; em comparação com Smith e Hickock ou com o quinto ocupante da Ala da Morte, a imprensa quase os passara em branco.

Dois anos antes, Lowell Lee Andrews, um rapaz de dezoito anos, enorme e com má vista, que usava uns grandes óculos com aros de tartaruga e pesava cento e tal quilos, era segundanista na Universidade do Kansas, um aluno exemplar de biologia. Muito embora fosse um rapaz solitário, reservado e pouco comunicativo, os conhecidos, tanto na Universidade como na sua terra, Wolcott, no Kansas, consideravam-no excepcionalmente atencioso, dotado de ”bom génio” (mais tarde, um jornal do Kansas publicava um artigo a seu respeito, intitulado ”O rapaz mais simpático de Wolcott”). porém, dentro do tranquilo estudante, existia uma segunda e insólita personalidade, cheia de estranhas emoções e com uma mentalidade deformada que lhe fabricava ideias arrepiantes e sinistras. A família - os pais e uma irmã um pouco mais velha, Jennie Marie - teria ficado admirada se acaso conhecesse os devaneios que Lowell alimentara durante o Verão e o Outono de 1958; aquele filho ilustre, aquele irmão adorado, projectava envenená-los a todos.

O pai de Andrews era um abastado lavrador; não tinha grandes capitais nos bancos, mas possuía terras no valor de cerca de duzentos mil dólares. O desejo de herdar tudo isso constituiu sem dúvida o móbil do projecto concebido por Lowell, no sentido de se desfazer da família. É que o outro Lowell Lee, aquele que se escondia dentro do aplicado estudante de biologia, imaginava-se um criminoso hábil e de coração frio. Desejava usar camisas de seda como os *gangsters* e guiar carros vermelhos de desporto. Não queria ser considerado um simples estudanteco, um caixa de óculos,

um coca-bichinhos, virgem e gordalhufo. E, muito embora não odiasse nenhum dos membros da sua família, pelo menos conscientemente, o assassínio afigurava-se-lhe o meio mais rápido e racional de concretizar as fantasias que lhe povoavam a mente. Escolheu como arma o arsénico; depois de envenenar as vítimas, tencionava metê-las na cama e deitar fogo à casa, na esperança de que os investigadores considerassem as mortes como acidentais. No entanto, havia um pormenor que o preocupava: suponhamos que a autópsia revelava a presença de arsénico? E suponhamos que a pista do arsénico conduzia até ele? No fim do Verão tinha elaborado outro plano. Levou quatro meses a aperfeiçoá-lo. Chegou por fim o momento de agir, numa noite de Novembro em que o ”frio atingia quase 0°. Estava-se na semana da Acção de Graças e Lowell Lee vinha passar os feriados a casa, bem como a irmã Jennie Marie, uma rapariguinha inteligente mas bastante desengraçada, que frequentava um liceu em Oklahoma. Na noite de

28 de Novembro, perto das sete horas, Jennie Marie estava com os pais, na sala, a ver televisão; Lowell Lee encontrava-se fechado no quarto a ler o último capítulo de Os *Irmãos Karamazov.* Terminado o livro, fez a barba, vestiu o melhor fato que tinha e começou a carregar uma carabina semiautomática 22 e um revólver Ruger do mesmo calibre. Meteu este num coldre preso ao ombro, pôs a carabina no braço e atravessou o átrio em direcção à sala, imersa em trevas, com excepção do vídeo da televisão. Acendeu um comutador, apontou a carabina, puxou o gatilho e atingiu a irmã

entre os olhos, matando-a instantaneamente. Disparou três vezes contra a mãe e duas contra o pai. A mãe, de olhos arregalados e braços estendidos, avançou para ele, aos tropeções; tentava falar, abria e fechava a boca, mas Lowell Lee exclamou:

- Cale-se!

E, para ter a certeza de ser obedecido, disparou contra ela mais. três tiros. Mr. Andrews, no entanto ainda estava vivo; a soluçar, a gemer, arrastou-se pelo chão fora até à cozinha. porém, ao chegar ao limiar desta, o filho puxou do revólver e despejou-o contra ele; depois voltou a carregar a arma e descarregou-a de novo. Ao todo, o pai recebeu dezassete tiros.

Andrews, segundo as próprias declarações, ”não sentira nada. Chegara a altura e eu tinha de fazer o que planeara. Nada mais.

Depois do tiroteio, ergueu uma vidraça no seu quarto, depois retirou o caixilho e revolveu a casa toda, tirando as gavetas dos seus lugares e despejando-as no chão: tencionava por este meio atribuir o crime aos ladrões. Em seguida, ao volante do carro do pai, percorreu trinta milhas por estradas escorregadias até Lawrence, cidade onde fica situada a Universidade do Kansas: pelo

caminho, parou sobre uma ponte, desmanchou as armas e atirou-as, em peças separadas, ao rio Kansas. porém a verdadeira finalidade da viagem era arranjar um álibi. Primeiro parou na casa de hóspedes onde habitava; conversou com a senhoria e disse-lhe que ia ali buscar a máquina de escrever; por causa do mau tempo, gastara duas horas na viagem de Wolcott até Lawrence. Antes de partir, entrou num cinema e conversou distraidamente com uma arrumadora e com uma vendedora de rebuçados. Às onze horas, quando acabou o filme, regressou a

Wolcott. O cão da casa estava à espera dele no alpendre da entrada, a ganir com fome. Lowell Lee entrou em casa, saltando por cima do cadáver do pai, e foi preparar-lhe uma taça de leite quente com sopas. Depois, enquanto o animal devorava as sopas até ao fim, telefonou para o gabinete do xerife, dizendo:

- Chamo-me Lowell Lee Andrews e venho participar um roubo...

Quatro membros da patrulha do xerife do condado de Wysndotte acorreram ao local. Um deles, o guarda Meyers, descreve a cena da seguinte maneira:

- Devia ser uma hora da manhã quando lá chegámos. Estavam as luzes todas acesas. Um rapagão enorme e de cabelos negros, que era o Lowell Lee, encontrava-se sentado no átrio a fazer festas ao cão. O tenente Athey perguntou-lhe o que acontecera. Ele apontou para a porta, com um ar indiferente em absoluto e disse: ”Vá ver”. Depois de terem visto, os guardas, espantados, chamaram o *coroner,* que também ficou impressionado com o desprendimento do jovem Andrews, pois, quando lhe perguntou quais as disposições que queria tomar quanto aos enterros, ele replicou encolhendo os ombros: ”Façam o que quiserem.”

Numa palavra, apareceram lá também dois detectives mais antigos que começaram a interrogar o único sobrevivente da família e escutaram atentamente a história. Fora a Lawrence buscar uma máquina de escrever, entrara num cinema, chegara a casa depois da meia-noite e encontrara os quartos de dormir voltados de pernas para o ar e a família assassinada. Mantinha as afirmações e nunca as teria negado se, em seguida a ter sido preso e levado para a cadeia do condado, as autoridades não houvessem obtido o auxílio do reverendo Mr. Virto C. Dameron.

Este homem, verdadeira personagem de Dickens, orador untuoso cujo estilo era pródigo em imagens do Inferno e dos seus caldeirões de enxofre a ferver, era ministro da Igreja Baptista de Grandview, em Kansas City, que a família de Andrews frequentava com regularidade. Despertado a meio da noite por uma chamada

urgente do *coroner* do condado, Dameron apresentou-se na cadeia cerca das três da manhã. Aí, os detectives que haviam estado a interrogar continuamente o suspeito sem o menor resultado, retiraram-se para outra sala deixando o ministro

a sós com o seu paroquiano. Esta entrevista foi fatal para este, que alguns meses mais tarde fazia a um amigo o seguinte relato:

- Mr. Dameron disse-me: ”Vamos, Lee, eu conheço-te desde sempre. Eras tu um catraio. Conheci também sempre o teu papá, crescemos juntos e fomos amigos de infância. É por isso que estou aqui, não na minha qualidade de ministro da Igreja, mas porque me considero como fazendo parte da tua família. Sei que precisas de um amigo em quem possas confiar. Sinto profundamente esta coisa horrível que sucedeu e estou tão ansioso como tu para ver o culpado descoberto e punido.”

”Perguntou-me se tinha sede e eu disse que sim. Foi-me buscar uma coca-cola e depois disso falou dos feriados da semana de Acção de Graças, perguntou-me se gostava do curso, etc., até que, de repente, diz-me: ”Escuta, Lee. Parece-me que desconfiam um bocado da tua inocência. Estou certo de que não vês inconveniente nenhum em te submeteres ao detector de mentiras para os convenceres de que estás inocente, a fim de que possam dirigir a sua actividade noutro sentido, de forma a apanharem o culpado.” A seguir, disse: ”Lee, não foste tu quem fez esta coisa horrível, não é verdade? Se foste, são alturas de redimir a tua alma.” Em vista disso, pensei que não valia a pena esconder e contei-lhe tudo. Ele ouviu, sempre a abanar a cabeça, a revirar os olhos e a esfregar as mãos uma na outra e declarou-me que era uma coisa horrível, que eu tinha de dar contas ao Altíssimo e que devia redimir a minha alma contando às autoridades aquilo que acabava de lhe dizer. Seria capaz disso?” Ao ver o aceno afirmativo do prisioneiro, o seu conselheiro espiritual dirigiu-se à sala contígua onde se agrupavam os polícias ansiosos, a quem dirigiu um triunfante convite:

- Entrem! O rapaz está pronto a fazer declarações.

O caso Andrews deu origem a uma cruzada médico-legal. Antes do julgamento, durante o qual Andrews invocara como defesa a loucura, os psiquiatras da Clínica Menninger procederam a um exame rigoroso do acusado; o qual teve como resultado um diagnóstico de ”esquizofrenia do tipo simples”. por ”simples” o diagnóstico subentendia que Andrews não sofria de ilusões, nem percepções falsas, nem alucinações, mas apenas da doença primária que consiste em separar o pensar do sentir. Compreendia a natureza dos seus actos, sabia que estes eram proibidos e que estava sujeito a castigo, ”Mas”, para nos servirmos

das palavras do doutor Joseph Satten, um dos examinadores, ”Lowell Lee Andrews não sente a mais pequena emoção. Considera-se a única pessoa importante e significativa deste mundo. E no seu universo particular parecia-lhe justo e certo matar a mãe, como se esta fosse uma mosca ou outro qualquer animal.”

Na opinião do doutor Satten e dos seus colegas, o crime de Andrews representava um exemplo tão flagrante do caso de carência de responsabilidade que poderia ser invocado para pôr em causa a lei M’Naghten nos tribunais do Kansas. Esta lei, como já se disse, não reconhece nenhuma forma de loucura desde que o réu tenha capacidade para distinguir entre o bem e o mal, legalmente, não de um ponto de vista moral. Com grande desgosto dos psiquiatras e dos juristas liberais, esta lei prevalece nos tribunais do Commonwealth Britânico e, nos Estados Unidos, nos tribunais de quase todos os estados, com excepção de uns seis, bem como o distrito de Colúmbia, que são fiéis à lei de Durham, menos rígida, mas inaceitável para certas mentalidades. Determina esta lei que o acusado não seja considerado responsável por um crime se acaso o seu acto for produto de uma doença ou deformidade mental.

Numa palavra, o que os defensores de Andrews desejavam alcançar (compunham-se estes de uma equipa de psiquiatras da Clínica Menninger e de dois advogados de primeiro plano) era uma vitória no plano legal. O mais importante de tudo isto era conseguir que o tribunal substituísse a lei M’Naghten pela lei Durham. Se tal sucedesse, Andrews, perante a abundância de provas a atestar a sua esquizofrenia, seria decerto condenado, não à forca nem mesmo a uma pena de prisão, mas sim a um internamento no Hospital do Estado, para loucos criminosos.

No entanto, a defesa não contava com o conselheiro religioso do réu, o incansável reverendo Mr.

Dameron, que apareceu no tribunal como a testemunha de acusação mais terrível *e* que, no estilo complicado e barroco de um pregador de província, declarou ao tribunal que muitas vezes avisara o seu ex-aluno da escola dominical de que era preciso ter cautela com a cólera de Deus:

”Quando eu te dizia que não há nada neste mundo que valha a nossa alma, tu afirmaste-me muitas vezes que a tua fé era fraca, e que não acreditavas em Deus. Sabes que todo o mal que se faz é um pecado contra Deus, que Deus é o nosso

último juiz e que tens de responder perante Ele". Foi isto o que eu lhe disse para lhe mostrar o horror daquilo que cometera, afirmando-lhe que teria de responder perante o Altíssimo por este crime.

295

Ao que parece, o reverendo Dameron estava resolvido a que o jovem Andrews respondesse não só perante o Altíssimo mas também perante os poderes temporais, pois foi o testemunho dele, junto à confissão do réu, que decidiu da sentença. O juiz presidente manteve a lei M'Naghten e o júri proferiu a sentença de morte que a acusação pública exigia.

Quinta-feira, 13 de Maio, a primeira data marcada para a execução de Smith e Hickock passou sem novidade, pois o Supremo Tribunal do Kansas deferiu a apelação que os advogados tinham requerido. por essa altura a sentença de Andrews estava também a ser revista pelo mesmo tribunal.

A cela de Perry ficava contígua à de Dick; muito embora se não vissem um ao outro, podiam conversar; no entanto, Perry poucas vezes dirigia a palavra ao camarada e isto não por se ter estabelecido entre eles qualquer mal-entendido (após a troca de algumas censuras pouco acerbas, as relações de ambos voltaram a ser de tolerância mútua: a resignação fatal de dois irmãos siameses não congénitos), mas' sim porque Perry, como sempre desconfiado, reservado, secreto, não gostava que os guardas ou os outros presos ouvissem naquilo que não era de sua conta", especialmente Andrews ou Andy, como lhe chamavam na Ala da Morte. A pronúncia culta de Andrews e a sua qualidade de estudante universitário constituíam um insulto para Perry que, muito embora não tivesse ido além do terceiro ano dos liceus, se julgava mais letrado do que a maioria dos companheiros e gozava a emendá-los sobretudo em matéria de gramática e pronúncia. Mas eis que aparecia junto de si alguém - um garoto! - que o corrigia constantemente a ele. Não admira que não lhe apetecesse abrir a boca. Era melhor estar calado do que arriscar-se a ouvir aquele sabichão das dúzias largar uma das suas tiradas ranhosas: "Não digas *sestifeito* quando queres dizer satisfeito." Andrews era bem-intencionado, não fazia aquilo por mal, mas Perry seria capaz de o queimar vivo. No entanto nunca confessaria nem deixaria que ninguém adivinhasse por que motivo, a seguir a um destes humilhantes incidentes, ficava amuado e recusava as refeições que lhe levavam três vezes ao dia. No princípio de Junho deixou de comer por completo e disse a Dick:

- Tu podes esperar pela corda, mas eu não vou nisso. A partir desse momento recusou tocar na comida ou na água e não voltou a dirigir a palavra fosse a quem fosse.

O jejum durou cinco dias, até que o director da prisão começou a levar o caso a sério. No sexto dia, mandou que transportassem

Perry para o hospital da cadeia, mas a mudança não modificou a resolução do preso; quando tentavam alimentá-lo à força, deitava a cabeça para trás e cerrava as maxilas, até estas ficarem rígidas como duas ferraduras. por fim amarraram-no e tiveram de o alimentar com injecções intravenosas e com um tubo introduzido numa das narinas. Mesmo assim o seu peso baixou de 75

quilos para 52, e o director da prisão foi avisado de que a alimentação artificial só por si não poderia manter o prisioneiro indefinidamente vivo.

Dick, muito embora impressionado com a força de vontade de Perry, não se convencia de que este estivesse resolvido a suicidar-se: mesmo quando lhe disseram que Perry, caíra em estado de coma, declarou a Andrews, de quem se tornara amigo, que o seu ex-sócio estava a aldrabar:

- O que ele quer é ser dado por doido.

Andrews, grande comilão (enchera um livro de apontamentos com desenhos das mais variadas iguarias, desde uma torta de morangos até um leitão assado), respondeu:

- Deve estar louco com certeza, para se deixar assim morrer à fome.

- Ele só pretende sair daqui para fora. Está a armar. E para o darem por doido e o meterem num manicómio.

Depois, mais tarde, Dick passou a repetir a resposta de Andrews, pois parecia-lhe um belo exemplo das ”ideias malucas” do rapaz, uma conformação da sua personalidade de sujeito que ”anda sempre nas nuvens”. Declarara com um ar desinteressado:

- Bem, cá por mim acho que é uma maneira muito estúpida de fazer a coisa, essa

de deixar de comer. Mais cedo ou mais tarde, todos acabamos por sair daqui para fora. Tanto faz saírmos a caminhar como sermos levados dentro de um caixão. Cá por mim é-me indiferente a maneira como irei. Ao cabo e ao resto vale o mesmo.

Dick observara-lhe:

- O teu mal, Andrews, é não teres respeito nenhum pela vida humana, nem sequer pela tua.

Andrews concordou:

- E ainda te digo outra coisa. Se acaso daqui saísse com vida, quero dizer, se me apanhasse fora destes muros e conseguisse fugir... Bem, não dizia a ninguém para onde ia o Andy, mas todos haviam de ficar sabendo por onde tinha passado!

Durante o Verão, Perry oscilou entre um estado de semi-inconsciência e um sono doentio que o deixava coberto de suores. Ouvia vozes a ressoar dentro da cabeça; uma delas perguntava-lhe com insistência: ”Onde está Jesus? Onde está ele?” E certo

dia acordou a gritar: ”O pássaro é Jesus! O pássaro é Jesus!” Este velho pensamento e ainda a ideia de que gostaria de aparecer no teatro sob o pseudónimo de ”Perry OTarsons, o Homem Sinfonia”, visitavam-no muitas vezes sob a forma de um sonho. O cenário deste era Las Vegas, um clube nocturno, onde ele, de chapéu-alto branco e *smoking* da mesma cor, se pavoneava num palco brilhantemente iluminado por focos, a tocar harmónica, guitarra, banjo, tambor, e a cantar a melodia *You Are My Sunshine* (Tu és o meu sol) e a sapatear numa espécie de lanço de escadas douradas: no cimo destas, ao chegar a uma plataforma, fazia uma vénia. Não se ouvia nenhum aplauso, no entanto a sala enorme e vistosamente decorada achava-se à cunha, repleta de uma assistência estranha onde predominavam os homens e parte destes negros. Ao contemplá-los, o executante compreendeu finalmente a causa daquele silêncio, e isso deixou-o coberto de suor. De súbito percebeu que se tratava de espectros, os fantasmas daqueles que haviam sido legalmente assassinados, por meio da forca, da cadeira eléctrica ou da câmara de gás e, no mesmo instante, percebeu que se encontrava ali para se ir reunir a eles, que as escadas douradas o haviam conduzido ao cadafalso, que a plataforma onde se achava se abria por

baixo de si. Caiu-lhe da cabeça o chapéu alto. A urinar e a defecar sem querer, Perry OTarsons entrava na eternidade.

Certa tarde, ao acordar deste sonho, deparou com o director da cadeia sentado à beira da cama. Este disse-lhe:

- Parece que tiveste um pesadelo.

Perry não lhe respondeu, e o director, que por várias vezes o fora já visitar ao hospital e tentara persuadi-lo a acabar com a greve da fome, declarou:

- Tenho uma coisa para ti. É do teu pai, pensei que gostasses de ler.

Perry, cujos olhos enormes brilhavam num rosto de palidez quase fosforescente, fitava o tecto, até que por fim, depois de colocar um postal ilustrado na mesa de cabeceira, o visitante retirou-se em face daquela má

recepção.

Nessa noite, Perry olhou para o postal. Vinha dirigido ao director da prisão e era datado de Blue Lake, Califórnia. O texto, escrito numa letra arredondada bem sua conhecida, dizia o seguinte: ”Meu caro senhor, estou informado de que o meu filho Perry está de novo aí preso. Peço o favor de me escrever dizendo o que ele fez de mal e se posso ir visitá-lo. Eu cá por mim estou bem e outro tanto desejo ao senhor. Agradece, Tex J.

Smith.”

Perry rasgou o postal, mas ficou com ele gravado na ideia, pois aquelas curtas e secas linhas haviam-lhe reavivado as recordações

tanto de amor como de ódio, lembrando-lhe que ainda era aquilo que tentara já não ser, isto é, um homem vivo. ”Resolvi então”, declarou ele mais tarde a um amigo, ”que assim havia de continuar. Aqueles que queriam tirar-me a vida que não contassem com nenhum auxílio da minha parte. Teriam que se esforçar bastante para isso.”

Na manhã seguinte pediu um copo de leite, o primeiro alimento que tomava

voluntariamente havia catorze semanas. Pouco a pouco, graças a um regime de sumo de laranja e gemas de ovos, foi ganhando peso; em Outubro, o médico da prisão, o doutor Robert Moore, considerou-o suficientemente forte para voltar a habitar a Ala da Morte. Quando ali chegou, Dick disse-lhe a rir:

- Sejas bem aparecido, pá!

Decorreram dois anos.

A partida de Wilson e de Spencer deixou Smith, Hickock e Andrews sozinhos na Ala da Morte com as lâmpadas acesas e as janelas tapadas por redes. Os privilégios concedidos aos presos vulgares eram-lhes negados; não tinham rádios nem podiam jogar às cartas, nem sequer fazer exercício - não lhes era permitido sequer deixar as celas, a não ser ao sábado, quando os levavam à sala de banho, para tomar chuveiro, e lhes davam uma muda de roupa; ou então quando recebiam a visita dos advogados, ou de parentes, o que era caso muito raro. A mãe de Hickock vinha apenas uma vez por mês; o marido morrera, ela ficara sem a quinta e, conforme participara a Dick, vivia em casa de parentes, ora de um ora de outro.

Perry tinha a impressão de viver ”debaixo de água” - talvez porque a Ala da Morte era tão silenciosa e escura como as profundas do Oceano; não se ouvia ali o menor ruído, a não ser ressonos, tossidelas, o chinelar de pés calçados de alpercatas, o roçagar dos pombos que faziam ninho nas paredes da prisão: Mas nem *sempre.*

”Às vezes”, escrevia Dick numa carta para a mãe, ”o barulho é tanto que uma pessoa nem sequer pode pensar.

Metem homens nas celas lá de baixo, a que chamam o ”Canto”, muitos deles completamente malucos, doidos de manicómio. Praguejam e gritam constantemente. Torna-se insuportável e por isso todos nos pomos a berrar que se calem. Gostava que me mandasse uns objectos próprios para tapar os ouvidos. O pior é que não me deixam usá-los. Os criminosos não podem ter sossego, estou a ver.”

O pequeno edifício existia há mais de um século e as mudanças

de estação revelavam diversos sintomas, da sua antiguidade: o frio do Inverno infiltrava-se pelos interstícios da pedra e do ferro e no Verão, quando as temperaturas subiam acima dos 100 graus fahrenheit, as celas eram caldeiras pestilentas.

”Cheira aqui tão mal que a minha pele deita um fedor insuportável”, escrevia Dick a mãe, numa carta datada de 5 de Julho de 1961. ”Faço por me mexer o menos possível. Deixo-me estar sentado no chão. A minha cama está tão molhada de suor que não me posso lá deitar e o cheiro enjoa-me porque só tomamos banho uma vez por semana e andamos sempre com a mesma roupa. Não ha a menor ventilação e as lâmpadas eléctricas ainda fazem mais calor. As baratas passeiam-se pelas paredes”.

Ao contrário dos presos vulgares, os condenados à morte não estão sujeitos à obrigação de trabalhar: podem fazer o que quiserem durante todo o dia: dormir, como acontecia com perry muitas vezes (”Finjo que sou uma criancinha que não pode ter os olhos abertos”); ou então, como era hábito de Andrews, ler a noite inteira. Devorava de quinze a vinte livros por semana; tanto apreciava a literatura de cordel como a boa literatura gostava de poesia, particularmente da de Robert Frost, mas também **ad**mirava whitman, Emily Dickinson e os poemas cómicos de Ogden Nash. Muito embora esta sede de literatura há muito houvesse esgotado a biblioteca da cadeia, o capelão, e outras pessoas que se condoíam de Andrews forneciam-lhe volumes da biblioteca pública de Kansas City.

Dick também era um devorador de livros; porém o seu interesse limitava-se a dois assuntos: o sexo, representado nos romances de Harold Robbins e de Irving Wallace (depois de lhe emprestarem um desses volumes, Perry devolveu-o a Dick com um bilhete indignado: ”porcarias de um degenerado, destinadas a mentalidades igualmente porcas e degeneradas!”) e livros de direito. Passava todos os dias e horas a desfolhar obras jurídicas, compilando passagens que julgava poderem servir para a revisão da sua sentença. Também, com o mesmo intuito, dirigiu uma avalancha de cartas a certas organizações, tais como a União das Liberdades Civis Americanas e a Associação dos Advogados do Estado do Kansas, cartas essas em que criticava O seu processo, alcunhando-o de ”farsa” e intimando os destinatários a ajudarem-no, a conseguir novo julgamento.

Perry estava resolvido a seguir o mesmo processo, porém, quando foram dizer a Andrews para escrever cartas idênticas a protestar contra a sentença, este

exclamou:

”Tratem de salvar o vosso pescoço que eu ca estou para me preocupar com o meu.”

300

(Na verdade, o pescoço de Dick não era neste momento o ponto do seu corpo que mais o preocupava. ”Cai-me o cabelo às mancheias”, confessava noutra carta para a mãe. ”Estou aterrado.

Ninguém na nossa família era calvo, que me lembre, e horroriza-me a ideia de ficar careca.”) Ao chegarem à Ala da Morte, numa noite de Outubro de

1961, os dois guardas de serviço traziam novidades aos presos:

- Ora bem - declarou um deles. - Acho que vocês vão ter mais companhia.

O significado desta notícia não podia ser outro: referia-se a dois soldados que haviam sido julgados pelo assassínio de um trabalhador do caminho-de-ferro do Kansas e tinham apanhado a pena máxima.

- É verdade - confirmou o guarda. - Foram ambos condenados à morte.

- pois claro - ripostou Dick. - A coisa é vulgar cá no Kansas. Os jurados votam a pena de morte com a mesma facilidade com que dariam rebuçados às crianças.

Um dos soldados, George Ronald York, tinha dezoito anos; o companheiro, James Douglas Latham, era um ano mais velho. Ambos eram bonitos rapazes, o que explica o grande número de raparigas que assistiram ao julgamento. Muito embora fossem condenados apenas por este crime, os acusados confessaram terem feito sete vítimas durante uma bebedeira.

Ronnie York, louro e de olhos azuis, fora nascido e criado na Florida, onde o pai era um mergulhador muito conhecido e bem pago. Os Yorks levavam uma vida muito confortável e Ronnie, estragado com mimos pelos pais e uma irmã que o adorava, era o centro de afecto da família. Os antecedentes de Latham, de natureza diametralmente oposta, revelavam-se tão miseráveis como os de Perry Smith. Nascera no Texas e era o filho mais novo de uma família numerosa e pobríssima, cujos pais se davam mal e que, quando finalmente se separaram,

deixaram os filhos ao deus-dará, tendo de procurar o sustento por um lado e outro, como se fossem cães vadios. Aos dezassete anos foi julgado e condenado por awol1 e encerrado em Fort Wood, no Texas. Foi ali que conheceu Ronnie York, que cumpria pena por idêntico motivo. Muito embora fossem muito diferentes fisicamente, pois York era alto e fleumático ao passo que o texano era baixo, com uns olhos manhosos a luzir na cara atrevida e rechonchuda, descobriram que tinham uma opinião em comum: o mundo não prestava e era melhor para toda a gente morrer.

1. *Absense uithout leave,* ausência sem licença. *(N. da T.)*

- Este mundo é uma chatice - afirmava Latham. - Tudo é de uma mesquinhez atroz. Queime-se a barraca de um homem, ele conforma-se. Envenene-se-lhe o cão e mata-se.

Ronie declarou que Latham tinha cem por cento de razão, acrescentando:

- Quando se mata alguém só se lhe faz um favor.

As primeiras vítimas a receberem tal favor foram duas mulheres da Geórgia, donas de casa respeitáveis, que tiveram a desgraça de encontrar York e Latham pouco depois de estes haverem conseguido fugir de Fort Hood, numa carrinha roubada, na qual se dirigiram a Jacksonville, na Florida, onde habitava a família de York. O local do encontro foi uma estação de serviço Esso, nos escuros arrabaldes de Jacksonville: a data, 29 de Maio de 1961. De início, os desertores haviam-se dirigido a Jacksonville no intuito de visitarem a família de York; uma vez ali, contudo, este reflectiu que seria imprudente contactar com os seus, pois o pai tinha um génio exaltado. Ele e Latham discutiram o assunto e dirigiram-se para Nova Orleães quando pararam na estação de serviço. Estacionaram junto de outro carro que estava também a meter gasolina: dentro dele encontravam-se as duas futuras e sedentárias vítimas, as quais, ao cabo de um dia de compras e de distracção em Jacksonville, regressavam às suas casas, numa pequena aldeia da fronteira da Florida com a Geórgia. por mal delas haviam-se enganado no caminho. York, a quem perguntaram uma indicação, mostrou-se muito amável: ”Venham atrás de nós. Deixá-las-emos na estrada que devem seguir.” porém aquela para onde as conduziram, estava longe de ser a indicada: tratava-se de um atalho que ia ter aos pântanos. Ignorando isto, as duas senhoras seguiram atrás

deles até o carro da frente fazer alto. Avistaram então os dois prestáveis jovens que se aproximavam a pé, mas só tarde se aperceberam de que cada um deles vinha armado com um chicote preto. Os chicotes pertenciam ao proprietário legal da carrinha, um criador de gado: a intenção de Latham era servir-se deles como garrotes, e assim fizeram, depois de roubarem as duas mulheres. Em Nova Orleães compraram um par de pistolas e gravaram-lhe na coronha duas ranhuras. Durante os dez dias que se seguiram acrescentaram outras ranhuras às pistolas em Tullahome, Tennessee, onde entraram na posse de um vistoso *Dodge* descapotável vermelho, depois de matarem a tiro o dono, que era caixeiro viajante, e nos subúrbios de St. Louis, onde assassinaram mais dois homens. A vítima do Kansas, que seguiu às primeiras cinco, era um velhote: chamava-se Otto Ziegler, contava sessenta e dois anos - e era um tipo robusto e simpático, daquelas pessoas incapazes de passar por um motorista

empanado sem lhe prestarem auxílio. Quando seguia vagarosamente ao longo de uma auto-estrada no Kansas, certa manhã soalheira de Junho, Mr. Ziegler avistou um carro aberto, vermelho, estacionado na berma, com o *capot* erguido, enquanto um par de jovens de boa aparência remexiam no motor. Como poderia o bom do Mr. Ziegler adivinhar que esse motor não tinha a mínima avaria e que aquilo não passava de uma armadilha para roubar e matar os bons samaritanos que aparecessem por ali. As suas últimas palavras foram: ”Posso ajudar?” A uma distância de seis metros, York trespassou-lhe o crânio com uma bala, depois voltou-se para Latham e exclamou:

”Belo tiro, hem?”

A última vítima foi a mais impressionante. Tratava-se de uma rapariga de dezoito anos apenas; era empregada num motel do Colorado onde a infame parelha passou a noite. *A* jovem deixou-se seduzir por eles. A seguir declararam-lhe que iam para a Califórnia e convidaram-na a acompanhá-los:

- Vem dai connosco! - insistiu Latham. - Talvez ainda possamos todos vir a ser vedetas do cinema!

A rapariga, mais a maleta de papelão que arranjara a toda a pressa, foram parar ao fundo de uma ravina perto de Craig, no Colorado; não decorreram, porém, muitas horas depois de os criminosos a haverem morto a tiro e abandonado, e já

se encontravam a ser fotografados pelas câmaras de cinema.

A descrição dos ocupantes do carro vermelho, fornecida por testemunhas que os haviam visto a vaguear perto do local onde fora descoberto o corpo de Otto Ziegler, tinha sido difundida por todo o Médio Oeste e pelos Estados do Oeste. Ergueram-se barreiras nas estradas enquanto os ares eram patrulhados por helicópteros; foi numa dessas barreiras, em Utah que Latham e York foram capturados. Mais tarde, numa esquadra de polícia em Salt Lake City, uma companhia local de televisão obteve licença para filmar uma entrevista com os criminosos. A imagem, se fosse transmitida sem som, mostraria dois jovens atraentes, com aspecto de atletas bem alimentados, que pareciam dissertar acerca de hóquei ou beisebol, e nunca um par de assassinos a descreverem os crimes e o papel que, orgulhosos, confessavam haver representado na morte de sete pessoas.

- porque fizeram vocês isto? - inquiriu o entrevistador. York, com um sorriso prazenteiro, respondeu:

- Odiamos todo o mundo!

Os cinco estados que invocaram o direito de acusar York e Latham em tribunal pediram a pena de morte: a Florida (cadeira eléctrica), o Tennessee (cadeira eléctrica), o Ilinóis (cadeira eléctrica), o Kansas (enforcamento) e o Colorado (câmara de gás).

Mas, em virtude de haver apresentado as provas mais firmes, quem teve a primazia foi o Kansas.

Os reclusos da Ala da Morte viram pela primeira vez os seus novos companheiros a 2 de Novembro de 1961. Um guarda, que os escoltou até às celas, apresentou-os:

- Mr. York, Mr. Latham, dêem-me licença que lhes apresente Mr. Smith. Este é Mr. Hickock e aquele é Mr. Lowell Lee Andrews - o moço mais simpático de Wolcott!

Depois de o cortejo passar, Hickock ouviu Andrews a rir sozinho e inquiriu:

- Que disse esse filho da mãe para lhe achares tanta piada?

- Nada - respondeu Andrews. - Mas estava cá a pensar: se contares os meus três, os vossos quatro e os sete deles, soma catorze e nós somos cinco. Catorze a dividir por cinco dá...

- Catorze a dividir por quatro - emendou Hickock secamente. - Aqui há quatro assassinos e um tipo que foi julgado sem justiça. Eu cá não sou nenhum reles criminoso. Nunca toquei num cabelo sequer fosse de quem fosse!

Hickock continuava a escrever cartas a protestar contra a sua condenação, até que finalmente uma delas produziu algum resultado. O destinatário, Everett Steerman, Presidente da Comissão Auxiliar da Associação dos Advogados do Estado do Kansas, ficou impressionado com as alegações do autor da missiva, que se queixava de, tanto ele como o seu co-acusado, não haverem tido um julgamento honesto. Segundo Hickock, a ”atmosfera hostil” de Garden City tornara impossível organizar um júri imparcial e, portanto, devia ter sido autorizado o pedido para que o julgamento se realizasse noutro lugar. Quanto aos próprios jurados, dois haviam-se antecipadamente declarado convencidos da culpabilidade dos réus durante as perguntas preliminares, antes da nomeação:

”Quando lhe perguntaram a sua opinião acerca da pena capital, um dos sujeitos afirmara que,

”habitualmente, era contra, mas, naquele caso, não”; infelizmente essas perguntas não haviam ficado registadas, pois, segundo a lei do Kansas, isso não é preciso, a não ser que haja um pedido especial. Além disto, muitos dos jurados eram das relações da família. Até o próprio juiz fora amigo íntimo de Mr. Clutter”

porém, a mais certeira seta disparada por Hickock era dirigida aos dois advogados de defesa, Arthur Fleming e Harrison Smith, cuja incompetência e falta de adaptação tinham sido a causa da presente situação do autor da carta, pois este não beneficiara de uma defesa correcta e bem elaborada. Esta falta de interesse,

evidentemente propositada, correspondia a uma atitude de entendimento entre a defesa e a acusação.

Estas afirmações, tão graves, visavam a integridade de dois advogados considerados e de um juiz igualmente distinto. Embora fossem apenas parcialmente verdadeiras, os direitos constitucionais dos réus tinham sido menosprezados. Instigada por Mr. Steerman, a Associação dos Advogados tomou uma iniciativa sem precedentes na história do direito no Kansas: encarregou um jovem advogado de Wichita, Russel Schultz, de investigar as acusações e, no caso de as provas o justificarem, de pôr em causa a validade da sentença invocando a lei *do habeas corpus* perante o Supremo Tribunal do Kansas, que ainda havia pouco confirmara a sentença.

Dava a impressão de que as investigações de Schultz eram unilaterais, visto se terem limitado a pouco mais do que uma entrevista com Smith e Hickock, da qual o advogado saiu cheio de frases bombásticas como estas: ”A questão é a seguinte: os pobres, acusados de crime têm ou não direito a uma defesa completa? Não creio que o estado do Kansas venha a ser prejudicado de maneira grave ou durante muito tempo pela morte destes dois réus. Mas também não creio que algum dia se restabeleça dos estragos causados pela morte dos processos legais.”

Schultz apresentou a sua petição do *habeas corpus* e o Supremo Tribunal do Kansas encarregou um dos seus juizes reformados, o Meritíssimo doutor Walter G. Thiele, de organizar um interrogatório completo. E foi assim que, quase dois anos depois do julgamento, a mesma assembleia se reuniu no tribunal de Garden City. Os únicos participantes de importância que se encontravam ausentes eram os próprios réus. No seu lugar estavam sentados o juiz Tate, o velho Mr. Fleming e Harrison Smith, cujas carreiras se encontravam periclitantes, não por causa das alegações dos apelantes em si, mas por causa do aparente crédito que a Associação dos Advogados lhes concedera.

Os interrogatórios, que a certa altura tiveram lugar em Lansing, onde o juiz Thiele ouviu os testemunhos de Smith e de Hickock, levaram seis dias. Acabaram por se esclarecer todos os pontos. Oito dos jurados declararam sob palavra de honra nunca terem conhecido qualquer membro da família assassinada; quatro confessaram terem conhecido vagamente Mr. Clotter, mas todos eles, incluindo N. L. Dunnan, o empregado do aeroporto que fizera a tal afirmação durante o interrogatório prévio, que dera lugar à pendência, jurou ter entrado na bancada sem nenhuma ideia preconcebida. Schultz desafiou Dunnan dizendo:

- Então o senhor acha que gostaria de ser julgado por um membro do júri cujo estado de espírito fosse igual ao seu?

Dunnan afirmou que sim e Schultz então inquiriu:

- Lembra-se de lhe terem perguntado se era ou não contra pena máxima?

A testemunha acenou com a cabeça:

- Respondi que em circunstâncias normais seria provavelmente contra ela. Mas, dada a importância deste crime, provavelmente votaria a favor dela.

Tornava-se mais difícil lidar com Tate: Schultz não tardou aperceber-se de que tinha um tigre seguro pela cauda. Ao responder à pergunta relativa à sua suposta intimidade com Mr. Clutter, o juiz declarou:

- Ele (Clutter) esteve uma vez neste tribunal como litigante num caso a que eu presidi, uma acção de perdas e danos relativa a um avião que caiu na sua propriedade; ele requeria indemnização, creio que pelo estrago causado numas árvores de fruto. Nunca tive mais relações com ele. De nenhuma espécie. Via-o talvez uma ou duas vezes durante o ano...

Schultz interrompeu-o subitamente, cortando o assunto:

- Sabe - inquiriu - qual era a atitude do povo desta Comunidade a seguir à prisão dos dois acusados?

- Acho que sim - retorquiu o juiz com ostensiva confiança. Era a atitude normal que se tem para qualquer pessoa acusada de um crime grave - desejava-se que fossem julgados segundo a Lei; no caso de se provar a sua culpa, deveriam ser condenados; pretendia-se que fossem tratados com a mesma justiça que qualquer outra pessoa. Só havia o preconceito natural em face de dois homens acusados de um crime.

- Quer o senhor dizer - interrompeu malevolamente Schultz

- que não vira razão para o tribunal ordenar a mudança de local para o julgamento?

- Mr. Schultz - retorquiu Tate com uma voz sibilante-, o tribunal por si não *ordena* uma mudança de local. O

tribunal só a *concede* quando lha pedem nos devidos termos.

- Mas então porque não fora ela requerida pelos advogados da defesa? - Schultz dirigia agora a pergunta a estes, pois o principal objectivo do causídico de Wichita era desacreditá-los e provar que os seus clientes não haviam recebido deles a mínima protecção. Fleming e Smith suportaram a invectiva com toda a correcção, sobretudo Fleming, o qual, com a sua gravata vermelha flamejante e sorriso prazenteiro, ouviu Schultz até ao fim com uma resignação cavalheiresca. Ao explicar por que razão não requererá mudança de local, declarou: 306

- Achei que, em vista do reverendo Cowan, ministro da Igreja Metodista e homem de grande prestígio cá na terra, bem como muitos outros ministros, se haverem pronunciado contra a pena capital, a semente estava lançada e provavelmente haveria aqui mais pessoas inclinadas à tolerância do que em qualquer outra parte do estado. Além disso, houve um irmão de Mr. Clutter que escreveu um artigo para um jornal onde declarava ser de opinião de que os réus deste crime não deveriam ser condenados à morte.

Schultz tinha de reserva uma série de acusações, mas no fundo de todas elas subentendia-se que, em virtude da pressão exercida pela comunidade, Fleming e Smith haviam descurado os seus deveres. Ambos eles, teimava Schultz, tinham atraiçoado os clientes, não conversando com eles amiudadas vezes (Mr. Fleming afirmou:

”Trabalhei no caso com toda a minha capacidade, consagrando-lhe mais tempo do que costumo dedicar à

maioria dos casos”); tinham renunciado a um interrogatório preliminar. (Smith respondeu: ”Mas nem eu nem Mr. Fleming tínhamos sido ainda nomeados para a defesa na altura do interrogatório preliminar”); tinham, em conversas com jornalistas, feito afirmações prejudiciais aos réus (Schultz para Smith: ”Recorda-se de que um repórter, Ron Kull, do *Daily Capital*, de Topeka, registou algumas palavras suas no segundo dia do julgamento, no sentido de não haver dúvidas quanto à culpabilidade de Hickock, mas que o seu papel era conseguir que ele fosse apenas condenado a prisão perpétua e não à pena de morte?” Smith respondeu a Schultz: ”Se repetiram isso a meu respeito não é exacto”);

declarando por fim que eles não haviam preparado uma defesa condigna.

Foi neste último ponto que Schultz insistiu mais; é oportuno, portanto, reproduzir aqui a opinião escrita a tal respeito por três juizes federais como resultado de um requerimento feito depois pela Associação dos Advogados do Décimo Círculo Judicial: ”Somos, no entanto, de opinião que aqueles que se ocuparam mais tarde do caso perderam de vista os problemas que tiveram de enfrentar na altura os advogados Smith e Fleming, ao tomarem conta da defesa dos acusados. Ao aceitarem o encargo, qualquer dos dois réus havia feito uma confissão completa que não negou depois, nem sequer durante o julgamento, não declarando nunca que esta lhe fora arrancada por meios ilegais. Um rádio levado pelos réus da casa dos Clutters havia sido recuperado na Cidade do México e os advogados tinham conhecimento de outras provas da sua culpabilidade então na posse da acusação. Ao serem convidados a justificar-se, permaneceram mudos e foi necessário

o tribunal encetar a defesa em lugar deles. Não havia então provas, nem apareceram depois, capazes de justificar a loucura dos acusados. A tentativa feita nesse sentido em virtude dos acidentes sofridos anos atrás, os quais tinham como consequência dores de cabeça e desmaios da parte de Hickock, valeu tanto como alguém agarrar-se a uma palha para não morrer afogado. Os advogados enfrentaram a situação provada de haverem sido cometidos quatro crimes atrozes contra pessoas inocentes. Nestas circunstâncias, estava justificado que aconselhassem os réus a confiarem na clemência do tribunal. A sua única esperança residia num golpe de sorte que lhes pudesse poupar a vida.”

No relatório que apresentou ao Supremo Tribunal do Kansas, o juiz Thiele foi de opinião que os acusados tinham sido honesta e constitucionalmente julgados; o tribunal indeferiu portanto a petição para ser anulada a sentença e marcou nova data para a execução, 23 de Outubro de 1962. Na realidade, Lowell Lê Andrews, cujo caso subira duas vezes ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos, estava indigitado para ser executado um mês depois.

Os assassinos dos Clutters conseguiram ainda que certo juiz federal adiasse a data da execução. A de Andrews foi mantida.

Quando se trata de caso de pena capital, nos Estados Unidos, o tempo médio que

decorre entre a sentença e a execução é, aproximadamente, de dezassete meses. Ainda há pouco, no Texas, um ladrão à mão armada foi electrocutado um mês após a condenação; na Louisiana, porém, encontram-se presentemente dois acusados de crime de violação que esperam de um acórdão do tribunal há já doze anos. As diferenças de prazo dependem em grande parte da sorte, mas sobretudo da demora de questões processuais. A maioria dos advogados que tratam de casos deste género são oficiosos e trabalham sem emolumentos; mas os tribunais, para evitarem futuras apelações baseadas em queixas acerca da falta de interesse da defesa, confiam estas quase sempre a juristas de primeiro plano que se encarregam delas com todo o vigor. No entanto, até mesmo um advogado de talento medíocre é capaz de retardar a data da execução de ano para ano, pois o sistema de apelação que vigora na jurisprudência americana equivale a uma roda da fortuna legal, uma espécie de jogo de azar, de certo modo tolerado, propício ao criminoso, e que permite manobrar indefinidamente, primeiro nos tribunais dos Estados, depois nos federais, até se atingir o Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Mas mesmo a perda da causa aí

não significa nada se o

advogado do réu conseguir descobrir ou inventar novos fundamentos para nova apelação; é o que fazem geralmente e de novo a roda se põe a girar durante alguns anos talvez, até que o acusado torne a atingir o mais alto tribunal da nação, possivelmente para recomeçar de novo a lenta e cruel discussão. por vezes, porém, a roda pára para anunciar uma vitória ou então, o que é cada vez mais raro, um fracasso. Os advogados de Andrews lutaram até ao fim. Mas o seu cliente foi enforcado na sexta-feira, 30 de Novembro de 1962.

- A noite estava muito fria - declarava Hickcock, falando com um jornalista com quem mantinha correspondência e que o visitava de vez em quando. - Fria e húmida. Chovia a potes e o campo de basebol era um lamaçal onde nos enterrávamos até à barriga. por isso, quando vieram buscar o Andy para o levar para a arrecadação, foi preciso seguirem pelo caminho coberto. Nós estávamos todos às janelas, o Perry e eu, o Ronnie, o York e o Jimmy Latham. Passava pouco da meia-noite e a arrecadação estava tão iluminada que parecia uma abóbora esburacada com uma vela dentro. As portas tinham sido escancaradas. Víamos as testemunhas, uma cambada de guardas, o médico e o director, víamos tudo menos a maldita forca. Ficava num canto, só lhe víamos a sombra. Uma

sombra na parede, como a de um ringue de box.

”O capelão e quatro guardas ocupavam-se de Andy e, quando chegaram à porta, pararam durante um segundo. O Andy olhava para a forca, adivinhava-se perfeitamente. Tinha as mãos amarradas na Frente. De súbito, o capelão estendeu o braço e tirou os óculos ao Andy. Até fazia pena ver o Andy sem os óculos. Levaram-no para dentro e eu nem sei como ele conseguiu subir os degraus.

Estava tudo calado, só se sentia aquele cão a ladrar ao longe. Um cão da cidade. Foi então que ouvimos o tal barulho e o Jimmy Latham perguntou o que era aquilo. Eu expliquei-lhe o que era - o alçapão.

”Depois fez-se de novo um grande silêncio. Só se ouvia o cão. O Andy, coitado, esteve a dançar que tempos. Os tipos com certeza tiveram muito que limpar. De vez em quando o médico vinha cá

fora e ficava ali um bocado com o estetoscópio na mão. Parecia-me que a tarefa não lhe agradava lá muito - arfava como se lhe faltasse o ar e chorava ao mesmo tempo. O Jimmy disse: ”Ele já não pode mais.” Acho que vinha cá fora para que os outros o não vissem chorar. Depois tinha de voltar lá para dentro, a fim de escutar se o coração do Andy deixara de bater. Parecia que

nunca mais parava! O facto é que continuou a bater durante dezanove minutos.

”O Andy era um tipo estranho”, prosseguiu Hickock, sorrindo de viés, enquanto metia um cigarro entre os lábios. ”Tal como eu lhe disse um dia, não tinha o menor respeito pela vida humana, nem mesmo pela sua. Pouco antes de o enforcarem sentou-se à mesa e comeu dois frangos tostados.

Passou a última tarde a beber coca-cola, a fumar e a escrever versos. Quando o vieram buscar, despediu-se de nós, e eu disse-lhe: ”Até qualquer dia, Andy. Tenho a certeza de que vamos para o mesmo lugar. por isso procura bem e vê se descobres por lá uma sombra fresca para nós ambos!”

Ele riu-se e declarou que não acreditava nem no céu nem no Inferno. Era tudo pó e mais nada.

Disse ainda que uns tios dele o tinham vindo visitar, afirmando que haviam

comprado um caixão para depois o levarem para um pequeno cemitério lá no Norte do Missouri. Queriam-no junto do lugar onde desejavam ser enterrados. Afirmou-me que lhe tinha custado ficar sério ao ouvir aquilo.

Eu respondi: ”Bem, estás cheio de sorte. O mais certo é eles mandarem-me a mim e ao Perry para as aulas de anatomia.” Passámos o tempo nestas e noutras brincadeiras, até serem horas de ele se ir embora, e nesse momento entregou-me um bocado de papel com um poema. Não sei se o escreveu ou se o tinha copiado de um livro. Desconfio que foi ele quem o fez. Se você está interessado vou mandar-lho.”

Cumpriu a promessa e verificou-se que a mensagem de despedida de Andrews era a nova estância da *Elegia Escrita num Cemitério de Aldeia:*

Os faustos da nobreza, a pompa formidável, O gozo da beleza que a fortuna, procura, Tudo vai acabar na hora inevitável; O *trajecto da glória só leva à* sepultura.’

”Eu gostava a valer do Andy. Ele era maluco. Não doido varrido como queriam fazer crer, mas um bocado pírulas. Falava constantemente em fugir daqui para se tornar assassino profissional.

Gostava de imaginar que vagueava por Chicago ou Los Angeles, com uma metralhadora escondida num estojo de violino,

1. No original:

The boasts ofheraldry thepomp ofpou>’r And ali that beauty, ali tbe wealth e’er gave, Awatt ahke the inevttable hour: Thepaths ofglory lead but to the grave.

a matar gajos. Declarava que levaria mil dólares por cada um.”

Hickock riu, provavelmente com o absurdo das ambições do amigo, suspirou e sacudiu a cabeça:

- Mas, para um rapaz da sua idade, era o tipo mais esperto que tenho conhecido. Uma verdadeira biblioteca humana. Quando lia um livro, ficava com ele metido na cabeça. Claro que acerca da vida não sabia patavina. Eu cá não percebo nada

de nada, mas tenho experiência da vida. Percorri muitos caminhos escabrosos. Já vi flagelar um branco, nascer meninos, vi uma garota, não tinha mais de catorze anos, estar com três tipos ao mesmo tempo e todos eles darem por bem empregado o seu dinheiro. Já caí de um navio à água, e tive de nadar cinco milhas para chegar a terra, sentindo que a vida se me esvaía a cada braçada. Apertei um dia a mão ao Presidente Truman. Ao Harry S.

Truman, sim, senhor!, no átrio do Hotel Muehlebach. Quando ia para o hospital, a conduzir uma ambulância, observei todos os aspectos que a existência nos pode oferecer. Vi coisas que fariam vomitar um cão. Mas o Andy? Não sabia nada de nada, a não ser aquilo que tinha lido nos livros.

”Era tão inocente como uma criancinha de mama. Nunca estivera com nenhuma mulher. Nem era homem a valer. Aliás, ele próprio o confessava. por isso mesmo é que eu gostava dele. Como não havia um tipo assim de prevaricar? Nós, os outros que estamos aqui na Ala da Morte, somos uma cambada de bazófias. Eu sou o pior de todos. Só temos palavreado. Pronto, a verdade é que temos de falar de qualquer coisa, de nos gabarmos seja do que for. De contrário, não somos nada, ninguém, não passamos de uma simples barata a vegetar neste reduto de sete metros por dez. Mas o Andy nunca entrou nisso. Dizia que não fazia sentido uma pessoa pôr-se a contar coisas que nunca tinham acontecido.

”O Perry, esse, coitado, ficou satisfeito por ver desaparecer o Andy. Ele é precisamente aquilo que o Perry desejaria ter sido, quero dizer, um homem culto. O Perry nunca lho perdoou. Sabe que o Perry está sempre a empregar palavras caras cujo significado a maior parte das vezes não percebe?

Faz lembrar um daqueles pretos que estudaram na Universidade. Caramba, ia aos ares quando o Andrews o apanhava nalgum erro e o levava à parede. Claro que o Andy estava sempre a tentar dar-lhe aquilo que ele precisava, isto é, educação. Ninguém pode entender-se com o Perry. Não tem um único amigo em parte nenhuma. Que diabo, quem se julga ele, afinal? Está sempre a desdenhar de toda a gente,

a chamar pervertidas e degeneradas às pessoas. A atirar-lhes à cara o facto de possuírem um quociente de inteligência muito baixo. É uma pena não termos todos a sensibilidade do Perryzinho!

Um santo! Caramba, mas eu cá sei de alguém que iria de boa vontade para o ”Canto” depois de ter tido a oportunidade de se encontrar a sós com ele, nem que fosse por um minuto só, na sala do chuveiro! A maneira como ele despreza o York e o Latham! O Ronnie diz que só queria ver-se com um chicote nas mãos ao pé dele! Gostaria de lhe dar um apertozinho. E não serei eu quem o censure. Ao cabo e ao resto, estamos todos na mesma situação, e eles são bons tipos.

Hickock soltou uma risada amarga, encolheu os ombros e disse:

”Sabe o que eu quero dizer. *Bons, é* como quem diz. A mãe do Ronnie York veio cá vê-lo por várias vezes. Um dia encontrou a minha mãe na sala de espera. Ficaram amigas para a vida e para a morte. A senhora York quer que a minha mãe vá estar uns tempos a casa dela, na Florida, talvez mesmo que vá viver para lá. Meu Deus, quem dera que ela fosse? Assim não teria de passar por este mau bocado. Vir aqui todos os meses para me ver, sujeitando-se a uma viagem de autocarro.

Sempre a sorrir e a tentar dizer-me qualquer coisa de animador. Pobre criatura! Não sei como ela aguenta. Não me admira que venha a perder o juízo!”

Os olhos desiguais de Hickock voltaram-se para uma janela da sala de espera: o seu rosto intumescido, pálido como um lírio fúnebre, alvejava à luz do Sol de Inverno que se filtrava pela janela de grades.

”Pobre criatura! Escreveu ao director da cadeia e pediu para falar ao Perry da próxima vez que cá

viesse. Queria ouvir da boca dele a afirmação de ter sido ele quem matou aquela gente e que eu não dera um único tiro. Só tenho esperança de que sejamos um dia julgados de novo e que o Perry diga a verdade. Mas duvido. Ele está mais do que resolvido a termos ambos o mesmo destino. Lado a lado. Não está certo! Há muito homem que matou e nunca esteve dentro de uma cela da morte. E

eu cá nunca matei ninguém. Se você tiver cinquenta mil dólares, pode matar à vontade toda a gente de Garden City, que não lhe acontece mal algum!” Um sorriso súbito veio apagar aquela fogosa indignação: ”Ora, ora! Cá estou eu outra vez a choramingar a minha pouca sorte! Já era tempo de ter aprendido. Mas posso jurar que fiz todo o possível para me entender bem com o Perry. Ele é

que é muito esquisito. Um tipo de duas caras. Tem inveja de tudo: das cartas que

recebo, das visitas. Não vem cá ninguém vê-lo a não ser o senhor", declarou, indicando com a cabeça o próprio jornalista,

que tão boas relações mantinha com Smith como com Hickock. "Ou então o advogado. Lembra-se de quando ele esteve no hospital? por causa dessa tal farsa da greve da fome? E que o pai lhe mandou um postal? pois fique sabendo que o director respondeu ao pai do Smith, a dizer-lhe que seria bem recebido todas as vezes que quisesse aparecer. Mas nunca cá pôs os pés. porquê, não sei.

Às vezes até sinto pena do Perry. Deve ser uma das pessoas mais solitárias que existe no mundo.

Mas ora! Que vá para o Inferno! Tudo sucedeu por culpa dele."

Hickock tirou mais um cigarro de um maço de *Pall Malls* e franziu o nariz. " Já tentei deixar o fumo. Depois pus-me a pensar que diferença *é* que me fazia, nestas circunstâncias. A minha sorte era arranjar um cancro e vencer o Estado no seu próprio terreno. Houve uns tempos aqui atrás em que fumei charutos. Eram do Andy. Na manhã seguinte a terem-no enforcado, acordei e chamei-o como de costume: " Andy!" Depois lembrei-me de que ele devia ir a caminho do Missouri, mais o tio e a tia. Tinham feito limpeza à cela dele e todas as suas coisas estavam empilhadas num canto.

O colchão, as alpercatas e o livro de apontamentos com os desenhos das comidas. Ele chamava-lhe o seu frigorífico. E também lá se encontrava aquela caixa de charutos *Macbeth.* Eu disse ao guarda que o Andy tencionava oferecer-mos, tinha-mos deixado em testamento. A verdade é que não consegui fumá-los todos. Talvez o Andy tivesse realmente a intenção de mos oferecer. Mas a verdade é que me fizeram náuseas.

"Bem, que se há-de dizer mais acerca da pena capital? Eu não sou contra ela. É uma vingança, mas que mal há na vingança? Acho até uma coisa muito importante . Se eu fosse parente dos Clutters ou de qualquer das pessoas que o York e o Latham mandaram desta para melhor, não teria um momento de descanso enquanto os responsáveis não fossem andar um bocado no Grande Baloiço.

Mas todos esses que andam sempre a escrever cartas para os jornais... Outro dia

vinham duas num diário de Topeka. Uma era de um padre. Diziam mais ou menos isto: para quê toda esta farsa jurídica? porque não penduraram já pelo pescoço esses filhos-da-mãe do Smith e do Hickock? por que motivo estão ainda esses filhos de uma cadela a comer as sopas do Estado? Esses percebo eu.

Estão fulos porque ainda não obtiveram o que queriam, isto é, vingança. E nunca a conseguirão desde que eu possa evitá-lo. Eu cá não sou contra a forca. Desde que o enforcado não seja eu.

313

Mas acabou mesmo por ser.

Passaram mais três anos e durante esse espaço de tempo dois advogados excepcionalmente hábeis, de Kansas City, Joseph P. Jenkins e Robert Bingham, vieram substituir Schultz, que se demitira do cargo. Nomeados por um juiz federal e trabalhando sem recompensa (mas movidos por uma convicção nítida de que os acusados haviam sido vítimas de um ”julgamento pavorosamente injusto”), Jenkins e Bingham fizeram várias apelações dentro do esquema dos tribunais federais, evitando assim três datas marcadas para a execução: 25 de Outubro de 1962, 8 de Agosto de 1963 e 18 de Fevereiro de 1965. Os advogados afirmavam que a condenação dos seus clientes fora injusta, pois alicerçara-se apenas no facto de terem confessado e haviam-lhe sido negados os interrogatórios preliminares: além disso, não estavam convenientemente representados no julgamento e a sentença fora proferida sem que as armas do crime estivessem devidamente identificadas (a faca e a carabina que se achavam em casa de Hickock); não lhes tinha sido também concedida a faculdade de serem julgados noutro local, muito embora, nas vésperas da audiência, o ambiente estivesse saturado de propaganda hostil aos acusados.

Com estes argumentos, Jenkins e Bingham conseguiram levar três vezes o caso perante o Supremo Tribunal dos Estados Unidos - o Patrão-Mor, como lhe chamam muitas vezes os litigantes -, mas, de todas as vezes, o Tribunal, que nunca comenta as suas decisões em casos como este, negou a apelação, indeferindo os requerimentos que dariam aos acusados o direito de serem de novo ouvidos em tribunal. Em Março de 1965, depois de terem passado quase dois mil dias na Ala da Morte, o Supremo Tribunal do Kansas decretou que as vidas de Smith e Hickock deviam terminar entre a meia-noite e as duas da manhã de quarta-feira, 4 de Abril de 1965. Depois disto foi apresentado um

pedido de clemência ao novo governador do Kansas, William Avery; este, porém, que era um rico fazendeiro muito sensível à opinião pública, recusou-se a interferir, decisão esta que ele julgava servir ”os melhores interesses do povo do Kansas”. (Dali a dois meses Avery negava também o apelo de clemência em favor de York e Latham, que foram enforcados em 22 de Junho de 1965.)

E foi assim que, na madrugada dessa quarta-feira, Alvin Dewey, ao tomar o pequeno-almoço no café de um hotel de Topeka, leu na primeira página do *Star*, de Kansas City, o cabeçalho que havia muito esperava: MORTOS NA FORCA por CRIME SANGUINÁRIO.

A história, escrita por um repórter da Associated Press, começava 314

assim: ”Richard Eugene Hickock e Perry Edward Smith, companheiros no crime, morreram na forca, na prisão do Estado, às primeiras horas da manhã de hoje, como castigo de um dos crimes mais sangrentos da história criminal do Kansas.. Hickock, de 33 anos, morreu primeiro, às 12.41 da manhã. Smith, de 36, morreu à 1.19.”

Dewey vira-os morrer, pois contava-se entre as vinte testemunhas convidadas ao acaso para a cerimónia. Nunca assistira a uma execução e quando, à meia-noite, entrou na arrecadação fria, o cenário surpreendeu-o: imaginara um ambiente de dignidade e não esta soturna caverna frouxamente iluminada, atravancada de madeira e sucata. A forca, porém, com os seus dois narizes claros ligados a uma viga transversal, possuía uma imponência incontestável; o mesmo se dava com o carrasco, uma figura insólita, que projectava uma sombra alongada lá no seu poleiro, sobre a plataforma, no alto do instrumento de suplício, que tinha treze degraus. O carrasco, um tipo anónimo *e* esgalgado, que haviam mandado vir do Missouri para o efeito, e por cujo trabalho pagavam seiscentos dólares, envergava um fato trespassado de riscas estreitas, demasiado largo para o seu corpo. O casaco chegava-lhe quase aos joelhos; na cabeça trazia um chapéu de *cowboy* que talvez em novo tivesse sido verde, mas que não passava agora de um objecto estranho desbotado e com manchas de suor.

Também Dewey achou desconcertantes as conversas das outras testemunhas, que esperavam o começo daquilo a que uma delas chamava ”as festividades”.

- Ouvi dizer que tinham tirado à sorte com palhinhas para ver quem seria pendurado em primeiro lugar. Ou que haviam deitado uma moeda ao ar. Mas

Smith sugeriu que procedessem por ordem alfabética. Provavelmente visto o S vir depois do H. Ah! Ah!

- Vocês leram no jornal, no da tarde, o que eles pediram para o jantar? Quiseram ambos a mesma coisa: camarões, filhos, pão de alho e morangos com natas batidas. Parece que o Smith mal tocou na comida.

- Este Hickock sempre tem um sentido do humor! A mim contaram-me que, aqui há uma hora, um dos guardas lhe dissera: ”Esta noite deve ser a mais comprida de todas.” E que o Hickock respondera: ”Está enganado, é a mais curta.”

- Sabem aquela dos olhos do Hickock? Deixou-os a um oftalmologista. Assim que lhe cortarem a corda, o médico arranca-lhe

imediatamente os olhos e aplica-os a outra pessoa. Está-me a parecer que não me agradava nada ser essa pessoa. Tenho a impressão de que me havia de sentir mal com eles.

- Santo Deus! Tudo isto é chuva? Fechem as janelas! Ai o meu *Chevrolet* novo! Caramba!

Uma bátega súbita crepitava no telhado da arrecadação. O ruído, semelhante a um rufar de tambores numa parada, precedeu a chegada de Hickock. Acompanhado por seis guardas e o capelão que rezava em voz baixa, entrou no fúnebre local algemado e envergando um feio dispositivo de correias que lhe mantinha os braços ligados ao tronco. Junto da forca, o director da cadeia leu-lhe a ordem oficial da execução, um documento de duas páginas; e durante esse tempo os olhos de Hickock, enfraquecidos por meia década de sombra, percorriam a reduzida assistência, até que, não conseguindo avistar o que procurava, perguntou em voz baixa a um guarda se estava presente algum membro da família Clutter. Ao receber uma resposta negativa, o prisioneiro pareceu desapontado, como se achasse que o protocolo que rodeava este ritual da vingança não estava a ser cumprido à letra.

Como é hábito, o director, no fim de recitar o documento, perguntou ao condenado se tinha qualquer coisa a declarar. Hickock sacudiu a cabeça:

- Só desejo afirmar que não quero mal a ninguém. Vocês mandam-me para um

mundo melhor do que este. - Depois, como que para acentuar a afirmação, apertou as mãos dos quatro homens que haviam sido mais directamente responsáveis pela sua captura e condenação, e que tinham pedido expressamente para assistir à execução da sentença: os agentes do K. B. I. Roy Church, Clarcnce Duntz, Harold Nye e Dewey.

- Muito prazer em vê-los declarou Hickock, com o seu melhor sorriso, como se estivesse a receber os convidados do seu próprio enterro.

O carrasco tossiu, ergueu com impaciência o chapéu de *cowboy* e voltou a colocá-lo na cabeça, num gesto que lembrava um peru a enfunar as penas do pescoço. Então, Hickock, obedecendo a uma cotovelada de um dos guardas, subiu as escadas do cadafalso.

- O Senhor o deu o Senhor o leva, bendito seja o nome do Senhor - recitava o capelão, enquanto o ritmo do crepitar da chuva se acelerava subitamente e o carrasco ajustava o nó e aplicava a fina máscara negra no rosto do condenado. O alçapão abriu-se e Hickock ficou suspenso no ar para que todos o vissem, durante uns bons vinte minutos, até o médico declarar: ”Considero este homem morto.” - Um carro fúnebre com os faróis

salpicados de gotas de chuva entrou na arrecadação e o corpo, colocado numa padiola e envolto num cobertor, foi metido lá dentro e saiu para a escuridão da noite.

Ao contemplar a cena, Roy Church sacudiu a cabeça e disse:

- Nunca pensei que ele tivesse tanta coragem. Considerava-o um cobarde.

O homem com quem falava, outro detective, retorquiu:

- Ora, Roy. O tipo era um patife. Um malandro da pior espécie. Só teve o que merecia!

Church, de olhos pensativos, continuou a abanar a cabeça. Enquanto esperavam pela segunda execução, um guarda e um repórter conversavam um com o outro. O repórter inquiriu:

- É a primeira vez que assiste a um enforcamento?

- Vi o do Lee Andrews.

- Eu, é o primeiro a que assisto.

- Ah, e quais as suas impressões? O repórter apertou os lábios:

- Lá na redacção ninguém queria vir. Nem eu tão-pouco. Mas afinal não foi tão mau como eu pensava. É como quem salta de uma prancha, só que se traz uma corda ao pescoço.

- Os tipos não sentem nada. Caem, um aperto e pronto, não sentem absolutamente nada.

- Você tem a certeza? Eu estava mesmo ao pé dele. E bem o ouvi a resfolegar.

- Hum, hum! Mas acho que não sentem nada. Seria desumano se sentissem alguma coisa.

- Bem, calculo que os devem encher primeiro de drogas. Sedativos...

- Nem pensar nisso! É contra o regulamento. Aí vem o Smith.

- Cos diabos! Nunca pensei que ele fosse assim um aranhiço!

- É pequeno, lá isso é, mas há aranhas peçonhentas.

Ao chegar à arrecadação, Smith reconheceu o seu velho inimigo, Dewey. Parou de mascar uma pastilha elástica de mentol, sorriu para Dewey e piscou-lhe o olho, com uma expressão malévola e atrevida. Mas, quando o director lhe perguntou se tinha alguma coisa a declarar, a sua expressão tornou-se séria. Fixava os olhos graves e sensíveis nas caras que o rodeavam, ergueu-os para o carrasco, voltou a baixá-los para contemplar as mãos algemadas. Depois fitou os dedos manchados de tinta de escrever e aguarelas, pois passara os últimos anos na Ala da Morte a pintar auto-retratos e caras de crianças, quase sempre filhos de prisioneiros que lhe davam as fotografias da prole que poucas vezes tinham visto em carne e osso.

- Acho que é horrível tirar assim a vida a uma pessoa - disse por fim. - Não creio que a pena de morte tenha fundamento moral ou legal. Talvez eu mereça de certo modo este castigo, talvez...

- Faltaram-lhe as forças e a vergonha embargou-lhe a voz, reduzindo-a a um murmúrio apenas audível: - Não faria sentido que pedisse perdão por aquilo que fiz. Ou seria até impróprio. Mas faço-o. Peço perdão.

Seguiram-se os degraus, o nó, a máscara; mas, antes de esta lhe ser aplicada, o preso cuspiu a pastilha elástica para a palma da mão que o capelão lhe estendia. Dewey fechou os olhos; manteve-os fechados até se ouvir o estalido que faz uma corda a quebrar os ossos do pescoço. Tal como a maioria dos americanos, Dewey está certo de que a pena capital é um antídoto do crime e acha que, se alguma vez esta foi bem merecida, era no caso presente. A execução anterior não o impressionara, nunca simpatizara com Hickock, que considerava ”um aldrabãozito que se saíra das cacas e não valia um caracol”. Mas Smith, muito embora fosse ele o verdadeiro assassino, abalara-o mais, porque Perry possuía uma característica especial, parecia um animal exilado, um bicho ferido, e o detective não conseguia deixar de ser sensível a isso. Recordava-se do seu primeiro encontro com Perry na sala de interrogatórios do Quartel da Polícia de Las Vegas, daquele homem-anão sentado na cadeira metálica, com os pezitos calçados de botas que mal tocavam no chão. E, quando Dewey abriu os olhos, foi a primeira coisa que viu: esses pés de criança pendurados, a baloiçar.

Dewey imaginara que com a morte de Smith e de Hickock sentiria uma espécie de repouso, de relaxamento, produzindo a ideia de se ter cumprido determinada missão. Mas, pelo contrário, deu consigo a recordar um incidente ocorrido havia quase um ano, um encontro casual no cemitério de Valley View, que, visto retrospectivamente, tinha representado para ele mais ou menos o fim do caso Clutter.

Os pioneiros fundadores de Garden City eram sem dúvida pessoas de mentalidade espartana, mas, quando chegou a altura de construírem um cemitério, resolveram, apesar do solo árido e da dificuldade de transportarem a água, fazer daquilo um oásis que contrastasse com as ruas poeirentas e as planícies austeras. O resultado deste esforço foi o cemitério de Valley View, situado acima da cidade, num planalto de média altitude e que hoje se assemelha a uma ilha sombria rodeada pelas vagas ondulantes dos campos de trigo. Ele representa um suave refúgio depois de um dia de calor, com as suas alamedas

ininterruptas de árvores que as gerações precedentes plantaram.

318

Numa tarde do mês de Maio anterior, quando os campos cintilam cobertos pelo verde doirado do trigo meio crescido, Dewey tinha passado algumas horas no cemitério de Walley View, a tirar as ervas daninhas da sepultura dos pais, tarefa esta que havia muito descuidara. Dewey contava cinquenta e um anos, mais quatro do que quando tomara parte na investigação do caso Clutter; mas continuava esbelto e ágil e continuava a ser o primeiro detective do K. B. I. no Kansas Ocidental; ainda na semana anterior capturara dois ladrões de gado.

O sonho de se estabelecer numa quinta sua não se realizara ainda, pois o receio manifestado pela mulher de ir viver para um local isolado não se desvanecera. Em vista disso, Dewey construíra casa na cidade; tinha orgulho nela, assim como nos dois filhos, que falavam já com voz grossa e estavam tão altos como o pai. O

mais velho ia entrar para a Universidade no Outono.

Depois de limpar a campa, Dewey pôs-se a passear ao longo das calmas alamedas. Parou em frente de uma sepultura cuja inscrição fora recentemente gravada na pedra. O nome era Tate. O juiz Tate morrera com uma pneumonia no passado mês de Novembro. Coroas, rosas secas, fitas desbotadas cobriam ainda a terra dura.

Junto delas, havia pétalas frescas espalhadas sobre uma campa mais recente: a de Bonnie Jean Ashida, a filha mais velha dos Ashidas, morta num choque de automóveis quando viera de visita a Garden City. Mortes, nascimentos, noivados... precisamente na véspera soubera que o antigo namorado de Nancy Clutter, o jovem Bobby Rupp, se tinha casado.

As sepulturas da família Clutter, quatro campas sob a mesma lousa cinzenta e lisa, achavam-se num canto do cemitério. Para lá das árvores, em pleno sol, quase no extremo dos campos de trigo cintilantes. Ao aproximar-se delas, Dewey reparou que já ali se encontrava outro visitante: uma rapariguinha magra, de luvas brancas, cabeleira cor de mel e pernas compridas e elegantes. Ela sorriu-lhe e Dewey não sabia quem era.

-Já se não lembra de mim, Mr. Dewey? Sou Susan Kidwell.

Ele riu-se e a rapariga aproximou-se:

- Sue Kidwell! Diabos me levem! - Não voltara a vê-la desde o julgamento, era ela ainda uma criança. - Como tens passado? E atua mãe?

- Bem, obrigada. Continua a ensinar música no liceu de Holcomb.

- Não tenho ido para esses lados. Há por lá alguma novidade?

- Oh, fala-se em pavimentar as ruas. Mas sabe como é Holcomb. Na verdade paro lá pouco tempo. Estou caloira na Universidade

319

- declarou ela, referindo-se à Universidade do Kansas.

- Vim passar uns dias a casa.

- Muito bem, Sue. E que vais estudar?

- Tudo. Principalmente arte. É do que mais gosto. Sinto-me realmente segura nessa matéria. -

Alongou a vista para os campos: - Eu e a Nancy tínhamos projectado ir juntas para a Universidade.

Ficaríamos no mesmo quarto. Penso nisso muitas vezes. De repente, quando estou a sentir-me satisfeita, recordo todos os planos que havíamos feito ambas.

Dewey fitou a pedra escura com os quatro nomes gravados e a data das mortes: 15 de Novembro de 1959.

- Vens aqui muitas vezes?

- De vez em quando. Bolas! O sol está forte! - Protegeu os olhos com uns óculos escuros. -

Lembra-se do Bobby Rupp? Casou-se com uma linda rapariga.

- Também ouvi dizer.

- Chama-se Colleen Whitehurst. É bonita a valer. E também muito simpática.

- Ainda bem, coitado do Bobby. - E, para a arreliar, Dewey acrescentou: - E tu? Deves ter muitos apaixonados.

- Oh, nenhum a sério. Mas ainda bem que fala nisso: Diz-me as horas, por favor? Oh! - exclamou ao ver que passava das quatro. - Tenho de ir embora a correr. Mas gostei muito de o ver, Mr.

Dewey!

- Também gostei muito de te ver, Sue. Felicidades! - acrescentou ainda, enquanto a rapariga se afastava pela alameda abaixo, uma jovem bonita, de cabelos ao vento, a brilhar, uma mulher bela como Nancy teria podido vir a ser. E depois, de regresso a casa, ao encaminhar-se na direcção das árvores, passou por baixo destas, deixando para trás o vasto céu e o murmúrio das vozes do vento que inclinava as hastes do trigo.